ESCOLAS, CIDADES E DISPUTAS

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade do autor e anuênciado orientador. O original se encontra disponiível na sede do programa.

ESCOLAS, CIDADES E DISPUTAS
lugares da educação libertária

SAMIRA BUENO CHAHIN

Dissertação apresentada a área de concentração
História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universiddae de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Orientador
Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira

São Paulo, março de 2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL AUTORA: samirachhn@gmail.com

Chahin, Samira Bueno

C434e Escolas, cidades e disputas. Lugares da educação libertária / Samira Bueno Chahin. -- São Paulo, 2013. 216 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - FAUUSP.

Orientador: José Tavares Correia de Lira

1.Arquitetura 2.Educação 3.Cidades 4.Escolas Modernas - (Barcelona (Espanha) - São Paulo (SP)) I. Título

CDU 72

Dedico este trabalho às mentes femininas, de mulheres e homens.

E agradeço
ao inestimável orientador José por tanto estímulo, carinho e paciência.

Pela infinita amizade, agredeço às meninas Maroca, Julia, Ligia e Neili, e aos meninos Daniel, Dudu-Mari, João-Lara. Ao companheiro Gabriel Fernandes por compartilhar reflexões em nosso trabalho de formação. A Ranngner pelas infinitas conversas sem sentido algum.

Às grandes mulheres, que a cada dia desses anos instigaram minha vontade pela vida, Rita de Cassia, Sueli de Lima, Fabiola Corbucci, Lia Mayumi, Vera Zamarioli, Maria Aparecida... Às generosas contribuições de Margareth Rago e Diana Vidal.
Às inimagináveis Mari e Meri que transformaram os últimos dias em sabedoria.

Agradeço, por fim, à família por toda amorosidade.
Especialmente a Carla, minha irmã mais que querida.

RESUMO

A dissertação observa as práticas libertárias de educação das Escolas Modernas de Barcelona e São Paulo, entre as duas primeiras décadas do século XX, num contexto em que a proposta de comunismo libertário direcionou a instrução popular como um de seus principais instrumentos de ação direta. O objetivo da pesquisa é situar as apropriações e usos dos diversos lugares de suas práticas educativas de maneira a reconhecer o discurso que manifestavam sobre a constituição urbana das cidades. Para tanto, o trabalho identifica características, pressupostos e atitudes sobre a espacialidade presente no estabelecimento de seus programas de ensino, bem como nos lugares pelos quais as saídas escolares se conformaram como instrumentos de aprendizado. Apesar da mesma raiz ideológica, a experiência educativa de São Paulo, por seu contexto particular, estruturou suas práticas com autonomia em relação à Escola de Barcelona, fato que determinou a elaboração de estruturas analíticas distintas para a abordagem dos programas daqui e dali.

PALAVRAS CHAVES:
Educação, Arquitetura, Cidade, Anarquismo, Escola Moderna

ABSTRACT

This thesis looks at the practices of libertarian education of Modern Schools of Barcelona and São Paulo, between the first two decades of the twentieth century, in a context where the proposed libertarian communism directed the popular education as one of its main instruments of direct action. The objective of the research is to situate the appropriations and uses of various places of their educational practices in order to recognize the speech that manifested on the constitution of urban cities. Therefore, the work identifies characteristics, attitudes and assumptions about the spatiality present in the establishment of its teaching programs as well as in the places through which the outputs conformed school as learning tools. Despite the same ideological roots, the educational experience of São Paulo, for its particular context, structured practices with autonomy from the School of Barcelona, a fact which led to the development of analytical frameworks for addressing the different programs here and there.

KEYWORDS:
Education, Architecture, City, Anarchism, Modern School

SUMÁRIO

15 INTRODUÇÃO

ESCOLARIZAÇÃO,
um dos caminhos para a formação cultural

36 1. A ESCOLA MODERNA EM SÃO PAULO
56 1.1 Rumo a um programa de ensino

68 2. EMERGÊNCIA DA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE AÇÃO DIRETA
69 2.1 A educação popular no ideário anarquista
75 2.2 Da educação integral ao ensino racionalista

EXTRAPOLANDO A CLASSE,
o outro lugar do aprendizado na educação racionalista

90 3. A PRECURSORA ESCOLA MODERNA em BARCELONA
92 3.1 Matrizes de um projeto político-pedagógico
99 3.1 O projeto editorial
104 3.2 O projeto escolar
118 4. O PROTAGONISMO DO ESPAÇO NOS JORNAIS ESCOLARES
124 4.1 O outro lugar do aprendizado
130 4.2 *Progresso* e *retorno à natureza* como chaves interpretativas

CIDADE,
lugar de formação e disputa

140 5. emancipação | disciplinarização. PALAVRAS DE ORDEM E DES-ORDEM
142 5.1 O contexto sócio-político da escolarização em São Paulo
149 5.2 Matrizes metodológicas da Escola Moderna nº1
159 5.3 As saídas escolares
176 6. ASSIMILAÇÃO, CONTRADIÇÃO?
181 6.1 A cidade em *A Lanterna*

188 CONSIDERAÇÕES FINAIS

196 REFERÊNCIAS

207 ANEXOS

INTRODUÇÃO

A intenção da leitura aqui apresentada é percorrer caminhos da formação cultural popular circunscritos às práticas libertárias de educação a partir das interações espaciais presentes em dois de seus programas educativos, levados a cabo em Barcelona e São Paulo, ao longo das duas primeiras décadas do século XX: as Escolas Modernas.

A proposta de leitura dos programas educativos das Escolas Modernas pressupõe a cidade como um sistema em funcionamento acionado por uma série de dispositivos que quando sobrepostos conformam ambiências e, como numa roda viva, imprimem características circunstanciais às relações de sociabilidade que configuram sua urbanidade[1]. Num jogo social em que as relações territoriais de ocupação e desocupação de lugares, o aparecimento de novas funções de troca e mesmo a constante reinvenção de velhas relações comerciais, atrelam-se a valores de governabilidade e regulamentações profundamente incisivos sobre a noção de urbanismo, bem como a de fisionomia urbana. Não obstante, como se pode entender a conformação de uma cidade, por suas arquiteturas, em relações de ensino e aprendizado que ultrapassem a abordagem das características formais de edifícios emblemáticos? Muito embora o reconhecimento dos agentes atuantes no desenho dos espaços sociais não seja, certamente, tarefa fácil, nem mesmo para os especialistas, o objetivo desse trabalho foi situar os usos e os discursos sobre o "meio" no interior das práticas de educação libertária, de maneira a perceber como os elementos urbanos foram operados dentro de um determinado processo de formação cultural.

Um trabalho que reunisse reflexões sobre os processos de formação do indivíduo para viver a ambiência da cidade poderia ser encaminhado a partir de um amplo número de complexas questões que, ora derivadas de aprendizado "espontâneo", ora de aprendizado "controlado", determinam modos de vida urbana. Aprendizado espontâneo no sentido de que tal formação quase sempre acontece sem que o indivíduo dê conta de que está passando por um processo de aprendizado. Entretanto, um aprendizado certamente controlado por ser conduzido por interesses e ideologias de diversas ordens e proveniências que, quase sempre, estão implícitos nas ações institucionais da sociedade.

A instituição escolar, atuando em paralelo à socialização feita por círculos familiares – que reproduzem estereótipos e valores para a vida social – bem como às influências dos modelos construídos pelos distintos meios de comunicação, foi tomada aqui como objeto de reflexão preferencial por comportar, da mesma maneira, padrões formativos que incidem diretamente na manutenção de ambiências sociais que guardam por detrás de seus vínculos uma determinada função social que se manteve inquestionável ao longo do século XX[2]. Com efeito, em toda parte, a escola

---

1. O conceito de cidade foi abordado por diversos autores que concordam que seu espaço é resultado da interação entre relações inerentes à vida social. Ver: BENDER, T. **The unfinished city. New York and the metropolitan idea.** Nova York: New York University Press, 2002; BENÉVOLO, L. **A cidade e o arquiteto. Método e história na arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1984; MUNFORD, L. **La cultura de las ciudades.** Buenos Aires: Emecé Editores, 1957.

2. Para os valores positivos da educação reprodutora, consultar: DURKHEIM, Émile. "Definição de educação" In **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1952. p.29-32. Já para os valores negativos desta educação, ver: APPLE, Michel W. "Prefácio" In **Política Cultura e Educação.** São Paulo: Cortez, 2000. p.9-24; FOUCAULT, Michel. "Corpos dóceis" In **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 2004. p.117-142.

se consolidou como uma instituição obrigatória, defendida como imprescindível na formação do cidadão. E com sua consolidação um programa ambiental e arquitectónico, correspondente à funcionalidade de seu programa, também foi concebido.

Logo, das funções programáticas específicas da escola às objetivas relações de uso e produção de seu edifício, verificou-se um nó inicial para estabelecer o diálogo entre os campos da educação, da arquitetura e do urbanismo, na realização de espaços escolares adequados às exigências educacionais. Imbricação por onde passou a desenvolver-se uma inevitável trama interdisciplinar, pois se da relação direta de uso e produção dos edifícios escolares se estabelecem inúmeros elos de conexão, outros tantos partem da relação contida na experiência espacial como suporte para o processo de educativo. Assim, entre metodologias, conteúdos e "contenedores do aprendizado", a pesquisa busca entender como a significação formal dos lugares poderia ter ressoado sobre a formação cultural do cidadão operário. Por outro lado, ampliando o olhar para outras referências contextuais, foi possível perceber que, de maneira geral, as relações entre a arquitetura e a educação formal podem ser inicialmente expressas desde três perspectivas interpretativas. A primeira compreende aqueles estudos sobre a construção do edifício escolar e a partir dela se faz possível discorrer sobre temas diversos da espacialidade das escolas[3]. O segundo conjunto de perspectivas aborda o espaço escolar como instrumento de ensino, referindo-se à interação entre os lugares do aprendizado formal, circunscritos ao edifício escolar, e seu programa didático, encerrando relações mais próximas entre as metodologias de projeto arquitetônico e as práticas de educação[4]. Por fim, a terceira perspectiva observa a

3. Desenho, forma, programas e usos, conforto ambiental e tecnologia da construção; além de análises sobre projetos construídos, seja por meio de avaliações técnicas gerais ou percursos históricos. Os referenciais arquitetônicos e historiográficos que compõem esse eixo de leitura aportam informações relativas às políticas de expansão, consolidação e manutenção da rede pública, bem como orientam a elaboração de um panorama sobre as transformações históricas do edifício escolar como centro estruturador de políticas educacionais e urbanas. As abordagens determinadas por esta mirada tendem a construir leituras focadas sobre a escola como um edifício institucional pertencente ao conjunto das políticas públicas voltadas para a consolidação do bem estar social, sem divagações sobre outras possibilidades educativas além das já regulamentadas. Entre as referências bibliográficas para esses trabalhos, estão: BENCOSTA, 2005; BUFFA & PINTO, 2002; FERREIRA & MELLO, 2006;; CALDEIRA, 2005; RODRIGUES, Sul Brasil, 2003; etc.

4. Os trabalhos que se inserem nesse recorte vão além da espacialização de programas pedagógicos, buscando desvendar as indagações a respeito das influências que os "contenedores do aprendizado" exercem sobre a formação dos alunos por meio da organização e uso de seus espaços. Entre outros trabalhos ver: CEDAC, 2002; FREYBERGER, 2005; LIMA, 1995; LOUREIRO, 2000; VIEIRA, 2006. Augustín Escolano aponta para duas possibilidades sobre a relação do homem com o edifício escolar: uma se refere à história arquitetônica da escola; a outra concerne aos processos psicopedagógicos operados sobre o sujeito (2001, p.23). O autor abre assim uma discussão textual de como a arquitetura como programa escolar se constituiu em uma forma silenciosa de ensino e, também, em um meio disciplinar, a luz das obras de G. Mesmin e Michel Foucault. Num breve percurso sobre a história da educação, o autor aponta que de Rousseau (por sua defesa do meio natural como o ideal para o desenvolvimento da criança) ao ideário arquitetônico do IV CIAM (que concebeu a escola como um equipamento inserido entre os conjuntos habitacionais e em áreas preferencialmente verdes) houve um distanciamento da educação infantil de meios urbanos e que, em proporções distintas, tais propostas tenderam a defender a educação infantil ao isolamento da criança em áreas adequadas para este fim.

educação inclusive como resultado da experimentação do meio espacial, remetendo a certo aprendizado fundamentado no contato direto com a ambiência social resultante da ação cultural do homem em sociedade[5].

De qualquer modo, as três perspectivas implicam, direta ou indiretamente, no cotidiano das práticas sócio-políticas voltadas aos programas educativos responsáveis pela formação cultural do indivíduo ao longo de seu período de escolarização. O envolvimento da primeira decorre do inerente uso do edifício escolar como um espaço especializado do aprendizado, determinando por um lado a constituição de um programa arquitetônico cada vez mais específico e influente nas práticas pedagógicas cotidianas e com isso ocasionando o aparecimento da segunda perspectiva. Por essa via, o edifício escolar se constrói como um instrumento ativo do ensino, estando ou não essa intenção incorporada ao projeto pedagógico inicial da instituição, pois provoca a construção simbólica de paradigmas construtivos, bem como de ocupação espacial no imaginário dos que vivem seu espaço[6]. A experiência do meio permeia os discursos educativos de maneira indireta, aparecendo ora como conteúdo, ora como metodologia de ensino, sempre que atividades educativas se voltam à vivência de ambiências de sociabilidade, por suas situações e lugares, como premissa prioritária do aprendizado, provocando certa ação pedagógica que se afasta do esquema tradicional do ensino unidirecional, articulado essencialmente pela imposição de uma fala única, para despertar a apreensão multidirecional de elementos dispersos no meio.

A intenção desta pesquisa é contribuir com reflexões sobre como certos paradigmas formais, que constroem e organizam os espaços sociais, incidem em práticas educativas escolares, bem como contribuir para a formulação de hipóteses acerca da inerente aproximação entre os discursos de criação e consolidação de programas de educação e a construção, representação e apropriação dos lugares, privados e públicos, pelo imaginário social. Uma colaboração para a verificação dos vínculos existentes entre o imaginário social e a formação de culturas arquitetônicas no âmbito de apreensão não especializado, isto é, de não arquitetos[7].

Para tanto, a partir da problematização brevemente apresentada e tomando como pressuposto a inexistência de *neutralidade* (GALLO, 2007) em qualquer proposta educativa, propõe-se aqui um estudo de caso sobre as propostas libertárias de educação. E por que lançar

5. Nessa abordagem, o ambiente exterior à escola se transforma em palco funcional para trabalhos pedagógicos que exploram, sobretudo, a interdisciplinaridade dentro do programa escolar. De atividades de geografia a experiências matemáticas, o assim chamado estudo do meio como metodologia de ensino encontra no ambiente elementos de origens variáveis que, quando suportados por parâmetros pedagógicos, podem tornar-se instrumentos educativos, conformando com esse procedimento outra face da relação entre a educação escolar e os espaços arquitetônicos. A formação resultante da sociabilidade infantil dentro das práticas de educação informal também pode ser situada dentro dessa perspectiva. Ver: GADOTTI & al, 2004; GOSSI, 2009; GRANELL, 2003; LIMA, 1989; OLIVEIRA, 2004.

6. Sobre a dimensão psicopedagógica dos lugares, consultar entre outras referências: FOUCAULT, 2008; HALL, 1983; entre outros.

7. A formação de culturas arquitetônicas dentro do universo de desenvolvimento do campo disciplinar, destacando os diversos movimentos que corporificam a história da arquitetura e do urbanismo, não faz parte do recorte da dissertação.

luz sobre uma vertente periférica[8] de formação cultural de início do século XX? Em termos de procedimentos metodológicos, a mesma leitura poderia ser feita para outros discursos educativos[9], talvez muito mais determinantes para o entendimento da condição cultural atual, uma vez que incidiram diretamente sobre as práticas escolares contemporâneas. Mas mesmo que a cultura libertária tenha deixado traços singelos no desenvolvimento da cultura escolar e urbana no Brasil, a leitura de seus ideais permite repensar possibilidades para os processos de formação cultural contemporânea.

§

A imbricação entre projetos de educação e reformulações urbanas no interior dos discursos oficiais da primeira república foram objeto de alguns trabalhos acadêmicos. As propostas escolares que inauguraram a República Velha, no contexto das reformas do então Distrito Federal, estão narradas, entre outros, por Silva (2009), que dialogando com Nunes (1994; 2000), conecta os temas da cidade e da escola no devir das reformas modernizantes implantadas ao longo das três primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro. Esses autores descortinaram o projeto hegemônico de modernização pelo qual as políticas públicas reformaram os lugares e instituições, entre os quais a escola. Em suas percepções, na lógica do discurso oficial interpretado pelo Estado, escolas e cidade passaram a ser concebidas de modo articulado, tendo em vista um repertório comum de estratégias voltadas ao que se pretendia como modelo cultural para o cidadão republicano, moderno e educado ao gosto das metrópoles europeias. Também debruçado sobre a produção do espaço escolar carioca, Rodrigues (2003) retrata a política pública de institucionalização da escola orientando-se por perspectivas da sociologia urbana e enfocando as sucessivas reformas ocorridas a partir da administração de Fernando de Azevedo como diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal, entre 1926 e 1930. Em São Paulo, o contexto da modernização republicana também foi examinado em trabalhos que conectaram a produção de cidade à escolarização popular, sobretudo com a implantação dos Grupos Escolares, em finais do XIX, a partir das inovações trazidas por Caetano de Campos com a Reforma da Educação iniciada em 1890. As mudanças que este projeto introduziu no ensino paulista e suas implicações socioculturais no meio urbano são analisadas por Souza (1996) ao escrever sobre a criação dos grupos escolares no contexto do projeto político-social republicano entre 1890 e 1910.

Aqui como lá, um mesmo contexto prático de discursos oficiais sobre a educação

8. Periférico por ter orbitado as políticas predominantes, difundidas, sobretudo, pelas ações do Estado.
9. E de fato, o projeto inicial de pesquisa previa também a leitura do discurso que fundamentou o modelo de *escola-parque*, de Anísio Teixeira. A concentração do foco sobre as práticas libertárias resultou dos inestimáveis diálogos permitidos pelo exame de qualificação.

teria permitido a disseminação de atitudes condizentes ao espírito e aos interesses políticos da modernidade republicana que se instaurava no Brasil. Esta dissertação se inscreve na mesma chave analítica utilizada por tais trabalhos, entretanto toma como objeto de estudo o discurso periférico construído pelo operariado e por setores da pequena burguesia urbana, grupo fomentado predominantemente por imigrantes que, em São Paulo, aglutinaram-se em torno das práticas libertárias e compuseram a mão de obra produtiva base para a modernização da cidade industrial.

A militância libertária se estruturou, entre outras ações, por iniciativas de formação cultural, vista como meio de alcançar a transformação social idealizada por seus pensadores e militantes. Com efeito, em São Paulo, os espaços de formação extrapolaram a prática pedagógica libertária oferecida em escolas independentes, proliferando-se por associações, clubes, lugares públicos de divulgação e debate de ideias libertárias, congressos, publicações periódicas, ateneus, festivais e greves que tomavam as ruas da cidade (HARDMAN, 1983) e impulsionavam um conjunto de ações que combatiam a prevalência das políticas sociais segregacionistas. Atuações impulsionadas por propostas que viam a constituição da cidadania como um processo decorrente da própria vivência das reivindicações que permeavam a vida social do operariado, perfilando os caminhos da auto-organização e formação de grupos combativos.

Foi nesse contexto que, em São Paulo, implementou-se a experiência da Escola Moderna, impulsionada por uma reunião de militantes diretamente envolvidos no cotidiano das organizações operárias reivindicativas e, sobretudo, nos grupos editoriais de publicações periódicas combativas. Com as agitações em torno do fuzilamento de Francisco Ferrer i Guàrdia, a formação da Sociedade Escola Moderna, em São Paulo, teve como um de seus principais integrantes Edgar Leuenroth[10], principal editor da segunda fase do jornal *A Lanterna*[11]. O objetivo da Sociedade era constituir uma

10. Segundo Rago (1985, p. 15), Leuenroth se reunia com o advogado Benjamim Mota, editor chefe da primeira fase de *A Lanterna*, desde 1901 na sede do jornal. Leuenroth, em 1905, junto com Neno Vasco e Mota Assunção, publicou o primeiro número do periódico *A Terra Livre*, anunciado como uma continuação das defesas do extinto *O Amigo do Povo*: "Tomamos o nome de anarquistas ou libertários, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que têm por fim impor, a todos, os seus interesses e a sua vontade mascarada ou não com a vontade popular." (In **A Terra Livre**, ano I, n°1, 10 de dezembro de 1905).
11. A primeira edição do jornal, diz: "Quem somos? [...] Somos soldados do progresso e da civilização, e não consentiremos que o Vaticano realize seus planos abomináveis de imperar sobre as consciências e sobre a superfície da terra, com o Papa. Rei! Somos homens que não desertaram e não desertarão do campo onde se ferem as gloriosas batalhas que hão de assegurar para sempre a liberdade de pensamento, e a fraternidade humana." (In **A Lanterna**, ano I, n°1, de março de 1901). Após o silêncio de alguns anos, *A Lanterna* voltou a ser editada e, na primeira edição da nova fase, Benjamin Mota diz: "[...] apezar d'*A Lanterna* reapparecer sob a direção de um grupo de companheiros de lutas, porque outros affazeres não me permittem estar á sua frente, eu venho pedir todo o apoio para a folha que, pelo seu passado tradicional, representa o maior esforço que já se fez entre nós para dar combate ao obscurantismo e aos inimigos do progresso e da liberdade de consciencia. Confiando a direção d'A Lanterna a um grupo de decididos anti-clericaes, serei, todavia, um seu assiduo collaborador, e espero que todos os amigos espalhados pelo Brazil correrão pressurosos a dar-lhe força, já propagando-a, já enviando aos seus actuaes directores correpondencias e artigos de combate e crítica. O programma d'*A Lanterna* é sempre o mesmo: desvendar e trabalhar pela emancipação da consciencia humana." (In **A Lanterna**, ano IV, n°1, 17 de outubro de 1909)

alternativa ao ensino oficial precariamente oferecido pelo Estado republicano e, geralmente, atrelado ao catolicismo. Com inspiração explícita no projeto pedagógico que Francisco Ferrer formalizou na instituição Escola Moderna de Barcelona, a primeira de uma uma série de iniciativas similares mundo afora, iniciou-se uma campanha local para fundação de uma escola voltada aos interesses do operariado e afastada de qualquer orientação dogmática. O projeto da Escola Moderna, em São Paulo, foi assim iniciado na região do Brás, na então chamada *cidade das indústrias*[12].

Este episódio da educação libertária na cena paulista nas primeiras décadas do século XX, foi tema de considerável número de pesquisas monográficas. As instituições culturais libertárias foram reconhecidas pela tese pioneira de Flavio Luizetto (1984) que, partindo de uma revisão da história do movimento anarquista, situa os episódios literário e educacional no conjunto das ações do anarquismo entre as primeiras décadas do século XX. A dissertação de Moraes[13] trata especificamente da trajetória educacional libertária, situando-a no contexto da sociedade imigrante e anarquista da qual, observa o autor, destacou-se um ideal educativo no Brasil. Já o trabalho de Célia Jomini (1990), dentro dessa mesma linha temática, explora a gênese da Escola Moderna no Brasil, entendendo-a como uma resposta à concreta carência de instituições educativas destinadas aos trabalhadores no contexto sócio-político da República Velha. Por outro viés, a inserção do discurso educacional na imprensa libertária foi observada por um estudo de caso feito sobre o jornal *A voz do trabalhador*, na dissertação de Célia Giglio[14].

Do desenvolvimento das pesquisas despertadas pelo acervo João Penteado, abrigado no Centro de Memória da Educação (CME-USP), um conjunto de outros trabalhos de pós-graduação foi defendido nos últimos dez anos, contribuindo com outras perspectivas para o caso da educação libertária em São Paulo. A dissertação de Tatitana Calsavara (2004) se focou em construir uma monografia sobre a Escola Moderna de São Paulo desde uma expressiva leitura de seu funcionamento como instituição de ensino libertária, associando-a a uma rede de práticas cotidianas como festas, comícios, conferências, manifestações, apresentação de dramas e comédias, recitais e a intensa circulação de jornais. A mesma autora, em sua tese de doutoramento[15], aborda a trajetória de João Penteado – militante anarquista que se posicionou como o principal agitador do projeto das Escolas Modernas em São Paulo – a partir da década de 20 quando seguiu seu caminho como educador mesmo após o funcionamento das Escolas Modernas, em 1919. A figura de João Penteado foi estudada também na tese de Fernando Peres (2010)[16], que apresenta uma leitura da trajetória do educador desde suas raízes de sociabilidade em Jaú, cidade onde nasceu e

12. **Folha do Povo**, 1908 apud BERTUCCI, 1994, p.87.
13. Moraes, José Damiro de. **A trajetória educacional anarquista na primeira república: das escolas aos centros de cultura.** Dissertação de mestrado. Campinas: FE-UNICAMP, 1999.
14. Giglio, Célia Maria. **Voz do trabalhador: sementes para uma nova sociedade.** Dissertação de mestrado. São Paulo: FE-USP, 1995.
15. CALSAVARA, Tatiana da Silva. **A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado : estratégias de sobrevivência pós anos 20.** Tese de doutoramento. São Paulo: FE-USP, 2012.
16. PERES, Fernando Antônio Peres. **Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República.** Dissertação de mestrado. São Paulo: FE-USP, 2004.

se aproximou do espiritismo de Alan Kardec, até o fim de suas práticas educativas em São Paulo, com sua morte em 1965. Uma leitura da trajetória social de João Penteado por meio de sua produção literária foi apresentada pela dissertação de Luciana Santos[17], também pertencente ao conjunto de pesquisas alavancadas pelo CME-USP.

No conjunto destas pesquisas, e partindo de seus resultados, esse trabalho busca retomar, entre as concepções de educação libertária, parâmetros e relações didáticas que, de alguma maneira, estiveram diretamente relacionados à espacialidade dos lugares de aprendizado, tal qual as perspectivas interpretativas dos três eixos analíticos apresentados anteriormente. Por meio desse referencial, a concepção de educação no interior do movimento anarquista, nas atividades didáticas da Escola Moderna de Barcelona e da Escola Moderna nº1, foram lidas paralela e consecutivamente.

Para tanto, a seleção das fontes primárias voltadas propriamente à implantação e marcha das Escolas Modernas se focou na leitura das publicações periódicas editadas entre 1900 e 1920[18]. Diretamente sobre as práticas escolares, destaca-se a leitura de *O Início* e do *Boletim da Escola Moderna*, editados pela Escola Moderna n°1, e vinculados a seu programa de ensino. Jornais que em primeira instância funcionaram como informativos sobre as práticas escolares cotidianas e, em segunda instância, como formadores da opinião popular sobre o tema da *educação racional e científica*[19]. O mesmo papel cumpriu a aproximação às fontes deixadas pelo *Editorial de la Escuela Moderna* de Barcelona, principalmente pelo periódico *Boletín de la Escuela Moderna*.

Para a situação desse programa de educação no contexto paulista, alguns dos periódicos gerais do movimento em São Paulo (com destaque concedido para *A Lanterna, A Plebe, O Amigo do Povo e A Terra Livre*) constituíram-se em fontes documentais centrais por possibilitarem a apreensão de elos entre o universo educativo formal e a cultura política anarquista daquele período. Em grande medida, essa imprensa nascente, de caráter artesanal e militante, ancorada nas lutas e resistências dos operários, atravessa inclusive outros campos de seus cotidianos, falando *de amor, de lazer, registra excursões e piqueniques, sessões culturais, conferências educativas, discute uma nova moral. Propõe uma nova maneira de viver, anuncia um mundo fundado na igualdade, na liberdade e na felicidade, que deve ser construído por todos os oprimidos, aqui e agora* (RAGO, 1985, p.16). Da aproximação feita a esse repertório cultural, desvelou-se a importante ação educativa de outras esferas da ação direta militante que ocupou a cidade com manifestações e reivindicações pelos paradigmas que se instituíam para a vida dos trabalhadores naquele início de século. Um conjunto de informações que revelaram outra ação educativa no anarquismo, esta de importância tão ou mais relevante para a formação cultural dos cidadãos quanto à implantação de suas escolas libertárias.

Para circunstanciar este episódio da educação libertária no Brasil, fez-se necessário um mergulho no universo historiográfico do anarquismo que possibilitasse localizar a emergência do

17. SANTOS, Luciana. **A trajetória anarquista do educador João Penteado: leituras sobre educação, cultura e sociedade.** Dissertação de mestrado. São Paulo: FE-USP, 2009.
18. A consulta às fontes primárias foi feita em diversos arquivos entre 2010 e 2012. Ver lista dos acervos consultados no final do volume.
19. Concepção educativa desde a qual se construiu o programa da Escola Moderna, em Barcelona (FERRER, 1976).

conceito de *educação racional e científica* entre suas políticas de ação direta. E, por fim, o exame da obra de Francisco Ferrer foi importante para perceber como aconteceu a transcrição do ideal revolucionário do *comunismo libertário* para o programa da *educação racional* que, passando pela interpretação do conceito de *educação integral*, constituiu-se como marco para as ações da Sociedade Escola Moderna, em São Paulo. A curiosidade sobre a implicação dos significados espaciais no interior dos programas escolares direcionou a pesquisa à leitura do discurso educacional propriamente dito, resultando na inevitável aproximação às matrizes anarquistas desde as quais emergiu o programa de *educação racional e científica*. Por esse caminho, a literatura clássica do movimento anarquista passou a compor as fontes primárias da dissertação, ocasionando ênfase no ideário proposto pelo pensamento de Piotr Kropotkin e Élisée Reclus[20]. A partir desses autores, bem como da localização do papel da educação no processo revolucionário conforme defendido por Bakunin, a interpretação do caráter das atividades educativas foi buscada na compreensão de chaves conceituais como "retorno à natureza" e "progresso", no curso das defesas teóricas do movimento.

§

As leituras apontaram que a aproximação das escolas a lugares de acontecimentos sociais, extramuros escolares, em um primeiro momento, resultava de recusa metodologia operada pela educação tradicional. Ou seja, a adoção de outros ambientes como lugares do aprendizado se contrapunha prioritariamente às atividades forçadas de repetição e passividade, determinantes do aprendizado dogmático tradicionalmente praticado pelo Estado e por instituições religiosas. A interação com o meio como procedimento de ensino, inclusive incentivada pelo amplo movimento de renovação pedagógica da segunda metade do XIX, tinha a intenção inicial de impulsionar o aluno como agente de seu próprio aprendizado, sem relacionar necessariamente os conteúdos do ensino à apreensão dos significados da experiência, assim como da forma urbana. Por esse

20. Da relação desses pensadores com a Escola Moderna, é conveniente destacar que Kropotkin esteve presente entre os principais manifestantes pela liberdade do ensino, além de ter remetido correspondência pessoal a Ferrer parabenizando-o por sua iniciativa em fundar a Escola Moderna em Barcelona (In **Boletin de la Escuela Moderna**, 2ª época, ano I, n°1). No caso de Reclus, uma carta sua respondendo a Ferrer sobre a inexistência de livros adequados para o ensino de geografia (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°6, 31 de março de 1906), além de contribuições em forma de artigos, que entre outro textos, refletiam sobre o ensino da geografia (*La enseñanza de geografía* In **Boletin de la Escuela Moderna**, ano II, n°6, 31 de março de 1906). Sua obra *O homem e a Terra* foi uma das grandes publicações do *Editorial de la Escuela Moderna*. No Brasil, *Evolução, Revolução* foi item constante das listas de livros disponibilizados por diversos periódicos libertários.

BOLETIM DA ESCOLA MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL
Director JOÃO PENTEADO

ANNO N. 1
S. Paulo, 13-10-918

HOMENAGEM A FRANCISCO FERRER

RACIONALISMO HUMANITARIO

Hoje, dia em que se commemora o 9.º anniversario da morte do apostolo da Humanidade, justo é que, estampando seu cliché, translademos tambem, para estas columnas, o seu magistral artigo, cuja leitura recommendamos a todos aquelles que desejem saber quaes são os planos e finalidades da obra da Escola Moderna.

Eil-o:

«Quando ha seis annos tivemos o grandioso prazer de abrir a Escola Moderna de Barcelona, fizemos resaltar muito que o systema de ensino seria racional e scientifico. Primeiro que tudo desejamos advertir o publico que, sendo a razão e a sciencia antidotos de todo o dogma, na nossa escola não se ensinaria religião alguma. Sabiamos que esta declaração provocaria o odio da casta sacerdotal e que nos veriamos combatidos com todas as armas que costumam empregar essas pessoas que só vivem de enganos e hypocrisias, e tanto sabem abusar da influencia que lhe dá a ignorancia dos seus fieis e o poder dos governos. Mas quanto mais se nos falava da temeridade a que nos expunhamos, pondo-nos tão francamente em frente da igreja imperante, mais alentos sentiamos para perseverar em nossos propositos, convencidos de que quanto maior é um mal e quanto mais poderosa é uma tyrannia, mais vigor se ha de empregar para a combater e mais energia se ha de gastar para a destruir.

O clamor geral elevado pela imprensa clerical contra a Escola Moderna, a que poderemos dever um anno de carcere, prova-nos que acertamos na escolha do methodo de ensino e nos ha de dar a todos os racionalistas novos alentos para proseguir a obra com mais ardor que nunca e engrandecel-a, propagando-a até onde o nosso poder alcance.

E' necessario advertir, sem embargo, que a missão da Escola Moderna não se limita ao desejo de fazer desapparecer dos cerebros o preconceito religioso, porque se bem que este seja um dos que mais se oppõem á emancipação intellectual dos individuos, não conseguiriamos só com isso a reparação da humanidade livre e feliz, posto que se concebe um povo sem religião e tambem sem liberdade.

Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual hoje existe; se os operarios julgassem como certa a parabola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com diffundir conhecimentos sobre a hygiene, sobre as sciencias naturaes e preparasse sómente bons aprendizes, bons dependentes, bons empregados e bons trabalhadores de todos os officios, poderiamos muito bem viver, entre atheus mais ou menos sãos e robustos segundo o escasso alimento que podem permittir os minguados salarios, mas não deixariamos de nos encontrar sempre entre escravos do capital.

A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos difficultem a emancipação total do individuo e para isso adopta o racionalismo humanitario que consiste em inculcar á infancia o afan de conhecer a origem de todas as injustiças sociaes para que, com o seu conhecimento possa logo combatel-as e oppôr-se a ellas.

O nosso racionalismo humanitario combate as guerras fratricidas, sejam intestinas ou exteriores, combate a exploração do homem pelo homem, combate a relegação em que tem a mulher e combate todos os inimigos da harmonia humana como são a ignorancia, a maldade, a soberba e outros vicios e defeitos que têm dividido os homens em tyrannos e tyrannizados.

O ensino racionalista e scientifico da Escola Moderna ha de abarcar, como se vê, o estudo de tudo o que seja favoravel á liberdade do individuo e á harmonia da collectividade, mediante um regimen de paz, amor e bem estar para todos, sem distincção de classes, nem de sexos.

1 – o – 907.

Francisco Ferrer y Guardia

Primeira página da última edição do *Boletim da Escola Moderna* (In **Boletim da Escola Moderna**, ano I, nº3-4, 1 de maio de 1919, p.1)

caminho, a defesa pelo aprendizado científico, de base essencialmente empírica, alavancou a fuga dos limites da classe como local prioritário da educação. Com aulas organizadas ao modo 'lições de coisas'[21], os defensores do método intuitivo chamaram a atenção para a importância da observação de fatos e objetos, da natureza e seus fenômenos, e para a necessidade da educação sensorial como parâmetro fundamental da instrução escolar.

A potencialidade instrumental da vertente ativa presente nas novas pedagogias concedeu ao meio tal protagonismo no aprendizado, orientando os discursos escolares (inclusive os mais conservadores propostos pelos grupos religiosos) a armar-se das modernas metodologias para desenvolver projetos pedagógicos, mas não necessariamente abandonando os pressupostos morais da educação tradicional. E, sobretudo, sem necessariamente rever a conceituação e entendimento das formas urbanas como temáticas de reflexão.

O discurso republicano não somente "adotou" esse novo repertório metodológico, como assumiu o edifício escolar como elemento simbólico da modernização das cidades, incorporando a renovação pedagógica por suas possibilidades de espetacularização e apelo promocional capazes de inflar o regime republicano de significados democráticos. A modernização escolar, dessa maneira, ganhou força e adeptos entre todas as vertentes políticas participantes da disputa pelo controle social que, em seu *entusiasmo pela educação* (NAGLE, 2001), viam na escola a possibilidade de aculturamento popular, importando o discurso das práticas pedagógicas modernas e hasteando-o como uma de suas bandeiras.

Por sua vez, as práticas libertárias, pela afinidade de suas matrizes teóricas pelo combate à educação tradicional, também aderiram aos discursos em prol da renovação escolar, bem como a interação com o meio social como uma de suas práticas de educação. Uma das hipóteses com que este trabalho opera é que a prática deste aprendizado ativo, preceito de educação moderna, passou a ter papel destacado nas propostas pedagógicas em geral, das liberais às libertárias.

O fluxo de conjecturas modernizantes determinou, dessa maneira, o aparelhamento ideológico e a instrumentalização metodológica dos discursos educacionais frente aos novos métodos para a educação, bem como a institucionalização do aprendizado em espaços apropriados ao ensino: edifícios especificamente destinados ao uso escolar, organizados por programa arquitetônico específico e munidos de mobiliário, equipamentos e espaços reconhecidos como adequados às práticas escolares. A escola se consolidou como um *lugar* assimilado e inquestionado pelo conjunto social, inclusive pelo anarco-comunismo que confiou na educação escolar como instrumento da revolução, assimilando a escola do discurso da modernidade, ainda que a revelia das convicções político-revolucionárias de Bakunin. Entretanto, por outra via, a realização dos lugares da educação libertária em *heterotopias* (FOUCAULT, 1967) – ou seja, a saudação de um acontecimento espacial ao qual

21. "[...] Podia-se realizar tais procedimentos utilizando-se dos objetos escolares ou dos objetos levados para a escola (caneta, carteira, mesa, pedras, madeiras, tecidos...), ou realizando visitas e excursões à circunvizinhança da escola, ou, ainda, possibilitando aos alunos o acesso a gravuras diversas, que tanto poderiam estar nos próprios livros, de 'lições de coisas' ou de outros conteúdos, ou em cartazes especialmente produzidos para o trabalho com o método." (FARIA FILHO In LOPES et al, 2010, p. 143)

se concedem características efêmeras de idealidade – pode ser uma chave de compreensão e análise das idealizações e efetivações do projeto político anarquista para a nova sociedade. Uma coisa seria pensar estritamente em lugares para funções sociais ideais, outra realizar o desejo da idealidade a partir da materialização de ideias que consequentemente se adequassem à realidade, ocasionando inevitável fuga dos parâmetros idealmente propostos.

Os anarquistas possuíam um ideal social que se realizaria em um espaço físico que não foi determinado formalmente (RAGO, 1985, 201). Entretanto praticaram a luta libertária por meio da assimilação e adaptação de ideias espaciais inevitavelmente presentes no cotidiano dos corpos sociais em que atuavam. Idealmente, a cidade libertária talvez pudesse não estar organizada em zonas hierarquicamente distribuídas em habitacionais e industriais[22], mas a aceitação dessas tipologias urbanas na luta por condições espaciais adequadas transformou, por exemplo, a habitação operária em uma bandeira. Sobre a escola poderia ser dito o mesmo. Qual seria, então, o lugar ideal da formação libertária? Sobre isso é possível somente dizer que o espaço escolar foi apropriado pelos anarquistas, assim como outros espaços o foram, no processo da militância libertária. Ademais, qualquer outra idealização da escola parece levar o pensamento libertário a lugares que ele próprio não se dispôs a chegar.

Esta interpretação supõe que a possível *assimilação* (HARDMAN, 1989, p. 46) da cultura dominante pelos discursos e práticas militantes[23] decorreu não somente da inevitável socialização de seus ideais no momento de seu emprego em ações revolucionárias diretas, mas da aceitação de que entre pequenas revoluções se intercalariam evoluções promotoras de progresso para o conjunto social. Apropriar-se do progresso coletivo, segundo Élisée Reclus (2002), fazia-se imprescindível para caminhar em direção à grande e definitiva revolução.

Periodização

No contexto da política dos governadores, a industrialização paulista se inaugurou em nova fase durante a década de 1910, consolidando-se no decênio posterior como resultado da superação da defesa incondicional da agricultura como atividade econômica predominante, e consagrando seu posicionamento político-econômico na necessária harmonia e interdependência entre agricultura e indústria para a consolidação da nação republicana. Postura que promoveu o aquecimento industrial, como fruto do resultado da concentração de renda cafeeira, e a consequente expansão do mercado interno com o emprego de mão-

22. Mas certamente não estaria dividida em áreas operárias e burguesas, pobres e ricas.

23. Francisco Foot Hardman, dialogando com Eric Hobsbawn, expõe que tal possível assimilação decorre de "a cultura de classes hegemônicas é sempre, de qualquer modo, o modelo prático a que aspiram as classes subordinadas. É o único que elas conhecem" (HOBSBAWN apud HARDMAN, 1989, p. 46). Outra alusão, presente na fala de Robert Pechaman, remete a assimilação específica da habitação como pauta reinvidicatória: "a invenção da questão da moradia é, portanto, um elemento do discurso burguês e não da fala operária" (PECHMAN In BRESCIANI, 1994, p.30).

de-obra imigrante. Fatores que, grosso modo, foram determinantes para o quadro urbano-industrial que se organizava em São Paulo.

Das transformações político-econômicas montadas como obra da Primeira República decorreram inevitáveis alterações sociais, como a aceleração do processo de urbanização, o aprofundamento da sociedade de classes com a emergência das classes médias urbanas, do proletariado e da burguesia comercial e industrial, bem como o acirramento das lutas sociais nas cidades (NAGLE, 2001). Inicialmente caracterizada como um prolongamento da vida rural e núcleo de atividades comerciais, a feição tradicional da cidade de São Paulo se urbanizou com o grande crescimento demográfico observado entre o final do século XIX e o início do XX, deixando-se marcar pela significativa presença de estrangeiros que vieram à cidade em busca das oportunidades de trabalho amplificadas pela promessa industrial. Como não poderia ser diferente, o corpo social republicano se alterou pela formação e pelo desenvolvimento de uma nova sociedade de classes que se distanciava do binômio senhor/escravo e fazia emergir, dos novos mecanismos econômicos, as classes médias urbanas, o proletariado e a burguesia comércio-industrial.

Coincidem com esse momento de modernização localizado entre os dois primeiros decênios do século XX outros relevantes fatos contextuais: principal período de militância e difusão do anarquismo; constituição da postura higienista sobre a necessidade de reordenação e desodorização do espaço urbano; implantação do projeto de escolarização governista por meio da construção dos Grupos Escolares, em São Paulo.

O conteúdo disciplinar (FOUCAULT, 2004) presente nas práticas cotidianas escolares foi ministrado no sentido de familiarizar a população às transformações urbanas, despertando seus interesses por novos hábitos e inculcando-lhe uma conotação positiva sobre as transformações decorrentes do impulso à modernidade (NUNES, 2000). Tratava-se de fazer com que as mudanças pelas quais passava a cidade fossem assimiladas desde os novos paradigmas instituídos pela figura oficial do Estado republicano. Momento em que as preocupações sanitárias centralizaram os debates sobre o ordenamento da cidade provocando ações diretas sobre as condições de vida da população pobre no interior, principalmente, das casas operárias. A organização do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo e a instituição do Código de 1894 iniciaram a campanha oficial do governo contra as epidemias. Promoveu a obrigatoriedade da vacinação gratuita e disseminou a preocupação com a operacionalização de mudanças urbanas assimiladas pelo patronato industrial que se responsabilizava, em grande medida, pelas intervenções sobre o modo de vida da nova população, recém-chegada à cidade e ainda pouco organizada.

> "[...] recém saídos de seus países, de suas regiões de origem, ainda não definiram o novo modo de vida. Como será ele? O desconhecido assusta: é preciso que se ensine aos trabalhadores rudes e ignorantes uma nova forma de vida, mais higiênica e adequada, antes que eles mesmos o façam. O trabalho fabril deve ser organizado segundo os interesses e as exigências da expansão do capital. As relações familiares também dever ser produzidas a partir da constituição de um novo modelo normativo de família. Todo tipo de comportamento desviante, toda forma de relacionamento incontrolável, ameaçadora e impura devem ser curto-circuitados. Assim se pretende formar o novo proletariado, impondo-lhe uma identidade moralizada, construída de cima e do exterior." (RAGO, 1985, p.18)

Diante do diagnóstico higienista redigido por técnicos-especialistas para a debilitada cidade viciosa, surgiu o modelo da cidade saudável preconizada pelas políticas públicas e pelo patronato industrial que estabeleciam conjuntamente os novos padrões espaciais que esquadrinhavam a vida da população. Entre os propósitos da política de modernização paulista, a uniformização da instituição escolar de maneira modelar foi semeada como necessidade. Era preciso, inclusive, promover a visibilidade das práticas escolares e evidenciar os signos do progresso presentes no desenvolvimento de São Paulo: institucionalização escolar por meio de ensino seriado, promovido por métodos modernos e corporificado em edifícios monumentais.

> "[...] Nessa estratégia republicana, o Grupo Escolar é a instituição que condensa a modernidade pedagógica pretendida e o 'método intuitivo' a peça central da institucionalização do sistema de educação pública modelar.
> (CARVALHO In LOPES et al, 2010, p. 226)

A modernização paulista, portanto, acompanhada por industrialização, urbanização e protagonizada pela crescente presença de população imigrante, teve como um de seus projetos oficiais, sociopolíticos e também de urbanização, a criação dos Grupos Escolares, voz operante dos ideais de Estado para lançar-se em direção aos discursos e padrões da modernidade. Considerado então como uma das engrenagens republicanas, seu projeto foi calcado na promessa de erradicação do analfabetismo e formação do cidadão, na medida em que o projeto republicano via na escolarização um caminho para a concretização de pressupostos nacionalistas, além de controle social. Um projeto político autoritário que deixou portas abertas para o debate educacional, presente em todo o território nacional, entre as décadas de 1920 e 1930, sobre a importância da educação na formação do cidadão brasileiro.

Nesse contexto, a organização da militância anarquista lançou mão de seus ideais para a transformação social por meio de ações diretas, entre as quais a difusão de uma proposta educativa feita tanto pela escolarização da população como pela veiculação de seu ideário em publicações periódicas; pela organização popular em centros culturais e comunitários e ateneus; pela ocupação das ruas com as manifestações e greves gerais. Ou seja, a organização de um ambiente de combate às imposições das classes dominantes e de reivindicações para que condições de igualdade entre os cidadãos pautassem as novas políticas sociais.

O novo operariado urbano, por seu lado, combateu a tentativa de homogeneização estatal criando seus próprios instrumentos de luta por um progresso imbuído de solidariedade e construção não hierárquica do que pautava como evolução democrática da sociedade. A educação libertária, nesse contexto, foi um dos projetos pelos quais a militância anarquista, em São Paulo, estruturou suas táticas de confronto. Por isso, ações insurrecionais passaram a dividir atenções com práticas de instrução e educação, voltadas à formação do cidadão ativamente responsável pela revolução e, paralelamente, organizador direto da sociedade libertária do porvir. A escolarização e a propaganda ganharam força exponencial.

O pensamento das vanguardas operárias dos anos 10 acreditou no poder da educação e na necessidade de disseminação da escola básica por todo o território nacional. O otimismo

público na educação, disseminado entre os discursos políticos, estava presente de maneira semelhante no pensamento pedagógico libertário que, afastando-se das propostas pragmáticas e quase restritas à alfabetização, desejaram a construção de um modelo escolar capaz de forjar uma juventude desvencilhada dos preconceitos sociais, hierárquicos e aniquiladores da autonomia, com os quais a modernidade brasileira se erguia. O movimento anarquista internacional vinha enfatizando a questão já nas últimas décadas do XIX e a organização operária brasileira, estruturada por uma imprensa libertária, captou a discussão internacional introduzindo-a no seio das vanguardas operárias urbanas da Primeira República.

O analfabetismo do operariado foi considerado problema impeditivo na consolidação do movimento operário[24], entre outras razões por provocar o distanciamento entre as vanguardas do pensamento e o povo. As correntes libertárias, ainda que não unânimes num projeto de centralização de esforços pela educação popular, envolveram-se nessa campanha de alfabetização. João Penteado, militante libertário que assumiu a direção da Escola Moderna n°1, expressou seu ceticismo em relação ao engajamento do trabalhador nas lutas sindicais dentro do quadro de analfabetismo generalizado. Em texto publicado em 1912, às vésperas de inauguração da primeira Escola, escreveu:

> "[...] Mas as nossas palavras, a rebeldia de nossos propósitos [...] nem sempre conseguem atingir o fim almejado, que é ferir os ouvidos das vítimas em favor das quais lutamos sem cessar [...] Há uma barreira a impedir a ação de nossas palavras e que precisa ser removida a ignorância, esse mal ameaçador, esse fantasma sinistramente horrível que paira sobre as massas populares [...] Daí a razão por que há operários que ingenuamente fogem dos comícios populares, repudiam as ideias libertárias [...] Como recuperá-los para a vida? [...] Do problema da instrução popular depende a verdadeira vitória das ideias emancipadoras da humanidade [...]" (PENTEADO, 1912).

O intento da organização da militância libertária em torno da educação se nutriu do arcabouço teórico esboçado pelo movimento anarquista internacional, inspirando-se nos preceitos pedagógicos inicialmente praticados por Paul Robin e logo institucionalizados, no início do século XX, por Francisco Ferrer i Guàrdia. A figuração de textos e informações sobre o pensamento internacional anarquista estampou as páginas dos principais periódicos da época, além de ter sido tema editorial dos grupos dedicados à veiculação de traduções de obras que trataram sobre o tema[25].

A ação política libertária concatenou a constituição de seu pensamento às publicações periódicas e ao ímpeto de educar o homem novo. Projeto que desencadeou a formação da

24. A esse respeito, Paulo Ghiraldelli explica que para os libertários, *a luta pela instrução não se enquadrava numa estratégia forjada no sentido de criar ilusões aos trabalhadores*, mas se desenrolava no sentido de *recuperar instrumentos de atuação social*, historicamente monopolizados pelas classes dirigentes (1987, p.102).

25. A tradução de Evolução, revolução e ideal anarquista, de Élisée Reclus, para o português foi feita por Neno Vasco, em 1904 (LUIZETTO, 1987, p.41).

Sociedade Escola Moderna e uma campanha publicitária[26] para a viabilização de seu projeto educacional.

> "Pensadores libertários do século XIX, como Robin, e do século XX, como Ferrer foram analisados e discutidos pela imprensa operária brasileira. Dentro desse contexto, as frases mais marcantes do período foram "Educação Integral", resgatadas do pensamento de Robin, e "Ensino Racionalista", inspirada nos trabalhos de Ferrer [...] Os escritos de Robin faziam parte do passado; todavia, o trabalho de Ferrer era contemporâneo à atuação dos libertários na Primeira República. As informações sobre os acontecimentos europeus e a repercussão da obra pedagógica de Ferrer chegavam 'ainda quentes' às mãos dos anarquistas e anarco-sindicalistas brasileiros."
> (GHIRALDELLI, 1987, p. 1111-112/114)

Greves e outras manifestações foram articuladas a reuniões em ateneus e centros de cultura. O projeto de *educação integral* (CODELLO, 2007; MORIYÓN, 1986), presente no cerne dos pressupostos anarquistas, articulou-se diretamente às ações militantes e à escola racionalista materializada no projeto da Escola Moderna de Barcelona pelo catalão Francisco Ferrer i Guàrdia, disseminado entre as organizações libertárias de todo o mundo. Foi nesse contexto que, em São Paulo, foram fundadas nos bairros do Brás e do Belenzinho, as Escolas Modernas n°1 e n°2, como resultado da campanha feita pela Sociedade Escola Moderna. E para suas implantações houve a adaptação de um contexto teórico às condições e propósitos próprios das circunstâncias políticas enfrentadas pelos libertários em São Paulo.

Nesta pesquisa, a leitura de tais circunstâncias se ancora em pontuações sobre a produção documental deixada pela militância paulistana de maneira a buscar o contexto teórico em que certas impressões genéticas deram corpo ao movimento libertário em São Paulo. A trama de relações lida nesta herança documental explicita o referencial construído sobre a educação racional de Ferrer i Guàrdia, lido principalmente por meio da publicação póstuma *Escuela Moderna*, além da divulgação da literatura anarquista traduzida e publicada pela imprensa libertária que deu a conhecer no Brasil os escritos de Jean Grave, Malato, Kropotkin, Reclus, entre tantos outros autores.

§

26. O periódico *A Lanterna* se destacou na divulgação do projeto escolar. Neste jornal, as primeiras incidências sobre a intenção de criar a Escola Moderna, em São Paulo, começaram em 1909, ano do fuzilamento de Francisco Ferrer.

A ação libertária em São Paulo foi irradiada por grupos militantes que se faziam ouvir por meio de um mecanismo editorial ratificado nas páginas de *A Lanterna, A Terra Livre, A Plebe,* entre tantos outros periódicos, ademais de conduzirem suas práticas educativas em sintonia com as preconizações do anarquismo internacional. A partir das movimentações lideradas por libertários organizados em torno da *Sociedade Escola Moderna* foram impulsionadas as aberturas das Escolas nº1 e nº2, dirigidas respectivamente por João Penteado e Adelino Pinto, entre outros colaboradores. O primeiro capítulo inicia a incursão pela educação libertária com a apresentação da trajetória da instituição da Escola Moderna em São Paulo, inserindo-a no referencial do movimento anarquista internacional no momento em que a educação popular foi tomada como um de seus instrumentos de ação direta, entre finais do século XIX e princípios do XX. No curso deste desenvolvimento, situa a *educação racional e científica* no bojo do projeto de transformação social conforme direcionado por Francisco Ferrer i Guàrdia, traçando as implicações do programa de *educação integral* no projeto escolar da Escola Moderna de Barcelona. O capítulo mostra os personagens com os quais a dissertação se deparou ao longo das incursões às fontes documentais e bibliográficas que circunstanciaram a pesquisa do programa didático das Escolas Modernas, desde suas ligações com o meio social.

Este programa de ensino, ainda que centralmente orientado pelo contexto político do anarquismo internacional, foi praticado em concomitância a uma generalizada contestação, engrossada por vozes de diversos países, do modelo tradicional de ensino, principalmente por suas raízes metodológicas. Contestações que apontavam para a importância da renovação da educação em direção a formas de aprendizado ativo, ou seja, em que a educação se fundamentasse pela experiência do próprio aluno. A inserção da *educação racional e científica* nesse contexto de questionamentos, entre outras características, concedeu a outros ambientes, além das habituais salas de aula estruturadas na figura do professor, papel relevante no aprendizado infantil. Ao espírito de renovações metodológicas, os libertários sobrepuseram seus valores sociais, configurando um programa de ensino marcado por conteúdos que se apartavam de dogmas para alcançar um trabalho educativo centrado na emancipação de um indivíduo crítico e solidário. O segundo capítulo se conecta neste panorama, tratando da experiência da Escola Moderna de Barcelona como matriz imediata para as experiências brasileiras que, da mesma maneira, permitiram-se extrapolar o espaço educativo para além dos muros escolares como estratégia metodológica. O terceiro capítulo prossegue com a discussão sobre os lugares do aprendizado com uma aproximação ao programa da Escola Moderna nº1, em São Paulo, ao apresentar uma leitura das saídas escolares relatadas em *O Início*, órgão dos alunos desta escola.

Além da aposta pela educação formal, a ação direta anarquista viu na formação e articulação dos coletivos editoriais um caminho para a divulgação de informações e também de conteúdos panfletários acerca do ideal revolucionário. Dessa maneira, paralelamente à fundação das Escolas Modernas, os periódicos cumpriam o papel de formar as opiniões populares, promovendo outro âmbito educativo. O capítulo final encerra a dissertação sobrepondo o lugar dos periódicos como instrumento de formação cultural, ao programa

de escolarização, com a finalidade de pontuar a complexidade do projeto libertário para a educação popular, sem restringi-lo a conclusões parciais derivadas unicamente da observação de seu projeto de Escola.

ESCOLARIZAÇÃO,
um dos caminhos para a formação cultural

1. A ESCOLA MODERNA EM SÃO PAULO

No curso das transformações do pensamento anarquista internacional, o *comunismo libertário* reorientou seus procedimentos e táticas de luta para a transformação social operando modificações circunstanciais na condução do programa de ações diretas pelo aniquilamento do sistema social vigente em nome da construção de um estatuto revolucionário que, em finais do XIX, passou a investir na disseminação do ideário libertário desde práticas educativas. Um processo de instrução emancipador, ao invés de aniquilador da personalidade das classes operárias, conquistou lugar entre as estratégias de *luta armada*[1] até então consolidadas entre os anarquistas. Em consonância, a educação popular se destacou como uma das estratégias de ação dos militantes brasileiros[2].

O momento coincidiu com um período de intensificação da imigração de europeus ao continente americano e, por conseguinte, com a expansão local do ideário anarquista por meio do deslocamento da militância que trazia consigo o ímpeto revolucionário europeu (FAUSTO, 1983; HARDMAN, 1983; MAGNANI, 1982). A conformação do anarquismo no Brasil se associou rapidamente à organização política do incipiente operariado urbano industrial que emergia das condições econômicas propiciadas pelo desenvolvimentismo republicano (MAGNANI, 1982) e projetava seus valores para a expansão da economia e das cidades à revelia da inclusão das classes trabalhadoras em seu programa de modernização (ROLNIK, 1981). No ambiente social do recém-instaurado cenário republicano, a erupção do movimento anarquista entre o operariado urbano se fez inevitável frente à precariedade imposta aos trabalhadores que viviam à margem de beneficiamentos que eram frutos frequentes de suas próprias produções.

Em meio ao efervescente industrialismo e ao voraz crescimento urbano de São Paulo que marcavam as duas primeiras décadas do século XX, o movimento libertário reuniu interesses de livres-pensadores, anarquistas ou não, anticlericais e sindicalistas em torno da disputa por um espaço político que contemplasse a igualdade, entre todos os cidadãos, como um pressuposto para a modernização. Um movimento que se organizou transitando entre direcionamentos internacionais, ora do *comunismo libertário* ora do *anarco-sindicalismo*,

---

1. "Respeitamos os processos revolucionários passados, mas sem querer copia-los. Cada época tem seu methodo particular, e cada grau de civilização seus processos novos. A arma da tyrania será sempre a barbárie, e a dos homens livres a intelligencia. Quaes os meios de combate ao alcance do proletariado? Apparece no primeiro plano a instrucção; mas pode instruir-se o proletario? Tem elle por ventura tempo para estudar, dinheiro para livros? Que seria dos governantes se os operários conseguissem instruir-se e assim, conhecessem as injustiças, os roubos e os crimes praticados pelas classes dirigentes? Por isso exploradores impedem que os explorados se instruam; isso seria o mesmo que o seu suicidio [...] Teríamos ainda como meios de combate a luta armada, as barricadas. Mas abandonemos esses meios illusórios! A organização militar, com a sua unidade de acção, a sua estratégia, as suas armas aperfeiçoadas, não pode ser vencida a pedradas e a bengaladas seja qual for o valor individual que anime os revolucionários." (In **O Amigo do Povo,** ano I, nº2, 1 de maio de 1902, p.1).

2. Benjamim Mota, ao informar sobre a criação de *escolas verdadeiramente liberaes*, gratuitas e para ambos os sexos em Portugal, convoca a iniciativa brasileira a organizar-se para o mesmo ideal: "Não haverá em S. Paulo um homem rico que seja capaz de nobre acto de pagar o aluguel mensal de um predio para se fundar aqui uma Escola d'Ensino Liberal? | Professores nós arranjaremos para essa escola, e alumnos não faltariam, porque nas nossas escolas publicas, infelizmente, não ha logar para as crianças pobres, cujos paes não podem vestil-as com o luxo que nellas se exige" (In **A Lanterna**, ano II, nº1, 06-07 de junho de 1903).

Claro que aumentou a indignação. Travou-se a luta desesperada — para a qual o povo está sempre mal preparado —e houve o incendio do edificio da Companhia Sul-americana e do deposito das mercadorias. Policia, marinha tropa de terra, com metralhadoras até, tudo se empregou contra o povo, que se desesperou e recorreu ao incendio e ao saque de armazens, agencias de navios e montepios. Mortos e feridos ás centenas. Estado de sitio, concentração de tropas, governo militar, ordem em Varsovia... etc.

A greve ainda se estendeu aos refinadores de assucar (cerca de 500) e parece que a outros dois portos. As Companhias entraram em novas negociações e arbitragens...

Mas notem bem: a força publica provocou, atacou. Se ha por ahi ingenuos, têm aqui um bonito assunto para a meditação.

Esperamos mais amplas noticias, e veremos a que especie de comentarios se prestam. O que é certo é que o medo já aqui chegou: um diario fluminense aconselha ao governo a votação de "leis de proteção aos operarios"... Pois sim...

Preparação necessaria

Como momento necessario, como conclusão da evolução que se efectua, todos os espiritos emancipados das preocupações da politica e dos falsos interesses exclusivistas encontram a revolução. Essa revolução será tanto mais rapida e completa e tanto menos violenta quanto mais completa e facil fôr a preparação das massas que a devem levar a cabo. Infelizmente, as classes dominantes, na sua miopia terrivel, na sua cegueira feroz, levantam todos os obstaculos imaginaveis a essa obra de propaganda e de ensino: tanto pior . . . para todos.

Tais obstaculos são sobretudo d'ordem material; recorre-se cada vez mais á força bruta, faz-se cada vez mais a «ultima ratio regis». A' medida que vão falhando as razões, vai-se lançando mão, com crescente fervor, da argumentação solida do chumbo.

Ministros, como Silvela, proclamam a eficacia da bala; e os até hoje monopolizadores da força agarram-se devotamente a San Soldado, taumaturgo. O militarismo triunfa, tomando cada vez mais o caracter mercenario e policiesco do cão de guarda, do gendarme. Todo o actual estado de coisas e todos os factos contemporaneos nos provam que não ha remedio senão empregar tambem a violencia, monopolizada hoje pelos opressores, e que deixarmo-nos colher de surpresa pelos assassinos legais passa as raias da ingenuidade, para penetrar em pleno dominio da imbecilidade e do crime. Como exemplo, apontemos os tumultos de Coimbra, onde o povo que pedia armas e resistia . . . á pedra, espumando na raiva da impotencia, foi fuzilado diante dos olhares patrioticos dum partido que, dizendo-se revolucionario, tem um medo que se péla da revolução, parece que em razão de esta poder ser feita pelo povo, com a intervenção de elementos perigosos, e não pela tropa dos quarteis, necessaria á defesa do Estado, qualquer que seja a sua taboleta politica.

Não se trata de preparar a revolução —coisa um pouco mais dificil do que fabricar um pronunciamento militar, bom para a satisfação de exclusivismos de bandos politicos ou de individuos: do que se deve tratar é de nos prepararmos para a revolução, moral e materialmente, o que é bem diverso.

Para concluir, traduzimos de «La Rivoluzione Sociale», de Londres, o artigo que segue:

A insurreição armada

Apesar de todos os dias os governos mostrarem, sempre mais claramente, a sua firme intenção de sufocar em sangue qualquer acção popular que ameace a serio a constituição social vigente, muitos que querem derrubar essa constituição, muitos camaradas nossos, continuam a considerar como insignificante a questão dos meios de luta material e a pôr todas as suas esperanças em cem formas de agitação: organização economica dos trabalhadores, recusa de pagar os impostos e as rendas de casa, recusa da parte dos camponeses de entregar aos patrões os produtos da terra, greve geral — tudo coisas óptimas, mas que são ou impotentes ou impossiveis se não contam com a intervenção de boas carabinas ou armas equivalentes.

Chegou a ser um logar commum o dizer que hoje, com as armas aperfeiçoadas de que dispõem os soldados e com os rapidos meios de comunicação, já não é possivel uma insurreição victoriosa, e que levantar barricadas e outras «coisas de 48» seria expôr-se a certa e inutil derrota: e assim se chegou a este absurdo de querer prégar a revolução fazendo a propaganda do medo.

O artigo dos camaradas Baldazzi e Chiesa, publicado neste numero (n. 9 de La R. S.) é uma prova da tendencia que estamos deplorando. Propõem boas coisas, mas cometem o erro de as apresentar como substitutivos da luta violenta, quando a verdade é que não podem ter sequer um principio de realização sem provocar precisamente as violencias que se queriam evitar. (*)

Poder da retórica! Começou-se por dizer que os operarios podiam, só com o cruzar dos braços, matar á fome a burguesia, apenas para significar que os trabalhadores tudo produzem e que a burguesia vive, como parasita, do produto do labor alheio; e depois, acabou-se por crêr que realmente se os trabalhadores se pusessem d'acordo e suspendessem o trabalho, os burgueses capitulariam logo, ou então morreriam socegadamente de fome e livrariam o mundo da sua presença sem grande barulho!

Mas a verdade clara e evidente é que se os trabalhadores se pusessem em greve e quisessem respeitar a legalidade, isto é, deixassem aos burgueses tudo o que por lei lhes pertence, seriam elles, trabalhadores, que teriam de se render, ou morreriam de fome, muito antes que os patrões sentissem a falta de qualquer coisa: a necessidade absoluta portanto de proceder á immediata expropriação e comunização pelo menos dos generos alimenticios, e por conseguinte conflito

Texto sobre os métodos da ação revolucionária.
(In **O Amigo do Povo**, ano II, nº27, 30 de maio de 1903)

Convocação de manifestação para o 1º de Maio de 1903 /
A Ignorância é a escravidão, artigo sobre a importância da propaganda libertária.
(In **O Amigo do Povo**, ano I, nº24, 11 de abril de 1903)

Primeiro de Maio

Recordemos: nos Estados Unidos, os operarios, tendo recebido o ensino da dura experiencia, tendo aprendido que só com o pedir legalmente nada obtinham, tendo sofrido bastas desilusões, haviam encarreirado pela segura via da acção directa. Segura, sim, embora perigosa, porque não ha luta sem perigos: encarregou-se de o demonstrar a propria burguesia, que tratou de pôr em acção os seus soldados e os seus juizes, os seus policias e os seus carrascos, vendo que os explorados abandonavam a humilde postura de mendigos. Todo o aparelho de defesa e de violencia entrou a funcionar: trabalharam as espingardas, os carcereiros e as forcas. Longe de morrer, o movimento operario ganhou em intensidade e em extensão. Em 1 de Maio de 1886 estalara a greve geral, seguida de fuzilamentos; em 11 de Novembro de 1887 eram enforcados em Chicago quatro anarquistas, victimas dum erro judiciario procurado; e dois annos depois, no Congresso de Paris de 1889 um obscuro trabalhador americano propôs a greve geral dum dia — no primeiro de maio.

Seria como o ensaio, o preludio daquella greve geral que será talvez o episodio mais notavel da emancipação proletaria. A ideia tornou-se pratica; e a classe dirigente foi tomada dum pavor indizivel perante a soberba, a alta, a eloquente manifestação de solidariedade dos produtores, da sua força de resistencia.

Depois, esse grande impulso caiu miseravelmente, degenerou nisso que quase por toda a parte se vê. Para tal resultado, todos contribuiram mais ou menos: uns transformando a manifestação de caracter combativo, a luta, a greve, numa simples festa bonacheirona e pacifica, com cortejos embandeirados e borracheiras de dias de folga, ou numa procissão endomingada e pomposa, num passeio de comisões que vão apresentar aos poderes publicos, em nome do operariado, umas reclamações enfaticas e legais, que os mesmos poderes recebem de casaca e de sorriso e põem tranquilamente de lado; outros adiando o PRIMEIRO DE MAIO para o primeiro domingo do mês, ou pedindo ao governo o favor de considerar feriado o primeiro de Maio; outros, finalmente, afastando-se desdenhosamente do povo e do movimento operario, criticando o que viam fazer e nada fazendo por seu lado, como se ficar com as mãos nos bolsos fosse modo de reparar o erro alheio ou maneira de fazer melhor do que os outros.

Não nos demoremos a considerar os passados erros: tratemos de os emendar.

Baseada na demonstração clara dos factos de cada dia, a nossa tatica conquista terreno, ocupa pouco a pouco o espaço abandonado pelo lento desmoronar das ilusões, obtem cada vez mais a SIMPATIA legal dos governos que, vendo nella um perigo serio nos distinguem com as mais doces caricias da sua sanha reacionaria. Aproveitemos, pois, os erros dos outros, agitemo-nos constantemente, porque a agitação é condição de vida, «vamos para o meio do povo».

E a ideia que presidiu ao nascimento do primeiro de maio será desinvolvida e triunfará. Não unicamente nessa manifestação á data fixa, que nós sem duvida podemos e devemos aproveitar, mas que não nos deve servir de pretexto para descansar durante o resto do anno; actuar-se-á em todas as ocasiões que se nos apresentarem, a todo o momento, a todo o instante, em cada minuto, durante a vida inteira, numa luta constante e infatigavel, fecunda criadora de consciencia e de solidariedade, caminho seguro para o derrubamento da torpeza vigente.

Sirva-nos de estimulo a animadora preponderancia que a nossa tatica vai ganhando em certos paises; e lembremo-nos de que, se a ideia de greve geral e de revolução social teve no PRIMEIRO DE MAIO a sua primeira realização, tudo se encaminha, tanto mais ligeiramente quanto maior é o esforço empregado, para a sua confirmação cada vez mais positiva, para o seu triunfo definitivo.

MANIFESTAÇÃO

Uma Comissão de trabalhadores, resolvendo promover hoje uma comemoração do PRIMEIRO DE MAIO, espalhou profusamente pela cidade um manifesto redigido em italiano convidando o povo operario a aderir a uma manifestação, que partindo, hoje, ás 2 1|2 horas da tarde, da rua dos Immigrantes, percorrerá as ruas principais da cidade para se dirigir ao largo do Jardim, onde falarão varios oradores

O vibrante apello conclue deste modo:

«TRABALHADORES!

Na necessidade de seguir o exemplo humanitario de tantos irmãos nossos, que se agitam em todas as partes do mundo burguês, e certos de que a parte melhor de vós não deixará de aderir, constituiu-se um COMITÉ operario, com o intento de festejar dignamente o PRIMEIRO DE MAIO.

O escopo preciso da planeada manifestação é ver que força de solidariedade oferece o elemento operario de S. Paulo, conhecer-lhe as aspirações, procurar—na medida do possivel—dar-lhe uma direcção armonica para um fim comum,

Nesta pacifica manifestação, farão uso da palavra varios oradores populares, explicando o significado reivindicador desta data, e indicando o caminho da emancipação aos cansados do vampirismo e da opressão

TRABALHADORES, NÃO FALTEIS!... Ao patrão que vos insulta todo o anno, dai uma vez o espectaculo da vossa potente solidariedade, com os vossos companheiros de trabalho.

A COMISSÃO PROMOTORA

O que é a greve geral

Segundo Sydney Webb (oráculo dos Fabianos de Inglaterra, burgueses mascarados de socialistas, uns por SNOBISMO, outros por cálculo), a greve geral é uma utopia, que se produz na origem do movimento socialista, uma ilusão de juventude. Eu respondi: «O SOCIALISMO OPERARIO seria portanto uma utopia; conclusão que talvez não desagradasse absolutamente a este burguês.» E acrescentei ainda, «Se verdadeiramente o proletariado se tornou bastante forte e bastante bem organizado para realizar REVOLUCIONARIAMENTE o ideal de Engels, isto é, para fazer desaparecer o conjunto das instituições tradicionais do Estado, deve provar a sua FORÇA com uma luta na qual fará valer os meios constituidos no proprio seio. Não vejo outra luta senão a greve geral para decidir esta QUESTÃO DE FORÇA.»

A greve geral parece ás vezes um meio bem barbaro aos partidos politicos que acham mais seguro conquistar mandatos nas lutas eleitorais; mas a conquista dos poderes feita por um partido é coisa bem diversa do derrubamento do Estado tradicional e da sua substituição pelas organizações operarias. Declarou-se varias vezes no congresso internacional de 1900 que o partido socialista é um grupo de pensadores que conduz o proletariado, de cuja confiança deve mostrar-se digno. No dia em que este grupo fôr o patrão de todas as forças de coerção do Estado burguês, poderá muito bem continuar a GOVERNAR, impondo de novo aos trabalhadores a autoridade do GOVERNO ou ESTADO.

Para os operarios, a revolução é coisa bem diversa da victoria dum partido; é a emancipação dos produtores, desembaraçados de toda a tutela politica; é o esfacelo do poder; é a organização economica das relações sociais fora dum governo de NÃO—TRABALHADORES. A greve geral não será pois a greve generalizada sob a direcção dum partido politico, mas a revolta consciente dos operarios completamente organizados e tornados capazes de passar sem os conselhos de qualquer partido politico.

J. SOREL

(L'AVENIR SOCIALISTE DES SYNDICATS)

A ignorancia é a escravidão

Já é tempo de vermos o escravo moderno, o assalariado, o ilota, o paria, exercitar os membros intumecidos, para despedaçar as cadeias que impossibilitam os movimentos dos seus musculos, não para por sua vez escravizar, porque a vingança não cura, mas para estabelecer uma sociedade de livres produtores.

E', pois, necessario que o povo saiba que o povo aprenda. Nascemos ontem; a nossa propaganda conta poucos annos de existencia, mas abre caminho em todos os ramos do saber humano, frutifica nas academias, no livro, no teatro e é necessario que esta atracção seja muito forte para imprimir nos costumes o culto á verdade, assim como urge que desapareça, quanto antes, a gangrena fatal do privilegio, que como o cancro nos devora. Para varrer a nuvem de males que corroem a presente sociedade, é preciso que a civilização se estenda e que se apresse o dia do triunfo duma doutrina que é a forte alavanca que arrasta os homens para maior desinvolvimento moral.

O ideal anarquista promete o bem-estar da especie humana, a paz e a concordia, com o fim do antagonismo de interesses e da estupida luta entre os homens, com a destruição de tantas torpezas, de tantas causas, de tantos obstaculos que nos estorvam a marcha para a felicidade.

Perdoamos aos adversarios as calunias, os ataques inconscientes ou os sorrisos scepticos. Procurando o bem de todos, deixamos aos factos o cuidado de os desmentirem, se nos enganamos; e o que podemos desejar aos que conosco não estão de acordo é o estudo e a serenidade, quando nos apostrofam, insultam e caluniam.

As novas ideias lutam sempre com poderosos inimigos que incessantemente as combatem, talvez por ignorancia ou preocupação, por amor ao antigo, ao que durante a infancia nos ensinaram. A nova revolução de ideias tanta comoção causou a certas classes, que até nos parece mentira tal estupidez. Mas sempre assim foi; o mesmo sucedeu aos discipulos dos grandes mestres antigos, aos propagadores de novos ideais: duvidaram tambem e tambem se riram em certas ocasiões das teorias novas os mesmos que as professaram depois e por ellas morreram [illegible] os sectarios, que acontecerá com o vulgo e com os homens amigos de saber, cada vez mais ávidos de verdade, cada vez mais despreocupados?

Do odio dos inconscientes nasceram as perseguições sofridas pelos mestres antigos: a cicuta que envenenou Sócrates, a cruz que martirizou Jesus, o tormento e o carcere que arrancaram inuteis retratações a Galileu, a acusação de loucura feita a Colombo, o desdem com que uma das mais afamadas academias do mundo recebeu as invenções de Franklin, e como estes, factos incontaveis dessa mesma origem, as zombarias, os sarcasmos, as calunias que saem ao encontro da Anarquia.

Por isso nós queremos ensinar, principiar no presente a construção do futuro, tanto mais proximo quanto mais luz derramarmos. Temo-lo dito sempre e sempre o diremos: a anarquia é necessario QUERE-LA; não cabe anarquia, nem ha liberdade possivel, onde está a ignorancia, onde assenta o fanatismo, onde se crê em fantasmas, onde reside a torpeza. Se se trata simplesmente de obedecer, de ser pária, de ser escravo, servo ou salariado, então convém a ignorancia; mas se se pretende ser livre, agir em seu proprio nome, nesse caso é preciso querer e saber porque do contrario mil vezes pior o povo que o mais tirano dos déspotas.

Com o saber, terá fim a exploração do homem, o ser humano passará a ser verdadeiramente homem, deixando de ser fera. A ignorancia é o abundante manancial do crime, do vicio, da ociosidade, da escravidão, é a sintese de todos os males que affligem a humanidade.

JUAN BAUTISTA PER[illegible]

Subscrição voluntaria permanent[illegible]

como base para as ações diretas de luta pela transformação social e rejeitando dogmas de toda ordem pelo soerguimento de uma sociedade libertária[3].

Em 1903, por exemplo, o jornal *A Lanterna*, ainda em sua primeira fase, publicou uma convocação para abertura da Escola Emilio Zola, de educação laica para ambos os sexos, salientando que a escola ainda não estava instalada *porque os promotores da sua fundação desejavam localizá-la no centro da residência da maioria dos alunos inscritos* (In **A Lanterna**, ano II, nº25, 17 de dezembro de 1903). No mesmo período foram publicadas notas sobre a abertura de algumas das primeiras experiências em educação libertária na cidade, como o Círculo Educativo Libertário Germinal (1902), os Centros de Estudos Sociais (as informações remontam às primeiras iniciativas dessas organizações de 1903) e a Universidade Popular de Ensino Livre (LUIZETTO, 1984, p.245-261).

Em paralelo, e frequentemente em apoio à organização de iniciativas como estas, observa-se o nascimento de expressivos periódicos que passaram a circular no ambiente operário com a finalidade de comunicar e organizar ações libertárias em escala social, anunciando fatos, eventos, encontros políticos e textos reflexivos sobre o movimento de libertação (FERREIRA, 1978; CRUZ, 2000). De igual maneira, essa plataforma propagandística assumiu outras funções da educação, que como ação revolucionária direta, divulgou os ideais libertários aglutinando diversas manifestações do movimento operário em torno de suas pautas reivindicativas (MAGNANI, 1982).

Em O *Amigo do Povo*[4], iniciado em 1902, a atmosfera de confiança na propaganda impressa como instrumento revolucionário marcou as edições do jornal sempre empenhado na organização de textos referenciais que pudessem ser veiculados por meio de folhetos destinados à formação cultural e política do operariado. Divulgou, inclusive, a inauguração de uma *biblioteca de propaganda* que publicaria mensalmente um folheto que explicasse *ao povo quem somos, o que queremos e porque lutamos* (In **O Amigo do Povo,** ano II, nº35, 26 de setembro de 1903). Nesta mesma edição, divulgava o funcionamento de um Centro de Estudos Sociais que, conduzido pelo grupo editor do jornal, teria a finalidade de promover o *ensino mutuo*. Destaca-se ainda a publicação de uma tradução integral do artigo "O nosso título, o nosso programa", epílogo da revista *L´Education Intégrale,* fundada por Paul Robin (1837-1912)[5]. Texto em que o conceito de *educação integral* defendido por anarquistas europeus foi apresentado à militância brasileira como um processo que *tendia a cultivar, a desenvolver paralela e harmonicamente todas as faculdades do ser humano* sem enquadrar-se em um tipo de ensino de acumulação forçada de um número infinito de noções (In **O Amigo**

3. As distinções conceituais entre o *comunismo libertário* e o *anarco-sindicalismo* se voltavam, de maneira geral, à forma de organização política no interior das ações militantes. Muito embora, apesar das divergências, ambas as correntes assumiram a tarefa educacional como prioritária. Para detalhes sobre a questão, consultar MAGNANI, 1982.

4. O jornal esteve coordenado inicialmente por Neno Vasco e, logo a partir da edição nº29, por Manuel Moscoso.

5. Militante anarquista que defendeu a *educação integral* como pauta revolucionária já no contexto da I Internacional, ao lado de Bakunin.

Atividades promovidas pelo Centro de Estudos Sociais, organizado pelo grupo editorial de *O Amigo do Povo*. (In **O Amigo do Povo**, ano II, nº41, 27 de dezembro de 1903)

Movimento Libertario

Na reunião que foi convocada para a rua do Marechal Deodoro, 40, no passado dia 20, ficou assente que o dinheiro ainda em depósito, resto do que foi empregado na aquisição do material tipografico, se destine á publicação dum livro de propaganda anarquista e de alguns folhetos (os que a quantia permitir) em lingua portugueza.

Todos os sábados, desde as 7 da noite, no local do Centro de Ensino Mutuo, rua de Bento Pires, 19, serão lidas as obras apresentadas pelos companheiros como dignas de serem editadas.

Como a escolha do livro demanda tempo, irão sendo publicados entretanto alguns opusculos. Que os nossos amigos se preparem para a maior difusão possivel das publicações intentadas. Brevemente diremos qual será a primeira.

O Centro de Estudos Sociais e Ensino Mutuo com séde na rua de Bento Pires, 19, da iniciativa, como já dissemos, do grupo editor do «O Amigo do Povo», começou a funcionar regularmente no dia 22 do corrente, organizando o programa seguinte:

Lições — terças e quintas-feiras ás 7 da noite, precisas; domingos, ás 3 da tarde, em ponto.

Palestras de sociologia — sábados, ás 7 da noite.

Leitura — nos dias restantes, desde as 7 da noite.

Pede-se a maior pontualidade possivel a quem desejar seguir as lições, afim de se evitarem interrupções no seu seguimento.

Da Propaganda

O companheiro Urano indicou no passado numero de «O Amigo do Povo» um modo de fazer propaganda, ou melhor, um modo de achar ocasiões para distribuir folhetos e periodicos, e eu a propósito vou lembrar alguns processos na Europa praticados e discutidos, cujo valor é desnecessario fazer sobresair, pois que salta aos olhos de todos.

Começo por me referir á *propaganda pelo cartaz*, que constituiu mesmo o assunto dum relatorio ao Congresso Anti-parlamentar, amavelmente proibido em 1900 pelo governo republicano-socialista de França.

O cartaz pode servir para fazer directamente propaganda; tratando um assunto de actualidade, em grossos caracteres, dum modo

La Nuova Gente

Recebemos e publicamos:

«Em frente do indiferentismo com que foi acolhida *La Nuova Gente* e da falta de apoio material da parte da maioria dos camaradas de lingua italiana de S. Paulo, decidimos suspender a publicação desse periodico, desejando que outros sejam mais bem sucedidos numa tentativa similhante.

otas da Quinzena

Divulgação do Centro de Estudos Sociais e Ensino Mutuo, organizado pelo grupo editorial de *O Amigo do Povo*. (In **O Amigo do Povo**, ano II, nº43, 30 de janeiro de 1904)

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS
E ENSINO MUTUO

As lições, que são cada vez mais concorridas, demonstrando o completo exito desta iniciativa, pelo nosso meio reclamada, passam a ser ás segundas, quartas e sextas, ás 7 da noite, na séde do Centro - rua Bento Pires, 19.

A mesa de leitura está á disposição de todos desde as 8 da manhã até ás 10 da noite, todos os dias.

O Centro tem recebido *El Productor, L'Avenire, La Protesta, Natura* (revista vegetariana) e varios folhetos. Os frequentadores encontrarão ali tambem *L'Avanti* e *A Lanterna*, desta cidade.

KULTUR
REVISTA ANARQUISTA DE PROPAGANDA REVOLUCIONARIA

Aparecerá no dia 1.º do próximo mês de fevereiro, na capital federal, o primeiro número desta importante publicação, trazendo o seguinte sumário:

Magnifico plano

40 CONTOS

es á venda em

todas as casas lotericas

Joanna d'Arc

A proposito de Joanna d'Arc, essa «bella e valente rapariga», segundo Michelet, nascida em Domremy, filha terceira de Jacques Darc ou d'Arc, e de Isabel *Romée* e ultimamente beatificada pelo papa Pio X, encontramos em um periodico um artigo de Gastão Pinto, que assim começa:

«Em todas as épocas da vida da igreja, a Historia faz ver a faina dos corypheus do atheismo, o grande empenho com que os inimigos do sobrenatural envidam esforços para apagar toda a manifestação do divino.»

Ora, o autor deste artigo, que é um seminarista, já vem demonstrando, á saciedade, a sua má fé e a sua refinada hypocrisia; e o veso antigo de attribuir ao atheismo tudo quanto de absurdo a igreja tem praticado ainda uma vez resalta nestas linhas.

Não é nosso intuito estudar Joanna d'Arc, que na época e no meio em que nasceu, profundamente devota, teria de ser, forçosamente, atacada de nevrose, dessa nevrose mystica a que devemos os santos da igreja, e que produzia, do mesmo passo, beatos e malditos.

Só queremos patentear que os inimigos da donzella d'Orléans foram os proprios dignitarios da igreja, foram esses que a taxaram de embusteira, e, conseguintemente, a prevalecer as conclusões de Gastão Pinto, são elles os atheus.

Loyseleur, um padre normando vendido aos inglezes, ouvia em confissão a ingenua rapariga, em quanto os escrivães, occultos, ouviam e annotavam. E venham affirmar que a confissão é secreta!!

Joanna foi condemnada á fogueira pelos crimes de scisma, idolatria, invocação dos demonios, conforme o theor da sentença lida pelo bispo de Beauvais e formulada por um tribunal de ecclesiasticos, vendidos aos inglezes alguns, outros agindo pelo terror que experimentavam da soldadesca.

Portanto, o atheismo não entrou na questão, segundo a má fé ou ignorancia de Gastão Pinto quer fazer entender.

Eis ahi a igreja em luta comsigo mesmo.

Ha tempos é o papa que tenta reparar o erro beatificando a donzella, agora é um noviço theologo que para defender seus collegas carrega contra o atheismo.

Essa Joanna, que naquelle tempo logicamente seria o que foi, morreu queimada! Era uma visionaria. Era uma frequentadora assidua da igreja e do confessionario. Era uma nevrotica, nascida e criada em meio de lendas mysticas e, tambem, entre o fumo e os reverberos da guerra.

Fez-se, a um tempo, soldado e propheta. Teve a espada e a cruz em uma só mão. Allucinada, operou prodigios.

Mais felizes foram Alaqnoque, Thereza de Jesus e outras que, atacadas da mesma doença, fizeram-se santas sem terem sido queimadas.

Mas, e tal é o escopo das presentes linhas, fique bem patente a má fé deste seminarista que não é capaz de dizer a verdade sabendo muito bem que Joanna d'Arc foi perseguida e morta pelos dignatarios da igreja e em nome dessa propria igreja.

Escola Moderna

Em numerosa reunião de livres pensadores, realizada no dia 17 do corrente, nesta capital, ficou resolvida a fundação de uma Escola Moderna que seguirá os programmas da escola fundada em Barcelona pelo grande pensador Francisco Ferrer.

Ficou constituido um comité para tratar de organizar conferencias e festas em beneficio da escola, e desde já contam os seus fundadores com valiosos auxilios, entre elles o de um terreno que foi doado afim de se fazer delle um sorteio em beneficio da escola.

Amanhã, em local que será annunciado, realizar-se-á uma nova reunião, e nella, oradores que falarão em diversas linguas, exporão os fins da Escola Moderna e o programma de ensino que será adoptado.

O comité organisador já fez communicações a todos os livres pensadores do Estado de S. Paulo e tem recebido varias e importantes adhesões desta capital e do interior.

Solicitam-se instantemente de todos os companheiros o envio de nomes de pessoas que provavelmente assignarão *A Lanterna*.

"Minha filha Leonor padeceu durante varios annos de Eczema e Anemia. Recorri a todos os medicamentos sem obter proveito algum, até que tive a feliz ideia de darlhe a Emulsão de Scott que lhe restituiu a saude." —ANTONIO PEDROZO, Campinas, S. P.

Nada desfeia mais o rosto das senhoritas como a côr macilenta, os cravos, espinhas, eczema e outras erupções da pelle que proveem da impureza do sangue.

A *Emulsão de Scott* regenera e enriquece o sangue melhor e mais rapidamente que nenhum outro remedio, expelle do systema toda a impureza e dá á tez a côr rosada que é distinctivo de belleza e saude.

Exigir sempre esta marca, sem a qual nenhuma Emulsão é boa nem legitima.

Scott & Bowne, Chimicos, Nova York

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyantheia publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

Retratos de Ferrer

Um amigo poz á venda em nossa redacção, ao preço de 2$, diversos exemplares de uma boa photographia do grande martyr.

Informe sobre a reunião de livres-pensadores em que se decide pela fundação de uma Escola Moderna, em acordo com o programa da escola fundada em Barcelona. (In **A Lanterna**, ano IV, nº6, 20 de novembro de 1909, p.3)

do Povo, ano II, nº37, 27 de dezembro de 1903). Outro texto de Paul Robin, "Primeiro que tudo não estorvar", foi publicado pelo mesmo jornal em 17 de janeiro de 1904[6].

Fato é que a propaganda libertária em torno da educação escolar como instrumento de ação direta ecoou pelo mundo após o fuzilamento de Francisco Ferrer i Guàrdia[7], em 1909. Nesse mesmo ano, intensificou-se no Brasil, onde militantes atuantes no movimento anarquista iniciaram movimentações em torno da necessidade de criação de escolas voltadas à formação do cidadão[8], em acordo com os ideais que chegavam com as levas de imigrantes que consubstanciaram a massa de operários impulsionadora do crescimento populacional e do incipiente surto de urbanização paulista.

Em São Paulo, tais ideais marcaram o momento de eclosão de um ideário educativo que resultou, entre outras tantas ações, na formação do *Comitê Pró Escola Moderna*, composto por dirigentes e militantes do movimento operário. Mas também composto por representantes de outros segmentos sociais reunidos em torno do objetivo de fundação de uma Escola Moderna que funcionasse, em São Paulo, a exemplo da experiência levada a cabo por Francisco Ferrer, em Barcelona[9]. Participavam das reuniões do comitê figuras como Leão Aymoré (guarda-livros), Dante Ramenzoni e Pedro Lopes (industriais), José Sans Duro (negociante), Tobias Bore (artífice), Luiz Damiani, Edgar Leuenroth, Neno Vasco, Orestes Ristori e Eduardo Vassimon (jornalistas)[10].

Os informes e anúncios relativos aos pedidos de donativos para a realização da obra e à organização do Comitê se direcionavam a *livres-pensadores*, simpatizantes pela causa libertária e partidários em geral de um projeto de escolarização fundamentado na emancipação intelectual como valor essencial, afastando a educação de qualquer tipo de dogma ou inculcamento de ideias – de origem religiosa ou política. Ou seja, eles manifestavam

6. "Coeducação", assinado por Sebastien Faure, foi publicado em *A Lanterna* já em meio ao contexto de criação das Escolas Modernas (In **A Lanterna**, ano X, nº53, 13 de outubro de 1909). Também em sua segunda fase, outra notícia publicada pelo periódico *A Lanterna* divulgava que uma escola livre organizada pela Liga Operária de Campinas, desde 1908, já manuseava em suas atividades os princípios metodológicos de Ferrer, ainda que não contasse com os devido recursos (In **A Lanterna**, ano IV, n°20, 26 de fevereiro de 1910).

7. Sobre sua morte, José Oiticica escreveu artigo intitulado *Francesc Ferrer e a humanidade nova,* demonstrando a vigor que o ato trouxe para as ações revolucionárias: "Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor ouvido em todo o mundo contra os sicários espanhóis, aquela onda de odio cujo embate balançou o trono malsinado, esse vozear de protesto, esse alarido de meia humanidade indignada representa o homem futuro, o Hercules que nasce, que reteza musculos, que investe afoitamente contra a Hidra-Autoridade." (In **A Lanterna**, ano XI, nº160, 12 de outubro de 1912).

8. Dos cidadãos em geral e não somente do operário, pois a *coeducação de classes* (FERRER i GUÀRDIA, 1976, capítulo 6) passou a compor a pauta da educação libertária.

9. Embora apareçam entre as referências as obras de Paul Robin, Sebastien Faure, entre outros educadores, a influência do programa racionalista de Francisco Ferrer i Guàrdia para a Escola de Barcelona foi predominante sobre as ações educativas da militância anarquista do início do século. Predominância que se pode notar logo pelo uso do nome Escola Moderna e depois pela quantidade de referências diretas que os periódicos faziam a obra de Ferrer.

10. Informações biográficas sobre os membros do Comitê podem ser consultadas na dissertação de Regina Célia Jomini (1989, p.102). Não foi possível identificar a distinção entre esta formação e a então chamada Sociedade Escola Moderna, parecendo ter havido apenas uma mudança de nome. Entretanto as fontes documentais não confirmam essa hipótese.

prioritariamente um posicionamento político cultural de corte anticlerical, ainda que se inserissem às dinâmicas das ideologias anarquistas.

> "Pelo o que abaixo se vai ler podemos desde já garantir o ensino livre, racional, alheio ás injuncções do clero mentiroso, vai ser um facto, podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em São Paulo. Esperamos que todos os livres pensadores, interessando-se vivamente por esta obra, não deixarão de enviar donativos ao comité promotor da grandiosa ideia." (In **A Lanterna**, ano IV, n.7, 27 de novembro de 1909).

Na edição seguinte do mesmo jornal, o apelo se direcionou a *livres pensadores, anticlericais, homens emancipados de todos os dogmas*, ampliando-se a todos os que desejassem a realização de uma *educação racional, o ensino natural, livre e intuitivo das tenras inteligências* (In **A Lanterna**, ano IV, n.8, 4 de dezembro de 1909).

A observação de tais inserções são importantes para circunstanciar o teor ideológico desde o qual as Escolas começaram a ser estruturadas. Por conta desses chamamentos, é possível perceber que a predominância da influência do modelo da Escola Moderna de Ferrer em detrimento de outros referenciais educacionais libertários – como o Orfanato Prevost, de Paul Robin, ou La Rouche, de Sebastien Faure – decorreu sobretudo da ênfase de Ferrer no combate a programas dogmáticos de educação. Principalmente, os atrelados a ordens religiosas. Haja vista o próprio rótulo "anticlerical" que carregava as edicões de *A Lanterna*[11].

Por isso, há que considerar o traço de autonomia existente na organização desta militância em relação ao projeto de educação anarquista, de teor mais abstrato, construído pelos pensadores do movimento ao longo do século XIX. Outro fator de autonomia na estruturação das Escolas Modernas paulistas reside no fato de as escolas libertárias em São Paulo não terem acontecido sob a batuta de um único líder, com claras convicções, como feito por Ferrer na Escola Moderna de Barcelona. O projeto paulista se abriu à participação da sociedade como um todo sem discriminação de classes sociais e tentando reunir forças diversas para sua realização[12]. Condição que deixou suas marcas no programa impulsionado pelo Comitê.

Nota-se que a rede de comunicação libertária criada por meio de folhas periódicas que propagavam a voz de associações, grupos e sindicatos, foi amplamente utilizada na veiculação de reflexões sobre a atualidade do contexto social bem como sobre o ideário para a transformação da sociedade. Fazendo de suas páginas meio de diálogo entre os trabalhadores que, de alguma

11. O periódico foi dirigido, em sua segunda fase, por Edgar Leuenroth e, brevemente, por Neno Vasco (durante viagem de propaganda realizada por Leuenroth ao interior de São Paulo, entre janeiro e julho de 1910), ambos integrantes do Comitê pró Escola Moderna. Sobre a viagem de Leuenroth, ver edições de 15 de janeiro de 1910, ano IV, nº14 e de 30 de julho de 1910, ano IV, nº42, entre outras. Neno Vasco contribuiu com grande quantidade de artigos para o periódico, tornando correspondente do jornal em Lisboa conforme nota informativa do jornal (In **A Lanterna**, ano IV, nº141, 01 de junho de 1912) após seu regresso a Portugal.

12. "É intrigante notar que o dinheiro recolhido para o estabelecimento da Escola Moderna estivesse em mãos de industriais [...] a própria heterogeneidade social dos membros dos Comitês Pró-Escola Moderna manifestavam coerência das atitudes dos libertários nacionais com relação ao pensamento ácrata. Com efeito, o ideário ácrata pregava ser a construção da sociedade anárquica uma luta não só dos trabalhadores, mas de todos os homens independentemente de sua camada social de origem." (JOMINI, 1989, p. 104).

Informe sobre o início das atividades para arrecadação de benefícios em pró da fundação da Escola Moderna. (In **A Lanterna**, ano IV, nº10, 18 de dezembro de 1909, p.1)

rem fazer respeitar pela violencia o dogma intangivel. A criminosa intolerancia cega-os.

Pois bem: nós respeitamos as pessoas e repellimos, como fundamentalmente contraria ás nossas ideias, a violencia, que censuraremos, venha d'onde vier.

Mas não podemos fugir ao cumprimento do dever que fortemente sentimos de combater as ideias que julgamos falsas e nocivas. Que nos o respondam no mesmo terreno.

E quanto á critica dos actos, se em algumas accusações nos enganamos—não somos infalliveis como o papa!—que nos provem claramente o nosso erro e não poremos duvida em reconhecer—ao contrario dos clericaes, tão levianos em calumniar, como difficeis em rectificar.

Se nos repugna a violencia contra as pessoas, achamos, porém, necessaria e altamente moral a legitima defesa — para a qual estamos promptos e preparados.

Tenham, pois, juizo os fanaticos intolerantes que nos ameaçam. Tomem bromuro e deixem nos em paz—pára honra e proveito de todos.

Amen!

A Escola Moderna em S. Paulo

Na ultima reunião do comité pró-Escola Moderna ficou resolvido que se começassem os preparativos para se realizar em S. Paulo uma grande festa artistica em beneficio da Escola.

Para esse fim, já se conta com o concurso dos grupos dramaticos «Pensamento e Acção» e «Giordano Bruno» e com uma das melhores orchestras da capital. Pretende-se tambem levar a effeito uma grande kermesse, para o que já houve promessas de dadivas valiosas.

O sr. Orestes Ristori vai fazer uma série de conferencias com projecções luminosas, cujo producto tambem reverterá em favor da Escola Moderna.

O comité recebeu grande numero de cartas de adhesão a esta iniciativa, em muitas das quaes os signatarios pediam listas de subscripção, que já foram remettidas.

Foram recebidas algumas quantias em dinheiro, que em breve serão publicadas e depositadas na Caixa Economica.

A secretaria do comité, na rua Gomes Cardim n. 5, têm ido muitos operarios de diversos officios offerecer os seus serviços gratuitamente, para a construcção do edificio escolar.

Um grupo de cidadãos e distictas senhoritas de Jundiahy promoveram uma kermesse e um espectaculo em favor da mesma escola.

†

V. J. M. J.

Snrs. Redactores do pasquim A Lanterna.

Lembram-se V. V. do que aconteceu a Apulchro de Castro, o pasquineiro do tempo do Imperio, na antiga Côrte?

Pois que essa lembrança lhes sirva de aviso e de licção, e si não querem soffrer igual castigo (que o merecem, ó si o merecem!) mudem quanto antes de rumo e deixem de andar enxovalhando o Clero e a Igreja.

Que?! será possivel V. V. persistirem, sem um castigo exemplarissimo e tremendo, nesta obra satanica de insultar sacerdotes virtuosos, o sagrado nome de Deus e do seu Unigenito, os sacramentos e tudo quanto, é Sancto Sagrado e Bom?!

Fiquem sabendo que nós, os Catholicos de Campinas, o glorioso berço de D. Nery ainda agora honrado com a visita do Dr. Senna, illustrado director da E. de Minas, NÃO CONSENTIMOS que V. V. continuem insultando irmãos nossos, como fizeram com o douto Gabriel Martins; tambem ficam V. V. prohibidos de se referirem desrespeitosamente aos jornais Catholicos, e em especial ao *Mensageiro Parochial*, a excellente folha de Vicente Mellilo, de collaboração com o sapiente P. Osamis, director dos Maristas, e outros eminentes sacerdotes e homens de lettras, dos quais um até é da Academia Paulista.

V. V., e todos os hereges e atheus, são uns perversos, aliados do *tinhoso;* não merecem a minima consideração nem piedade, porque por causa dos crimes de V. V. e dos outros como V. V., todos nós estamos penando: V. V. atrahiram as Iras de Deus sobre o Brasil!

Cuidado! A raça dos Ravaillac não se extinguiu ainda!!!

Um Filho de Maria Santissima.

†

NOTA. — O original, com o correspondente enveloppe, acha-se em nossa redacção á disposição de quem o quiser examinar. Isto para evitar que se supponha ser calumnia e invenção nossa o presente escripto.

Tiro peia culatra

O estado maior do exercito de parasitas ha de sentir-se orgulhoso com a *victoria* ganha no sabbado ultimo por um bando de garotos que, ás ordens de um chefe do mesmo titulo, assaltou os meninos que apregoavam *A Lanterna*, e depois, sem olhar ás consequencias, foram vaiar a redacção do jornal.

Dou a minha palavra que sinto não ser bispo para condecorar, como merece, o general autor desse plano estrategico, honroso para quem o traçou e glorioso para quem o executou.

Se alguma coisa ha que lamentar é que tal commandante, taes soldados: o primeiro um velhaco de força e os segundos pobres garotos inconscientes e inexperientes, que, fascinados pelas offertas do tal padre, não hesitam em atacar innocentes companheiros, que já precisam lutar pela vida, afim de ganhar os meios de subsistencia.

Se analysamos o modo estupido e grosseiro como foi commettida ou organizada tal violencia, não achamos estranho que sejam padres os inspiradores, pois são essas as armas inhabeis e perversas de que aquella especie lança sempre mão. Como aquelle que cospe para o ar, sem lhe vir á ideia que o escarro lhe vai cair na cara, o autor ou autores do plano não repararam que com esse attentado mais popularizariam o inimigo que pretendem combater.

Se achais injustas as accusações e criticas d'*A Lanterna*, porque não usais dos meios que todo homem digno e seguro da sua justiça e da verdade teem á sua disposição para se defender e defender as suas ideias?

São porventura assaltadas as redacções dos vossos jornaes, onde no entanto se prégam as mais

Excursão de pr

Partiu domingo e
d'*A Lanterna* o noss
ro de redacção Eduar
que está percorrendo a
na, encarregando-se ac
po da cobrança.

Em todas as cidade
passar o nosso comp
conferencias, se o loca
para o que, esperamos
correligionarios envida
esforços.

E dos assignantes
toda a boa vontade e
litar a cobrança concor
modo, para a nossa

Em Campinas o nosso
ro fez uma conferenci
feira, partindo para R.
nopolis, Salles Oliveira,
Sertãozinho, Franca e U
volta S. Simão, Cra
Branca, Mocóca, S.
Pardo, S. João da Boa
gy-Guassú, Espirito S
nhal, Mogy-Mirim,
corro, Campinas, Jun

Opportunamente in
demais logares em
companheiro tocará no

Para que a sua ta
nos fatigante insistim
os nossos assignantes
fiquem a auxilia-lo
modo, afim de que o p
Lanterna se accentu
mais para terror dos
presentantes do clero.

— Apesar do seu rótulo positivista — «Or
gresso», hei de engulir esta pilula!

maneira, participavam das disputas pelos espaços sociais da cidade. *A Lanterna* se destacou como o principal periódico empenhado na divulgação e concretização do projeto da Escola Moderna em São Paulo. Um jornal considerado como pertencente ao círculo anarquista paulista, mas que se apresentava *apenas anticlerical e de combate ao dogma e opressão de consciências: aqui poderão reunir-se, nesse intuito, todas as tendências sociais* (In **A Lanterna**, ano IV, n.12, 1 de janeiro de 1910), congregando assim grande número de colaboradores muitas vezes distantes das rodas anarquistas. O anticlericalismo coincidiu com as simpatias comungadas por setores sociais não hegemônicos pelo ensino cientificista, levando-os a apoiar a iniciativa da Escola Moderna hasteada pelos anarquistas (GHIRALDELLI, 1987, p.132). O combate clerical, assim, pode ter sido a grande bandeira que vinculou a gênese da experiência de São Paulo ao programa da Escola Moderna de Barcelona.

Outra evidência dessa aproximação pode ser notada no artigo de Leão Aymoré, *As torpes infamias dos jesuitas no Brazil* (In **A Lanterna**, ano IV, nº3, 30 de outubro de 1909). Nele o autor apresenta a luta anticlerical sobrepondo-a como razão da defesa do ensino científico e racional como eixo vertebral da formação de indivíduos generosos e emancipados intelectualmente. Mais uma sugestão pode ser lida na publicação do artigo "A renovação da escola" em que Francisco Ferrer justificou a importância do afastamento da educação de todo credo religioso, bem como da ideologia governista interessada na formação do povo como instrumento de desenvolvimento econômico do país. Ele aponta neste texto que somente a intenção científica da educação, conforme postulado pelos progressistas, não propiciaria a emancipação do cidadão, que se instrumentalizaria sem se libertar das amarras da dominação social imposta por alguns sobre outros homens.

> "[...] A maior parte dos homens de progresso della esperam tudo e é só nestes ultimos tempos que alguns começam a comprehender que ella não dá sinão ilusões (...) É que a organização da escola, longe de corresponder ao ideal que della se forma facilmente, faz da instrucção, na nossa época, o mais poderoso meio de escravização nas mãos dos dirigentes. [...] É bastante conhecido para poder ser caracterizada com uma só palavra: coacção. A escola encarcera as crianças physica, intellectual e moralmente, para dirigir o desenvolvimento das suas faculdades no sentido desejado. Priva-as do contacto com a natureza afim de as poder modelar a seu modo."
> (FERRER i GUÀRDIA In **A Lanterna**, ano IV, n.6, 13 de novembro de 1909)

A comunhão anticlerical entre a proposta educativa de Francisco Ferrer e o ideário político de *A Lanterna* parece ter feito da presença de Edgar Leuenroth e Neno Vasco, como membros do Comitê Pró Escola Moderna, elos entre o combate ao clericalismo e a educação racional. O objetivo era claramente apresentado: afastar a contaminação dogmática da formação intelectual da população operária. E não por acaso o fuzilamento de Ferrer, em Barcelona, parece ter coincidido com o momento de lançamento da segunda fase de *A Lanterna* (1909-1916). O catalão se tornou mártir e símbolo para a luta contra a dominação ideológica que incidia sobre os trabalhadores.

Desde sua primeira fase (1901-1904), dirigida por Benjamin Mota e contemporânea à publicação de *O Amigo do Povo*, o jornal *A Lanterna* apoiava a fundação de escolas laicas conforme estampado em muitas de suas edições. A educação, como instrumento da ação direta anarquista, estava veiculada em tais jornais, propagandeando iniciativas escolares pontuais e publicando

A LANTERNA

GRANDE COMICIO

Commemoração do 1.º anniversario do assassinato do Grande Educador

Ninguem esqueceu, nem esquecerá nunca o sombrio e lutuoso 13 de Outubro de 1909, dia em que, victima de um assassinato friamente premeditado, urdido nas trevas, mas revestido dos requesitos de um processo legal, Francisco Ferrer tombou, ensanguentado, nos fossos sinistramente celebres do castello execrando de Montjuich.

De ha muito o clericalismo hespanhol e o governo, de parceria, vinham estreitando o circulo de odio e de exterminio que envolvia a Ferrer e á sua immorredoura obra, a Escola Moderna, cujos eusinos calcados nos preceitos elevados da sciencia e da razão eram aptos a formar gerações conscientes que iriam, no futuro, ameaçar de morte ás instituições retrogradas, incompativeis com o adiantamento do povo.

Os dias sangrentos de Barcelona offereceram o almejado pretexto para vibrar o golpe aniquilador á Escola Moderna e a seu fundador, e o governo e o jesuitismo, vinculados pelo mesmo sentimento de odio, pelo mesmo desejo de esmagar o pensamento, não hesitaram em immolar ao seu furor insano, a victima innocente.

Porque, para justificar o sacrificio de Ferrer, allegavam os interessados em sua morte que elle se envolvera nos levantes de. Barcelona.

Era uma infamia!...

Aquella revolta, aliás justissima, não fôra feita por Francisco Ferrer nem elle participara de seus combates.

E a prova de sua innocencia, que hoje, nem os seus inimigos ousam negar, resaltou, brilhantissima, nos protestos unanimes da Terra inteira, crystalizou-se na consciencia de todos os homens emancipados, e affirmou-se soberanamente com a immediata queda do chacal Maura e com a mudança de politica do rei Affonso XIII que, para se manter no throno oscillante teve de apoiar a Canalegas e permittir que este iniciasse o saneamento mental e moral da Hespanha com a expulsão dos parasitas odiosos que medram nos conventos e nas sacristias.

O clero, cujas tramas e ardis são hoje de sobra conhecidos, pretende por todos os meios readquirir a ascendencia perdida, renovar os autos de fé, restabelecer o santo officio, dominar as consciencias, encher de trevas os cerebros de seus discipulos e locupletar-se de riquezas á custa do suor e da ignorancia dos fanaticos. Seu predominio é uma constante ameaça á prosperidade de um povo e um entrave á marcha do progresso.

E aqui, no Brazil, elle tende a se desenvolver, a se implantar graças á indifferença dos elementos liberaes que em sua grande parte, vêm, insensiveis, avolumar-se a onda clerical, e estender-se pelo paiz como um enorme bando de acridios famelicos e destruidores.

Já o clero ostenta, vaidosamente, a sua força. Já lhe parece sorrir a victoria que lhe assegurará o dominio completo do povo e em passeatas carnavalescas faz exhibição provocante de suas forças.

E' tempo de reagir. O 13 de Outubro deve marcar o inicio de uma campanha tenaz, constante, systematica contra os inexhoraveis oppressores dos povos, os inimigos da luz e da razão, os arautos do erro e do embuste, a guarda avançada da tyrannia e do despotismo.

A morte de Francisco Ferrer que, em Montjuich, foi varado pelas balas que o odio jesuita forjou em seu antro tenebroso, clama vingança.

Todos os que pensam livremente, todos os que desejam se libertar do jugo do dogma, todos os que propugnam a liberdade e desejam ver vencido, impotente e examine o monstro clerical, são convidados para o

GRANDE COMICIO

que usando do mesmo direito gosado pelos clericaeso, será realizado no dia

13 do corrente, ás 7 horas da noite

NO LARGO DA SE'

Nesse comicio, em que tomarão parte as associações liberaes de S. Paulo, lojas maçonicas, centros republicanos de varias colonias e sociedades de educação, e varios oradores conhecidos usarão da palavra, para mais uma vez, profligar o clericalismo feroz, formando-se em seguida um prestito que percorrerá as ruas centraes.

Ninguem deve faltar nesse dia, pois que é necessario demonstrar aos inimigos de Ferrer, aos que o sacrificaram, que a sua obra permanece, progride, e hoje os homens livres, nos centros cultos, formam a maioria, preponderam sobre as turbas de fanaticos irresponsaveis e inconscientes que o veneno do mysticismo inutilizou, embotando-lhes a intelligencia.

Uma vez que o clero, num desafio tolo, passa revista ás suas forças é necessario desilludi-lo, fazendo-lhe ver que ainda ha em S. Paulo milhares de pessoas que vibrando de enthusiasmo, promptas a arrostar todos os sacrificios, batalham corajosamente contra uma casta que tem escripto, com letras de sangue, paginas dolorosas na historia da humanidade.

As associações e grupos dos suburbios e arrabaldes devem reunir-se num mesmo ponto e incorporados, acompanhados de musica, estacionarem no Largo da Sé, ás 7 horas da noite.

Deverão trazer seus estandartes e disticos bem expressivos em letras grandes, procurando distribuir com antecedencia boletins convidando o povo a tomar parte na manifestação.

O prestito descerá a rua 15 de Novembro, passará pelo Largo do Rosario, rua São Bento, rua Florencio de Abreu e irá até ao jardim da Luz afim de depôr, no pedestal do busto de Garibaldi algumas corôas de flores dedicadas aos livres pensadores Libero Badaró, dr. Bettoldi, ao poeta brasileiro Antonio José da Silva, o Judeu, queimado em Portugal pela Inquisição em 18 de Outubro de 1739 e a Francisco Ferrer e seus companheiros de martyrio.

Libero Badaró e dr. Bettoldi foram, em S. Paulo, dos que primeiro combateram o jesuitismo. Eram paladinos da liberdade e por muito tempo jazeram esquecidos.

Que ninguem falte no *dia 13 de Outubro ás 7 horas da noite, no Largo da Sé.*

E' urgente começar a campanha contra os sugadores da humanidade, que a embrutecem e a exploram.

Abaixo o clericalismo nefando!
Viva a memoria de Francisco Ferrer!!
Viva a *Escola Moderna!*
S. Paulo, 9 Outubro 1910.

Comitè pró ESCOLA MODERNA

Todos ao comicio!

Divulgação de ato em razão do aniversário de morte de Francisco Ferrer. (In **A Lanterna**, ano IV, nº52, 8 de outubro de 1910, p.4)

Loterias de São Paulo

Quinta - feira, 27 de janeiro

Magnifico plano

60 CONTOS

Bilhetes á venda em todas as casas lotericas

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

Tencionamos facilitar aos nossos leitores a acquisição de obras — livros e opusculos — sobre a questão religiosa e social, que elles poderão, por nosso intermedio, mandar vir de fóra ou obter da bibliotheca que esperamos poder brevemente constituir e alargar. Temos o projecto de editar quanto antes um pequeno catalogo não só das publicações que tivermos em deposito, como das que poderemos encommendar fora para os nossos amigos: livros, opusculos, revistas, periodicos, cartazes illustrados, etc. Assim completaremos a nossa modesta obra de guerrilheiros, proporcionando aos anticlericaes e livres-pensadores fontes de estudo, meios de se tornarem cada vez mais conscientes das ideias de liberdade de que são defensores.

Entretanto, temos já á venda:

TIERRA LIBRE, fantasia communista, por Juan Grave, em hespanhol

Edição da *Escuela Moderna*, de F. Ferrer

Preço: 2$000

Elegante volume de 200 pag. encadernado em percalina

A Mulher e o Militarismo, D. Nieuwenhuis	100
A Peste Religiosa, J. Most	100
Religião da Morte, H. Salgado	1$200
Os Apostolos, Renan	3$500
Vida de Jesus, »	3$500
S. Paulo, »	3$700
Monismo, »	1$200

N. B. — E' natural que, não tendo nós capital para empregar na bibliotheca, todos os pedidos DEVEM SER ACOMPANHADOS DA RELATIVA IMPORTANCIA, sem o que não poderão ser satisfeitos, visto termos de pagar adiantadamente ás livrarias ou editores.

Benjamim Mota

não sendo redactor de A Lanterna, *mas simples collaborador, e vindo raramente á redacção, pede aos amigos o favor de não endereçarem ao seu nome a correspondencia relativa ao jornal.*

PEQUENOS ÉCOS

Anno novo—Recebemos ainda cartões de boas-festas dos srs. Ovidio de Castro; Raphael Perez, desta cidade; Luiz Macatti Junior, de E. S. do Pinhal; Otto Grassmann, de S. Simão. Manuel Domingos, de Geralina do Gravatá; Directoria da Sociedade Propagadora da Instrucção, de Pau d'Alho (Pernambuco); Miguel Barcala, de S. Vicente; Motta Assumpção, do Rio; Severiano Alberto Ferraz e familia, de Santos.

A todos desejamos prosperidade.

«O Clarão»—Já recebemos o segundo numero desta excellente publicação eventual racionalista do Porto. Este numero é quasi exclusivamente consagrado a Ferrér (e não *Ferrer*, como por engano os nossos amigos accentuam) e insere na primeira pagina uma allegoria e um retrato do nobre apóstolo da educação.

Nesta redacção: 100 réis.

Brutal aggressão — Recebemos o seguinte:

Aos collegas — *Brutal aggressão á imprensa.*

Hoje, ás 9 horas da manhã, foi brutalmente aggredido na redacção da *Tribuna Popular*, com tentativa de assassinato pelo valentão João Soares, conhecido pelas façanhas praticadas neste lugar, o redactor da mesma folha sr. Francisco Coelho.

Foi suspensa a publicação da folha por falta de garantias.

Esperamos solidariedade dos collegas.

Espirito Santo da Fortaleza, 31 de dezembro de 1909.—*A redacção.*

«Folha do Povo»—Faltando-nos deste jornal os ns. 60 (de 21-22 de maio), 62 de 23-24) e 65 (de 28-29) muito agradeceriamos a quem quisesse dispor delles em nosso favor, avisando-nos das condições.

A Ré-publica

A folha de Jardinopolis, no n. 154 que acabamos de receber, continua a dizer sandices numa admiravel inconsciencia. E' natural: aquillo está-lhe no sangue.

No proximo numero, conversaremos.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

A Escola Moderna em S. Paulo

A Commissão iniciadora deste bello emprehendimento acaba de espalhar profusamente a seguinte circular, que cada um dos nossos leitores deve tomar a si dirigida:

Como tereis visto pelas publicações feitas nos jornaes, será em breve fundada em S. Paulo uma ESCOLA MODERNA segundo o modelo daquelle pela qual foi condemnado ao supplicio ultimo o grande apostolo da liberdade—Francisco Ferrer.

Ora, esta importante iniciativa destinada a resolver um dos mais interessantes problemas moraes — o da educação baseada sobre o ensino livre da natureza e sobre as sciencias — á arrancar o cerebro das crianças á influencia nefasta de prejuizos embrutecedores e de doutrinas immoraes, a oppor-se á obra de escravização e de regresso emprehendida pelos padres nos conventos, nos seminarios e nas escolas, a caminhar, em summa, as novas gerações para os limites maximos da intellectualidade e do progresso, tem necessidade, para se tornar um facto concreto, do apoio incondicional, prompto, efficaz, dos livres pensadores em geral, de todos os que vêem, na realização desta empresa grandiosa, uma maravilhosa conquista do pensamento moderno é um poderoso factor de civilização!

E' pois aos livres pensadores, aos amantes da liberdade e do progresso, e particularmente a vós, que sabemos animado por um ardente zelo de amor por tudo quanto é grande, util e bom, que nós dirigimos, dizendo: AJUDAI-NOS NESTA GRANDE INICIATIVA, SUPERIOR CERTAMENTE ÁS NOSSAS FORÇAS, POIS QUE SEM O VOSSO INDISPENSAVEL E VALIOSO APOIO, CORRERIA O RISCO DE NAUFRAGAR.

Pensai que para a fundação desta ESCOLA MODERNA de São Paulo apetrechada com todo o material escolar para fornecer ás numerosas filiaes que se estabelecerão nas localidades do interior, são nesessarios mais de 70 contos. Pensai nas numerosas e grandes difficuldades que teremos de vencer, nos sacrificios immensos que a commissão deverá enfrentar para o bom-exito da empresa, e considerai depois quão precioso e bem acolhido pode ser o vosso auxilio e o de vossos amigos.

Confiamos, portanto, em que tambem nessa localidade se constitua por iniciativa vossa ou de outros, a quem igualmente enviamos copia da presente circular, uma sub-commissão que se encarregue de recolher immediatamente dinheiro por meio de festas-kermesses, subscripções, etc, ou como julgardes mais conveniente, tendo a bondade de communicar á commissão de S. Paulo as iniciativas que tomardes em pró da Escola Moderna.

Saúde e fraternidade.

A commissão:

Leão Aymoré (guarda-livros), *secretario*; Dante Ramenzoni (industrial), *thesoureiro*; José Sanz Duro (negociante); Pedro Lopes (industrial); Tobias Boni (artifice); Luiz Damiani, Edgard Leuenroth, Eduardo Vassimon Neno Vasco e Orestes Ristori (jornalistas).

Srta. Leonor Pedrozo
EMBELLECIDA COM A
Emulsão de Scott

"Minha filha Leonor padeceu durante varios annos de Eczema e Anemia. Recorri a todos os medicamentos sem obter proveito algum, até que tive a feliz ideia de darlhe a Emulsão de Scott que lhe restituiu a saude."
—ANTONIO PEDROZO,
Campinas, S. P.

Nada desfeia mais o rosto das senhoritas como a côr macilenta, os cravos, espinhas, eczema e outras erupções da pelle que proveem da impureza do sangue.

A *Emulsão de Scott* regenera e enriquece o sangue melhor e mais rapidamente que nenhum outro remedio, expelle do systema toda a impureza e dá á tez a côr rosada que é distinctivo de belleza e saude.

Exigir sempre esta marca, sem a qual nenhuma Emulsão é boa nem legitima.

Scott & Bowne, Chimicos, Nova York

A sacristia, a Bolsa e a caserna são tres antros associados para vomitar sobre os povos a noite, a miseria e a morte.

BLANQUI.

Se faz necessaria

Vale a pena ler, caros leitores, o que diz o distincto medico do Rio de Janeiro, dr. Affonso de Moraes, sobre a efficacia da Emulsão de Scott:

«Attesto que tenho empregado em minha clinica a Emulsão de Scott de oleo de figado de bacalhau em casos que uma medicação reparadora se faz necessaria, tendo colhido resultados sempre que as vias digestivas supportam-na bem. O referido é verdade e o juro á fé do meu grau.»

Nota a respeito da circular que informou aos leitores sobre fundação do Comitê Pró Escola Moderna. Ver circular reproduzida no final do capítulo. (In **A Lanterna**, ano IV, nº14, 15 de janeiro de 1910, p.3)

textos trazidos do movimento internacional. Entretanto, nenhuma menção à Escola Moderna de Barcelona, com notícias sobre seu funcionamento nesse período, foi encontrada entre suas edições cuja publicação coincide com seus anos de atividade, entre 1901 e 1906. Fato curioso que corrobora o entendimento de que o projeto de criação da Escola Moderna em São Paulo, além de uma campanha pela educação popular, foi instrumento de combate ao clericalismo que se consolidava entre as formações políticas do início do século no Brasil.

Compostas predominantemente por slogans anticlericais, as edições da segunda fase de *A Lanterna* se concentravam em divulgar o ensino racionalista e angariar fundos[13] por meio da realização de palestras, exibição de filmes, organização de festas, publicação de textos e, inclusive, pela distribuição de listas de subscrição em pró da criação da Escola Moderna. As arrecadações tinham como finalidade a *edição de obras destinadas aos professores e discípulos; a aquisição de um prédio, com um terreno suficiente para implantação de uma escola modelo; a reunião de um núcleo de professores idôneos; auxílio às escolas inspiradas nos mesmos métodos* (In **A Lanterna**, ano IV, nº10, 18 de dezembro de 1909).

Entre 1911 e 1912 as publicações em torno da criação das Escolas Modernas arrefeceram[14] e as páginas do periódico foram dominadas pelas denúncias acerca do caso da morte da menina Idalina. A partir de 1912[15], a presença de João Penteado entre os militantes de *A Lanterna* talvez tenha sido decisiva para o reavivamento das atividades do Comitê, haja vista a criação da primeira Escola de ensino racionalista, sob a direção de Penteado, ter sido anunciada em maio de 1913 com o nome de *Escola Livre*. Esta escola parece ter sido o pontapé inicial para a instituição da Escola Moderna nº1[16] de São Paulo. A abertura da Escola

13. Em 13 de outubro de 1910, *A Lanterna* lançou edição comemorativa, especial com oito páginas, em razão do aniversário de morte de Ferrer. Na edição seguinte, após um ano de campanha intensa para arrecadação de benefícios em Pró Escola Moderna, anunciou ter alcançado 12$000 dos 80$000 necessários para a abertura da primeira Escola (In **A Lanterna**, ano X, nº54, 22 de outubro de 1910).

14. Em circular do Comitê da Sociedade Escola Moderna, a inatividade em pró da fundação das Escolas foi exposta sem exploração das razões pelas quais aconteceu, não deixando legível o motivo pelo silêncio quanto à fundação da Escola Moderna de São Paulo entre os anos 1911 e 1913 (In **A Lanterna**, ano XIII, nº228, 31 de janeiro de 1914).

15. Participação deflagrada pelas *excursões de propaganda* realizadas pelo interior de São Paulo e pela publicação de textos no periódico. O início da viagem de propaganda e cobrança feita por João Penteado é noticiada baixo o título "Aos assinantes da Mogyana" (In **A Lanterna**, ano XII, nº166, 23 de novembro de 1912). Seus relatos sobre a viagem foram escritos em cartas publicadas entre as edições 169 e 174 do jornal. Um esforço em organizar alguns dados biográficos de João de Camargo Penteado, nascido na cidade de Jaú em 1877, foi feito por Luizetto (1984, p.268) em sua tese de doutoramento. Outra referência é a tese de Peres (2010), *Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites*, que organiza uma monografia detalhada sobre a figura de Penteado.

16. O anúncio de abertura da Escola Livre indicava que estava localizada à Cotegipe, 26. Logo nos anúncios da edição nº212 mencionavam pela primeira vez a Escola Moderna nº1 e informavam sua mudança de endereço para a Rua Saldanha Marinho, 58. A comparação desses anúncios leva à suposição de que a Escola Livre foi transformada na Escola Moderna nº1 em data posterior à abertura da Escola Moderna nº2. Em finais de 1915, Escola Moderna nº1 se mudou para Avenida Celso Garcia, 262 (In **O Início**, nº3, 19 de agosto de 1916), local do *antigo Grupo Escolar do Belenzinho* (In **A Lanterna**, ano XV, nº284, 29 de janeiro de 1916).

Moderna nº2[17], inicialmente dirigida por Florentino de Carvalho[18], foi anunciada em agosto do mesmo ano (In **A Lanterna,** ano XIII, nº205, 23 de agosto de 1913). Mas somente em outubro, face às comemorações do quarto ano de aniversário de fuzilamento de Francisco Ferrer e também da segunda fase de *A Lanterna,* a abertura das primeiras Escolas foi anunciada oficialmente como uma empreita *há um par de anos iniciada com ânsia e entusiasmo por um núcleo de camaradas de S. Paulo*. Apesar de não terem sido fundadas na completude das *exigências do modelo racionalista* devido aos escassos recursos, o Comitê decidiu pelo início da execução do projeto voltando a organizar-se e a movimentar a imprensa operária com divulgações sobre a Escola Moderna (In **A Lanterna**, ano XIII, nº213, 18 de outubro de 1913).

A mesma dificuldade econômica que assolou os anos que antecederam à fundação da primeira Escola permaneceu até a ordem de fechamento em 1919. As Escolas Modernas de São Paulo, ao longo de seus cursos, não tiveram a mesma estabilidade financeira e estrutural da precursora de Barcelona[19]. Nascidas da colaboração de militantes, livres-pensadores e outros simpatizantes, as escolas dependiam da eventual colaboração financeira de apoiadores do ensino racionalista, seja por meio da participação em festas e eventos ou por meio de doações feitas por intermédio de listas de subscrições, circulantes tanto na capital como no interior. Entre os inúmeros pedidos de contribuição, o trecho que segue é somente um exemplo.

> "Aos companheiros que se subscreveram como contribuintes da Sociedade Escola Moderna e que ainda não pagaram as suas quotas, pode o Comité o especial obsequio de fazerem a entrega das mesmas na sua secretaria, no largo da Sé, 5, 2º andar, visto como ainda não póde organizar o serviço de cobrança em toda a cidade." (In **A Lanterna**, ano XII, nº234, 14 de março de 1914).

17. A Escola Moderna n°2, instalada inicialmente à Rua Muller n°74 (In **A Lanterna**, ano XII, nº205, 23 de agosto de 1913), mudou-se para a Rua Oriente n°166 (In **A Lanterna**, ano XV, nº282, 14 de agosto de 1915). Uma última mudança da Escola n°2, já sob a direção de Adelino de Pinho, aconteceu para Rua Maria Joaquina, 13 (In **Boletim da Escola Moderna**, ano I, n°3/4, 01 de maio de 1919).

18. Florentino de Carvalho foi o pseudônimo usado pelo imigrante espanhol Primitivo Raimundo Soares (1883-1947), como tipógrafo colaborou com a militância anarquista, atuando, sobretudo na cidade de Santos. Foi expulso do Brasil em 1912, retornando ao país poucos anos depois. Em data não identificada, a direção da Escola Moderna n°2 passou às mãos de Adelino de Pinho (1885-?) imigrante português que, em 1908, apareceu em *A Lanterna* como um dos colaboradores do projeto de ensino levado a cabo pela Liga Operária de Campinas, onde proferiu uma conferência que, logo, foi editada sob a forma de folheto. A respeito deste trabalho, o artigo destaca: "É um trabalho ligeiro, modesto, mas de muita edificação. Não trata de exhibir e ostentar erudições pedagogicas; nao versa systemas, methodos e processos didaticos; mas simples e essencialmente examina o caracter das crianças; a missão sublime das mães na educação dos seus filhinhos; a sua influencia salutarissima no lar domestrico e na regeneração da humanidade; mas lamenta a ignorancia das mães e excitam os maridos, todos os homens de intelligencia e coração a instruir e educar a mulher convenientemente, para ella poder bem desempenhar o seu transcendente papel nos destinos da humanidade. O autor occupa-se da hygiene da criança, e deseja-a, forte, energica, bella, ingenua, sincera, apta para bem pensar bem produzir, pela vida adiante [...]"(In **A Lanterna**, ano IV, nº1, 17 de outubro de 1909). O folheto se intitulava "Pela educação e pelo trabalho" e foi oferecido aos leitores entre os títulos da *Bibliotheca d´A Lanterna,* ao lado do texto "Evolução, revolução e ideal anarquista", de Élisée Reclus, "Tierra Libre", de Jean Grave, entre outros.

19. Mesmo após a inauguração do projeto, as Escolas permaneceram lançando pedidos de contribuições mensais a fim de auxiliar na manutenção de suas atividades (In **A Lanterna**, ano XII, nº213, 18 de outubro de 1913). Com outra condição, Francisco Ferrer viabilizou financeiramente a criação da Escola Moderna de Barcelona com herança recebida da Sra. Ernestina Meunier, francesa a quem está dedicado o texto do primeiro capítulo da publicação póstuma *La Escuela Moderna* (FERRER i GUÀRDIA, 1976).

A instabilidade econômica decorrente da primeira grande guerra agravou a arrecadação de donativos para a manutenção das atividades escolares e, apesar de desenvolverem um fecundo trabalho de propaganda e de contar com o apoio de setores razoavelmente endinheirados[20], as Escolas Modernas enfrentaram dificuldades financeiras durante todo o percurso dos trabalhos. Aliavam-se a tal vulnerabilidade ataques de setores clericais[21] e, após 1917, do governo paulista[22]. Personagens que reafirmaram seus papéis na disputa ideológica republicana a partir de meados da segunda década do século, determinando o fechamento do cerco e a limitação da atuação da Sociedade Escola Moderna.

> "É certo que a crise se encontra ainda sem solução, em seu período mais agudo, mas também não é menos certo que os trabalhadores não precisam só de pão para a boca. Eles, além disso, precisam de educação e de instrução conformes com o método racionalista que lhes liberta a consciência e dá aspiração para a liberdade e para a vida." (In **A Lanterna**, ano XII, nº262, 26 de setembro de 1914).

O impacto das greves de 1917 e 1918 sobre o imaginário das elites republicanas reposicionou a função da imigração nas intenções políticas para o desenvolvimento do país. Os imigrantes deixaram de ser apreciados pelo potencial aprimoramento da raça brasileira que aportavam ao crescimento nacional e se converteram em ameaça ao projeto de Estado Nacional. No âmbito educativo, como representante da diretoria de instrução pública paulista, Sampaio Dória[23] afirmava em seus discursos a importância da alfabetização e do aculturamento dessa nova população a fim de coagir

20. Como apontado anteriormente, setores não necessariamente pertencentes ao movimento operário. A Escola Moderna n°1 chegou a receber ajuda financeira de lojas maçônicas, como a Benemérita Loja Maçônica Eterno Segredo, da cidade de São Carlos do Pinhal (In **Boletim da Escola Moderna**, nº2, 18 de março de 1919). No Brasil, a aproximação da militância anarquista das organizações maçônicas pode ser reconhecida, entre outros exemplos, em nota sobre a Grande Ordem da França, publicada em 1903: "[...] Compreendendo que a Maçonaria é uma instituição cujos fins são nobilissimos, trabalhando pelo melhoramento material, moral e intellectual da Humanidade, libertando-a do jugo secular do clero [...]." (In **A Lanterna**, ano II, nº11, 15-16 de agosto de 1903).

21. O trecho que segue, retirado de artigo assinado por J. Camargo, explícita as reações dos *jesuítas de roupeta e os de casaca* frente às ações libertárias: "A necessidade da divulgação do ensino racionalista em S. Paulo e por todo o Brasil nunca se impôs tanto e de maneira tão forte como agora que os elementos mais avançados da propaganda emancipadora das consciências se vêm em luta cerrada contra os inimigos da luz e da liberdade de pensamento. Os jesuítas de roupeta e os de casaca, nestes últimos tempos, teem saído fóra do sério. Parece quererem lançar seus tentáculos em todos os departamentos sociais. Já se não contentam com exercerem influencia nas mais altas magistraturas do paiz e na politica; procuram, também, por todos os meios, introduzir-se no movimento proletário [...] Com as mil invenções por eles sugeridas e levadas a efeito, já conseguiram formar organizações operarias, que nalgumas partes do paiz tomam grandes proporções, atingem ao auge, fazendo cair em seu redil os operários ainda inconscientes de seu dever e de seu destino [...]" (In **A Lanterna**, ano XIII, nº253, 25 de julho de 1914).

22. As edições do ano I de *A Plebe* marcam o espírito do fechamento de cerco que incidiu sobre o movimento operário como decorrência das manifestações em torno da greve geral deste ano.

23. Sampaio Dória foi sucessor de Oscar Thompson na direção geral da instrução pública de São Paulo a partir de 1920. Ambos atuaram como militantes na Liga Nacionalista de São Paulo. Sampaio Doria acirrou o processo de moralização da população, já em andamento já na diretoria de Thompson.

Informe sobre a festa de inauguração das Escolas Modernas nº1 e nº2.
(In **A Lanterna**, ano XIII, nº214, 25 de outubro de 1913, p.3)

Anúncios sobre a Escola Livre, primeira escola inaugurada por João Penteado.
(In **A Lanterna, ano XII**, nº193, 31 de maio de 1913, p.3)
(In **A Lanterna, ano XII**, nº200, 19 de julho de 1913, p.3)

Escola Livre

Sob esta denominação, vem de ser fundada nesta capital uma escola dirigida pelo nosso bom companheiro João Penteado.

Sentimo-nos satisfeitos transmitindo aos leitores da LANTERNA esta noticia. Realmente não pode deixar de ser motivo de satisfação para todos os que lutam pela emancipação humana a instalação de uma escola do caracter da Escola Livre.

Não é por certo uma escola que possa competir na imponencia dos predios e no conforto da instalação com as grandes instituições religiosas ou do Estado.

Infelizmente assim não é. A escola do amigo Penteado é modesta, muito modesta mesmo. Está instalada numa pequena sala e a sua instalação é pobre.

Entretanto é para nós uma obra de valor que se inicia.

Se é verdade que nas grandes escolas clericais e do Estado as crianças podem gosar de um relativo conforto, não é mesmo certo que delas saem com todas as suas faculdades atacadas pelo virus terrivel da peste religiosa e pelos não menos maleficos preconceitos militaristas-patrioticos que provocam os sentimentos belicosos de odios entre os homens.

Na Escola Livre o seu professor, que tem pratica do magisterio, se esforçará por proporcionar aos seus alunos um ensino livre de todos os preconceitos sociais, obedecendo aos principios do ensino racionalista, que irá sendo completado na proporção que os seus recursos o permitirem.

O companheiro Penteado, esforçando-se por interessar os pais dos seus alunos na obra em que vem de se empenhar, realizará de vez em quando palestras sobre instrução e educação das crianças.

A Escola Livre está instalada á rua Cotegipe, 26, no bairro do Belemzinho, sendo as suas aulas diurnas e noturnas, obedecendo ao seguinte horario: das 11 ás 3 e 1|2 da tarde e das 7 ás 9 horas noite.

Aos amigos daquele bairro que tenham filhos recomendamos a Escola Livre.

A "Lanterna" em Minas

CARTA ABERTA

aos dd. srs. directores da «Mutua D. Silverio» — Mariana — Minas

Os jornais dos pequenos centros teem a grande vantagem de ser lidos até nas suas secções de anuncios, não escapando aos leitores mesmo as timidas publicações, feitas por uma ou duas vezes.

A mim não me escapou o vosso anuncio que, com a devida venia,

neta, e não dei
mente as suas ex
des, vilas, e até
juenos lugarejos,
orto espiritual ac
trazendo em tro
que trabalham, c
bem uns sofredor
Mas, que fazer
grandes encargos
ombros?
Numa destas p
destas lutas pe
eu e da dos fiei
pela dos fieis...
costados, naquele
fortes e bem di
dade sertaneja —
Lá encontrou
si, e viu tambe
fortado, entre e
do, comc invaria
o rev. vigario da
Mas havia muit
tudo, muitos men
S. rev. teve ent
ça — a s. rev. n
ideias — de criar r
o clima é exceler
orfãos e menin
lidos.
Ali havia tanto
Mas um colep
mente com boa v
dinheiro. E muit
Como adquiri-l
nobre?
Angaria-lo por
— não esmolas,
não pede esmola
tulas nem sempre
somas, e o colej
em larga escala.
Recorrer ao g
aos chefes polit
proprio vigario d
solução do proble
Assim se fez.
Silverio não se v
Pediu, e pedi
quem pede a Deu
necessitados, co
des pecadores per
ao virtuoso viga
fessionario...
Pedia e foi a
vado!
Obteve da mun
tos de réis; dos
do vigario da
do povo miudo
e formou um *las*
do colegio.
Mas era prec
para fazer o cole
Precisava-se,
prar-se uma fa
alunos pudessem
que se ensina no
e mais ainda, e
balho manual par
santa religião de
mente seguida pe
Mas a fazenda
tava custava 3o c
Não houve, ent
cuidade, porque
arranjou-se o
Fez-se o negoc
a fazenda denomi
Vinha mesmo
porque era para
mavera da vida!
Foi encarregad
critura em nome
bispo d. Silverio,
quecido padre Ju
Auxiliava-o o
o conego Raimu
Mello — hoje fa
um bom auxil
com 666|20 miss
contos de réis
importe das alu
de 38 cada um
quela epoca. H
clas já acompa
humana e já cu

rabalhadores em Pa-
io. O Sindicato dos
adores e Serventes
a sua assembleia de
alhos ha pouco in-
velha Liga dos Tra-
adeira tambem está
anização, já se tendo
e fim uma assem-
ra passada e outra
gremiações, existem
s Trabalhadores em
União Grafica.
realizado uma reu-
de todos esses sin-
de ser tratada a re-
nião dos Sindicatos
Paulo.
os Varios está orga-
a de propaganda.

ASSEMBLEIAS

— Amanhã, domin-
tarde, na rua do
ncadores e Ser-
s 7 horas da noite,
ara ser reorganiza-
dministrativa e no-
para o 2.º Con-
Brasileiro.
Oficios Varios —
a-feira, 24 do cor-
da noite, realizar-
geral ordinaria pa-
nte ordem do dia:
ediente; 3.º, balan-
unho; 4.º, nomea-
embros para a C. A.;
os.
omparecimento de
leias podem assistir
os que ainda não
trabalhos da as-
mpanheiro realizará
re assuntos sociais.
a do Carmo, n. 36.

. JOÃO D'EL-REY

rio — Vemos com
sta agremiação dos
joanenses entra num
itosa actividade.
e chamar a atenção
ria daquela cidade
está o centro Ope-
o uma bem elabo-
a qual são expostos
o animam e os be-
oderá proporcionar
lo devidamente aten-
circular, que publi-
tro numero, o res-
le adesão.

o seu programa de
l, aproveitou o Cen-
memoração da data
astilha para realizar
publica no Teatro
do ir para esse fim
io de Juiz de Fóra.
onstatar, justamente
2.º Congresso Ope-
este animador des-
alhadores mineiros.
iperar ter o prazer
suas agremiações
grande certamen
embro.

EM DIAMANTINA

ia — Esta velha as-
no dia 1.º do cor-
o solene para come-
iversario da sua fun-

O nosso companheiro Abranches da Rocha está em viagem de propaganda da *Lanterna* pela linha Sorocabana, seguindo depois pela S. Paulo-Rio Grande até ao Estado do Paraná.

São as seguintes as localidades a serem visitadas a seguir:

Avaré, Pirajú, Chavantes, Salto Grande, Campos Novos do Paranapanema, S. Pedro do Turvo, Santa Cruz do Rio Pardo, Tatuhi, Itapetininga, Faxina e Itararé.

A FESTA DE HOJE

Promovida pelo Centro de Estudos Sociais Francisco Ferrer, realizar-se-á hoje, ás 8 horas da noite, uma festa no Salão Celso Garcia, com o seguinte programa:

1ª. parte — Representação do drama em 3 actos R. Bracco, *Il diritto di vivere*.

2.ª parte — Conferencia sobre o tema: *Necessitá de uno ideale nel movimento operaio*.

3.ª parte — *Una madre*, monologo de E. Roland, recitado pela sra. Trieste Amato.

4.ª parte — Representação da comedia em um acto *Se fra un ora?*

A velada terminara com o indefectivel baile familiar.

ESCOLA LIVRE

Para meninos e meninas á rua Categipe, 26 — S. Paulo (Belemzinho)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela associação Escola Moderna de S. Paulo

As suas aulas tanto diurnas como nocturnas já estão funcionando com regular frequencia de alunos e a inscrição para a matricula se acha aberta, mediante a contribuição mensal de 3$ para as aulas diurnas e 4$ para as nocturnas.

O fornecimento de livros e materiais e feito gratuitamente aos alunos da escola afim de facilitar aos operarios a educação e instrucção de seus filhos segundo o metodo racionalista.

Horario das aulas:

De dia: das 11 ás 3 1/2 da tarde.
De noite: das 7 ás 9 horas.

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de *portuguez*, aritmetica, geografia, historia do Brazil e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

panelas a transbordarem do
dito e nojento insecto...
m casal então muito temen-
s Deus que mora lá pelos
s do Parahiba, em vista
ladainhas e das promessas
terem valor e poder para
elar o mal, teve a lumino-
deia de mandar pedir a pre-
ça do vigario padre Alfredo
seus penates. Pois acre-
va o religioso casal que com
a benzedura por ali, com o
spensavel latim e as respe-
as brochadas de agua-ben-
lavam um golpe de morte
rrivel praga, ao mesmo tem-
que faziam uma *fitazinha*
todos, inclusive o sr. juiz
sr. prefeito imitariam!
ua revma. foi solicito em
der o perseguido casal e,
ando um auto, lá se foi com
eus badulaques e petrechos
feitiçarias!
omou com os carolas um
café, saboreou um bom
rro, deitou algumas pala-
espirituosas e paramentou-
para a cerimonia... Depois
muscou, canto por canto, a
de agua-benta e... garan-
o aos dois imbecis que aca-
ia para sempre, da habita-
io, a terrivel praga, subiu
a o auto e tocou para a sua
a, tranquilo como S. Cor-
io e satisfeito como Satanaz
ois de haver descoberto o
ema!
até aqui nada vimos de ex-
ordinario, é verdade, nem de
eressante... Mas tres dias
ois é que foi engraçada a
oria, porque as formigas
tinuaram a infestar a casa
malfadado casal recebeu
a conta assim concebida:

er. *** ao padre Alfredo Pe-
:

anzimento na sua casa.	10$000
erviço do coroinha	5$000
empo de automovel....	15$000
	30$000

) que fez o casal? Pagou a
ta sem tugir nem mugir?
cebo! Soltou a lingua em
revma. pondo de parte a
giosidade e proclamando por
a a parte que as benzedu-
eram impotentes para ex-
minar as formigas, concor-
do conosco que o unico re
dio infalivel para o extermi
de formigas, baratas, ratos,
lres e outros bicharocos que
gem a humanidade é o fogo,
tricnina ou a ponta do es-
to.

Pinda., 20 de outubro de 1913.

Diabo Preto.

«A LANTERNA»

esta capital é vendida, ao preço de
réis, nos seguintes pontos:
gencia de jornais, do sr. Antonio
nto, rua 15 de Novembro, 51.

vido sem pudor e dignidade, bastando dizer que se está instaurando contra a sua nojenta pessoa tres processos crimes: um de furto, outro de ameaças e uso de armas e finalmente um terceiro por defloramento de uma miseravel, sendo que o carolissimo Dr. Mosquito é casado!!!

Previnam-se, portanto, os araxáenses, contra tal abutre e não o poupem, se quizerem estar socegados.

Um cristão.

EM PETROPOLIS

A COMEMORAÇÃO DO 13 DE OUTUBRO

Controversia com um frade

Realizou-se, no dia 12 do corrente, na séde do Centro Operario Primeiro de Maio, uma sessão de propaganda comemorativa do quarto aniversario do fuzilamento de Francisco Ferrer.

Havia este Centro distribuido manifestos convidando o operariado e o povo afim de assistirem a referida sessão, que começou ás 5 horas da tarde.

A ela compareceram dois religiosos franciscanos, facto esse que se deve frizar.

O companheiro Cecilio Vilar, falando em primeiro lugar, entusiasticamente demonstrou que a obra de Ferrer era preparar a criança de hoje para que ela seja o homem emancipado de amanhã, capaz de compreender os grandes ideais de regeneração social e de contribuir para a sua implantação.

Seguiu-se a este o companheiro José Elias da Silva, que dissertou sobre o metodo racionalista da Escola Moderna e as consequencias da aplicação deste na educação da criança, consequencias estas temidas pelo capitalismo, que vive aliado ás instituições reacionarias, as quais se apressaram em interromper, embora baldamente, a obra de Ferrer, assassinando-o.

Fala então o companheiro Leal Junior, com a sua palavra quente e inflamada, encarando sob varios aspectos a questão Ferrer, declarando que, baseado na mais absoluta tolerancia, desejava ouvir a palavra dos franciscanos presentes, pois com eles comprometia-se controverter.

Então, um dos religiosos, frei Pedro, utiliza-se do seu verbo facil e procura fazer a bio-

bate os argumentos de frei Pedro fazendo uma sintese do ideal comunista e justifica a revolução social como meio de torna-lo realizavel.

Sendo então mais de 8 horas da noite, encerrou-se a sessão, prometendo o religioso frei Pedro voltar áquele recinto, quando os seus já referidos adversarios lá estiverem.

Terminou a reunião sem que houvesse o menor incidente entre os antagonistas.

Foi inegavelmente uma proveitosa jornada de propaganda proporcionada pelo Centro Operario Primeiro de Maio, a simpatica agremiação que trabalha para difundir a instrução entre os trabalhadores daquela cidade.

ESCOLA MODERNA

A FESTA DE INAUGURAÇÃO DAS ESCOLAS

Realizou-se no domingo, conforme noticiámos, a festa de inauguração das duas escolas montadas pela Escola Moderna de S. Paulo.

A concorrencia ao salão do Congresso Gil Vicente foi regular, saindo todos favoravelmente impressionados da interessante velada.

O programa por nós anunciado, foi habilmente executado. Falaram, com geral agrado, os companheiros Florentino de Carvalho, professor da Escola Moderna n. 2, e Leão Aimoré, secretario do Comité da Escola Moderna. Os pequenos cantaram os hinos escolares e recitaram bem escolhidas poesias.

Realizou-se depois a visita á E. M. n. 2, onde ainda falaram o companheiros João Penteado, professor da E. M. n. 1, que, com um dos seus alunos, deu uma demonstração pratica do ensino da sua escola, fazendo o mesmo Florentino de Carvalho com dois dos seus alunos.

Falaram ainda outros camaradas, terminando a alegre reunião com os hinos das crianças.

Dentro em breve realizar-se-á uma nova velada na E. M. n. 1.

CONFERENCIAS SCIENTIFICAS

Promovida pelo Centro Academico Osvaldo Cruz, o professor dr. E. Brumpt, lente da Faculdade de Medicina desta capital, vai realizar uma série de conferencias scientificas, com projecções luminosas, sobre *Investigações de Parasitologia em Bauru*, no Salão do Instituto Historico e Geografico, a rua Benjamim Constant, 40.

A primeira realizar-se-á hoje, ás 8 horas da noite.

Agradecemos o convite com que fomos distinguidos.

devidos pela profissão e industria que exercem;

convencer aos menos letrados e aos fanatizados que as ideias pregadas pelo clero teem sido as mais funestas á Humanidade;

a supressão de subvenções oficiais, directas ou indirectas, a igrejas, confrarias, congregações e escolas onde se ensine religião, qualquer que esta seja;

educar a mulher proletaria de modo a servir nos hospitais e asilos, sem martirizar a consciencia dos enfermos, nem escravizar a das crianças;

ser de facto leigo o ensino nas escolas publicas ou subvencionadas pela União, Estado ou Municipio;

a liberdade de consciencia, mesmo dentro dos partidos politicos a que cada socio pertença.

a difusão de escolas racionalistas de instrucção e educação;

a liberdade ampla do pensamento mediante responsabilidade dos conceitos emitidos, contra os reaccionarios.

Artigo 3.º — Os socios serão:

Fundadores, os que assinam estes Estatutos e os que a eles aderirem por escrito até o ultimo dia do corrente ano;

Efectivos, os que forem admitidos de 1.º de janeiro de 1914 em diante;

Benemeritos, os que prestarem assinalados serviços ao ideal da Liga e isto a juizo da assembleia dos socios;

Proletores, os que fizerem elevados donativos á Liga, a juizo da administração;

Correspondentes, os que mantiverem constante correspondencia com a administração da Liga, cabendo a esta a expedição do titulo.

Artigo 4.º — Os socios fundadores e os efectivos são obrigados a uma jóia de cinco mil réis e á mensalidade de mil réis.

Artigo 5.º — Os socios não respondem por forma alguma pelos compromissos assumidos pela Administração.

Artigos 6.º — A Administração é solidaria e subsidiariamente responsavel pela guarda e fiscalização dos fundos sociais, cabendo-lhe tomar toda e qualquer providencia tendente a corresponder da melhor forma possivel á connança nela depositada pelos socios eleitores.

Artigo 7.º — A Liga será dirigida por uma Administração composta de:

Presidente,
Secretario,
Tesoureiro,
Comissão consultiva,
Comissão de propaganda.

Artigo 8.º — As obrigações da administração, das comissões e dos seus membros serão expressas em regimento particular.

Artigo 9.º — As sessões da Administração e os da assembleia dos socios serão igualmente tratados no regimento interno da Liga.

Artigo 10. — A Liga não poderá ser dissolvida enquanto existirem tres socios dispostos a mante-la; na falta [illegible] socios, o Grande Oriente do Estado fica com o direito de arrecadar o acervo da Liga e obrigação de guarda-lo ate que os seus trabalhos possam ser restabelecidos.

Porto Alegre, 20 de setembro de 1913. — *Os Fundadores.*

NOTA — Os livres-pensadores que queiram tomar parte na discussão dos Estatutos acima são convidados a enviar o seu endereço á rua General Camara, n.º 56-A.

Pythagoras.

EM S. SEBASTIÃO DO PARAIZO

Desta cidade do Sul de Minas acabamos de receber a grata noticia da definitiva instalação da Liga Operaria Força, Honra e Trabalho, que ha alguns mezes havia iniciado os seus trabalhos de arregimentação dos operarios daquela localidade.

Esforçando-se para proporcionar uma instrução social aos seus componentes, a Liga Operaria instalou em sua séde social uma bibliotheca, para o desenvolvimento da qual pede o auxilio de todos os jornais de propaganda e grupos editores, que lhe poderão remeter um exemplar das suas publicações.

Aos companheiros de S. Sebastião do Paraizo enviamos as nossas felicitações pela acertada iniciativa que veem de pôr em execução, almejando-lhes franco exito nos trabalhos em que estão empenhados.

O seu endereço é o seguinte: Liga Operaria Força, Honra e Trabalho, S. Sebastião do Paraizo, Sul de Minas.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

França

Clericalismo — Anatole France, em carta enviada á «Federação das Juventudes leigas», escreve:

«Nunca em França se necessitou mais da vossa inteligencia e da vossa coragem. A Separação foi feita de modo a dar ao clero inteira independencia sem lhe tirar nenhum dos seus privilegios. Unido ao partido militar, pode ele empreender tudo, ousar tudo. Se a isso se não prestar atenção, um governo criminoso e um Parlamento imbecil em breve lhe entregarão a Republica. Os bispos poem em interdicto os professores primarios oficiais; e ja se fala dum general para fazer dele um diplomata e manda-lo negociar ao Vaticano. Associo-me, caros camaradas, á vossa acção contra o partido negro para defesa da sociedade leiga e para salvar a nação dum irreparavel desastre. Porque é sabida a sorte dos paizes governados pelos padres.»

O alarme de Anatole France, que não é aliás um anticlerical jacobino e regalista, e ainda justificado por novos factos e indicios recentissimos.

Por ocasião da recente viagem do presidente Poincaré através de alguns departamentos da França, como a visita do chefe do Estado coincidisse com uma sexta-feira, o cardial Andrieu, arcebispo de Bordeus, dispensou os seus diocesanos, visitados pelo presidente, do preceito da abstinencia da carne, e ao mesmo tempo pediu «aos catolicos de Bordeus uma oração ... para que Deus abençoe os que presidem aos destinos da França e lhes inspire regulem o mais cedo possivel a questão religiosa...»

O cardial Andrieu quer que a lei francesa se ponha de acordo com a «lei divina, que fixa as relações dos dois poderes, e que o papa S. Gregorio recordou com tanta autoridade como precisão, quando escreveu ao imperador Mauricio: «Sabei, ó grande imperador, que o poder soberano vos é concedido pelo Altissimo, para

PALHAÇOS AMBULANTES

"A Plebe" por ahi afóra

EM IGARAPAVA

Escola Moderna N. 1

Instituto de Instrucção e Educação para menores e adultos de ambos os sexos

Aulas diurnas e nocturnas

Aos Lavradores

ENGENHO STAMATO

TOSSE

XAROPE DE GRINDE

GRAVIDEZ

Philagina

Casa Colli

QUALHO LIQUIDO HALLEY

Anúncio de divulgação da Escola Moderna nº1
(In **A Plebe**, ano I, nº1, 9 de junho de 1917, p.4)

a consolidação de hábitos maléficos entre a população, referindo-se diretamente à presença dos imigrantes como uma ameaça (CARVALHO, Marta M. C. In LOPES et al, 2000, p.228).

Por outro lado, a corrente de ideias nacionalistas, centradas na figura de Olavo Bilac, ganhava força voltando-se para a interpretação da realidade histórica brasileira e satisfazendo uma lacuna deixada até então pelas correntes de esquerda. O clima de entusiasmo patriótico que ambientou a constituição da Liga Nacionalista de São Paulo, pelo fortalecimento da unidade nacional e defesa da institucionalização escolar, ocupou esta lacuna no momento em que anarquistas e socialistas *tentaram a aplicação mecânica de categorias de um modelo que transbordava o singelo contexto histórico-social da sociedade brasileira da época* (NAGLE, 2001, p.63)[24]. Orientação política que atraiu a atenção da pequena burguesia que, até então apoiava em grande medida o projeto político libertário. O isolamento dos libertários, contextualizado pela intensificação da perseguição política que sofreram após as campanhas grevistas, determinou o enfraquecimento da plataforma educativa como ação direta do movimento.

> "[...] é preciso captar as semelhanças e as diferenças entre o que propunham as elites e o que desejavam os trabalhadores. Enquanto Olavo Bilac desencadeava sua campanha pelo serviço militar obrigatório, e as Ligas Nacionalistas divulgavam uma proposta pedagógica acoplada ao militarismo e ao xenofobismo, os libertários, ao contrário optavam por proposta distinta." (GHIRALDELLI, 1987, p.111)

O ambiente de entusiasmo pela educação saltava aos olhos dos homens da política republicana. A disputa pelo controle ideológico deste "instrumento de dominação" – como havia identificado Ferrer ao acusar a educação dogmática dirigida pelo Estado e pela Igreja – passou a ser acirrada e portas foram fechadas para impedir a prosseguimento de ações politicamente independentes como a dos libertários. Em 1919, a Escola Moderna representada por João Penteado, foi notificada por ofício do então Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, Oscar Thompson que determinou a cassação da autorização de funcionamento das duas Escolas devido à falta de cumprimento das exigências dispostas no artigo 30 da lei 1579 de 1917[25].

24. Na opinião de Jorge Nagle: "[...] conservados seus elementos universais, obtidos pela análise de formas históricas mais evoluídas, tentou-se interpretar a realidade brasileira, que apresentava alguns sinais de transformação orientados naquele sentido. Por isso mesmo, o que excedeu em esquema teórico, faltou em informações históricas concretas. De modo geral, tais correntes de ideias ou movimentos político-sociais não se deixaram impregnar por determinadas condições da ambiência histórica do período, que era, fundamentalmente, a preocupação em "pensar o Brasil" e em função disso, retirar as necessárias consequências para atuação." (2001, p. 63). Por outro lado, Boris Fausto aponta para o que seriam determinações estruturais da formação da classe operária urbana, observando que *o peso da urbanização era relativo e não só o eixo básico da economia como a fonte de poder das oligarquias se encontrava no campo, a massa urbana ficava ilhadas nos muros ideais da cidade, com escassas condições de alterar a correlação de forças entre as classes* (FAUSTO, 1983, p.22). Se no campo, o quadro das condições dos trabalhadores não era propício à manifestação e organização da classe, como bem reconhecia Élisée Reclus ao tratar sobre a *repartição dos homens* (2010d), a cidade foi somente a ponta de uma estrutura social arraigada em bases que escapavam aos domínios dos embates locais determinados pela industrialização.

25. Flavio Luizetto, além de deter-se na apreciação do caso de fechamento das Escolas, apresenta como anexo de sua tese de doutoramento reproduções dos principais documentos referentes ao processo de fechamento das Escolas Modernas de São Paulo (1984, p. 294-320). Outro trabalho, a dissertação de mestrado de Tatiana Casalvara (2004) também organiza referências sobre a questão.

1.1 Rumo a um programa de educação

A campanha educativa em torno do projeto das Escolas Modernas envolveu a imprensa libertária, em geral, na comunicação de seu ideário bem como na divulgação de atividades referentes à marcha de seus trabalhos, com predominância do caráter panfletário das inserções escritas. Por outro lado, textos de teor teórico-político eram divulgados por meio das *bibliotecas* editoriais mantidas pelos órgãos periódicos impressos. Nessas bibliotecas figuravam obras emblemáticas do pensamento anarquista que eram disponibilizadas pelos grupos editoriais dos jornais, ora como biblioteca, ora em catálogos de venda[26]. Alguns desses trabalhos eram parcialmente publicados nas páginas periódicas a título de evocação de pensamentos que fundamentavam a prática dos militantes organizados ao seu redor, expondo as vozes dos interlocutores presentes na tessitura do movimento em São Paulo. A imprensa operária revelava, dessa maneira, a estrutura da propaganda impressa como instrumento da ação direta dos movimentos anarquistas voltando-se tanto à comunicação de seus ideários, por meio da circulação de artigos e de obras integrais, quanto à divulgação de atividades e reivindicações em marcha com chamamentos à participação em campanhas, manifestações e greves.

Além de *A Lanterna,* outros jornais como *A Terra Livre, La Bataglia, A voz do trabalhador* e *A vida*[27], emprenharam-se constantemente na publicação de notas diversas sobre a educação popular, divulgando atividades e eventos, a exposição programática de aulas e conferências. Além de textos referenciais sobre noções de educação libertária que revelavam, em linhas gerais, as diretrizes programáticas que viriam a compor a proposta de ensino das Escolas Modernas, do Brás e do Belenzinho. Entretanto, esses periódicos se fixaram, sobretudo, na campanha pelo ensino racionalista deixando de apresentar *informações concretas sobre o andamento dos cursos, a experiência didática em si e o universo cultural interior à instituição* (HARDMAN, 1983, p.70)[28].

Dita escassez documental deve ser ponderada frente aos objetivos a que se propunha a educação libertária para que não seja exigido de suas atividades respostas para questões que seu próprio programa não se colocou. A proposta de educação libertária parece ter se focado em uma

26. As publicações vendidas e organizadas por *A Lanterna* eram principalmente títulos internacionais, alguns traduzidos e outros vendidos em idioma original. O texto de Adelino Pinho, "Pela educação e pelo trabalho", destaca-se como produção nacional; "A Terra Livre", de Jean Grave, "Evolução, revolução e ideal anarquista", de Élisée Reclus, são títulos que se destacaram pela frequência em que apareceram nas listas bibliográficas.

27. Sendo os dois últimos editados, inclusive, fora de São Paulo. *A Vida*, editada em Lisboa, publicou textos de João Penteado. *A voz do trabalhador,* com sede no Rio de Janeiro, aderiu à campanha paulista em nome da concentração de forças necessária para a largada do projeto.
A Associação Pró-Escola Moderna do Rio de Janeiro publicou uma nota circular sobre a necessidade de criar-se uma Escola *baseada no ensino racionalista adotado por Ferrer*. Esta comissão estava formada pelos industriais Manuel Quesada, Donato Batelli, Salvador Alacid; pelos operários Manuel Moscoso, Myer Feldman, Demetrio Minhana, Adolpho Garcia Varella, Luiz Magrassi; e pelos doutores, advogado e médico, respectivamente, Caio Monteiro de Barros (In **A Lanterna**, ano IV, nº22, 12 de março de 1910).

28. Foot Hardman discorre ainda sobre uma *quase inviabilidade historiográfica de acompanhar a vida interna dessas escolas* (1983, p.72) devido à escassez de fontes primárias que abarquem o programa de ensino praticado de maneira completa e minimamente detalhada. Muito embora também discorra sobre a importância dos elos *dessa prática cultural com o próprio movimento operário.* Primeiro, pela notável mobilização em torno da necessidade de criação das escolas; segundo, pela reação burguesa e governamental que determinou seus fechamentos (HARDMAN, 1983, p.72).

postura educativa que via o currículo escolar de maneira mais simplificada, quando comparado um currículo da escolarização atual. Isto porque que se pautou fundamentalmente por outros valores ao formular seus parâmetros para o desenvolvimento das faculdades infantis.

A esse respeito, a declaração de Ferrer por preferir *a espontaneidade livre duma criança que nada sabe à instrução de palavras e à deformação intelectual duma criança que sofreu a educação de agora* deixa pista de como o programa de *educação racional e científica* se propôs outros caminhos. Ademais de focar-se na propagação de um ideal social, enfatizando a face política das instituições escolares, a estruturação da educação libertária se voltava prioritariamente à formação de um sujeito emancipado, livre e pensador e suas atividades escolares, ainda que realmente bastante pouco relatadas, dizem minimamente como tal ideal estava sendo operado. O cotidiano de seus programas escolares aparece brevemente publicado nos jornais escolares que, inclusive, podem ser considerados como instrumentos metodológicos da pedagogia libertária, pois mesmo dentro do ambiente escolar, a atividade jornalística foi defendida pelo movimento operário como uma das tarefas pedagógicas e João Penteado, *sob a luz da prática desenvolvida por Ferrer na Espanha, procurou utilizar da imprensa como recurso didático-pedagógico* (GHIRALDELLI, 1987, p. 134)[29].

A publicação O *Início,* órgão da Escola Moderna nº1 trazia, entre outros, textos informativos sobre as atividades escolares, muitos dos quais escritos por seus alunos, demonstrando ineditismo em relação ao editorial da escola de Barcelona por envolver os próprios alunos na edição de seus números, ademais de demonstrar seu intento em praticar um ensino ativo inclusive nesse âmbito. Posteriormente, substituindo suas edições, o *Boletim da Escola Moderna nº1* passava a ser publicado dedicando-se à comunicação social da educação racional, em diálogo direto com o movimento operário, deixando o mote da rotina escolar para contribuir à obra de propaganda racionalista[30].

> "Apparece hoje, pela primeira vez, o *Boletim da Escola Moderna,* cuja publicação nos preocupava o espírito desde muito e só agora, sob a sugestão da data de 13 de outubro, pôde tornar-se uma realidade [...] apesar da exiguidade de formato com que se apresenta, o *Boletim da Escola Moderna* poderá prestar valiosíssima contribuição para a obra de propaganda racionalista, que temos emprehendido, servindo de vehiculo para a disseminação das modernas correntes de ideais que tender a rehabilitar a humanidade para a vida, redimindo-a e tornando-a livre e feliz." (*A Guisa de Apresentação* In **Boletim da Escola Moderna**, nº1, 13 de outubro de 1918).

29. A Escola Moderna nº1, a exemplo da Escola de Barcelona, empenhou-se em construir uma linha editorial, mas os trabalhos editoriais presentes como parte das propostas da Sociedade Escola Moderna igualmente não foram levados a cabo, provavelmente, por falta de recursos. São mencionados os títulos Cartilha e Selecta como obras encomendadas especialmente para o fim do ensino racional que brevemente sairiam do prelo: "A Comissão, julgando indispensavel a edição de livros proprios para uso dessas e de outras escolas que se venham a crear, já encarregou pessoas competentes, que deram inicio á compilação desses livros, saindo brevemente do prelo os dois primeiros: a Cartilha e a Selecta" (In **A Lanterna**, ano XIII, no228, 31 de janeiro de 1914). Nenhuma outra notícia foi encontrada a esse respeito.

30. Foram editados apenas três números. O primeiro, publicado em 5 de setembro de 1914, somente um ano depois da abertura da Escola. "O *Início*, publicação dos alunos desta escola, que devia hoje reaparecer, ficou substituído pelo *Boletim da Escola Moderna,* em virtude de não ser possível a publicação dos dous jornaes, que embora pequenos, acarretar-nos-iam despesas além das possibilidades no momento actual." (In **Boletim da Escola Moderna**, nº1, 13 de outubro de 1918). O Boletim teve quatro edições, sendo as duas últimas em uma edição dupla de oito páginas, publicada em 1 de maio de 1919.

A breve sobrevida deste editorial escolar realmente achata as possibilidades de uma incursão historiográfica aprofundada pelo programa de ensino da Escola Moderna n°1 como um todo curricular. Entretanto e de certo modo, os relatos deixam marcas suficientes para a apreciação sobre como o meio, natural e cultural, apareceu como instrumento e conteúdo do projeto libertário de educação que se expandia para além da educação formal tentando ocupar inclusive outros lugares da vida.

O conjunto das inserções lidas nos periódicos anarquistas, somado aos relatos expostos pelos jornais escolares, *O Início* e *Boletim da Escola Moderna n°1*, sinalizam paralelamente a postura pedagógica pela qual as Escolas orientavam seus programas e, em parte, o partido que adotavam em suas atividades cotidianas. A apreensão das informações, desse modo, organizou-se em três frentes. A primeira concentrou-se em observar o que disse *A Lanterna* sobre a Escola Moderna. Outra foi verificar minuciosamente os conteúdos dos jornais escolares *O Início e Boletim da Escola Moderna.* Por fim, a terceira frente de leitura se propôs a inverter a mirada e verificar os próprios periódicos como plataforma educativa – as duas últimas, matérias centrais do terceiro capítulo.

A partir desse procedimento metodológico para leitura das fontes documentais, o ideal pedagógico racionalista traçado por Francisco Ferrer se demonstrou explicitamente como o principal referencial pelo qual o projeto das Escolas paulistas se pautou. A começar pelo seu combate a toda educação dogmática, orientada por credos religiosos. Dos anúncios e chamadas geralmente veiculados nas páginas dos periódicos libertários, as Escolas Modernas paulistas defendiam mimeticamente o ensino *racional e científico*, anticlerical e sem a interferência do Estado, pautado pela coeducação de sexos e classes sociais, usufruindo dos próprios escritos de Ferrer como base de sua propaganda.

Em seu texto *A renovação da escola*[31], artigo originário da apresentação do periódico *L'Écolé Renovée*[32], justifica a importância do afastamento da educação de todo credo religioso, assim como de qualquer ideologia governista, uma vez que seus interesses se voltavam à formação do povo como instrumento de desenvolvimento econômico e de manutenção das hierarquias sociais. Uma vez que *os progressos da ciência e descobertas de todas as espécies revolucionaram as condições do trabalho e da produção* sendo não mais *possível que o povo permaneça ignorante*, levantam-se escolas em todos os cantos. Por isso recusa a ação dos *reformadores ardentes na busca da verdade científica* que creem que somente mudanças nos métodos de ensino e a modernização da escola tradicional seriam suficientes, defendendo a importância da fundação de novas escolas. Neste texto, Ferrer conclama a ciência como principal interlocutora do ensino racional e reivindica que essa outra educação se concretizasse em práticas verdadeiramente emancipatórias que formassem *indivíduos conscientes do que são e de tudo o que os rodeia, para que, em consequência, procedam sempre segundo os conselhos da sua razão.* O texto sai em defesa de uma prática educativa que percorresse evidências empíricas em suas abordagens didáticas, construindo o aprendizado por meio de demonstrações científicas

31. O texto foi publicado em cinco partes (In **A Lanterna**, ano IV, nº3, 30 de outubro de 1909; n°4 de 06 de novembro de 1909; n°5 de 13 de novembro de 1909; n°6 de 13 de novembro de 1909; n°8 de 04 de dezembro de 1909).

32. Órgão periódico vinculado a Liga Internacional pela Educação Racional da Infância, fundada por Ferrer i Guàrdia, em 1908.

que permitissem a compreensão dos fatos ao invés de um ensino que postulasse afirmações e/ou negações pré-concebidas aos alunos (In **A Lanterna**, ano X, n°53, 13 de outubro de 1910).

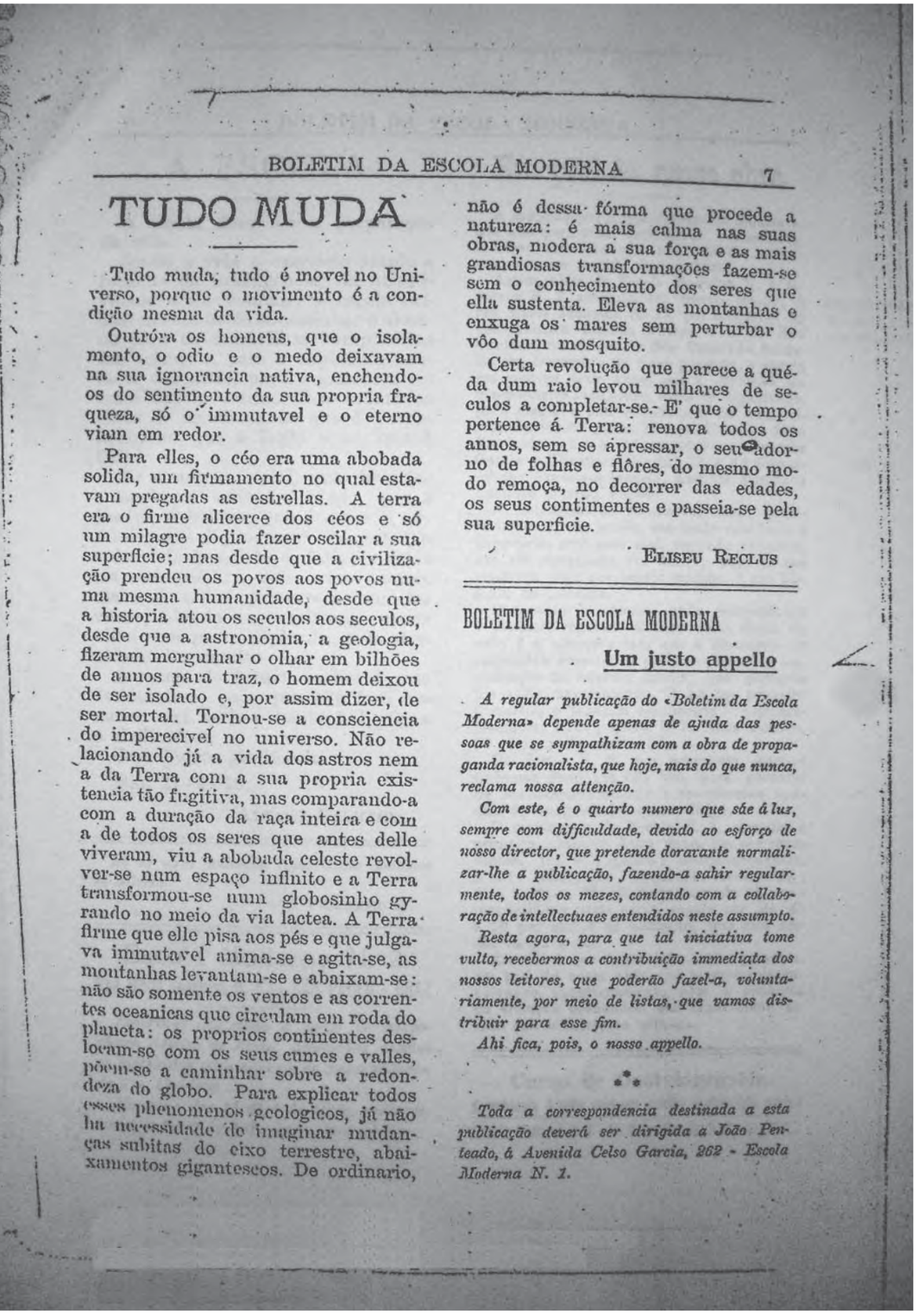
A defesa deste mesmo partido metodológico como princípio do projeto para São Paulo foi apresentada em *A Lanterna* pelo artigo intitulado "A Escola Moderna e seus methodos", assinado por "Libertas". Neste texto, qualquer projeto de coeducação de sexos e classes que vislumbrasse a formação de *espíritos liberais*, *amantes da verdade e da justiça* só poderia ser alcançada mediante a substituição dos *métodos dogmáticos da teologia pelo método racional indicado pelas ciências naturais* (In **A Lanterna**, ano IV, n°20, 26 de fevereiro de 1910). O artigo demonstra claramente a influência do positivismo científico sobre o ideário educativo. E, por outro lado, a influência das agitações internacionais pela renovação metodológica da educação tradicional, vividas em finais do século XIX e princípio do XX, nas postulações de Ferrer sobre os métodos da educação racionalista fica explícita quando "Libertas" tece comparações entre o movimento internacional pela renovação escolar e o texto "A renovação da escola", de Francisco Ferrer.

> "[...] no intuito de educar, desenvolver e cultivar as aptidões particulares de cada alumno, afim que, fazendo plenamente evoluir a capacidade latente de cada criança, esta possa tornar-se não só um membro util da sociedade, mas ainda, em consequencia da sua educação especial, um meio de augmentar o valor intellectual e moral da massa [...] No seu excellente artigo de apresentação de L´École Rénovée, já reproduzido na Lanterna (ns.3 a 8), Ferrer caracteriza o seu methodo de ensino num pensamento profundo: «O verdadeiro educador é aquelle que melhor sabe defender a criança contra as ideias, as vontades delle mesmo, que mais appella para as energias próprias da criança.» Como se vê, não se trata senão da applicação das ideias de pedagogistas como Rousseau, Pestalozzi, Fröebel, Spencer, Tolstoi, Robin, etc, desfazendo apenas algumas contradicções de alguns desses systemas, sobretudo quando deturpados por certa especie de seguidores." (In **A Lanterna**, ano IV, n°20, 26 de fevereiro de 1910).

Exemplo da manifestação desse caráter educativo nas Escolas de São Paulo está presente em relato sobre passeio feito pelos alunos ao Jardim da Luz que pondera sobre a importância de cultivar uma atitude ativa na condução das atividades escolares, postura que, aparentemente, sobrepunha-se a qualquer determinação prévia de conteúdos. Ou seja, não parece que os alunos iam ao Jardim da Luz para ver o chafariz ou fazer um estudo sobre espécies vegetais, mas simplesmente para observar o meio. Em sintonia com os pressupostos do *ensino naturalista*, respeitoso à organicidade do desenvolvimento infantil e contra a rigidez programática do ensino tradicional, a condução de seu próprio aprendizado caberia ao *espírito infantil* meio de elementos quaisquer que lhe despertassem a atenção.

> "Lá chegados, os alunos das duas escolas, congraçados, numa solidariedade festiva, tomaram lanche e se divertiram vendo as novidades de que é sempre ávido o espírito infantil, recebendo dos professores lições sobre tudo que despertava a sua atenção."
> (In **A Lanterna**, ano XIII, nº253, 25 de julho de 1914)

Há que considerar a autonomia entre as Escolas n°1 e n°2, assim como a autonomia entre elas e o comitê que constituiu a Sociedade Escola Moderna. As ações entre as instituições se demonstravam sempre associativas e colaborativas, mas as Escolas, com distintas direções, possuíam programas



BOLETIM DA ESCOLA MODERNA 7

TUDO MUDA

Tudo muda, tudo é movel no Universo, porque o movimento é a condição mesma da vida.

Outróra os homens, que o isolamento, o odio e o medo deixavam na sua ignorancia nativa, enchendo-os do sentimento da sua propria fraqueza, só o immutavel e o eterno viam em redor.

Para elles, o céo era uma abobada solida, um firmamento no qual estavam pregadas as estrellas. A terra era o firme alicerce dos céos e só um milagre podia fazer oscilar a sua superficie; mas desde que a civilização prendeu os povos aos povos numa mesma humanidade, desde que a historia atou os seculos aos seculos, desde que a astronomia, a geologia, fizeram mergulhar o olhar em bilhões de annos para traz, o homem deixou de ser isolado e, por assim dizer, de ser mortal. Tornou-se a consciencia do imperecivel no universo. Não relacionando já a vida dos astros nem a da Terra com a sua propria existencia tão fugitiva, mas comparando-a com a duração da raça inteira e com a de todos os seres que antes delle viveram, viu a abobada celeste revolver-se num espaço infinito e a Terra transformou-se num globosinho gyrando no meio da via lactea. A Terra firme que elle pisa aos pés e que julgava immutavel anima-se e agita-se, as montanhas levantam-se e abaixam-se: não são somente os ventos e as correntes oceanicas que circulam em roda do planeta: os proprios continentes deslocam-se com os seus cumes e valles, põem-se a caminhar sobre a redondeza do globo. Para explicar todos esses phenomenos geologicos, já não ha necessidade de imaginar mudanças subitas do eixo terrestre, abaixamentos gigantescos. De ordinario, não é dessa fórma que procede a natureza: é mais calma nas suas obras, modera a sua força e as mais grandiosas transformações fazem-se sem o conhecimento dos seres que ella sustenta. Eleva as montanhas e enxuga os mares sem perturbar o vôo dum mosquito.

Certa revolução que parece a quéda dum raio levou milhares de seculos a completar-se. E' que o tempo pertence á Terra: renova todos os annos, sem se apressar, o seu adorno de folhas e flôres, do mesmo modo remoça, no decorrer das edades, os seus contimentes e passeia-se pela sua superficie.

ELISEU RECLUS

BOLETIM DA ESCOLA MODERNA

Um justo appello

A regular publicação do «Boletim da Escola Moderna» depende apenas de ajuda das pessoas que se sympathizam com a obra de propaganda racionalista, que hoje, mais do que nunca, reclama nossa attenção.

Com este, é o quarto numero que sáe á luz, sempre com difficuldade, devido ao esforço de nosso director, que pretende doravante normalizar-lhe a publicação, fazendo-a sahir regularmente, todos os mezes, contando com a collaboração de intellectuaes entendidos neste assumpto.

Resta agora, para que tal iniciativa tome vulto, recebermos a contribuição immediata dos nossos leitores, que poderão fazel-a, voluntariamente, por meio de listas, que vamos distribuir para esse fim.

Ahi fica, pois, o nosso appello.

***

Toda a correspondencia destinada a esta publicação deverá ser dirigida a João Penteado, á Avenida Celso Garcia, 262 - Escola Moderna N. 1.

Apelo à colaboração dos leitores para a manutenção da regularidade da publicação (In **Boletim da Escola Moderna**, ano I, nº3/4, 1 de maio de 1919, p.7)

independentes. O programa da Escola Moderna n°2[33], segundo as poucas informações publicadas a seu respeito, organizava-se essencialmente pela observação direta e oferecia uma estrutura didática apoiada em biblioteca, museu e passeios didáticos. O método de ensino proposto era expresso, em seus anúncios de divulgação, como *indutivo demonstrativo e objetivo*, baseado em experimentação. Seu programa mencionava o ensino de matérias (*leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, geografia, botânica, zoologia, mineralogia,* física, *química, fisiologia, historia, desenho, etc.),* entretanto não explicitava outros detalhes acerca da condução dessas matérias.

Não é possível determinar até que ponto os anúncios apresentados em *A Lanterna* expressavam a realidade, até porque veiculavam mensagens diferentes e, em certos casos, dissonantes. O indício dessa distinção entre a condução dos programas de cada uma das Escolas sinaliza a impossibilidade de se construir leituras generalizadas, pois, ademais das menções feitas às atividades realizadas coletivamente entre as duas escolas, não há referências específicas sobre o cotidiano da Escola Moderna n°2, pois esta não produziu seu próprio órgão impresso como pôde fazer a Escola n°1. Condição que levou a dissertação a abordar exclusivamente os registros deixados pela Escola Moderna n°1.

Por fim, caminho para entender o programa de ensino libertário percorre a atitude educativa contida na propaganda impressa pelos jornais anarquistas que se fez notar inclusive pelo grande número de excursões de propaganda e conferências que os militantes envolvidos nesses grupos editoriais organizavam[34]. Especificamente em âmbito escolar, as Escolas Modernas se empenharam em promover conferências abertas ao público em geral, anunciando atividades desse tipo em convocações abertas a todos os interessados em conhecer a educação racionalista.

Em circular publicada no anúncio de da abertura das Escolas n°1 e n°2, o Comitê da Escola Moderna apresentou como um de seus objetivos a fundação de uma escola noturna para educação integral de adultos, *no salão dessa escola haverá semanalmente conferencias popular de divulgação científica, sendo essas conferencias feitas por intelectuais desta capital, convidados para esse fim* (In **A Lanterna**, ano XIII, nº228, 31 de janeiro de 1914). As conferências eram, assim, assumidas como ações de educação popular e aconteceram desde o início da movimentação pela criação das Escolas em São Paulo, bem como ao longo de seus anos de funcionamento, quase sempre coincidindo com momentos de atividades e festas escolares com presença de público ampliado[35].

33. Ainda que ambas as escolas estivessem atreladas às mesmas diretrizes ideológicas e partilhassem expressivo número ações, a direção das Escolas n°1 e n°2 estiveram, na maior parte do tempo de seus funcionamentos, sob a condução de diferentes diretores. João Penteado e Adelino Pinho, respectivamente, foram seus principais responsáveis.

34. O grupo editorial de *A Lanterna* promoveu muitas dessas atividades nas quais colaboraram Angelo Bandoni (In **A Lanterna**, ano XI, nº144, 22 de junho de 1912) e o próprio João Penteado (In **A Lanterna**, ano XII, nº166, 23 de novembro de 1912). Oreste Ristori proferiu, na capital e também no interior, conferências científicas (In **A Lanterna**, ano IV, nº17, 5 de fevereiro de 1910).

35. Por exemplo, a reunião realizada pela Escola Moderna nº1 em um domingo de 1914, convidou a família de seus alunos para participarem de um momento escolar, aparentemente descontraído, com recitação e cantos pelos meninos e palestra sobre Educação Física, feita pelo professor (In **A Lanterna**, ano XIII, nº253, 25 de junho de 1914). Quanto aos conteúdos, as conferências feitas por Oreste Ristori, por exemplo, aparentavam possuir falas científicas estruturadas por grupos de projeções organizados sob os títulos "A criação do mundo" e "Descendência do homem de formas inferiores de vida (In **A Lanterna**, ano IV, nº17, 5 de fevereiro de 1910).

Divulgação de ciclo de palestras com objetivo de arrecadr fundos para abertura da Escola Moderna em São Paulo
(In **A Lanterna**, ano IV, nº14, 15 de janeiro de 1910, p.1)

S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 15 de

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . . 8$000

PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

A Lan

FOLHA ANTI-CLERI

A Escola Moderna em S. Paulo

Conferencias em beneficio desta importante iniciativa

Convidado pela commissão pró Escola Moderna, o sr. Orestes Ristori realizará no theatro Sant'-Anna, hoje e amanhã, ás oito e meia horas da noite, duas interessantes conferencias sobre os seguintes assumptos:

Primeira

A CREAÇÃO MIRACULOSA DO MUNDO, com cerca de 80 projecções de vistas originaes sobre as meditações do Padre Eterno, sobre a creação fantasiosa do mundo, do Sol e das estrellas, dos animaes e das plantas, de Adão e Eva, sobre a tragedia de Caim, sobre o diluvio e a arca de Noé, Moysés que separa as aguas do mar, Josué que detém o Sol, Sansão que dá cabo dos philisteus, Jonas no bucho duma baleia, etc. etc. até Christo, sobre todos os prodigios e os mais humoristicos acontecimentos do mundo hebraico referidos pela Biblia, por esse livro acceito como sagrado por todas as seitas judaico-christãs, que entre si disputam o dominio moral dos crentes e dos povos em geral.

Segunda

DESCENDENCIA DO HOMEM DE FORMAS INFERIORES DE VIDA, com 60 projecções de vistas de valor historico importantissimo: vistas de paizagens prehistoricas, de restos fosseis de animaes pertencentes a especies desapparecidas do periodo secundario, terciario e quartenario da geologia organica; de vestigios de plantas e de animaes primitivo sobre pedras, de organismos monocellulares que representam as formas primordiaes da vida, de embryões e esqueletos de animaes que apresentam a maior analogia com os do homem; do apparecimento do homem no segundo periodo da época terciaria; da vida dos trogloditas das cavernas; dos seus primitivos instrumentos de silex e da sua arte rudimentar; do seu estreito parentesco com o grupo dos anthropomorphos (macacos sem cauda) sob o ponto de vista anatomico, morphologico, e segundo a classificação systematica das especies; dos principaes cultores do transformismo, Goethe, Lamark, Darwin, Wallace, etc.

Preços dos bilhetes: Frisas, 12$; camarotes, 10$; platéia, 2$; balcão, 1$500; geral, 1$.

A' venda nesta redacção.

Todos ás conferencias!

Ninguem falte!

A HESPANHA E A IGREJA

A Igreja reapossou-se da desventurada Hespanha O verdadeiro soberano do paiz não é o rei, mas

O que domina

outros lh'as fazem."—"Impossivel, minha irmã. Sou obrigado, para satisfazer os meus freguezes, a fornecer-lhes photographias de mulheres galantes e muito decotadas, que eu não me atreveria a pedir e em outras mais severas ainda que as acompanham, a amargura de um homem de convicção profunda perante a reacção clerical, que comprime ha tempos para cá os nosoos irmãos latinos da peninsula iberica. Auguremos melhor desse grande povo. Mas não será provavelmente sem esforços dolorosos e lutas difficeis que conseguirá sacudir o espirito do passado que o suffoca."

CAMILLO PELLETAN.

Fragmentos de uma mesma coluna: "Escola Moderna de S. Paulo".
(In **A Lanterna**, ano XIII, nº253, 25 de julho de 1914, p.3)

O informe demonstra o espírito educativo, bem como a ambiência cultural, que os responsáveis pelas atividades buscavam constituir em torno do programa escolar

— Porque então? Responda-me; talvez eu possa persuadi-lo em acreditar na verdade sublime, para poder obter o perdão do Senhor. Respanda-me então: Porque não pode acreditar nas minhas palavras nem na minha religião?

— Quereis saber porque? Porque fui padre durante quasi toda minha vida! respondeu-lhe o doente. E soltando seu ultimo suspiro morreu.

Felix Auz mir.

ESCOLA MODERNA DE S. PAULO

A festa do dia 14 — O passeio dos alunos — Uma proxima festa ao ar livre — Uma reunião na Escola N. 2

A festa do dia 14

Teve realização, no dia 14 do corrente, na séde da Escola Moderna N.º 1, a anunciada festa escolar comemorativa do grande acontecimento historico, tendo nela tomado parte professores e alunos.

O programa, que foi organizado quasi de improviso, constou de um passeio ao Jardim da Luz, ás 12 horas, no qual tomaram parte, tambem, os alunos e professor da Escola Moderna N.º 2 e de cantos, recitativos e conferencia á noite, na sua séde.

O passeio ao jardim

esteve esplendido. Os alunos se mostraram alegres diante dos atrativos encontrados naquele pitoresco logradouro publico e os professores das respectivas escolas, por sua vez, tiveram motivo de prazer identificando-se com as espansões juvenis daquelas criaturinhas cuja felicidade depende de uma educação e de uma instrução de acordo com a razão e com a verdade.

Lá chegados, os alunos das duas escolas, congraçados, numa solidariedade festiva, tomaram lanche e se divertiram vendo as novidades de que é sempre ávido o espirito infantil recebendo dos professores lições sobre tudo que despertava a sua atenção.

Esta parte do programa satisfez á nossa espectativa e a outra,

A sessão escolar

— que foi realizada á noite, na séde da Escola Moderna N.º 1, tambem, não deixou de agradar bastante á numerosa assistencia, que se compunha de alunos, respectivas familias e muitas pessoas convidadas, as quais receberam boa impressão da festa escolar e dispensaram aos alunos da referida escolas os seus significativos aplausos.

Ouviu-se, ao abrir a sessão, o "Canto dos operarios", belo hino, original de nosso companheiro Neno Vasco. Depois, á proporção que os alunos iam recitando, foram cantados outros hinos escolares.

O programa constou de conferencia pelo professor e recitativos pelos alunos Bruno Bertolacine, Antonieta de Morais, Angelo Bandazoli, Artur Tramonti e Abel Tozzuto.

Fizeram uso da palavra, tambem, nesta festa, o companheiro José Romero e Angelo Scila, falando este ultimo em italiano.

Uma festa ao ar livre

Afim de ocorrer ás despezas necessarias para a manutenção das suas duas escolas racionalistas e provimento dos materiais que lhes são precisos, vai ser realizada brevemente, na Vila Taide, uma festa escolar, bem como uma quermesse promovida pela Escola Moderna de S. Paulo.

Ainda não sabemos bem ao certo qual será o programa a ser executado, entretanto podemos adiantar que ele constará, além de conferencia, quermesse, cantos e hinos escolares em que tomarão parte os professores das duas escolas existentes e respectivos alunos, de varios outros numeros interessantes, que muito hão-de gradar.

E de esperar-se o indispensavel auxilio dos livres-pensadores de S. Paulo e do Interior em favor dessa iniciativa, cujo desempenho se acha a cargo de uma comissão da qual fazem parte os professores da Escola Moderna N.º 1, sita á rua Saldanha Marinho 66 (Belemzinho), e da Escola Moderna N.º 2, sita á rua Müller, n.º 74, (Braz), a quem poderão endereçar desde já algumas prendas para a quermesse.

Reunião na E. Moderna n. 2

No proximo domingo, 2 de agosto, pelas 2 horas da tarde, haverá na séde desta Escola, uma reunião familiar para a qual se convidam as familias dos alunos e todos que se interessam pela educação infantil.

A reunião constará de recitação e cantos pelos meninos e de palestra sobre — *Educação Fisica* pelo professor.

A sua séde está na rua Müller, 74 (Braz).

VIDA OPERARIA

EM BELÊM DO PARA'

EXPULSÃO BRUTAL DE CINCO TRABALHADORES

Já demos aos leitores, em um dos numeros anteriores, uma noticia sobre a estupida violencia cometida pela gentalha ao serviço do sátrapa Enéas Martins com varios trabalhadores de Belêm, expulsos brutalmente por terem prestado o seu concurso á obra da organização do proletariado.

Hoje podemos dar sobre essa inominavel arbitrariedade informações mais positivas, colhidas numa carta do estimado companheiro Antonio da Costa Carvalho, um dos atingidos pela furia reaccionaria dos esfomeados do povo do Pará.

Da causa dessa perseguição aos militantes do movimento operario já aqui nos ocupamos.

Os trabalhadores, premidos pela exploração cada vez mais apertada dos argentarios, começaram, vai para quasi um ano, a sentir a necessidade de se unirem para organizar a sua defesa.

Teve então inicio um intenso trabalho de arregimentação da falange obreira, surgindo os sindicatos de resistencia de muitas classes e federações de algumas delas, reunindo-se todos esses organismas na União Geral dos Trabalhadores, então organizada.

Irromperam depois os movimentos reivindicadores, pondo-se em greve, com breves intervalos umas das outros, diversas classes, que conseguiram arrancar á ganancia patronal varias melhorias.

Como é natural, neste movimento de reivindicação dos trabalhadores, destacaram-se alguns deles que, pelos seus conhecimentos, pelo seu traquejo e pela sua dedicação á causa de sua classe, mais activamente se demonstravam.

Foi contra estes que a corja dos ladrões do povo descarregou de preferencia o seu furor de feras danadas perturbadas no seu covil.

E começaram as perseguições, sendo presos durante a greve dos carroceiros os operarios Costa Carvalho, Antonio Dsmingos e José Quintana.

Estes trabalhadores estiveram ameaçados de deportação para o Alto Xingú, uma região cujo clima só os lá nascidos suportam, sendo postos em liberdade depois de uma forte agitação dos trabalhadores e da intervenção da C. O. B.

E' inenarravel a serie de brutalidades cometidas então pela policia.

A séde da U. G. dos T. foi assaltada alta noite, fazendo o mesmo na casa de muitos operarios. Da residencia de Costa Carvalho, que devassaram criminosamente, levaram livros, jornais, revistas, papeis e até as listas e os talões da *Lanterna* e

Religião e superstição

Parece-nos que a crença numa vida futura é uma superstição como a crença em Inari-Sama (divindade xintoista). A doutrina do céu e do inferno foi evidentemente inventada para influir sobre os ignorantes...

Passemos agora a um assunto ainda mais importante: a pretendida existencia de Deus. Ha

EM RIO G

Conferen

Por um bol
mãos, saber
Santos Barl
dente no Ri
dade sulina,
lhar pela ca
letaria, tend
cia na sede
raria, no di

EM PAR

Congrega
mens do M

uma associa
de paranaen
cinar os dir
mia e que
blioteca, pa
de publicaç
O seu en
bel, 6, Para
Saudando
ção dos tral
ranaguaense
desejo de v
B., onde p
curso á gran

EM P

Liga Op

E' como
obreira qu
localidade
a sua frent
propaganda
Ao novo
os nossos
gressiva vi
Seu ende
nambuco,
Minas.

Secçõ

Um su
padre.
Pergun
— Que
— Meu
é padre.
— Ten
— Não
— Ent
— De
— E d
— De
diz.

Nun
cristã:
— O p
— Sim
— O f
— Não
— Con
é Deus?
— Por
quando
senhor...

O bisp
um mali

Escola Moderna n. 1

PARA MENINOS E MENINAS Á RUA SALDANHA MARINHO, 58—S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela associação Escola Moderna de S. Paulo

As suas aulas tanto diurnas como nocturnas já estão funcionando com regular frequencia de alunos e a inscrição para a matricula se acha aberta, mediante a contribuição mensal de 3$ para as aulas diurnas e 4$ para as nocturnas.

O fornecimento de livros e materiais é feito gratuitamente aos alunos da escola afim de facilitar aos operarios a educação e instrucção de seus filhos segundo o metodo racionalista.

Horario das aulas:

De dia: das 8 ao meio dia para a secção masculina e das 12 1/2 ás 4 1/2 para a secção feminina.

De noite: das 7 ás 9 horas.

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de *portuguez*, aritmetica, geografia, historia do Brazil e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

C. O. B.

2.° Congresso Operario Brasileiro

ALGUMAS DAS MOÇÕES APROVADAS — MANIFESTAÇÃO DE REGOSIJO — TRABALHA-SE PARA EXECUTAR AS SUAS RESOLUCÕES

O Congresso aprovou, sempre por unanimidade, as seguintes moções de solidariedade ou de protesto:

Moção de simpatia ás sociedades aderentes ao Segundo Congresso Operario Brasileiro — Consigna-se em acta um voto de saudação e simpatia a todas as associações que tomam parte neste Segundo Congresso Operario Brasileiro.

—

Moção de solidariedade aos trabalhadores do Mexico — O Segundo Congresso Operario Brasileiro, reunido em sessão inaugural á 8 de setembro de 1913, envia aos camaradas mexicanos um voto de solidariedade á tenaz campanha em pról da emancipação proletaria.

—

Moção de solidariedade aos trabalhadores de Espanha — O Segundo Congresso Operario Brasi... perfeito acordo com todos os trabalhadores do globo;

considerando que uma distinta manifestação a todos os nossos irmãos de ideia é uma prova sublime de que abraçamos e internacionalismo;

considerando que logo no inicio dos trabalhos do Segundo Congresso Operario Brasileiro, o nosso maior jubilo prepondera em vista de ter-se realizado esta grande aspiração;

resolve-se saudar em nome deste Congresso a Confederation Générale du Travail, de França, e aos operarios sindicalistas de Portugal.

—

Moção de solidariedade aos trabalhadores de Portugal — Considerando que as brutais e deshumanas perseguições de que teem sido vitimas, de certo tempo a esta parte, os trabalhadores do Portugal, afectam tambem os trabalhadores do muito inteiro;

o proletariado organizado no Brasil, reunido em sessão inaugural do Segundo Congresso Operario Brasileiro, envia aos companheiros daquele paiz a sua inteira e absoluta solidariedade, resolvendo, mais, telegrafar ao governo de Portugal e ao seu representante no Rio de Janeiro, protestando veementemente contra as violencias inauditas e as calunias tendenciosas com que o referido governo tem alvejado o operariado portuguez.

—

Foi lançado um protesto contra as arbitrariedades cometidas pelas autoridades da Cidade do Rio Grande, R. G. do Sul, e de que foi vitima a União dos Trabalhadores da Estiva, manifestando-lhe assim a sua solidariedade.

—

Foi tambem lançado um voto de protesto contra a execução, na Espanha, de quatro trabalhadores, vitimas da sanha sanguinaria do jesuitico governo espanhol.

***

EM MACHADO — A Liga Operaria desta cidade mineira, novel e já numerosa agremiação que não tem poupado esforços para dar fiel cumprimento ao seu programa de propaganda e de lutas, realizou, no dia 28 do mez passado, uma sessão e uma passeata pelas ruas centrais daquela localidade em sinal de regosijo pelo grandioso exito obtido pelo 2.° Congresso Operario, ao qual ela aderiu e se fez representar.

Reunidos na séde da Liga os operarios, em numero superior a duzentos, o companheiro José Rangel expoz o fim daquela comemoração, saindo depois todos para a passeata.

Na rua Major Onofre, falaram os operarios Manuel Luiz Teixeira e Policeno de Souza, sobre o operariado em geral.

Durante o percurso foram erguidos entusiasticos vivas aos operarios, ao 2.° Congresso, e a muitos

---

...seremos obrigados a suspender imediatamente a remessa da folha a todos os negligentes, que assim contribuem para embaraçar a vida da Lanterna.

Entretanto, contamos que não seremos constrangidos a lançar mão desse meio extremo.

Escola Moderna de S. Paulo

O festival da Escola Moderna n. 2 será realizado hoje

A festa desta escola, organizada para o dia 25 do mez findo e adiada por motivo de força maior, será realizada hoje, ás 8 horas da noite, no salão Gil Vicente, á avenida Rangel Pestana, 265 (Braz), devendo ser desenvolvido o interessante programa aqui já publicado e que consta de uma conferencia sobre a educação racionalista, de dialogos, recitativos e cantos pelos alunos e leitura de composições e experiencias praticas de ensino pelos mesmos.

A atraente velada terminará com um baile familiar.

A festa da Escola Moderna n. 2

Em outra parte da folha publicamos o programa completo da festa organizada por esta escola de acordo com o Sub-Comité do Belemzinho e que será realizada no dia 18 do corrente, no patêo da Vila Taide, á rua Saldanha Marinho, 58.

Todas as pessoas amigas que desejam concorrer para o bom exito dessa festa, poderão auxiliar a sua quermesse com os seus premios, por mais modestos que sejam, entregando-os na séde da Escola, á rua Saldanha Marinho, 58, ou na nossa redacção.

Palestras de propaganda na E. M. n. 2

Teve o mais completo exito a sessão de propaganda realizada na tarde de domingo transacto na séde da Escola Moderna n. 2.

Nela falaram os camaradas Galileu Sanches e Florentino de Carvalho, o professor Saturnino Barbosa e um outro companheiro cujo nome nos foge presentemente á memoria, dissertando todos, numa agradavel e proveitosa troca de ideias, sobre a questão do ensino e da educação da infancia em relação com os grandes problemas sociais que agitam a nossa geração.

***

Promovida pela mesma Escola, realizou-se uma outra palestra na quinta feira, ás 2 horas da tarde, na rua Nova S. José, 19.

Sessão escolar na Escola n. 1

Com o fim de fazer uma demonstração dos resultados obtidos pelos alunos e de interessar as suas familias pelo desenvolvimento da Escola, será realizada uma sessão es-

Mata, proclama a desordem,
Que as serpentes tambem mordem,
Sem que as hajam provocado.

Ao sr. Carvalho Pimentel mandamos os nossos agradecimentos pela remessa do seu panfleto, desejando que os talassas, que ainda são muitos, graças á bendita estupidez humana, não lh'o refutem com o argumento costumeiro e que mais facilmente lhes acorre aos cerebros obcecados — o cacete.

—

606 — Revista humoristica ilustrada — Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Recebemos alguns numeros (e desejamos continuar recebendo) desta interessante e bem feita revista que ha já tres anos se publica na capital do progressista Estado gaucho.

A 606 é francamente anticlerical; os lapis dos seus impiedosos caricaturistas e as penas dos seus impagaveis humoristas fulminam sem descanço o nosso inimigo comum — o padre. E esperamos que o colega assim continue dando as suas fortes «injecções» na «sifilitica» gente da Igreja.

Pequenos écos

Boas festas. — Recebemos cartões de boas-festas dos seguintes amigos da *Lanterna*: Manoel José da Fonseca, de Jundiahy; José Hernandes Matins, de Cordeiro; Adelino Pereira Cesar e exma. sra. Josefina Olga Cesar, de Pindamonhangaba; L. Pereira & C., de S. Paulo; Ignatemy Ramos, de Guaratinguetá; Francisco Zani, de Baurú; Salvador Moya, de S. Paulo; Antonio L. de Oliveira, de Santos; Boaventura de Costa Melo, de Casteté; Jacintho M. da Cunha, Octavio da Silva, Vicente de P. Cunha, Dulcidio G. d'Oliveira e Cunha Sobrinho, tipografos do *Palmense*, de Palmas, Paraná; e dos inferiores do Regimento de Segurança, de Florianopolis, Sta. Catarina.

A todos agradecemos os bons augurios de bem-estar e felicidades que nos dirigiram e que só se tornarão reais e efectivas quando gosados por toda essa imensa falange sofredora das miserias consequentes da actual sociedade.

Que os nossos esforços em prol da grande causa pela qual lutamos sejam redobrados de energia e constancia neste novo ciclo gregoriano, que se inicia — é o que almejamos.

Falecimentos. — O nosso correligionario Antonio B. Rosa, de Araçariguama, que se encontra enfermo, acaba de perder a sua boa mãe, falecida repentinamente em 24 do mez proximo findo naquela localidade.

— Tambem o nosso companheiro Antonio Acunha, de S. Paulo, vem de perder uma filhinha que era o enlevo de seu lar.

A ambos os amigos os nossos protestos de sentimentos.

Visita. — Distinguiu-nos com a sua visita o professor Honorio Guimarães, um velho amigo da *Lanterna* residente em Uberabinha.

Agradecidos.

Pessoa procurada — Severino Garrido Paz deseja saber do paradeiro de Manoel Garrido Paz, de 15 anos de idade, natural de Castro, provincia de Pontevedra, Espanha, de onde veiu para o Brasil em abril do corrente ano, indo trabalhar na estrada de ferro que tem inicio em Guaxupé.

E' favor comunicar a esta redacção qualquer informação a seu respeito.

...tem saida...

Mas a cleripulha po... incomoda com os male... infestam as gerações... tranformados em vendilh... templo, o que querem é... ar a bolsa para terem... vida falta e regalada.

***

Na vizinha freguezia de... te Alegre houve uma no... mica: O padre daquela... dade negou-se a dizer a... do Natal e, por esse motiv... de lá enchotado, vindo a... nichar-se nesta cidade... está transformada em ant... nefasta gente do Vaticano

Valdelir

VIDA OPERARIA

EM BELO HORIZONT...

A POLICIA PERSEGUE... SOCIEDADE OPERARI...

Uma exigencia absu...

Pelas noticias que aqui tem... blicado, estão os nossos leito... formados sobre o movimento qu... a louvavel actividade de um... de bons e dedicados compan... se tem ultimamente desenvolvi... capital mineira com a orie... sindicalista.

Lutando com a embaraçado... consciencia da massa trabalh... com a indeferença de muito... mentos emancipados mas ap... foi conseguida a fundação de... sindicatos operarios inteira... alheios á politiquice ou ás... ções de uma certa agrupaçã... a qual se pretendia arrastar... balhadores para o terreno esc... diço da politica.

Reunida, assim, uma part... trabalhadores até então disper... entregues á vontade discrecion... pescadores de aguas turvas, e... ram-se as novas organizaçõ... trabalho necessario da propag... de reivindicações.

De ha muito que os trabalh... da construção civil daquela... estão sujeitos a um infame r... de torpes explorações, com o... de muitos meses no pagamen... seus salarios, com as multas,...

Contra isso iniciaram logo... dicatos uma activa agitação,... os nossos leitores estão info... pelas noticias que temos pub...

Os exploradores do suor... perturbados dessa forma na s... ção de rapinagem, procuraram... logo malquistar os trabalhado... sua organização com a opin... blica, servindo-se para esse... toda a cafila reaccionaria,... frente se colou a clericrapula...

E como coroamento dessa... perseguição tivemos esta re... nissima determinação policia...

«Requerimento ao dr. chef... licia, pedindo arquivamento... cretaria de Policia dos estat... — Os estatutos devem ser a... pela directoria; 2.º — envia... cretaria da Policia a lista do... de todos os socios e direct... sociedade; 3.º — declaração d... lugar das sessões da so... — declarar nos estatut... cabe a responsabilidade pel... da sociedade. Prazo, ate o di... corrente».

De que forma qualificar ist... mo vêem, não se pode desej...

Escola Moderna nº1. Primeira divulgação do programa escolar com breve enunciado sobre seu método de ensino.
(In **A Lanterna**, ano XII, nº212, 11 de outubro de 1913, p.4)

Escola Moderna nº1. Segunda divulgação do programa escolar.
(In **A Lanterna**, ano XIII, nº224, 3 de janeiro de 1914, p.4)

Escola Moderna nº2. Divulgação do programa escolar com breve enunciado sobre seu método de ensino.
(In **A Lanterna**, ano XIII, nº205, 23 de agosto de 1913, p.3)

...exercito.

E só assim se compreende que a Companhia de Jesus, sempre sem escrupulos e sem remorsos, tenha posto e deposto reis e papas e governado por algum tempo a Europa ameaçando, num momento, invadir o mundo.

A. Andrei.

(D'*Os Jesuitas*, trad. de Tomaz da Fonseca).

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité Pró Escola Moderna.

Está Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

EDUCAÇÃO ARTISTICA, INTELECTUAL E MORAL

Conhecimento de tudo quanto nos rodeia.

Conhecimento das sciencias e das artes.

Sentimento do belo, do verdadeiro e do real.

Desenvolvimento e compreensão sem esforço e por iniciativa propria.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

—

Para maior progresso e facilidade do ensino, os meninos exercitar-se-hão nas diversas materias com o auxilio do museu e da biblioteca que esta Escola está adquirindo, e que servirá de complemento ao ensino adquirido nas aulas.

Na tarefa de educação tratar-se-ha de estabelecer relações permanentes entre a familia e a escola, para facilitar a obra dos pais e dos professores.

Os meios para criar estas relações serão as reuniões em pequenos festivais, nos quais se recitará, se cantará, e se realizarão exposições periodicos dos trabalhos dos alunos; entre os alunos e os professores haverá palestras a proposito de varias materias, onde os pais conhecerão os progressos alcançados pelos alunos.

Para complemento do nosso programa de ensino organizar-se-hão sessões artisticas e conferencias scientificas.

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

A Directoria

S. Paulo, agosto de 1913.

...tres e, actualmente, não contente com tamanha calamidade imposta ao desgraçado trabalhador, o emprezario Sebastião Damas emite vales para serem pagos no mez de janeiro do ano proximo vindouro!

Já viram maior disparate e maior infamia?!

Ora, a empreza alega que tem um armazem, o qual possue desde secos e molhados até drogas farmaceuticos para fornecer o pessoal; mas, em que condição fornece-o? Quando uma mercadoria é vendida no mercado ou nos armazens da cidade por um mil réis, no armazem da empreza custa ao trabalhador cinco ou seis mil réis! E depois essa alegação não pára em pé porque o operario não é um suino que vive só para trabalhar e comer — ele quer o dinheiro no bolso para as suas necessidades e para enviar á familia que está longe, suportando (quem sabe?) a fome e o frio...

Individuos ha nesta cidade que teem comprado vales dos trabalhadores com 70 °|o de abatimento, e actualmente, em vista do decreto de Sebastião Damas sobre os pagamentos serem feitos em janeiro, que está tão longe, nem gratuitamente ninguem quer os referidos vales.

Além dessa descarada exploração desse maldito sujeito, é imposto ao trabalhador fazer entrada duma certa importancia quando recebe o vale, a titulo de concorrer para uma cooperativa de farmacia.

Mas ai! O trabalhador ficando doente morre de miseria, como já tem se dado numerosos casos, sem que o medico da empreza e os encarregados da secção de farmarcia tomem conhecimento do facto!

A semana atrazada, um preto que trabalhava na ponte que a empreza está construindo sobre o rio Parahiba caiu desastradamente da mesma, ficando como morto e com o corpo todo cheio de graves ferimentos; e, se algumas pessoas de bons sentimentos, extranhas á empreza não o fizessem conduzir á Santa Casa de Misericordia, ficaria no campo para pasto dos corvos!

Agora vejamos: enquanto isto se passa com os trabalhadores, que no fim de contas são as bestas de carga, a canalha comedora composta de engenheiros, chefes de oficinas, administradores e directores de obras de arte, vivem nababescamente, gastando rios de dinheiro.

Para esses, sim, os pagamentos são prontos, á hora e á tempo! E viva a patuscada!

Enquanto os operarios gemem de fome, de miseria e de sujeira, (que importa!) os senhores engenheiros, administradores, chefes e directores, a corja enfim dos espertalhões parasitarios, banqueteiam e estoiram de alcool e manjares finos!

Ninguem ousou ainda reclamar contra essa clamorosa e inqualificavel injustiça, e um operario portuguez lezado, interrogado por nós porque não levava ao conhecimento

O QUE VAI PELO MU...

Resenha internacional d... vimento anticlerical, livre... sador e social

Holanda

A educação racionalista... Federação para a educação raci... lista realizou em 15 de julh... debate publico sobre o tema:... que entendemos por educação r... nalista», defendendo H. Schutje... teses seguintes:

I. Ha uma diferença princ... entre a *instrução* e a *educação*;... instrução abrange a direcção no... tido scientifico; *b*) a educação ab... ge a formação do caracter; *c*)... duas completam-se, não podem s... stituir-se mutuamente.

II. A educação é, antes de tu... *tarefa dos progenitores*; *a*) é... erro abandonar a educação aos p... fessores primarios; *b*) é um cr... abandona-la á Igreja.

III. A educação racionalista... *complemento* da instrução publi... *a*) não se pode comparar a Espa... (90 °|o de analfabetos) com a... landa (2 1|2 °|o); *b*) a instrução... blica dá garantias suficientes pa... direcção scientifica.

IV. A educação racionalista c... preende «a formação do caracter... bre uma base scientifica». Porta... exige: *a*) o desenvolvimento do... nhecimento da sciencia da natu... da logica; *b*) a luta contra a... fluencia religiosa sobre a scien...

V. A educação racionalista é... *metodo* e não uma *doutrina*: *a*)... metodo conduz a uma doutrina... religiosa livremente escolhida (... ralismo, socialismo democratico, a... quismo); *b*) não pode entretanto... um modo preconcebido, ser sul... dinada a uma dessas doutrinas.

La Pensée, de Bruxelas, donde... ramos esta noticia, comenta: «... samos que este plano, perfeitam... ordenado, poderia servir de ba... uma conferencia de um dos no... propagandistas. Somos tambem... opinião que a educação racional... deve ser dada fora da escola, e... manecer neutra, para ser acessiv... todas as crianças, que não de... ser, desde tenra idade, encurrala... em campos inimigos. Que os fa... ticos assim procedam; mas livr... pensadores não devem, do seu la... criar especies de escolas confess... nais.»

Australia

Comidos! — Segundo o rev.... nald Mac Lean, os chefes da Ig... na Australia tinham apoiado a... do descanço na tarde do saba... esperando ter maior concorrencia... fieis nos oficios matinais do dom... go. Os operarios — pensavam os n... sos astutos reverendos — fatigados... trabalhar até á noite de sabado,... xam-se ficar na cama na manhã... domingo, e a nossa loja fica ás m... cas.» Ora que sucedeu? Os ope... rios, livres desde o meio dia de... bado até á segunda-feira de man... vão para o campo, em busca de... puro e de saude, deixando deser... no sabado os botequins e no... mingo os templos...

— Ora bolas! esclamam os re... rendos desconsolados, antes co... nuassem a frequentar as nossas... bernas e... as outras!

Republica de S. Marino

Até esta — O pequeno paiz (8.... habitantes) expropriou os terre... que as congregações religiosas...

2. EMERGÊNCIA DA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE AÇÃO DIRETA

Do contexto da aceitação da educação como instrumento de ação revolucionária entre os libertários em São Paulo, evidencia-se que o ideário do anarquismo internacional permeou os discursos no Brasil ora por meio do deslocamento de militantes europeus, ora pela leitura dos inúmeros livros e folhetos que chegavam impressos desde o norte do mundo. Com a transformação dos ideais revolucionários, dos pressupostos políticos presentes na disputa entre Marx e Bakunin no interior da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) à construção das prerrogativas que impulsionaram a vertente anarco-sindicalista do movimento a partir do início do século XX, a educação popular passou a ser defendida desde diversas perspectivas, sem nunca deixar de compor a pauta da atuação social do movimento. Por esse caminho, as discussões que atravessaram a construção teórica do anarquismo e provocaram a emergência da educação como ação direta não somente fortaleceram os projetos da imprensa periódica, como impulsionaram o reconhecimento do aprendizado infantil como um momento definidor da personalidade humana. A disseminação do ideário da educação integral entre instituições escolares foi um passo inevitável dos anarquistas em direção ao combate da dominação ideológica promovidas pelas instituições governistas e religiosas.

2.1 A educação popular no ideário anarquista

A pedagogia libertária concebida paralela e intrinsecamente ao desenvolvimento das tendências teóricas do movimento anarquista, ao longo do século XIX, inscreveu-se para além dos campos da anarquia ao inserir a construção de sua proposição de ensino entre as novas formulações educativas de pensadores que deram as boas vindas ao século XX com o questionamento das posições tradicionais frente ao aprendizado infantil. Dialogou com o positivismo filosófico, bem como com outros autores que trouxeram a questão da formação individual para o domínio dos procedimentos científicos. Fundamentada na formação integral do indivíduo generoso e no combate ao aprendizado dogmatizador, aproximou suas práticas às contribuições de diversos campos, formulando metodologicamente seus programas por meio de atividades condizentes com a defesa da formação de um espírito crítico entre as classes populares.

De maneira implícita, é possível compreender a aproximação da anarquia ao movimento de renovação científica pela conferência proferida por Kropotkin, publicada com o título "Anarquia, sua filosofia, sua ideal". Nessa fala, a partir de um passeio sobre as mudanças paradigmáticas ocorridas no fazer científico em geral – com exemplos de astronomia, física, biologia, psicologia, história, economia etc. – o autor caracteriza seu momento histórico como um tempo de arregimentação de uma nova sociedade, em que o homem de ciência moderno seria capaz de alcançar os meios para o alcance da anarquia. Kropotkin descreve um processo de elaboração de uma nova filosofia científica paralelamente à formulação de uma nova concepção de sociedade que, baixo uma nova visão de conjunto, permitiu que seu pensamento coincidisse com o de outros pensadores e poetas de sua época (KROPOTKIN, 2000, p.28).

Decorrente de um programa político internacionalista, a pedagogia libertária trazia no centro de seus objetivos a tarefa da transformação social direcionada à constituição de uma sociedade sem Estado e igualitária, pautada pelo progresso, mas revogando o sistema econômico vigente tido como força motriz da exploração e da desigualdade[36]. O fato é que um projeto pedagógico esteve presente nas diversas correntes do pensamento anarquista, em menor ou maior proporção, ocupando lugar desde sua emergência política nas prerrogativas de Proudhon, atravessando o *coletivismo*, e incorporando-se às ações centrais do *comunismo libertário*[37]. Foi nesta perspectiva de projeção de um processo educacional essencialmente libertário que o ideal social anarquista interviu no debate educacional que lhe foi contemporâneo[38], desafiando a escola a livrar a formação individual de toda sorte de pré-conceitos, lançando o aprendizado como um mecanismo de fortalecimento intelectual e não de absorção de temas convenientemente determinados por classes dominantes. O universo teórico desde o qual tal ideal se compôs gerou fundamentos para a proposta educativa em questão e, partindo de suas considerações, um conjunto de objetivos próprios do anarquismo foi impresso nas ações educacionais propostas e praticadas por seus militantes.

Apesar dos debates existentes entre *individualistas, coletivas, comunistas libertários* e *sindicalistas*[39]no que concerne ao entendimento e organização de seus parâmetros de atuação revolucionária, a história do movimento deflagra que a militância libertária esteve reunida em torno de um único ideal para o espaço social, guardando o pluralismo das ideias como um fator positivo para o desenvolvimento dos mecanismos político-econômicos colocados em pauta pelo projeto revolucionário. Mesmo em um contexto plural de debates marcados

36. Característica que difere a pedagogia libertária de praticamente todas as outras pedagogias a elas contemporâneas, a saber, a imbricação entre suas práticas educativas e ideais sócio-políticos, claramente estabelecidos.

37. Sobre as diversas correntes ideológicas que construíram a história do anarquismo internacional ver: Hernri Arvron, 1979; Piotr Kropotin, 2000; Max Nettlau, 2008; George Woodcock, 2006; entre outros.

38. Sobre a distinção entre a noção de liberdade presente no progressismo das pedagogias não diretivas e na pedagogia libertária anarquista vale lembrar a citação de Fabio Gallo, acerca da aproximação entre Rousseau e os anarquistas: "[...] ainda em Rousseau podemos encontrar o respeito ao indivíduo, o culto à liberdade, a educação ligada à natureza, para despertar e garantir o desenvolvimento de toda a potencialidade humana, temas bastante caros aos anarquistas. Rousseau, entretanto, está diametralmente afastado dos anarquistas: embora estes últimos o respeitem pelas suas considerações sobre a liberdade, sobretudo na educação, ele estava a serviço da sociedade que os anarquistas querem destruir. Assim, Rousseau defendia a liberdade, mas a liberdade burguesa; defendia o individualismo, mas o individualismo burguês; lutava por uma nova sociedade, a sociedade burguesa que a Revolução Francesa consolidaria." (GALLO, 1992, p.15)

39. O pensamento anarquista pode ser lido na produção de seus autores e em algumas compilações bibliográficas que buscaram retratar aspectos gerais de cada uma das correntes deste movimento. Max Nettleau (1865-1944), contemporâneo ao movimento, além de ter escrito sobre o anarquismo a partir da leitura de correspondências entre os militantes e de diversas publicações de diferentes países e datas, organizou uma bibliografia referencial sobre Bakunin. O historiador canadense George Woodcock (1912-1995) publicou, em 1962, *História das idéias e movimento anarquistas*, reunindo sucintas bibliografias sobre os principais pensadores do movimento e relatos sobre o desenvolvimento da anarquia em diferentes países e continentes.

por distintas miradas, a educação popular foi impulsionada com ênfase pelo programa do comunismo libertário que deslocou, do seio de suas ações diretas, a predominância da insurreição para o incentivo a práticas pacíficas de propaganda. Segundo as novas definições do ativismo anarquista, a formação dos indivíduos passou a posicionar-se como chave do motor revolucionário, apoiando-se na disseminação do movimento para outras regiões do mundo e, principalmente, no fomento de publicações periódicas que veiculassem os ideais libertários e contribuíssem para o fortalecimento do movimento entre a população[40]. Assim, o trabalho anarquista pela educação popular se focou sobre um programa de contaminação do indivíduo com os ideais do anarquismo, respondendo à própria renovação dos paradigmas libertários desde sua emergência histórica do contexto revolucionário francês[41].

A adoção do *comunismo libertário* como marca de tal mudança trouxe consigo o lançamento da prática educacional como um dos comandos da ação militante entre finais do século XIX e início do XX, contexto em que foram criadas as primeiras escolas libertárias para além do território europeu, numa atitude claramente propagandística.

§

Com o rompimento entre bakuninistas e marxistas na Associação Internacional dos Trabalhadores[42], a Confederação Jurassiana se solidificou como centro do movimento anarquista dando corpo às suas concepções políticas e abrindo campo para discussão das diferentes tendências de pensamentos presentes entre seus integrantes. Se no centro dessa formação estava o

40. "[...] A literatura anarquista passava livremente de país para país, e as obras de homens como Bakunin, Kropotkin e Malatesta eram traduzidas para muitas línguas. Além desse intercâmbio de ideias e propaganda, havia também uma constante comunicação entre os militantes anarquistas, devido, em larga escala, ao fato de que a vida do dedicado revolucionário amiúde o forçava a entrar em exílio temporário ou até a buscar um lar inteiramente novo no exterior" (WOODCOCK, 2006, p.36). Apesar das diferentes correntes que compunham o pensamento anarquista internacional, parece haver uma tendência geral, na literatura consultada, em reconhecer três eixos estruturais no interior de seus escopo de atuação. O primeiro se refere ao entendimento da organização social atual por suas características políticas e econômicas determinadas pelo modo de produção capitalista que lança os parâmetros para a visão de uma sociedade alternativa, lugar do segundo. O círculo se fecha com a formulação e fortalecimento dos instrumentos de ação necessários à transformação social.

41. Sobre o imaginário revolucionário francês sobre o qual os escritos anarquistas se remetem para falar sobre a nova revolução libertária, a delimitação feita por Kropotkin (2001, p.117-126) compreende desde o primeiro momento da derrubada do regime feudal e da onipotência do rei, circunscrito entre os cinco anos insurreccionais da Revolução Francesa (1788-1793), até os feitos Comuna de Paris (1870).

42. Sobre as discordâncias que caracterizaram esse rompimento político, ver: Arvron (1979); Nettlau (1978; 2008).

coletivismo de Bakunin, a convergência entre as posturas de outros pensadores[43] foi determinante para que a mudança de orientação política do movimento se consolidasse pouco tempo após sua morte em 1876. Durante o Congresso da Federação Jurassiana, realizado em 1880, foi feita a declaração sobre a adoção das concepções do *comunismo libertário* como nova orientação para a defesa político-econômica no movimento anarquista. Tal reorientação foi acompanhada por um tom acentuado em defesa da ação direta como prática revolucionária, voltando esforços para a organização de grupos secretos que atuassem paralelamente às campanhas públicas.

Os anos da insurreição violenta que marcaram as ações anarquistas tiveram início com a *Internacional Negra* resultante do Congresso de Londres, em 1881. Nesse encontro, *a ideia da propaganda pela ação e os diversos aspectos da violência revolucionária receberam copiosa discussão* e alguns militantes mais radicais, encabeçados pelo Dr. Nathan-Ganz, chegaram a defender a necessidade de uma *educação química* (WOODCOCK, 2006, p.29). Postura determinada pela crescente hostilidade entre vários dos governos europeus e pelo evidente distanciamento do grupo dos socialistas desde 1877, ocorrido a partir da convocação do Congresso Socialista Universal. O período violento da ação direta anarquista ocasionou uma ampla rejeição do anarquismo como movimento político e desencadeou o redirecionamento das práticas do movimento em finais do XIX.

> "[...] Longe de nós a ideia de elaborar um programa prévio para o caso de uma revolução [...] Mas, o que nos importa fixar, é o fim que nos propomos a atingir. E não somente fixá-lo, mas divulgá-lo, pela palavra e pelos atos, de maneira a torná-lo eminentemente popular, tão popular que, no dia do movimento, ele esteja em todas as bocas. Tarefa muito maior e mais necessária do que geralmente se imagina" (KROPOTKIN, 1984)

> "A pesar de nuestro gran respecto por la educación integral, declaramos que no es eso lo más importante para los pueblos. Lo primero es su emancipación política, que engendra necesariamente su emancipación económica y más tarde su emancipación intelectual y moral." (BAKUNIN, 1979, p.59)

Os trechos citados apontam para uma nova diretriz determinante na política de ação direta do movimento, que manteve suas críticas à forma de organização social vigente e os ideais para sua transformação, mas passou a enfatizar outro rumo para orientação da revolução: a divulgação massiva dos ideais libertários, inclusive entre outras classes sociais além do operariado, aumentando o número de adeptos ao movimento libertário. Bakunin recusava a aproximação com a burguesia reiterando a centralidade do diálogo com operários e rebeldes, ao passo que a militância em torno

43. Em 1876, mesmo ano da morte de Bakunin, são publicados dois textos especialmente relevantes para o redirecionamento do anarquismo em direção ao *comunismo libertário*. O primeiro, de James Guillaume – figura central na organização da Federação Jurassiana e militante bastante próximo a Bakunin – *Idées sur l'organization sociale*, escrito em 1874. O outro, de Dumartheray, intitulado *Aux travailleurs manuels partisans de l'action politique* que tratou *pela primeira vez em um texto impresso do comunismo anarquista* (NETTLEAU, 2008, p.180-181). Em março deste mesmo ano, Elisée Reclus discursou em Lausanne sobre sua concepção do *anarquismo comunismo* (NETTLEAU, 2008, p. 105). Por fim, Flavio Luizetto (1984, p.22) cita como fechamento para esse conjunto de fatores a volta de Kropotkin à Europa ocidental também em 1876.

dos projetos das escolas libertárias agremiou cidadãos diversos inclusive membros da maçonaria e pequenos burgueses, convocando livres-pensadores simpatizantes ao projeto educativo. O incentivo de escolas como uma organização política central não parecia viável dentro das chaves revolucionárias defendidas por Bakunin. Ainda que a *educação integral* tenha sido considerada primordial para ele, sendo inclusive um de seus formuladores, não a defendeu como promotora decisiva da revolução porque não acreditava ser possível estabelecer outros parâmetros para a educação popular num contexto social ainda dominado por relações econômicas capitalistas. Ao contrário, defendia a revolução e, partir dela, a instituição da *educação integral.* Entretanto, apesar das divergências quanto ao rumo da ação direta do anarquismo e do papel da educação dentro seu escopo de atuação social, é possível reconhecer o empenho da pedagogia anarquista *em seguir fiel às afirmações de Bakunin* no que se refere à conceituação do processo educativo (MORIYÓN, 1989, p. 19).

Se a propaganda pela ação se tornou central a partir de 1880, desencadeando, num primeiro momento, atuações militantes centradas em atentados políticos; num segundo momento, todo um sistema de pensamento reforçaria a tese da educação popular como instrumento central de militância política, passando a organizar sua base revolucionária pela persuasão pacífica dos cidadãos. Não por acaso, na passagem entre os séculos, todos os atos de protestos que pudessem ser interpretados pela sociedade como crimes incompreensíveis passaram a ser condenados pelo movimento[44]. Desde então, o esforço anarquista passaria a concentrar-se em um trabalho prolixo e paciente de propaganda e organização popular, que propiciaram a ampliação de certa *ilustração criadora das consciências anarquistas* (LUIZETTO, 1984, p. 73), na tentativa de conduzir à revolta e à consolidação de uma nova sociedade sem divisão de classes[45].

Vale frisar que nesse processo de afirmação, a educação libertária recorreria a alguns dos postulados revolucionários dos ilustrados no campo da educação, entre os quais a confiança na razão como eixo transformador da sociedade (MORIYÓN, 1989, p. 14). A educação posta a serviço de todas as classes sociais, sem censuras a conteúdos e inovações aportados pela ciência, era apresentada como instrumento inibidor da hierarquização entre os indivíduos. Os amplos interesses revolucionários contariam com "homens novos" que não nasceriam da noite para o dia, mas sim seriam *resultado de um longo processo pedagógico em que as pessoas* iriam *aprendendo a ser livres e solidárias* (MORIYÓN, 1989, p.15).

No contexto desse redirecionamento, a *educação integral* foi defendida como um dos instrumentos

44. Ainda que a prática de atentados violentos tenha continuado a existir, *a condenação definitiva dessa prática aconteceu no Congresso russo dos comunistas anarquistas, realizado em 1906* (LUIZETTO, 1984, p. 65). A ênfase da ação direta recaiu sobre o cultivo do espírito coletivo das massas, amplificando a necessidade de que *as ideias novas fossem esboçadas antes da revolução, fossem fortemente divulgadas entre as massas, [...] que as palavras anarquia, abolição do Estado, livre acordo dos grupos operários e das comunas, a comuna anarquista se tornassem familiares* (KROPOTKIN, s/d apud LUIZETTO p. 72).

45. "Não se trata só de devotar esforços e dedicação à pedagogia e às escolas alternativas; trata-se também de que a mesma organização em que se reúnem os libertários seja substancialmente pedagógica em toda a sua forma de funcionar. Nesse sentido, e se recorrermos a uma terminologia mais atual, no anarquismo a educação era entendida em sua tríplice dimensão de educação formal, não formal e informal, e a todas elas se dava importância." (MORIYÓN, 1989, p. 25)

mais eficazes de ação direta na conquista da transformação social, pelos militantes anarquistas alinhados a Kropotkin. A postura que perpassou o pensamento da pedagogia libertária esteve convicta na crença de que nenhuma forma concreta de liberdade seria possível sem a contemplação da integração entre o respeito à especificidade individual e o estabelecimento de relações sociais igualitárias[46]. Por tal equilíbrio, os comunistas libertários viam na *educação integral* a possibilidade de organização de uma "nova estrutura social", composta por indivíduos intelectualmente emancipados e formados sobre os valores da *ajuda mútua* entre os homens. Ao papel da educação como propulsora de conhecimentos se somava sua importância como disseminadora deste ideário fraterno e igualitário entre a população.

O crédito da transformação social atribuído à educação não isentava o discurso educativo da valorização do ideal social libertário concebido pela anarquia, característica fundamental para a compreensão do afastamento entre os ideais progressistas e libertários de educação sustentados entre finais do XIX e início do XX. A prescrição anarquista foi a de transformação dos valores sociais pela educação e a eliminação de todos os traços da dominação dos interesses capitalistas sobre a formação individual. Os esforços em direção à alfabetização e emancipação intelectual tinham, portanto, claras distinções em relação aos projetos progressistas de educação. Fosse por meio de escolas ou folhas periódicas, sindicatos ou associações operárias, o ímpeto em acreditar na tarefa de vulgarização do pensamento científico entre as classes populares, consolidando novos agenciamentos culturais, levou o *comunismo libertário* a aceitar, às vezes acriticamente, *as colocações do positivismo oitocentista* (MORIYÓN, 1989, p.14), assimilando muitas de suas propostas à concepção da revolução anarquista e disseminando-as como sementes ideológicas entre os militantes do movimento. No entanto, o legado deixado pela ilustração acerca da paixão pedagógica e a assimilação do ideário do positivismo oitocentista não afastaram o projeto revolucionário da causa da emancipação do operariado, da extinção da exploração capitalista e da opressão do Estado. A *educação integral*, longe de ser preconizada como acumulação de grande número de conhecimentos, foi orientada como busca do desenvolvimento harmônico de todas as faculdades do educando: inteligência, saúde, vigor físico e, inclusive, generosidade indispensável para o alcance de uma sociedade solidária apoiada em relações de *apoio mútuo*. Por isso, empenhava-se na projeção de um ensino ativo, geral e integral, a todos, de maneira a evitar qualquer desigualdade resultante da escolarização, defendida como promotora da aproximação entre o trabalho braçal e o intelectual[47].

O *comunismo libertário*, assim, intensificou os meios de divulgação de suas concepções, transformando pouco a pouco a atitude insurrecional de seus métodos de ação direta na operacionalização de uma prática política essencialmente comunicativa que utilizou a divulgação escrita e a escolarização como instrumentos de consolidação dos pressupostos do movimento anarquista em escala internacional.

46. Entre todos esses pensadores, Rousseau foi apontado como o filósofo do autoritarismo e da manipulação devido a sua concepção contratualista de sociedade e à manipulação da infância por meio da formação infantil que postulou com o exemplo de educação dada ao personagem Emílio (CODELLO, 2007, p. 20).

47. Sobre as defesas pelo equilíbrio entre trabalho intelectual e braçal nos escritos de Proudhon, Bakunin e Kropotkin, ver: Francesco Codello, 2007; Félix MORIYÓN, 1989. Este reproduz alguns dos principais textos anarquistas sobre educação.

2.2 Da educação integral ao ensino racionalista

Em "Educação Integral", de 1869, Bakunin lança mão dos preceitos geradores da concepção libertária de educação, apresentando-a como meta indispensável para a consolidação do estado revolucionário, muito embora tenha enfatizado sua proposta para o direcionamento de outro foco de ação militante: foco na implantação de um processo revolucionário que modificasse as relações sociais de produção existentes e que instaurausse uma nova sociedade sem exploração e opressão. No cenário desenhado por ele, a *educação integral* cumpriria a função de extinguir o desequilíbrio de acesso ao conhecimento existente entre as classes sociais, mas o não aniquilamento da estrutura de classes, sem intervir de maneira significativa no quadro de diferenças do sistema atual. Para ele a educação ocupava outra posição, também imprescindível para o processo revolucionário, mas com menor destaque. O processo educativo deveria ser responsável pela criação de homens completos providos de habilidades musculares e nervosas, ou seja, que não se dividissem entre trabalhos manuais e intelectuais[48], afastando o caráter instrumental da educação individual como um processo incentivador da revolta.

Ainda que a cisão com a pauta de Bakunin tenha marcado o rumo do movimento após 1880, suas concepções sobre a *educação integral* se mantiveram como base da formulação da educação libertária de orientação anarquista desde as reorientações conceituais derivadas da consolidação do *comunismo libertário*. As bases educativas estabelecidas por Bakunin resgatavam o pensamento de seus antecessores, sobretudo Proudhon[49], reavivando o questionamento sobre a divisão entre o trabalho intelectual e o braçal: todos deveriam trabalhar e ser instruídos, todos deveriam desenvolver atividades musculares e nervosas.

> "[...] a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o sábio não mais ignorar o trabalho braçal, e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e, por conseguinte mais produtivo do que o do operário ignorante."
> (BAKUNIN, 1869 In MORIYÓN, 1989, p. 39).

48. O trecho que segue, retirado do quarto artigo da série "Educação Integral", deixa claro o posicionamento de Bakunin: "[...] mientras el medio social no se moralice, la moralidad de los individuos será imposible. Para que los hombres sean morales, es decir, hombres completos en él, pleno sentido de la palabra, se necesitan tres cosas: un nacimiento higiénico, una instrucción racional e integral, acompañada de una educación fundada sobre el respeto al trabajo, a la razón, a la igualdad y a la libertad, y un medio social donde cada individuo goce de su plena libertad y sea realmente, de hecho y de derecho, igual a los demás. ¿No existe este medio? No. Por consiguiente, hay que crearlo. Si en la sociedad que hoy existe se llegaran a fundar escuelas que dieran a sus alumnos una instrucción y una educación tan perfectas como podamos imaginar, ¿llegarían a crear hombres justos, libres y morales? No. pues al salir de la escuela se encontrarían en medio de una sociedad que está dirigida por principios contrarios, y como la sociedad es siempre más fuerte que los individuos, no tardaría en dominarlos, es decir, en desmoralizarlos. Más aún, incluso la fundación de esas escuelas es imposible en el medio social actual. Pues la vida social abarca todo, invade tanto las escuelas como la vida de las familias y la de todos los individuos que forman parte de ellas" (BAKUNIN, 1979, p. 23).

49. Relativamente a isso, Francesco Codello escreve: "Bakunin adota as ideias de Proudhon enquanto se opõe àquelas de Marx e leva as reflexões anarquistas do francês a assumir uma identidade mais precisa e autônoma." (2007, p.107).

Assim, haveria a disseminação da ciência de igual modo entre todos, preparando todas as crianças de ambos os sexos tanto para o pensamento como para o trabalho. A educação infantil seria composta pelo cultivo da inteligência por meio do ensino geral de todas as ciências, mas também por um ensino industrial ou prático. O conhecimento científico deveria substituir todo traço de natureza metafísica ou teológica e subsidiar a orientação do adolescente para uma especialidade científica adequada às aptidões individuais. A formação do trabalhador, que *compreende e que sabe*, seria completada com o ensino prático acerca de todas as indústrias, bem como uma iniciação ao aprendizado de um fazer laboral.

O *comunismo libertário*, agarrando-se à concepção de *educação integral*[50] e defendendo a coeducação de classes e, com isso, ampliando o horizonte de constituição da nova sociedade, agregou outras dimensões às defesas de Bakunin ao tentar convergir os interesses de diversas classes sociais em favor do ideal social libertário. Novo contexto em que, convenientemente à propaganda anarquista, a origem política do militante importou menos que a confluência entre os objetivos sociais pelos quais o militante se filiava a causa libertária. Com isso a *coeducação* entre as classes ganhou força na consolidação da proposta vislumbrando a extensão de uma determinada formação política a toda população, das classes oprimidas às classes detentoras de privilégios.

Ainda que não tenha escrito propriamente um manifesto pela educação[51], Kropotkin lança mão de um programa de formação integral condizente à organização social do trabalho idealizada pelos anarquistas. Ele também reclama da divisão do trabalho do mundo industrial como uma separação violenta entre o intelectual e o braçal e a partir do questionamento dessa divisão – assim como o faz Bakunin e antes dele Proudhon – orienta uma crítica em direção à hierarquização entre os homens de ciência e os operários[52]. Verifica a formação integral do homem como uma necessidade decorrente do *divórcio entre a ciência e o ofício*, estruturando sobre a análise do modo de produção contemporâneo um projeto para a organização de uma sociedade libertária. Refere-se ainda à importância da "descoberta" feita pelos professores alemães, na formulação de seus *kindergarten* e do uso de brinquedos como instrumentos para dar conhecimentos concretos em

50. Kropoktin revela a defesa que fez da proposta de educação integral prescrita por Bakunin na passagem que segue: "A la división de la sociedad en trabajadores intelectuales y manuales, nosotros oponemos la combinación de ambas clases de actividades; y en vez de «la educación técnica», que impone el mantenimiento de la presente división entre dos clases de trabajos referidos, proclamamos la educación integral o completa, lo que significa la desaparición de esa distinción tan perniciosa" (1898, p.99).

51. O capítulo "Trabalho cerebral e braçal", do livro **Campos, fábricas y talleres** (1898), aborda predominantemente a questão da educação do indivíduo. Kropotkin constrói a argumentação do texto sobre o referencial da Escola Técnica de Moscou sem mencionar detalhes sobre a instituição, apenas exemplificando suas reflexões com as atividades desta escola. Ver: na tradução de trecho deste texto para o português, publicada no livro organizado por Moriyón (1989, p.56-61) ou no texto integral com tradução de Fermín Salvochea (KROPOTKIN, 1898, p.101-106).

52. "El hombre de ciencia - dicen- debe descubrir las leyes de la naturaleza, el ingeniero, el aplicarlas y el obrero ejecutar en madera o acero, en hierro o en piedra, los dibujos y formas trazadas por aquél; debiendo trabajar con máquinas inventadas para que las use, pero no por él. Nada importa que no las entienda ni pueda mejorarlas; el hombre de ciencia y el ingeniero científico cuidarán del progreso de la ciencia y la industria". (KROPOTKIN, 1898, p.97).

geometria e matemática[53]. Reconhece inclusive que bons resultados poderiam ser alcançados se as crianças fossem deixadas a confeccionar seus próprios brinquedos e levadas a experimentar os fazeres adultos no contexto do trabalho, haja vista o gosto das crianças pelo manuseio de ferramentas e materiais e pelas simulações e imitações de atividades adultas. Kropotkin condena a perda de tempo presente nos métodos tradicionais de ensino que gastam o raciocínio infantil com a demonstração de leis que pouco se relacionam ao cotidiano das crianças, consumindo atividades escolares em reproduções dogmáticas que quase nada respeitam e valorizam do processo individual de aprendizado. A aproximação de sua concepção educativa ao método científico é explícita quando aponta que *ninguém pode ser bom estudante de ciências se não tiver conhecimentos de meios adequados de pesquisa científica, se não tiver aprendido a observar, a descrever com exatidão, a descobrir as mútuas relações entre fatos aparentemente independentes, a levantar hipóteses e prová-las, a raciocinar sobre a causa e o efeito, e assim por diante* (KROPOTKIN, 1898, In MORIYÓN, 1989, p. 59). É interessante notar o deslizamento de seus paradigmas educacionais em direção à proposta de *ensino racionalista*. Kropotkin partia diretamente das ideias preconizadas por Bakunin para a *educação integral*, aproximava-se dos pressupostos da pedagogia ativa, passando a referenciar o programa racionalista de ensino.

Em 1898, Jean Grave publica no periódico *Les Temps Nouveaux* um manifesto pela liberdade da educação que assinam P. Kropotkin, Liev Tolstoi, E. Reclus, Paul Robin, entre outros[54]. Este manifesto foi difundido internacionalmente como uma primeira iniciativa coletiva, de um grupo de libertários, de impulsionar os princípios da educação integral, racional, mista e transformadora, como instrumento de ação direta. Uma proposta de ensino contraria à disciplinarização dogmática e aos programas escolares anuladores da personalidade e da iniciativa, tanto de educadores quanto de alunos.

> "En el año 1898, a sugerencia de P. Kropotkin, se creó un Comité pro-enseñanza anarquista, en oposición a la enseñanza religiosa y burguesa que se impartía en todas partes. Comité integrado por Élisée Réclus, Louise Michel, J. Ardouin, Ch. Malato, L. Tolstoi, J. Grave, además del mismo Kropotkin. Los principios de este comité fueron los siguientes: una enseñanza respetuosa del criterio de libertad ha de suprimir estas formalidades: a) la disciplina, que engendra el disimulo y la mentira; b) los programas, anuladores de la originalidad, la iniciativa y la responsabilidad; c) las clasificaciones, que motivan rivalidad, celos y odio. Tras estas supresiones, la enseñanza habrá de ser verdaderamente integral, racional, mixta y libertaria." (SOLÁ, 1990, p.46)

53. Para o contexto desta dissertação, a contribuição de Francesco Codello sobre a importância da criação do *kindergarten* por Friedrich Fröebel paga a pena ser transcrita: "[...] a natureza é sempre boa, exatamente porque participa da natureza divina, e o é particularmente na criança, que ainda não está contaminada e corrompida pela sociedade. A tarefa da educação é, portanto, deixar desenvolver-se a natureza (obra de Deus) da criança, favorecendo o seu reconhecimento espiritual. A atividade criativa é o jogo, e os "jardins da infância" não servem apenas à mera custódia mas, em sintonia com os pressupostos pedagógicos de Fröebel, são espaços equipados para tudo aquilo que é a intuição das coisas como centro das atividades." (CODELLO, 2007, p.72-73).

54. Ainda que Kropotkin tenha assumido ser inútil alimentar a esperança de alguma reforma a partir da reformulação educativa enquanto as nações civilizadas permanecerem sob o atual, estreito e egoísta, sistema de consumo e produção (KROPOTKIN, 1898, p.105), apoiou a campanha da educação libertária, entre outras maneiras, com a divulgação de tal manifesto. Entretanto, seguiu enfatizando a importância de um processo revolucionário mais amplo, no qual a educação se realizasse apenas como uma de suas ações.

. Vital: Recebemos o arti-
rá publicado. Saudações.
Basilio — J. Soares: Re-
vale de 10$. Saudações
nheiros.
phia — U. M.: Fizemos
ncia. Saudações.
el — T. d'A.: Remetemos-
nplares correspondentes á
viada. Avulsamente não é
ssa cidade. Saudações.
Preto — J. P. S.: O jor
sendo remetido para essa
adações.
S. Azevedo: Modificá-
endereço e registamos o
ante. Saudações.
tauna — F. P.: Infeliz-
o tambem exgotados os
s indicou. Para cobrir a
nosso poder mandaremos
vidades que vamos rece-
ordo com as suas conside-
e o tal facto. Saudações.
Agencia Pery: Foi satis-
pedido de livros e fo-

- O. S.: Já lhe estamos
o jornal para o enderêço
Foi-lhe tambem remetido
tangere. Saudações aos
os daí.
Moreira: Recebemos o
e!
ra — S. M.: Foi aten-
pedido. E' deveras dolo-
ua constatação. Emfim,
que ninguem está mais
e constrangimento. Sau-

zonte — F. V.: Recebe-
le sua assinatura. Reme-
onta do anúncio. Sau-

este — S. O. C. L.: Se-
edido. Saudações.
— G. G.: Já regista-
nderêço na lista dos nos-
s. Aceitamos de muito
seu oferecimento. Sau-

— A. da Baía: Infeliz-
privações existirão em-
rar a actual organização
sociedade. E' essa a
nião, o mais são legali-
cas, anti-naturais. Já lhe
folheto mencionado.

- M. Costa: Recebemos
folheto sobre o caso
erá publicado. Chama-
enção para a nota que
ublicamos em outro lu-
os a sua resposta. Sau-

non è mai esistito

ella Casa Editrice Mer-
Ristori, è uscito dai
endido libro di Milesb

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Carusó.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua 1.º de Março, agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, Villa Izabel, com o sr. Pedro B. Matera.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

"HUMANIDAD"

Excelente revista quinzenal de educação e cultura social, de Valencia, Espanha.

Assinatura, ano, 5$000.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser endereçados ao representante J. M. Bueno, Rua Nova S. José, 97, S. Paulo.

Coalho liquido Halley

E' o melhor e o mais barato. Uma colher de coalho basta para coagular em litros de leite.

Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341

Bello Horizonte

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2$500 o exemplar, em todas

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS

A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programa socialista anarquista-revolucionario*	$100
Prof Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Otaviano Reinelt, *Um como não ha muitos*, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos)	1$000
Carlos Dias, *Semeando para Colher*	$300
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000

EM ESPANHOL

Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Paternal*	$100

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine,	$300
L'Esprit de Révolte »	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Lénteute pour l'action*	$200
Elisée Reclus, *A mon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes*	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans*	$300
M. Nettlau, *La responsabtité. et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Lonis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat*	$100
» » *La Morale*	
» » *Anarchiste*	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale*	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes*	

Noli me tangere

a obra prima da gloriosa victima dos jesuitas Jo
fuzilado em Manila, como revoltoso contra o d
virtude das miserrimas intrigas contra êle urdi
negra: agostinianos, capuchinhos, etc., etc., que,
o mais temivel adversário recorreram aos meio
familiares para o aniquilar.

NOLI ME TANGERE OU **NO PAI**

é um romance admiravelmente escrito, narrando t
cometidos nas Filipinas, pelos frades que, dali ex
tagalos, estão cavando agora a nossa desgraça, a

Esse empolgante romance, especialmente t
Vasco e que tanto sucesso alcançou entre os lei
foi por nós editado em elegante volume de 136 p

PREÇOS DE CADA EXEMPLAR: **800 réis**
1$100 pelo correio.

E' encontrado nos seguintes pontos:

Em S. Paulo: — Livraria Moderna, Tr
Livraria Lealdade, Rua de S. Bento, 51.

No Rio de Janeiro: — Redacção da *Gue*
Alfandega, 182 (sob.). — Agencia de Braz Lauria,

Em Campinas: — Agencia de Antonio Al

Em Ribeirão Preto: — Livraria Sélles,

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo)
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
Lá Democracia y la Inglesia, por Potvin.

2.ª série em publicação:

Dios, por Suner y Capdevila
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensinanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.

FABRICA D

FUNDA

Escusado é diz
unica fabric
reserva de pre
ão conhec

Pereir

Avenida Ra

— S.

«A Lanterna

E encontrada
seguintes agenci
Em Ribeirão P
sr. José Selles, r
e 43.
Em Campinas,
tonio Albino Ju
Em Santos, na
Magalhães, rua S
Em Mogy das
sr. Antonio Cost
Em Bello Hori
sr. Giacomo Aluc

Anúncio sobre a reabertura do *Editorial de la Escuela Moderna* e a consequente disponibilização da sequência de fascículos da obra *El hombre y la tierra*, de Élisée Reclus. (In **A Lanterna**, ano XI, no146, 6 de julho de 1912, p.2)

Anúncio da venda de *Evolução, revolução e o ideal anarquista*. (In **A Lanterna**, ano XI, no152, 17 de agosto de 1912, p.4)

pre a inviolabilidade
de humana".
onzo Julio, aprende o
, nunca nos livrou
antes pelo contrario:
na ignorancia, no ab-
rutecimento, na estu-
ção mais profunda e
leta miseria; ela se-
combateu a sciencia;
ota antiguidade do
dondeza da terra, a
antípodas, a anima-
a do homem, as des-
stronomia, a rotação
terra á roda do sol,
Júpiter e Saturno,
das especies; mandou
athia, reduziu ao si-
Abelard, encarcerou
, queimou vivo Cecco
lou apunhalar Pedro
ou Giordano Bruno,
leo, vociferou contra
ou Buffon a retratar-
cinzas a *Enciclopedia*
atros muitos livros,
eus respetivos auto-
ou a imprensa, exco-
dicina, bramou contra
combateu a cirurgia
culação do sangue;
a o telégrafo electrico
ras a vapor; caluniou
tley, Darwin, Buchner
de de homens sabios
; declarou-se irrecon-
neio do *Sillabus*, com
derna; e hoje... hoje,
asquerosa baba contra
s Draper, os Nordau
(4)

, bonzo Julio, que a
bertou do erro... ás

sação do erro do qual
tou", o que foi que

, em primeiro lugar,

«Relig. da Morte» por
. VIII. Lisboa 1910.
Bossi, «A Igreja e a
ad. de B. de Carvalho,
ota».
«Historia da Luta en-
e a Teologia» por A.
IX. Lisboa, 1910.
Obr. cit.», part. II cap.
«Historia dos Conflit.
cia e a Relig.», e «Hist.
uropa, t. III. Mas quem
nte põe isto mais em
de toda e qualquer dis-
ro celebre de A. D.
storia da Luta entre a
Teologia».

ra de Apolo, com um globo na mão.

Quinhentos anos depois, entre os anos 813 e 830 da nossa era, era a geografia ensinada por meio de globos na escola do maometano arabe Almaimmon (v. Draper, *Intellectual Development of Europe*).

A Terra só começou a ser tida como chata uns cem anos após Eusebio e Constantino, e só nos países sujeitos ao papado. A medida que se engrandecia o papado, achatava-se a Terra cada vez mais, e quando ele se fez absoluto, tornara-se a Terra um disco.

Fora dos países submetidos á influencia papal, mantinham os maometanos a sciencia, as artes e o senso comum em geral. Sabiam ser a Terra esferica. Cristóvão Colombo, que visitara os portos muçulmanos e ali comunicara com arabes, conheceu essa ideia e resolveu demonstrar a sua exactidão.

(Trutk Seeker).

"El Hombre e la Tierra"

Já tendo sido reaberta a livraria da Escola Moderna de Barcelona e completada a esplendida obra de Eliseu Reclus, *El Hombre e la Tierra*, o companheiro Antonio Orellana convida às pessoas que a recebiam em fasciculos por seu intermedio a saldarem os seus debitos para receberem os fasciculos restantes, ou a devolverem os que estão em seu poder.

As respostas deverão ser dirigidas para a nossa caixa postal no mais breve tempo possivel.

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

O nosso companheiro Santos Barbosa fará, na proxima quinta-feira, após a reunião da Liga, uma palestra sobre a profecia do padre Julio Maria.

A entrada será franca,

A séde da Liga é na rua General Camara, 335.

assaria. E disse Deus": — Quem diz alguma coisa, diz a alguem ou para alguem. Ora, não havendo nessa ocasião, ainda, ente vivente algum, para quem seria que Deus disse?

Não se sabe; a Biblia não nol-o explica nem o podia explicar, pois, na época em que ela foi forjada, tudo já existia menos o Deus que nos apresenta. Continuemos no versiculo 6. "Haja uma expansão no meio das aguas, e haja separação entre aguas e aguas". Que expansão e que aguas e aguas são essas?

Pois no principio não havia já Deus distintamente creado os céus e a terra? Que expansão é esta de que nos fala a Biblia?

Pois então será possivel que alguem acredite que o espaço infinito que nos separa dos outros planetas estivesse todo cheio de agua, como nos quer fazer acreditar o versiculo 7, do mesmo cap. I, que diz: "*E fez Deus* a expansão, e fez separação entre as aguas que estavam debaixo da expansão e as aguas que estavam sobre a expansão" e ainda a segunda parte do versiculo que diz: "e o espirito de Deus era levado sobre a face das aguas". Se o espirito se movia onde teria ele deixado o corpo? Seria nos céus? Não podia ser, pois, diz-nos o versiculo 8: "E chamou *Dens* á expansão céus, e foi a tarde e manhã o segundo dia".

Ora, do segundo dia em diante já ele tinha casa, já ele tinha morada; mas anteriormente onde habitava ele, não havendo terra nem céus?

E' esta uma coisa que eu de coração desejava que os sabios doutores da Igreja me ensinassem.

"E haja separação entre aguas e aguas", "e fez separação entre as aguas que estavam debaixo da expansão e as aguas que estavam sobre a expansão"!

Se não fossem as descobertas da sciencia, nós não poderiamos certamente atinar com o sentido do enunciado acima.

Separação de aguas; aguas de baixo da expansão, aguas sobre a expansão significa, nem mais nem menos, do que a convicção que naquele tempo era unanime de que a terra era chata, — de que o firmamento, a que deram o nome de céu, era abobadado; de que esse firmamento assentava em seus extremos sobre colossais colunas sem

Entre os nomes mencionados por Père Solá, Jean Grave (1854-1939), autor de *As aventuras de Nono* e editor do periódico anarquista *Le Temps Nouveaux*, e Élisée Reclus (1830-1905), autor de *O Homem e a Terra*, destacam-se tanto por suas contribuições à construção do movimento anarquista em âmbito internacional, como por suas participações no debate encerrado entre os militantes brasileiros, desde as páginas de seus principais periódicos. Ambos tiveram suas obras editadas pelo Editorial de la Escuela Moderna e suas ideias repercutiram entre os principais referenciais textuais do programa da Escola Moderna de Francisco Ferrer i Guàrdia.

Na pedagogia libertária, o limiar entre pensamento e atividades eminentemente práticas foi marcado pelo ativismo de Paul Robin (1837-1912)[55]cuja militância no seio do movimento anarquista – participou das movimentações libertárias na Internacional, em relação próxima à Bakunin – concedeu a seu pensamento papel de destaque na constituição e divulgação da pedagogia libertária. Enquanto esteve à frente do orfanato público Prevost, em Cempuis[56] – França, entre 1880 e 1894. Robin praticou a concepção libertária de educação metodologicamente descrita no folheto *Educação Integral*[57]que circulou por todo mundo, disseminando a concepção de ensino defendida pelo movimento anarquista. Ele irradiou a noção de que a evolução deveria ser embasada pelo acordo entre vontades reflexivas ao invés de propiciada pela submissão e crescimento cego dos instintos e, para alcançá-la, seria preciso que a educação dos cidadãos os aproximasse a compartilhar a vida em ajuda mútua, ao invés de dividi-los, desde tenra idade, incentivando-os a relações competitivas (1981, p.42). A partir da defesa deste como o principal objetivo dos processos de ensino e aprendizado, na mesma linha de defesa de seus antecessores e resgatando o ideal da generalização da *educação integral* entre todas as pessoas, Robin inicia seu texto fazendo menção às obras de Rabelais e Rousseau como precursores da ideia moderna de *educação integral* que cultivou ao longo de quinze anos no interior da Associação Internacional de Trabalhadores. O texto apresenta em nove tópicos[58] uma síntese sobre tal amadurecimento conceitual,

55. Paul Robin foi convidado por Ferdinand Buisson (1841-1932), então diretor do ensino primário na França, para colaborar na organização do *Dictionnaire pédagogique et d'lnstruction primaire*, em ocasião da Exposição Universal de Paris, publicado entre 1878 e 1987 (DELGADO, 1979, p.90; DUBOIS, 2001, p.63). Em 1893, Robin fundou em Bruxelas a Associação Universal de Educação Integral.

56. Pormenores sobre o Orfanato podem ser verificados em: Gabriel Giroud, 1900. Sua atuação na direção de Prevost também decorreu de indicação de Ferdinand Buisson.

57. O folheto publicado em 1869, sob o título original *De l'enseignement intégral,* resultou de discussão do interior da comissão sobre instrução da I Internacional, durante o Congresso da Basileia, realizado neste mesmo ano, na qual estiveram presentes os delegados espanhóis Gaspar Sentiñon y Farga Pellicer (DELGADO, 1979, p.31), personagens de destaque na expansão das escolas laicas pelo território espanhol.

58. São eles: breve introdução; exercício dos órgãos dos sentidos, sem auxiliar; emprego dos auxiliares dos sentidos; aberrações dos sentidos; exercício dos órgãos ativos; forma de escritura e dos distintos idiomas; ouvir, ler, falar, escrever; outros procedimentos de transmissão de pensamentos; razão, memória, imaginação.

explicitando as bases[59] desde as quais as práticas libertárias de educação iriam ser disseminadas internacionalmente e constituindo-se basicamente como uma espécie de "orientação" a partir do qual se alcançaria a boa prática de *educação integral*. Importante notar neste documento a aproximação metodológica entre ensino e fazer científico, e também a formulação de algumas diretrizes que influenciaram diretamente o programa de ensino das escolas racionalistas.

Apesar de a imprensa anarquista ter voltado seu foco sobre a obra de Ferrer como ícone da pedagogia libertária, a influência de Paul Robin na constituição de seu pensamento pedagógico se faz notar pela importância que concedeu ao método científico[60] na formulação de seus discursos educativos, pela defesa da coeducação, pela ênfase sobre a criação de hábitos de higiene e, inclusive, pela proposta de criação da Liga Internacional pela Educação Racional da Infância (DELGADO, 1979, p.92). A figura de Paul Robin, ainda que relativamente apagada, apareceu ao lado das reivindicações libertárias pela educação que se mantiveram fiéis aos princípios da *educação integral* sempre retomando seus escritos como um importante marco referencial. No epílogo da revista *L´Education Integrale*, Robin apresentou o conceito de educação por ele defendido ao longo dos anos que esteve a frente do Orfanato Prevost:

> "Assim, pelo estudo da natureza, pelo da indústria, na prática das oficinas, das ciências nos laboratórios e observatórios, a instrução integral dá ao cérebro um desenvolvimento harmônico, bem equilibrado e uma grande retidão de juízo. Esta espécie de excitação dada pela prática deve completar-se em seguida pelo estudo teórico nos livros. Em todos os ramos em que o ensino dogmático tem certa preponderância, como nos meios de aquisição do pensamento, línguas, escrita, música, artes plásticas, o educador integral deve conhecer e empregar os processos práticos mais rápidos."
> (In **O Amigo do Povo**, ano II, no37, 24 de outubro de 1903).

59. Robin lança seu plano de trabalho a partir de um conjunto de questões: "Seria conveniente dar a educação integral nos mesmos locais para os dois sexos? Os alunos dos estabelecimentos de educação integral seriam necessariamente internos ou externos ou poderiam ser facultativamente externos ou internos? Quem se ocuparia dos detalhes da direção ou, se quiser, da parte da vigilância que compete a pessoas mais velhas? Pode-se esperar que o estabelecimento da educação integral chegue a cobrir seus gastos mediante a venda do supérfluo dos seus produtos? Em todos os casos, pelo menos durante o período de formação, seria bom indicar um plano financeiro que permitisse observar o princípio igualitário? Quais seriam as relações da instituição da educação integral com o ensino superior das ciências concretas, tais como medicina, talento e belas artes? O adulto encontrará meios para continuar cultivando os ramos de sua preferência, mesmo depois do período de formação propriamente dito, no estabelecimento em que se formou?" (ROBIN, 1869, In MORIYÓN, 1989, p. 93). Percebe-se em tais indagações um delineamento programático mais afinado ao cotidiano escolar que ultrapassa as conceituações gerais feitas por Bakunin, ou mesmo, mais adiante, por Kropotkin. Robin se preocupa claramente com o processo de institucionalização da educação.

60. No manifesto pela *educação integral*, Robin reconhece o fenômeno científico do século XIX apontando que a ciência e o espírito da ciência estão por todos os lados: "Su influencia penetra incluso hasta en las capas sociales profundas, indirectamente, es cierto, y por sus producciones materiales, sus máquinas, sus ferrocarriles, sus telégrafos cambia las costumbres de la vida y la dirección de las ideas. Transformación irresistible: frenarla es tan imposible como el detener un planeta en su órbita" (1981, p.38). E termina dizendo que a próxima geração deve ser preparada para praticar a ajuda recíproca entre os indivíduos para superar as determinações da vida coletiva, e isso por meio de uma educação baseada em razão e ciência, uma educação renovadora e libertadora, essencialmente progressiva (1981, p.40).

A partir de um objetivo moral claro, o estabelecimento de parâmetros para o aprendizado, bem como de procedimentos metodológicos para alcançá-lo, desenhou um ambiente educativo propício para o que chamava de desenvolvimento integral das faculdades humanas, contrário à especialização prematura da criança[61]. Da educação física, desde a infância, buscava o desenvolvimento orgânico da saúde, em regime higiênico, isto é, no cultivo de certos hábitos alimentares, no equilíbrio entre ação e repouso, na alternância entre tipos de atividade: proporção, distribuição estudada, segundo as idades, das horas de trabalho intelectual, exercício físico e sonho (1981, p.44). Para propiciar essa fase de desenvolvimento, do aprendizado individual segundo as tendências próprias do aluno, Robin traz como imagem uma ambiência onde abunda o ar e a luz naturais, caso possível, de uma vida no campo, com aulas a céu aberto, no jardim e no tempo sempre que o tempo o permita. Um programa de formação que se evidencia pela simpatia aos princípios do naturalismo pedagógico, fundamentando-se primeiramente na educação orgânica em detrimento da sobrevalorização da educação intelectual que, deveria acontecer a seu momento e em outras circunstâncias.

> "Gimnasia natural, ejercicios al aire libre, juegos organizados, paseos, excursiones, sesiones de baño de mar; gimnasia metódica para completar y equilibrar los efectos del movimiento espontáneo; ejercicios de aplicación, carrera, salto, natación, que desarrollan el coraje físico y ponen al hombre en estado de librarse del peligro y de ir en ayuda de sus semejantes; gimnasia eurítmica que da la flexibilidad y la gracia. Vestuario conforme a las prescripciones de la higiene, a la vez simples y no sin elegancia. Aseo vigilado, baños, abluciones frecuentes. Todo bajo el control de mediciones antropométricas, que permitan seguir el desarrollo físico del niño." (ROBIN, 1981, p. 45)

Há no texto de Robin um claro retorno à natureza para a construção da ambiência do aprendizado infantil. O naturalismo é sempre mais conjuntural que estrutural, sendo próprio de momentos de crise (CALPE, 2004, p.16), pois nessas brechas que surge a necessidade de um retorno a natureza devido ao descontentamento imposto por uma condição social e o ímpeto por restaurar uma tradição política perdida. Esse deslocamento ao meio natural não foi uma inovação anarquista e cabe, por isso, uma breve retomada de seu delineamento na história da educação.

Inserido em um movimento que remonta a tradições anteriores ao iluminismo, Rousseau organizou bases para a construção de uma teoria sobre o crescimento orgânico da criança, propondo a partir da educação de Emilio parâmetros que deixaram marcas expressivas no desenvolvimento histórico das propostas educativas, influenciando inclusive a pedagogia libertária. Rousseau partia do pressuposto que a sociedade de seu tempo era má e, por isso, não via conveniência em socializar a criança já em seus primeiros anos. Por isso defendeu que primeiro deveria ocorrer a formação de seu espírito, em um processo que chamou de *educação negativa* (2004, p.83), fundamentando o aprendizado pelo desenvolvimento espontâneo das faculdades mentais, sem lições verbais, sem

61. "[...] Pero la especialización a ultranza, estrecha y comenzada demasiado pronto, sin base de instrucción general, es la causa más activa de la miseria y de la desorganización social. Es la forma moderna de la esclavitud. Hace seres instintivos, incapaces de razonar, sin defensa contra los choques súbitos de los acontecimientos, predispuestos de antemano a todas las explotaciones: son máquinas y no hombres." (ROBIN, 1981, p.44)

ensinamentos morais e sem qualquer imposição de conhecimentos externos ao seu próprio ser[62]. Nesse sentido, o retorno à natureza propunha em sua concepção educativa não era de ordem espiritual, porque suas defesas, apesar de tremendamente moralistas, não propunham o regresso à condição de *bom selvagem*, mas a redenção político-moral e educativa em forma de utopia crítica frente a sociedade que estava julgando como ruim.

Essa aproximação, porém, não pode matizar as inquestionáveis distinções entre o pensamento de Rousseau e as concepções anarquistas para a sociedade[63] que sentou claras e duras críticas à concepção contratualista de sociedade formulada pelo filósofo iluminista. Entretanto, ter em mente o legado que Rousseau deixou sobre educação parece ser importante para que as propostas anarquistas de educação não sejam pasteurizadas frente a possíveis similitudes metodológicas com a concepção rousseauniana de educação. Ainda que não possa deixar de ser considerado o tom naturalista atribuído por Robin para o programa de Prevost, muito menos o caráter anti-dogmático da educação racionalista conforme anunciado por Ferrer (FERRER i GUÀRDIA, 1912, p.200).

Cada qual a sua maneira, contribuindo para a conformação do marco anarquista sobre educação, orientou projetos de ensino desde prerrogativas libertárias para transformação da sociedade, desdobrando-se em práticas que beberam do repertório intelectual anarquista do XIX[64]que, por sua vez, havia apenas esboçado um programa de *educação integral*.

Por fim, entre estas defesas e propostas, Francisco Ferrer i Guàrdia[65] (1859-1909) foi progressivamente influenciado pelo ambiente libertário e acabou responsável pelo hasteamento da bandeira educativa de maior destaque do movimento ao levar a *educação racional e científica* na implantação da Escola Moderna, em Barcelona. Para ele também, a ciência era indispensável para o bem da humanidade e deveria, por isso, constituir-se *em diretora única da vida do homem* (FERRER i GUÀRDIA, 1976, p.10). Ferrer partiu dos princípios da *educação integral* para lançar seu ideal de *educação racional e científica*, voltado igualmente à formação de cidadãos para a nova sociedade, solidária e não hierárquica conforme os princípios do movimento. Porém, o desenvolvimento de seu discurso e a viabilização de sua proposta de ensino – calcada de modo acentuado no combate ao ensino religioso e dogmático, bem como na coeducação como parâmetros de um aprendizado marcado essencialmente por métodos científicos[66] – ganhou autonomia no contexto das propostas libertárias, tanto em relação às

62. Até doze e quinze anos, a criança deveria seguir sendo guiada pelo amor próprio por si, sem aproximar-se do saber moral, idade em que os trabalhos manuais deveriam ganhar importância. Enquanto não cheguasse a adolescência, a negação das lições verbais e a preservação da criança de toda corrupção prematura deveria ser priorizada. Então chegaria o momento de iniciar a educação baseada no aprendizado de conhecimentos e na moral, inserindo o educando na sociedade (ROUSSEAU, 1968).

63. A esse respeito consultar CODELLO, 2007; GALLO, 2007.

64. Segundo Emma Goldman, Luise Michel fundou, em Montmartre, Paris, o programa *Escola Moderna* muito antes da época de Ferrer. Um feito de menor escala, mas precursor segundo Goldman que aponta diretamente para a influência da vida parisiense na obra de Ferrer: "¡Cómo debió ensancharse su alma em el nuevo país! Francia, la cuna de la libertad, de las ideas, de la acción. París, siempre joven, el intenso París, con su palpitante vida, después de la obscuridad de su propio país retardado, ¡cuánto debió haberle insipirado! ¡Qué oportunidades, qué ocasión gloriosa para un joven idealista!" (GOLDMAN, 1910, p.2).

65. Pormenores biográficos sobre Ferrer podem ser observados em: Sol Ferrer, 1948; 1962.

66. "[...] como um homem de seu tempo não escapou às influências do Positivismo e sua confiança na

iniciativas que o antecederam, quanto à contemporânea experiência de Sebastien Faure, em La Rouche (1858-1942)[67]. Ferrer institucionalizou definitivamente a escola libertária, lançando-a como a base do processo revolucionário e invertendo, assim, a lógica do discurso anarquista sobre a revolução quando apostou na educação popular como o principal motor da revolução. Entre outros exemplos, a citação de Maria Lacerda de Moura, de carta escrita por Ferrer, é emblemática para ilustrar a proporção que tal inversão alcançou em seu pensamento sobre a revolução social.

> "Para transformar a maneira de ser da humanidade, não compreendo que haja coisa mais urgente do que o estabelecimento de um sistema de educação tal como o concebemos e que, dando frutos, facilitará o progresso e tornará a conquista de toda ideia generosa muito mais fácil. Eis porque me parece que trabalhar agora pela abolição da pena de morte e para a Greve Geral sem saber como havemos de educar nossos filhos é começar pelo fim e perder tempo."
> (FERRER i GUÀRDIA, s/d apud MOURA, 1934, p.8)

Como exposto anteriormente, em Bakunin a educação ocupava um papel complementar, ainda que fundamental, no trabalho revolucionário. Esse papel viria a ganhar força com a defesa de Kropotkin de um processo no qual a prática educacional seria vista como uma das ações diretas centrais do anarquismo. Já Ferrer postulou a educação como protagonista da revolução social e seu tom radical acerca da institucionalização escolar acabou sendo questionado por militantes do movimento, como Ricardo Mella, que atribuíram ao seu programa um caráter dogmático incoerente com a própria defesa libertária[68]. Ainda que a fala de Ferrer demonstrasse sua consciência acerca do caráter dogmatizador da educação, que no futuro deveria ser baseada na *espontaneidade,* fica evidente o finca-pé que fazia no debate revolucionário, enfatizando a educação como eixo de todo o processo, inclusive após o fechamento da Escola Moderna de Barcelona, em 1906.

> "[...] O nosso ideal é certamente o da sciencia e nós lhe pediremos que nos dê o poder de educar a criança, favorecendo o seu desenvolvimento com a satisfação de todas as suas necessidades, á medida que nascerem e crescerem. Convicção nossa é que a educação do futuro será uma educação toda de espontaneidade; certamente, ainda não a podemos realizar, mas a evolução dos methodos no sentido duma comprehensão mais larga dos phenomenos da vida, e este facto, que todo aperfeiçoamento significa a suppressão duma coacção, tudo isso nos indica que vemos justo quando esperamos da sciencia a libertação da criança." (FERRER i GUÁRDIA, *A renovação da escola* In **A Lanterna**, ano IV, n.8, 4 de dezembro de 1909)[69]

libertação do homem pela ciência; como buscador de futuro, foi um dos pioneiros no lançamento das bases de uma educação científica." (GALLO, 1992, P.19)

67. Sobre La Rouche, ver texto de Sebastien Faure publicado por Moriyón (1989). Esta experiência também apareceu entre as práticas pedagógicas divulgadas pela imprensa libertária no Brasil. Especificamente, no artigo Educação religiosa e educação leiga, publicado na coluna Ecos e Nota, de A Lanterna, as experiências de Cempuis e La Rouche são apresentadas como exemplos de educação dirigida por homens emancipados (In A Lanterna, ano IV, no4, 06 de novembro de 1909).

68. A crítica de Mella pode ser lida em "O problema do ensino". De maneira geral, o texto aponta um duplo erro na exaltação excessiva de Ferrer pelos anarquistas: a identificação do anarquismo com o racionalismo; a abordagem equivocada da ciência usada na postulação de outras verdades absolutas. "O grande perigo de algumas alternativas pedagógicas fundamenta-se no fato de haverem substituído o dogmatismo religioso por um novo dogmatismo, seja este o da ciência ou o da revolução, tentando uma vez mais impor à criança ideias pré-estabelecidas, indotrinando-a em vez de buscar o pleno desenvolvimento de todas as suas faculdades e possibilidades" (MELLA, 1911 In MORIYÓN, 1989, p.33).

Do conceito de *educação integral* à ampla divulgação do *ensino racionalista* promovida por Francisco Ferrer, o início do século XX foi marcado pelo debate em torno do papel do programa escolar na pauta revolucionária dos anarquistas, mesmo ao custo de certo afastamento da própria ideologia do movimento. E como não poderia ser diferente, os debates sobre métodos e operacionalizações incidiram diretamente sobre os conteúdos.

§

A Escola Moderna de Barcelona foi fechada por determinação judicial, em 31 de maio de 1906. A causa remonta ao atentado a bomba sobre o cortejo nupcial de Alfonso XIII e Victoria Eugenia de Baltemberg, cometido por Mateu Morral, seu então bibliotecário. Ferrer foi acusado como cúmplice e a Escola Moderna considerada uma fachada para atividades terroristas, sendo Ferrer também acusado como seu principal agitador. Fecharam a Escola levando todos que nela trabalhavam à prisão, inclusive Ferrer que, por falta de provas, foi liberado da detenção somente um ano mais tarde.

A Escola não foi reaberta, mas Ferrer prosseguiu com sua militância dando continuidade às publicações do *Editorial de la Escuela Moderna,* inclusive ao periódico *Boletín de la Escuela Moderna*, mesmo sem a existência de atividades escolares. Ele, transitando entre Paris e Bruxelas, retomou suas defesas incondicionais da *educação racionalista* e fundou a Liga Internacional para a Educação Racional da Infância, articulando a publicação do periódico *L´École Rénovee.*

Assim, por outras vias, seu empenho pela *educação racionalista* da infância foi continuado até seu fuzilamento, em 1909, momento em que a ira da instituição religiosa espanhola frente aos ganhos da rede de escolas laicas, que se multiplicavam pelo território, não pôde ser mais freada. Seu fuzilamento foi sustentado como resultado de perseguição política.

69. Artigo publicado no periódico *A Lanterna*, em trechos distribuídos entre os números 3 e 8, de outubro a dezembro de 1909. A publicação traz a informação de ter sido o texto originalmente veiculado pela revista *L'École Rénovée*, fundada por Ferrer entre as atividades da *Liga Internacional para a Educação Racional da Infância*. Nenhum exemplar dessa revista foi encontrado nos arquivos nacionais pesquisados, entretanto o fato de sua leitura entre os membros do movimento operário se ratifica pelos seguidos anúncios para sua assinatura presente em *A Lanterna*, a partir da edição do número 7 do jornal publicada em 27 de novembro de 1909.

Capa do *Boletín de la Escuela Moderna*
(In **Boletín de La Escuela Moderna**, 2ªÉpoca, ano I, nº5, 1 de setembro 1908)

Contracapa do *Boletín de la Escuela Moderna* com anúncio da revista *L'École Rénovée*
(In **Boletín de La Escuela Moderna**, 2ªÉpoca, ano I, nº2, 1 de junho 1908)

L'ÉCOLE RÉNOVÉE

REVISTA SEMANAL

Redacción y Administración:

21, BOULEVARD SAINT - MARTIN (IIIe)

Nos proponemos dar vida semanal á esta publicación.

Se necesita una revista absolutamente independiente de las grandes casas editoriales y, por lo mismo, de la gente oficial, de los pedagogos con título pagados por aquélla, de las etiquetas que cubren averiadas mercancías.

Existe en la enseñanza suficiente número de profesores hartos de los métodos impuestos, cansados de las manías de los cambiantes jefes, deseosos de reflexionar sobre las cosas de su profesión, de hacer su tarea más interesante y de dirigirla á resultados prácticos.

L'ÉCOLE RÉNOVÉE les ayudará. **Será un órgano de perfección técnica.**

Existe una poderosa corriente sindicalista que tiende á emancipar al maestro de la tutela política, á hacerle adquirir garantías que le permitan una acción libre dentro y fuera de su profesión.

L'ÉCOLE RÉNOVÉE la seguirá y se esforzará por fortificarla. **Será un órgano independiente de lucha corporativa.**

Por medio de informaciones adecuadas, **L'ÉCOLE RÉNOVÉE** procurará poner de manifiesto las nuevas tendencias de la enseñanza; estudiará y propagará métodos racionales y prácticos; intentará una modificación y una adaptación práctica de los programas.

Contamos con que los maestros vengan numerosos á esta nueva revista, que ha de ser, no la obra de un grupo de pretensiones directivas, sino, en gran parte, la obra de su cooperación constante.

L'ÉCOLE RÉNOVÉE no se dirigirá solamente á los profesionales; quiere dirigirse también al público, para que éste se ocupe de asuntos demasiado abandonados hasta el presente á la pedagogía oficial. Agrupará los esfuerzos y las iniciativas aisladas; se esforzará por determinar un movimiento en el que no podrán menos de interesarse todos los que desean una renovación de la escuela moderna.

Suscripción á L'ÉCOLE RÉNOVÉE, semanal

En Francia, un año, 5 francos; 6 meses, 2'50 francos; 3 meses, 1'50 francos
Fuera de Francia, » 7 » » 3'50 » » 2 »

Giros á nombre de M. l'Administrateur de L'ÉCOLE RÉNOVÉE
21, Boulevard Saint-Martin, PARIS (IIIe)

La Scuola Laica

JESI - (Marche) - ITALIA

SUSCRIPCION Italia . . . . . 3 liras año.
Exterior . . . . . 4 » »

AÑO I — BARCELONA 1.° DE ABRIL DE 1909 — NÚM. 12

Eco de la revista «L'Ecole Rénovée» de París

Boletín de la Escuela Moderna

Extensión internacional de la Escuela Moderna de Barcelona

(SEGUNDA ÉPOCA)

PRECIOS DE SUSCRIPCIÓN (PAGO ADELANTADO)
ESPAÑA: Año, 3 Pesetas. — EXTERIOR: Año, 4 Pesetas. — Número suelto, 0'25 Pesetas
TODA LA CORRESPONDENCIA Á LA ADMINISTRACIÓN: CORTES, 596 — BARCELONA

SUMARIO: La Reforma de la Enseñanza, Hubert Lagardelle. — Lo que debe saber toda joven, V. Vestidos muy estrechos. Los males que ocasionan, Mme. Mary Wood-Allen, doctor en medicina. — Para establecer una Enseñanza concreta en las Escuelas rurales, H. M.-F. Laurin. — La Escuela primaria y la preparación á la vida, Maurice Dubois. — Las ideas de Lavoisier sobre la Instrucción social de la Infancia, James Guillaume. — Un maestro alemán: H. Scharrelmann, E. Vail'ant. — Lo que dice la Medicina, Dr. Veressaieff. — Liga Internacional para la Educación Racional de la Infancia.

La Reforma de la Enseñanza

Las escuelas sindicales, por seductora que sea su perspectiva, están todavía en estado de bella ilusión. Las afirmaciones teóricas se anticipan siempre á las realidades prácticas.

Solamente intentado como experimento, hubiera producido el bien de suministrar indicaciones positivas para una reforma general de la enseñanza.

Pero no hay necesidad de esperar tales ensayos para utilizar desde ahora las lecciones del sindicalismo en la organización de la instrucción popular.

El sindicalismo no es un dogma, y no piensa en encerrar la vida en los rígidos cuadros de una fórmula única. Ante todo es un movimiento positivo, que se sumerge en lo más profundo de las cosas, y cuyo principal mérito consiste en exponer verdades hasta aquí desconocidas.

Su acción no se detiene en las estrechas fronteras del movimiento obrero, sino que irradia en el conjunto del mundo social, y sus ideas directrices, interpretadas en su espíritu y no en su letra, pueden facilitar la solución de los más urgentes problemas.

He ahí por qué los maestros, si son cuidadosos de su misión, y el partido socialista, si quiere ser digno de su nombre, deben inspirarse, en su actividad respectiva, en las concepciones sindicalistas de la enseñanza.

*

Los maestros, si tienen alguna iniciativa, pueden mucho, hasta en los límites de los programas oficiales. Sus congresos lo han reconocido justamente: el maestro puede dar á su enseñanza un carácter libre y un método amplio.

EXTRAPOLANDO A CLASSE,
o outro lugar do aprendizado na educação racionalista

3. A PRECURSORA ESCOLA MODERNA em BARCELONA

A reorientação do ideário da ação direta, que passou a enfatizar a educação como instrumento revolucionário, esteve presente na virada do século em diferentes contextos, disseminando-se por vários países por meio da viagem de militantes que levavam consigo o projeto revolucionário. Entre outras questões, o caráter emancipatório atribuído à educação pelo anarco-comunismo fez com que o programa racionalista de ensino se impusesse pela luta frente ao afastamento das instituições escolares do controle estatal e, sobretudo, da dominação religiosa.

Na Espanha, no contexto político de restauração monárquica, de disseminação do *coletivismo* por diversas regiões de seu território e de fortalecimento da reivindicação de livre pensadores por um ensino laico, a militância de Francisco Ferrer i Guàrdia se iniciou com sua aproximação ao movimento operário de Barcelona[1] ao longo do período em que trabalhara na manutenção ferroviária da linha de trem que ligava esta cidade a Cerbère, na França. Nesta função, aproximou-se do líder republicano espanhol Ruiz Zorilla, então exilado em Genebra, facilitando contatos políticos e, inclusive, ajudando militantes perseguidos a refugiarem-se em território francês. Sua implicação na insurreição de Santa Coloma de Fernez, em 1885, levou-lhe também a refugiar-se na França[2] por mais de uma década, colocando-se em contato com representantes do círculo de pensadores do movimento anarquista[3]. Exilado, conheceu as francesas Clémence

1. "[...] na Catalunha, a classe média prospera era o fio da ligação entre Espanha e França através do intercâmbio comercial. Tudo a diferenciava do resto do país: não participara das Cruzadas, possuía uma burguesia comercial urbana poderosa que defendia seus 'fueros' encarniçadamente. É o papel que ocupava Barcelona entre as cidades espanholas que influenciará definitivamente Ferrer quanto ao seu pensamento político-social. Barcelona torna-se a bandeira das classes médias urbanas". (TRAGTENBERG, 1978, p.19).

2. Com relativa proximidade ao grupo republicano espanhol, Ferrer ingressou na loja maçônica de Barcelona em 1883. Em Paris, depois de trabalhar como importador de vinhos, passou a ensinar castelhano no Círculo Popular de Ensino Laico (1895-1897) onde publicou o livro *L'Espagnol Pratique* e conheceu a Meunier e a Jacquinet. (DELGADO, 1979, p.22 e 23). Segundo Mayol (1978, p.7), enquanto estava exilado em Paris, Ferrer estabeleceu contato com o espanhol Anselmo Lorenzo – que viria a ser seu principal companheiro na instituição da Escola Moderna – além de outros representantes do anarquismo francês como Jean Grave e Charles Malato. Teve a oportunidade de conhecer Elisèe Reclus em Bruxelas (SOLÀ, 1976, p. 20). Sua participação clandestina no movimento internacional dos Libre Pensadores, a partir de congresso realizado na cidade de Madrid, em 1892, rendeu-lhe importantes contatos e viagens devido ao cargo de secretário que ocupara (SOLÀ, 1976, p.40). Sobre esta rede de pensamento libertário que se formava na Espanha em finais do século XIX, ver o trabalho de Marín Silvestre (2009).

3. O desenvolvimento do movimento anarquista na Espanha distingue-se do que se processou nos países do centro europeu onde grupos de homens contribuíram incisivamente para a construção teórica do movimento. Segundo Max Nettleau, na Espanha, o pensamento anarquista se implantou *por imitação* (2008, p.121), característica que determinou outra evolução da ação direta pela qual investiam os militantes libertários. A repercussão da propaganda internacional sobre o contexto político espanhol ecoou diretamente do Congresso da Basiléia, no qual, sob a influência de Bakunin alguns militantes espanhóis já mais avançados no conhecimento das ideias socialistas e prodhonianas foram aproximados da militância anarquista. *Entre setembro de 1868 e setembro de 1869 (Congresso da Basiléia), as ideias anarco-coletivistas foram pela primeira vez propagadas na Espanha, por causa da viagem de Fanelli a Madri e a Barcelona, organizada por Bakunin e seus camaradas da Fraternidade e da nova Aliança pública internacional [...] Esses homens dos núcleos de Madri e Barcelona ficaram encantados quando conheceram o coletivismo anti-autoritário e compreenderam o socialismo integral de Bakunin embasado na liberdade intelectual, política e social – ateísmo, anarquia e coletivismo* (NETTLEAU, 2008, p. 155).

Jacquinet e Ernestina Meunier e desenvolveu as raízes de sua perspectiva pedagógica dentro dos direcionamentos libertários daquele momento. Contexto em que começou a formular sua defesa pela ideia de que a marcha revolucionária teria que principiar pela educação das crianças, ação que alcançaria um giro dos sentidos sociais em direção ao cultivo da liberdade entre os homens. Para Ferrer, a criação de escolas voltadas à formação de cidadãos intelectualmente emancipados alavancaria a transformação social, e somente desse modo seria possível romper com o poder que a Igreja e o Estado exerciam sobre a sociedade. Por isso confiar ao Estado a construção, dotação e direção das instituições escolares seria um grande erro: se a pedagogia moderna significava nova orientação para uma sociedade racional, isto é, justa; se por meio dela se pretendia educar e instruir as novas gerações demonstrando as causas que motivavam o desequilíbrio social, a escola não poderia ser confiada ao Estado, nem a qualquer outro organismo oficial, pois eles, por suas naturezas, sustentariam privilégios e leis que manteriam a exploração do homem pelo homem, iníqua base dos mais irritantes abusos (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano IV, n°9, maio de 1905).

Ferrer defendia a fundação de instituições de ensino livre e foi com a herança deixada por sua ex-aluna Jeanne Ernestina Meunier[4] que, no ano de 1901, colocou em marcha sua ação revolucionária, regressando a Barcelona e instalando a Escola Moderna.

Em consonância com sua militância política contra a dominação ideológica imposta pelo Estado e pela Igreja, orientou sua proposta educativa a partir dos fundamentos de uma pedagogia *racional e científica* que se contrapusesse, acima de tudo, a qualquer tipo de ensino dogmatizador pautado pelo aprendizado inquestionável de verdades pré-estabelecidas. Questionou o ensino público ofertado à população, convertido em instrumento de controle social a serviço da manutenção da então ordem capitalista-industrial, que perpetuavam o desequilíbrio social mesmo estando no seio das políticas dos nacionalismos republicanos. A educação deveria fundamentar-se no empirismo científico e lastrear a formação técnica e política dos cidadãos, rejeitando qualquer tipo de explicação social de caráter metafísico.

3.1. Matrizes de um projeto político-pedagógico

A iniciativa de Francisco Ferrer teve como objetivo construir *uma escola do porvir*, isto é, laica, baseada na coeducação de sexos e classes, preocupada com a higiene escolar, sem exames avaliativos, prêmios ou castigos, voltada à instrução popular e alinhada às modernas técnicas pedagógicas. Deveria propiciar aos alunos um aprendizado integral, proporcionando tanto o conhecimento das ciências quanto o desenvolvimento das aptidões individuais. Baseava-se em uma prática social calcada na máxima *não há deveres sem direitos, nem direitos sem deveres* (FERRER, 1976, p.36).

Entretanto, se o ideal político-pedagógico do catalão foi claramente estabelecido a partir do ideário da *educação integral* anarquista, sua familiaridade com as práticas pedagógicas era limitada tanto por sua formação como por sua atuação político-profissional. Ainda que Ferrer

4. Ver o segundo capítulo da publicação póstuma *La Escuela Moderna* (FERRER i GUÀRDIA, 1976).

tenha trabalhado em Paris como professor do idioma castelhano, ele não possuía nenhum outro tipo de vinculação com as teorias sobre ensino escolar sendo sua experiência docente com adultos insuficiente para alavancar o projeto de educação da envergadura que pretendia para a Escola Moderna (DELGADO, 1979, p. 93). Condição que o conduziu a reunir especialistas em torno de seu projeto para a Escola Moderna[5], levando a pedagoga Clémence Jacquinet a desempenhar papel central na estruturação pedagógica inicial da Escola, alinhando-se parcialmente à matriz ideológica de Ferrer, e trazendo como contribuição o repertório educativo colocado em pauta pelo movimento de renovação pedagógica da segunda metade do século XIX. Ferrer admitiu sua "fragilidade" revelando que, ao chegar o momento de abandonar as ideias abstratas para concretizar seu ideal e reconhecendo o nível de sua competência para a direção de projetos pedagógicos, dedicou-se a buscar um profissional habilitado para ajudá-lo a fazer funcionar o programa da Escola Moderna. Para ele, não havia segurança em confiar somente nas tendências progressivas de pedagogos acadêmicos, sobretudo por seus atavismos profissionais (FERRER, 1976, p.35): necessitava de um colaborador distinto por suas práticas e que coincidisse com suas aspirações políticas,

Assim, em janeiro do mesmo ano de 1901, após longa sequência de correspondências (CANNALS, 1911, p.71), Clémence Jacquinet chegou à Espanha para dirigir a futura Escola Moderna e constituir, segundo orientações de Ferrer, um conselho consultivo para as resoluções da instalação da escola em Barcelona.

Por sua parte, a francesa Jacquinet, perfilando o desenho mais técnico do programa de ensino da Escola Moderna como sua diretora ao longo dos dois primeiros anos, marcou de maneira singular a linha ideológica inicial da instituição. Sua constante colaboração ficou registrada com a publicação de seguidos textos e informes de sua autoria em diversas edições do *Boletín de la Escuela Moderna*[6] – periódico publicado pelo Editorial de la Escuela Moderna com a finalidade divulgar o programa de educação racional e científica posto em prática na Escola Moderna de Barcelona.

Sua preocupação com um referencial propriamente pedagógico se fez notar já nos momentos que antecederam a abertura da Escola, de acordo com correspondências trocadas com Ferrer quando da elaboração inicial do programa escolar. Clémence Jacquinet cita pensadores com os quais o diálogo pedagógico da Escola Moderna deveria evidenciar-se, conforme explicita o conteúdo da carta abaixo transcrita.

> "Como tratados de pedagogía pura de filosofía en relación con ella, hay una cantidad de obras en las cuales se encuentran cosas excelentes, porque todo se ha dicho sobre la materia y no hay nada que añadir. Únicamente el punto de partida, la base del sistema actual de educación, no corresponde á lo que deseamos. Por esto creo que sería

5. Inaugurada em Barcelona na manhã de oito de setembro de 1901. Na ocasião se apresentaram como membros da direção escolar Francisco Ferrer (presidente), Clémence Jacquinet (diretora), e Salas Antón, além dos professores e outros membros da Junta Consultiva da Escola (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901).

6. Ademais das contribuições escritas que deixou entre as publicações do *Editorial de la Escuela Moderna*, onde se sobressai a obra *Compendio de Historia Universal*, deixou escrito o folheto *Socialismo en la Escuela*, publicado em 1903 após deixar o corpo de colaboradores da Escola Moderna de Barcelona.

interesante y útil remontarnos a las fuentes, á los filósofos que han sido los inspiradores de los pedagogos contemporáneos: me refiero a Montaigne, Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Bain, Spencer, Kant, Mmes. Guizot y Necker de Saussure, Dupanloup, etc., y el más grande de todos, Rabelais. Después leeríamos a los contemporáneos que nos mostrarán lo que nuestra época ha aprovechado a las obras precedentes y cómo se ha asimilado su espíritu.

Cuando después de la guerra se hizo la reforma de la instrucción pública la ocupación capital del Estado en Francia, nos sentimos, no ya inspirados, embriagados del Emilio, de Rousseau. Por él se miraba todo, y se admitía de él, en bloque, cuando se podía conciliar con un programa de escuela. Eso ha constituido la endeblez del edificio. Porque si es justo reconocer el genio de Rousseau, la pureza y brillantez de su estilo, no es menos indispensable desenmascarar en él al sofista, de buena fe sin duda, pero imbuido de teorías sugeridas por la sensibilidad más que por la razón. Además, si los principios son falsos en parte; en los detalles y en los procedimientos hay cosas muy apreciables. Era preciso obrar con discernimiento, no desechar á título de ya usado todo que estuviera establecido en la escuela; no instaurar con aturdimiento y en exceso reformas dudosas.

He aquí por qué creo que la obra actual de todo reformador de la enseñanza debe ser, no escribir nuevos tratados, sino analizar seriamente á los maestros del pasado y del presente, y hacerse una ciencia sólida de la pedagogía futura con los materiales en tanta abundancia acumulados." (JACQUINET, 1901 apud CANNALS, 1911, p.67)[7]

Por essa dedicação ao desenvolvimento da disciplina pedagógica, e convicta de que a prática educativa não poderia ser contagiada por ceticismo, tão pouco com entusiasmo acrítico, que Jacquinet se empenhou na organização de uma sequência de artigos sobre a obra dos *precursores da reforma pedagógica*, convidando todos os jovens professores a conhecerem a história da pedagogia e formarem, a partir de suas percepções individuais, suas próprias opiniões. A formação de professores para o ensino libertário, que já se constituía como uma das temáticas centrais do *Editorial de la Escola Moderna*, foi o objetivo central na divulgação desses textos, pois cabia ao *Boletín* a tarefa de expandir o ideário da *educação racional e científica* para outras instituições de ensino. Então, nas edições de seu segundo ano, o *Boletín* fez uma apresentação desses que foram considerados referentes para a história da educação, bem como uma crítica a suas obras[8]. Essa série de textos, todos escritos por Jacquinet, foi iniciada com apreciação sobre a obra de Rabelais[9]

7. Carta escrita a Ferrer em 25 de outubro de 1900. Segundo Edu Richard, responsável pelo arquivo da Fundació Ferrer i Guardia, em Barcelona, os documentos usados por Cannals foram destruídos após a publicação do livro.

8. Pois, nesse mesmo texto introdutório, defende que não há pensador no mundo cujo pensamento total seja bom. Sempre ao lado de boas ideias pode haver deslizes, falsas apreciações ou aplicações aventuradas (*Estudios Pedagógicos* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°3, 31 de dezembro de 1902).

9. François Rabelais (1494-1553), intelectual francês, contemporâneo ao Renascimento e à Reforma. Autor de *Pantagruel*, *Gargánntua*, entre outras obras. Sobre a importância de Rabelais, Jacquinet destaca que o pedagogo antecipou a noção de *educação integral* em três séculos ao repudiar a teologia sem declarar guerra ás instituições religiosas (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°4, 31 de janeiro de 1903). Questionou a educação religiosa edificando sobre suas ruínas um método racional apresentando a partir da história de Gargántua (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°5, 28 de fevereiro de 1903).

com a intenção expressa de seguir uma ordem cronológica, passando por Montaigne[10], Rousseau[11], Spencer[12], entre outros[13].

Seu veemente trabalho progressivamente foi perdendo fôlego pela discrepância entre sua maneira de entender a educação escolar e de Ferrer, que enfatizava a vertente política do aprendizado em detrimento do aperfeiçoamento das técnicas didáticas. A pedagoga francesa se debatia contra beligerância e o caráter acentuadamente ideológico que Ferrer imprimia às suas defesas pela Escola Moderna, declarando-se partidária de um ensino neutro, descarregado de qualquer pressuposto ideológico (DELGADO, 1979, p. 95). Apesar do choque entre as prioridades expressas em discurso por cada um, a ideologia naturalista se manteve como uma constante do programa de aprendizado que criaram juntos e foi desenvolvido até o fechamento da Escola e, cada um a sua maneira, defendeu as próprias ideias com a mesma convicção. E muitas vezes pareciam trocar os papéis. Apesar do conflito ideológico entre Francisco Ferrer e Clémence Jacquinet, as marcas deixadas pela passagem da educadora na direção pedagógica da Escola Moderna se fizeram notar, mesmo depois do término de sua contribuição formal dois anos depois, inclusive em função de sua presença por mais algum tempo no corpo docente da instituição.

Se os artigos e informes sobre a proposta educativa realizada na Escola Moderna

10. Michel de Montaigne (1533-1592), ensaísta francês. Jacquinet aborda Montaigne a partir da leitura de dois capítulos de sua obra *Ensaios*: "sobre o pedantismo" e "sobre a educação das crianças" (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°6, 31 de março de 1903).

11. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos filósofos do iluminismo francês. Sua obra *Emílio, da Educação* se situa entre os principais referenciais da história da pedagogia. Ele é apresentado por Jacquinet como um *semi-observador* por suas constantes observações da natureza escaparem à realidade, sendo ofuscadas por sua inesgotável imaginação. Considera-o um burguês que se dedicou à revolução das classes burguesas, bem como um desconhecedor do desenvolvimento natural e regular das crianças, criticando-o duramente por emular a realidade e submeter Emílio a um tipo de educação somente possível para as condições de famílias ricas. Entretanto, reconhece seu mérito por ter amplificado a educação infantil fundamentada no desenvolvimento dos sentidos e da observação (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°8, 31 de maio de 1903).

12. Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês representante do positivismo, defendeu a primazia do indivíduo perante a sociedade e o Estado, a natureza como fonte da verdade, incluindo a verdade moral. No campo pedagógico, Spencer fez campanha pelo ensino da ciência, combateu a interferência do Estado na educação e afirmou que o principal objetivo da escola era a construção do caráter. Jacquinet discorrer a seu respeito a partir de uma breve leitura de sua obra *Educação intelectual, moral e física*, e conclui seu relato recomendando aos jovens professores a leitura da obra pois nela se encontram *preciosas recomendações pedagógicas* (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°9, 30 de junho de 1903).

13. Talvez não tenha sido por acaso, ou somente uma ocorrência histórica, a seleção destes autores por Jacquinet. Menções a Herbert Spencer entre os textos anarquistas foram constantes ao longo das edições do *Boletín de la Escuela Moderna*, além de seu nome aparecer entre outras fontes documentais e em muitos títulos da bibliografia primária dessa dissertação. Sobre a abordagem de Rabelais e Montaigne, o trabalho de Enrique Calpe deixa como pista o envolvimento destes autores com o naturalismo que presidiu o humanismo tardio. O autor sugere que nesses autores existem traços do naturalismo moderno que enfatiza a liberdade e, inclusive, organiza as bases do anarquismo (2004, p.15). Em outro ponto deste mesmo texto, argumenta que suas obras propiciaram as bases do naturalismo de Rousseau (2004, p.41) que pretende retornar à natureza entendendo-a como constructo, marco zero, com a finalidade de renovar a sociedade por meio de um pacto justo.

publicados pelo *Boletín,* entre 1901 e 1906, contam sobre os embasamentos presentes na organização escolar – primeiro sob a regência da pedagoga francesa e depois com direção pedagógica difusa entre os diversos militantes envolvidos com a causa escolar – a publicação póstuma de Francisco Ferrer i Guàrdia, *La Escuela Moderna: póstuma explicación y alcance de la enseñanza racionalista*, de 1912, encerra essa experiência comunicando-a ao mundo. Nela foi apresentado o programa de educação racional consolidado após quase uma década de militância pedagógica vivida por Ferrer, sendo organizado a partir de textos que escreveu antes de sua execução, em 1909, logo acrescidos de prólogo escrito por Anselmo Lorenzo. Nesta publicação o tom panfletário do discurso de Ferrer não o permitiu alcançar questões especificamente pedagógicas, como o fazia Jacquinet. Com outro viés, concentrou-se em demonstrar como o programa escolar proposto era *moderno, racional e científico*, associando-o ao método indutivo das *lições de coisas*.

Em "A renovação da escola", um de seus artigos publicados pelo periódico *A Lanterna*, Ferrer expõe sua inquietude sobre o uso da escola como *o mais poderoso meio de escravização,* pois nela a criança estava encarcerada física, intelectual e moralmente, para que o desenvolvimento de suas faculdades fosse dirigido no sentido desejado, privando-as do contato com a natureza a fim de modelá-las a seu modo. Ferrer compara a educação ao adestramento de animais porque estava afinada a única vontade de fazer com que as crianças fossem habituadas a obedecer, a acreditar e a pensar conforme dogmas sociais estabelecidos pelas classes dominantes. De modo que o valor defendido para a *educação racionalista* passava pelo respeito à vontade física, intelectual e moral da criança e por um programa estritamente demonstrável por fatos, assim como se constroem conhecimentos científicos. A verdadeira educação deveria ser isenta de todo dogmatismo, esforçando-se em apenas auxiliar a criança no esforço de seguir sua própria direção (In **A Lanterna**, ano IV, n°.6, 13 de novembro de 1909).

Essa maneira de aproximar o ensino à ciência, levando o aluno à observação incontida da natureza parece ser distinta da defendida por outros praticantes do ensino ativo que mantiveram a orientação curricular como instrumento de controle social, assumindo as inovações metodológicas sem reorientar a moral norteadora da formação infantil. Ferrer questionava o simples uso de metodologias modernas como via única de refutação da educação tradicional, acreditando que não adiantaria modificar os métodos, caso não fossem modificadas as mentalidades envolvidas na direção do processo educativo. Ainda no mesmo texto, expôs que tais educadores seguiam atribuindo à educação a única ideia de que era preciso que as crianças fossem habituadas a obedecer e pensar conforme os dogmas sociais que regiam os cidadãos (In **A Lanterna**, ano IV, n°.6, 13 de novembro de 1909).

Esse ponto parece ser fundamental, pois evidencia em que medida o projeto de educação libertária não pode ser assumido como um exemplo meramente pertencente

do movimento de renovação pedagógica, sem que sejam feitas as devidas considerações. O cambio que a Escola Moderna orientou em relação às técnicas pedagógicas[14] estavam em consonância com os modelos que paralelamente se consolidavam em diversas partes do mundo, entretanto o uso dessas outras metodologias alheias ao ensino tradicional decorreu não de uma simples adesão ao discurso coletivo pela renovação da ambiência escolar, mas da absorção da ciência como caminho para a emancipação intelectual da população. É por meio deste entendimento que *Ferrer parece participar da fé quase mística que os positivistas do XIX depositaram na ciência* (DELGADO, 1979, p.101), concedendo à escolarização a capacidade de por fim ao *sequestro das inteligências* e suprimir o analfabetismo, de disseminar o saber científico e, por consequência, concretizar a emancipação intelectual do indivíduo desde a infância (*El derecho á la Ciencia* In Boletín de la Escuela Moderna, ano 5, nº6, 28 de fevereiro de 1906). Desse modo, o objetivo da educação libertária se arraigava na formação de homens livres, acreditando de igual modo no desenvolvimento de suas faculdades físicas e intelectuais como percurso para esta conquista.

Devido à imbricação com as novas pautas metodológicas, a educação racional começou a entrelaçar-se com as discussões pedagógicas contemporâneas que combatiam a educação tradicional[15]. Ainda que o pensamento político de Ferrer se orientasse pela matriz anarquista, o programa que desenvolveu para a Escola Moderna trouxe outros ideários como referencial explícito, misturando teorias e autores. De defensores da *educação integral* de matriz socialista, ao *naturalismo pedagógico,* fundamentado, sobretudo no pensamento de Rousseau, até encontrar educadores como Dewey, *que haviam descoberto a importância de se propor uma educação ativa em que as crianças não fossem obrigadas a receber passivamente tudo o que os professores quisessem impor* (MORIYÓN, 1989, p.16).

É perceptível sua aproximação às discussões propriamente pedagógicas na base da nova educação, mas também ao repertório cientificista contextualizado pelo ambiente positivista do fim do século, empenhado em transformar o ambiente decadente da escola tradicionalmente moldada pelos interesses do Estado e da Igreja. A essa relação se somou a leitura dos próprios anarquistas, sobretudo Kropotkin – com seus escritos sobre a solidariedade como motor social,

14. Sobre a evolução dos aspectos metodológicos da educação, Élisée Reclus pontua: "[...] Os ensinos diferem, portanto, para além de cada fronteira, a ponto de serem absolutamente opostos uns aos outros. Pátrias, religiões, castas têm suas pretensas verdades que são o ponto de partida de toda a educação, a chave de abóbada de todo o sistema. Mas a evolução geral que aproxima os homens, apagando cada vez mais os conflitos de raças, ideias e paixões, tende a igualizar também os métodos de ensino, atenuando por graus seu caráter despótico e deixando à criança uma iniciativa maior." (2010b, p.11).

15. Em que medida a Conferência pronunciada por Ferdinand Buisson (diretor do ensino primário na França de 1879 a 1896, na Exposição Universal de 1878, em Paris) sobre "ensino intuitivo" influenciou o programa metodológico da Escola Moderna de Barcelona se a figura de Clémence Jacquinet for tomada como elo entre este programa escolar e o movimento de renovação pedagógica? Outra curiosidade sobre este diálogo está na participação de Paul Robin, como convidado de F. Buisson, na escrita do Dictionnaire Pedagogique (DELGADO, 1979, p.90), do qual também participou Élisée Reclus. Ainda em sua primeira fase, o *Boletín de la Escuela Moderna* publicou um texto de Buisson intitulado "Demos el ejemplo". Esses, entre outros, são os indícios encontrado ao longo da pesquisa acerca dos possíveis contatos entre a prática libertária de educação e o espírito de renovação escolar que lhe foi contemporâneo.

concebida pela identificação da ajuda mútua e não da competição entre os homens – e Élisée Reclus – um entusiasta das ciências naturais que teve, aliás, a tradução de sua obra O *homem e a Terra* inserida no conjunto da coleção do *Editorial de la Escuela Moderna*. Herbert Spencer, por seu conceito filosófico-individualista da liberdade humana, foi outro autor frequentemente editado por inúmeras coleções anarquistas (MARÍN SILVESTRE, 2009, p.169), aparecendo tanto no citado *Editorial* como nas páginas de periódicos libertários brasileiros.

Referenciais que, apesar de serem apenas exemplos de outros tantos diálogos entre o projeto de educação de Ferrer e o pensamento de sua época, marcaram de maneira singular a metodologia da Escola Moderna e, muito especialmente, o uso da experiência do meio como parâmetro do aprendizado. Isso porque, no balanço desses diálogos, a aproximação da pedagogia libertária às matrizes conceituais da renovação pedagógica parece ter decorrido da implicação da educação em uma concepção integral de revolução proposta pelos anarquistas, absorvendo as vertentes defensoras do positivismo científico e da formação intelectual da população como meios de libertação. Inserido em tal panorama ideológico, um conjunto de atividades desafiaram o ambiente tradicional de ensino – a sala de aula – como lugar exclusivo do aprendizado.

Parte da historiografia consultada tece críticas ao diálogo multidirecional mantido por Ferrer, pois ele, ao se apropriar de questões formuladas por um conjunto aparentemente incoerente de ideologias, não manteve coerência pedagógica a altura da propagação do programa de aprendizado que idealizou. Ainda que existam características de fato peculiares, Ferrer, segundo esses autores, não fez nenhuma grande contribuição ao desenvolvimento das ciências pedagógicas, apesar de ter sido um paradigma para a fundação de inúmeras escolas modernas ao redor do mundo. Estas vozes apontam que sua originalidade pedagógica foi limitada porque suas propostas estavam presentes já nas obras antecessoras de pedagogos modernos como Comenius, Rousseau e Pestalozzi que já haviam vislumbrado a ideia de uma pedagogia humanizada, respeitosa a livre atividade das crianças, ou mesmo a ideia de coeducação de gêneros e classes sociais (SOLÁ, 1990, p. 42). É o que também sugere Delgado ao acusar a proposta de educação de Ferrer de resultar de uma compilação de *ideias tomadas do naturalismo, do positivismo, do iluminismo, do anarquismo e das correntes pedagógicas de seu tempo,* acusando-o de ter sido incapaz de ter elaborado um sistema de aprendizado coerente com a ideologia anarquista, ainda que tenha partido de alguns de seus princípios fundamentais. Este autor considera ainda que poucas de suas ideias poderiam ser consideradas com originalidade e aponta como inúmeras as contradições entre os princípios expostos por Ferrer e a organização da Escola Moderna (1979, p. 107).

Outro estudioso da pedagogia libertária, Felix García Moriyón, corrobora com as críticas formuladas, mas as relativiza, salientando que mesmo Ferrer não sendo *considerado propriamente um anarquista*, seu trabalho revela a importância atribuída pelos anarquistas ao ensino antiautoritário ao *insistir muito mais no componente científico e laico da escola, refletindo a mentalidade positivista da época* (1980, p.19-20). Além de ter provocado a disseminação de um ideário cujo objetivo educativo se centrava na luta anticlerical e na difusão do espírito científico. Moriyón conclui pontuando que, por fim, ainda que os libertários não tenham *sido muito criativos no campo da educação, deram a ela muita atenção e procuraram colocá-la em prática em diversos âmbitos* (1989, p.31), propiciando à luta operária uma aproximação à discussão sobre educação infantil, assimilando por um lado parte de seu repertório e, por outro, também imprimindo seus ideais nos processos da institucionalização escolar.

No entanto, apesar de todas as acusações, parece ser consenso que a força da proposta político-pedagógica de Ferrer tenha sido a de encontrar no movimento operário a necessidade de uma ação cultural direta, passível de ser transformada em programa prático por meio de vias concretas acessíveis. Até então, as propostas de emancipação intelectual da classe operária não haviam tido qualquer outra possibilidade operacional com a dimensão de sua proposta[16]. Por isso, mesmo que o caráter fragmentário de seu projeto político-pedagógico possa ser visto com fragilidade, ele foi assumido também como uma experiência prática que pôde verificar certos limites teóricos e, paralelamente, alimentar a necessidade de instrução do movimento operário.

De qualquer maneira, fato é que o programa de *educação racionalista*, materializado na Escola Moderna, disseminou-se entre grande quantidade de escolas laicas pela Catalunha e, com o fuzilamento de Ferrer, esse projeto de escolarização ecoou para outras partes do mundo em iniciativas inspiradas não apenas em seu ideário sócio-político como em suas práticas didáticas. Independente de suas supostas contradições e debilidades, o entendimento deste projeto pedagógico se faz fundamental para a leitura dos ecos que resultaram da adesão de tantos defensores, tanto na Europa como na América.

Desde o ponto de vista programático, a Escola Moderna de Barcelona se consolidou a partir de duas frentes pedagógicas fundamentais: a formação direta, por meio de atividades organizadas desde a escola – nas quais se incluem aquelas praticadas para além de suas salas de aula – e a informação popular, consolidada em uma linha de publicações, livros e periódicos, por meio da criação do *Editorial de la Escuela Moderna,* e voltada à divulgação de textos essencialmente libertários sobre educação, sociedade, política, etc.

3.2 O projeto editorial

A produção do *Editorial de la Escola Moderna* foi marcada por grande número de publicações, de autoria própria e de traduções de obras selecionadas. O *Editorial* foi responsável também pela publicação de livros[17] de texto, ora traduzidos ora escritos especialmente para o programa da Escola por encomenda de Ferrer. A maioria deles estava intrinsecamente comprometida com a

16. Diversas instituições operárias, com finalidades culturais, foram iniciadas na região da Catalunha no último quarto do XIX, que desde a presença de representantes espanhóis da Federação Regional Espanhola no Congresso da Internacional em Basiléia, 1869, incitava ações voltadas a programas de ensino. Segundo relato de Anselmo Lorenzo, em 1872, Trinidad Soriano apresentou um plano para o ensino integral no II Congresso da FRE. No Congresso de Sevilla, em 1882, o conceito de educação integral é substituído pelo de ensino laico. Neste contexto, instituições educativas e ateneus operários surgiram com o objetivo de elevar o nível cultural de seus associados mediante conferências, cursos, leituras coletivas, organização de bibliotecas, excursões e até mesmo de representações teatrais. Iniciativas que antecederam a institucionalização escolar proveniente do projeto de Francisco Ferrer i Guàrdia (DELGADO, 1979, p.27-38; MARÍN SILVESTRE, 2009, p.113-166).

17. Segundo Vicente (2008, p. 377), entre 1901 e 1909, o *Editorial de la Escuela Moderna* publicou 54 títulos. Após a morte de Ferrer, o editorial seguiu funcionando até 1920 com a publicação de mais 73 títulos.

doutrina anarquista como, por exemplo, os livros de aritmética que tratavam em seus enunciados de questões como exploração, capitalismo, parasitismo social, etc. Publicavam-se, indistintamente, obras dirigidas a todas as idades, a criança e jovens em fase escolar, e inclusive para adultos com os quais o *Editorial* pretendia estender o ideal libertário. A apresentação dessas obras, a qualidade das impressões, a abundância de imagens – em comparação a outras publicações de seu tempo – e o prestígio de seus autores, somado a hábil propaganda entre os círculos operários e as escolas laicas espanholas, foram fatores que asseguraram o êxito desse projeto editorial que, em menos de dez anos, conseguiu alcançar a quarta edição de algumas obras (DELGADO, 1973, p. 54).

Essas edições circulavam pelo mundo a partir dos círculos libertários, locais onde se fazia imprescindível, assim como Ferrer previra, a divulgação de obras condizentes com os pressupostos do pensamento libertário, transformando o *Editorial* em um instrumento concreto da propaganda libertária. A apresentação feita na primeira edição do *Boletín de la Escuela Moderna* deixa essa intenção impressa de maneira explícita.

> "Examinada con criterio imparcial y por personas competentes la literatura pedagógica española y buena parte de la extranjera, después de reconocer su mérito, ha resultado deficiente para nuestro objeto, porque donde no apunta la preocupación sectaria, aparece franca la patriótica o política [...] Esta deficiencia ha inspirado la creación de una Biblioteca que bajo la modesta denominación que nos sirve de epígrafe [Publicaciones de la Escuela Moderna], comprenda todos los libros necesarios para una enseñanza verdaderamente positiva [...]" (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901)

O periódico mensal *Boletín de la Escuela Moderna*, editado por Anselmo Lorenzo (SOLÁ, 1976, p. 41), foi uma âncora editorial, tendo sido publicados 62 números ao longo de suas duas fases, a primeira de 1901 a 1906 e a segunda de 1908 a 1909[18]. Essa publicação foi o principal meio de divulgação do cotidiano escolar da Escola de Barcelona e inspirou ações semelhantes em outros países, como Itália, Brasil e Argentina, onde Escolas Modernas foram fundadas e seus próprios boletins foram publicados. O *Boletín* se constituiu como um observatório do tipo de escolarização cunhada por Ferrer, com a função de divulgar sua proposta educativa por meio de resenhas escritas por educadores e livres-pensadores, dando a conhecer suas práticas cotidianas com bastante parcialidade e expandindo a comunicação conceitual de seu credo educativo.

Os relatos programáticos apresentados em sua primeira fase respaldam o entendimento do cotidiano escolar de Barcelona até o seu fechamento em 1906. A pretensão dos *Boletins* não era a de registrar com exatidão a rotina didática da Escola de Barcelona, mas de projetar-se como meio de comunicação do programa da *educação racional e científica*, assumindo o mesmo paradigma de divulgação atribuído às folhas periódicas pelos anarquistas. O relato de um número

18. A interrupção da publicação resultou do fechamento da Escola em 1906. Os textos da segunda fase coincidem com a publicação *L´École Rénovée*, órgão da Liga Internacional para Educação Racional da Infância, criada por Ferrer após o fechamento da Escola Moderna. O *Editorial*, que funcionou no mesmo edifício da Escola Moderna, foi reaberto após o fuzilamento de Ferrer, prosseguindo com a publicação de obras relativas à educação libertária e também a outras disciplinas, sendo responsável pela circulação internacional desses escritos.

significativo de atividades escolares foi veiculado nestes boletins que expuseram como o projeto pedagógico da Escola foi, na prática, operado. A informação mais minuciosa sobre o cotidiano escolar coincide com os anos em que Jacquinet esteve entre os colaboradores da Escola Moderna. Logo após sua saída, os informes deixaram de expor os detalhes do currículo escolar e passaram, progressivamente, a dar voz a artigos propagadores do ideal libertário. Condição que se tornou a regra nas edições de sua segunda fase que, com o fechamento da Escola Moderna, passou a coincidir com a publicação da revista *L´École Rénovée*, editada em Bruxelas.

Se os boletins foram um instrumento de difusão da *educação racionalista* praticada pela Escola Moderna e considerando que cruzaram o mundo fomentando ações semelhantes em outros países, em que medida a ausência de uma abordagem mais pormenorizada do cotidiano escolar, com parâmetros didáticos explícitos, foi determinante como modelo para outras Escolas Modernas serem inauguradas pelo mundo? Ao abdicar de conteúdos mais voltados às técnicas pedagógicas em detrimento de artigos de tom predominantes panfletários sobre os objetivos e razões da prática educacional como instrumento revolucionário, os boletins (assim como o periódico *L´École Rénovée*) deixaram em aberto uma lacuna sobre o funcionamento operativo das escolas, tanto em âmbito pedagógico quanto administrativo. Isto é, passaram a tratar predominantemente sobre filosofia da educação, deixando de circunstanciar discussões aprofundadas acerca das dificuldades de sustentação de rotinas escolares.

A tiragem, bem como o alcance que essa publicação teve no Brasil, não pode ser afirmada embora alguns fatores contribuam para a suposição de que teve influência sobre o programa da Escola Moderna em São Paulo: a existência de exemplares originais no acervo de Edgar Leuenroth[19]; a edição de uma publicação escolar homônima pela Escola Moderna n°1, de São Paulo; a frequente divulgação das obras do *Editorial de la Escuela Moderna* em grande número de edições de alguns dos principais jornais libertários brasileiros. Entretanto, o indício de que o *Boletín* de Barcelona tenha sido uma publicação conhecida pelos organizadores da pedagogia libertária no Brasil não significa que tenha sido lido como um referencial direto para o projeto das atividades escolares em São Paulo. A primeira fase do *Boletín de la Escuela Moderna* foi publicada entre 1901 e 1906, período em que não foi encontrada nenhuma menção à Escola de Barcelona entre as fontes consultadas, tão pouco algum exemplar entre os acervos institucionais visitados. Condição que pode ser consequência, como exposto anteriormente, da "inexistência" da Escola Moderna para o mundo antes da execução de Ferrer em 1909, porque foi somente em treze de outubro deste ano que, *instantaneamente, Ferrer, ganhou reconhecimento universal inflamando de indignação a todo o mundo civilizado contra o espetacular assassinato* (GOLDMAN, 1910, p.1).

19. As edições originais presentes no acervo abrigado pelo AEL-UNICAMP são todas pertencentes à segunda época da publicação, ou seja, após o fechamento da Escola: ano I, n°3, julho/1908; ano I, n°4, agosto/1908; ano I, n°5, setembro/1908; ano I, n°12, abril/1909.

Publicaciones de la ESCUELA MODERNA

Cartilla (*Primer libro de lectura*). Dedicado á la enseñanza racionalista de niños y adultos.

Las Aventuras de Nono (*Segundo libro de lectura*), por JUAN GRAVE, traducción de A. LORENZO, 3.ª edición, con prólogo del traductor.

León Martín **La miseria, sus causas, sus remedios.** (*Segundo libro de lectura*), por CARLOS MALATO.

El Niño y el Adolescente **Desarrollo normal. — Vida libre.** (*Segundo libro de lectura*), por MIGUEL PETIT.

Preludios de la lucha (*Segundo libro de lectura*), por F. PÍ y ARSUAGA, con notas editoriales.

Sembrando Flores (*Segundo libro de lectura*), por FEDERICO URALES.

Tierra libre por JUAN GRAVE, traducción española y prólogo de A. LORENZO.

Patriotismo y Colonización (*Tercer libro de lectura*) con un prefacio de ELISEO RECLUS.

Primer manuscrito **Correspondencia Escolar.** Impresiones y pensamientos de dos niños ausentes, por CARLOS MALATO.

Segundo manuscrito Facilita la lectura de los caracteres de letra usados en la vida, por el empleo de variados tipos de escritura personal.

Origen del Cristianismo (*Cuarto libro de lectura*). Capítulo I. Origen de las religiones. — II. El Sol. — III. El Fuego. — IV. El evangelio. — V. El Culto. — VI. Los Santos. — VII. La Ciencia.

Compendio de Gramática Española por FABIÁN PALASÍ, 3.ª edición. Obra exenta de sofismas religiosos y sociales.

Aritmética Elemental por FABIÁN PALASÍ. Primera parte, segunda parte, y ejercicios prácticos.

Elementos de Aritmética Dos tomos. *Volumen de los principiantes.* — **La numeración y las cuatro reglas**, por CONDORCET. **Los primeros principios de la Aritmética**, por PARAF-JAVAL. — **Ejercicios**, por HENRY VOGT. — *Volumen del curso medio, dividido en cinco partes*, por PARAF-JAVAL.

Resumen de la Historia de España por NICOLÁS ESTÉVANEZ.

Compendio de Historia Universal por CLEMENCIA JACQUINET. Tomo I. *Tiempos prehistóricos hasta el Imperio Romano.* Tomo II. *Edad Media y Tiempos modernos.* Tomo III. *De la Revolución francesa hasta nuestros días.*

Nociones de Idioma Francés por LEOPOLDINA BONNARD.

La Substancia Universal por A. BLOCH y PARAF-JAVAL. — Un tomo. *Libro primero.* Primeros principios. — *Libro segundo.* El Universo.

Nociones sobre las Primeras Edades de la Humanidad por GEORGES ENGERRAND, con prefacio de ELÍSEO RECLUS. Idea general de la Prehistoria.

Evolución super-orgánica **La Naturaleza y el Problema Social**, por ENRIQUE LLURIA; prólogo de S. RAMÓN Y CAJAL.

Humanidad del Porvenir por ENRIQUE LLURIA, epílogo de CARLOS MALATO.

Geografía Física por ODÓN DE BUEN, prefacio de ELÍSEO RECLUS. Descripción científica del Mundo, necesaria para formar idea clara de nuestro planeta.

Psicología Étnica por CH. LETOURNEAU, traducción de A. LORENZO. Cuatro tomos. Importantísimo estudio científico-sociológico de la humanidad.

Ciencias Naturales por ODÓN DE BUEN
- **Pequeña Historia Natural.** Dos tomos.
- **Mineralogía.** Un tomo.
- **Petrografía y Vida actual de la Tierra.** Un tomo.
- **Edades de la Tierra.** Un tomo.

Botiquín Escolar por A. MARTÍNEZ VARGAS. 2.ª edición. Auxilios que deben prestarse á los niños cuando sufren perturbaciones en la escuela.

Floreal Drama social en tres actos, por J. P. CHARDON.

El Infierno del Soldado por JUAN de la HIRE.

Las Clases Sociales desde el punto de vista de la evolución zoológica, por CARLOS MALATO.

En guerra Idilio, por CARLOS MALATO.

Cantos de la Escuela Moderna *Los Juguetes. — Empecemos. — La Vida. — La Mañana. — El Día. — La Tarde.*

LA ESCUELA MODERNA edita **Cuadernos de Escritura**, al precio de **6** pesetas el **100** de **20** hojas y á **8** pesetas el de **30** hojas, sin descuento y cargando gastos de envío.

Precio de cada volumen: **2** pesetas. — El precio de la CARTILLA y CANTOS, por excepción, es de **1** peseta, el del BOTIQUÍN ESCOLAR **0'50** y EN GUERRA, **0'40**. — A los señores corresponsales se les descuenta el **25** por **100**. — A los envíos del exterior se carga además el franqueo. — A las escuelas se las bonifica con un descuento especial.

EL HOMBRE Y LA TIERRA
por ELISEO RECLUS

Publicación semanal á 50 céntimos cuaderno.
Profusión de grabados en el texto y mapas.

Publicaciones de la Escuela Moderna. Cortes, 596 - BARCELONA

Boletín de la Escuela Moderna. Capa e contracapa.
(In **Boletín de la Escuela Moderna**, 2ª Época, ano I, nº3, junho de 1908)

Divulgação de publicações do *Editorial de la Escuela Moderna*
(In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, nº7, 31 de maio de 1902, contracapa)

AVISO IMPORTANTE

Para servir más fácilmente los numerosos pedidos de lib. os que se nos dirigen, la administración de la ESCUELA MODERNA se ha entendido con las casas editoriales de D. Luis Tasso y de D. Manuel Soler, lo que le permite ofrecer á sus favorecedores las obras consideradas como más próximas á la verdad y recomendadas mientras no aparezcan otras mejores.

He aquí, pues, la lista de los libros que la ESCUELA MODERNA usa ó puede usar, con los precios, por uno y por docenas, comprendiendo franqueo y certificado.

Compendio de Historia Universal PRIMERA PARTE por Clemencia Jacquinet
1 ejemplar, ptas. 2'00.—12 ejemplares, ptas. 19'20

Aventuras de Nono, por Juan Grave traducción de ANSELMO LORENZO
1 ejemplar, ptas. 3'50.—12 ejemplares, ptas. 33'60

Nuevo silabario, método racional de lectura progresiva por D. Celso Gomis
1 ejemplar, ptas. 0'50.—12 ejemplares, ptas. 4'80

Elementos de Gramática de la lengua castellana, por D. Celso Gomis
1 ejemplar, ptas. 1'00.—12 ejemplares, ptas. 9'60

Aritmética con nociones de contabilidad agrícola y mercantil por D. Celso Gomis
Nociones de Geometría plana y del espacio, por D. Celso Gomis
1 ejemplar, ptas. 1'00.—12 ejemplares, ptas. 9'60

Curso de enseñanza científica (ciencias, físicas y naturales) por P. Ber
Animales, Vegetales, Minerales y Terrenos, Física, Química, Fisiología animal, Fisiología vegetal
1 ejemplar. ptas. 3'00.—12 ejemplares. ptas. 26'80

Historia Natural . . . . . por D. Odón de Buen
Física . . . . . por D. Eduardo Lozano
Química orgánica . . . . . por D. José B. Carracido
Mineralogía . . . . . por D. Salvador Calderón
Meteorología . . . . . por D. Augusto Arcimis
Análisis Químico . . . . . por D. José Casares
Geología . . . . . por D. José Macpherson
Abonos industriales . . . . . por D. Antonio Maylin
Hongos comestibles y venenosos por D. B. Lázaro
Cada uno, 1'50 ptas. ejemplar.—14'40 ptas. 12 ejemplares

3.3 O projeto escolar

A formação direta foi estruturada em edifício adaptado ao uso escolar, situado à Rua Bailén, 56 (SOLÁ, 1990, p.51)[20]. Local que abrigava as classes de ensino primário, com aulas voltadas para crianças de ambos os sexos e provenientes de qualquer classe social; as Conferências Dominicais e também o *Editorial de la Escuela Moderna.*

A coeducação foi enfatizada na construção político-pedagógico de Ferrer que atribuiu ao desenvolvimento escolar o fundamento para a formação do homem novo, voltado para uma sociedade dotada de censo crítico perante as desigualdades impostas pelo sistema que deveria ser combatido em nome da igualdade entre os homens. Nessa direção, a coeducação de sexos e classes (FERRER i GUÀRDIA, 1976, p. 12-17) seria um primeiro passo na estruturação de uma sociedade igualitária: educar ambos os sexos com as mesmas condições de forma a combater as diferenças de gênero, bem como educar da mesma maneira, e também com as mesmas condições, crianças de todas as classes sociais, aniquilando os privilégios sociais decorrentes da detenção do saber por certos grupos.

Como conteúdos curriculares aparecem relatadas aulas de leitura, gramática, língua espanhola e francesa, geografia, história, ciências (zoologia, fisiologia, física, química, botânica e mineralogia) e matemática, com aritmética e geometria (*Materias enseñadas y distribución del tiempo. 5º año escolar 1905-1906* In **Boletín de la Escuela Moderna**, Barcelona, ano V, n°1, 30 de setembro de 1905). As aulas, no primeiro ano de funcionamento da Escola, foram divididas em quatro módulos: primeira aula preparatória; segunda aula preparatória; curso médio; primeiro ano normal (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901). Essa divisão sofreu alterações consecutivas, ainda que pouco estruturais, até o primeiro fechamento da Escola em 1906 quando os módulos passaram a ser três: *párvulos, elementares* e *superiores*. Cada um desses módulos, destinado a uma faixa etária, possuía uma programação específica em que o aluno entrava em contato com determinados conteúdos.

Em cada um dos cursos, os conteúdos eram ministrados por atividades de caráter teórico, especulativo, fazendo uso principalmente de lápis, papel e carteira escolar, que se mesclavam com outras de natureza mais despojada, ultrapassando os limites das paredes da classe (VICENTE, 2008, p. 356), tais como passeios com observação atenta do entorno, experimentos de laboratório, aproximações a fazeres profissionais de diferentes tipos, coleta de materiais e etc. A ascensão da *educação racional e científica*, estruturada por Ferrer e seus colaboradores, foi determinada metodologicamente pela observação direta permitida pelo uso de estações de estudos pedagógicos (*Las estaciones de estudios pedagógicos* In **Boletín de la Escuela Moderna,** ano II, nº5, 31 de março de 1902), trabalhos manuais e jogos, além das excursões escolares.

Apesar disso, a descrição curricular apresentada pelos boletins aponta para um ensino disciplinar – com aulas de história, aritmética, geometria, etc. – porém concebido a partir de exercícios que permitissem aos alunos aprender sobre seus conteúdos sem a interferência impositiva do professor. Para as aulas de aritmética, mencionam a familiarização inicial com os números deveria ser feita por meio da repartição de objetos destinados a exercícios manuais, a observação numérica dos agrupamentos de crianças durante as aulas e também contando objetos, folhas de uma árvore, etc. Exercícios que pudessem ser estendidos em quantidade e dificuldade pelo próprio aluno conforme seu interesse, sem nunca mencionar exercícios de memorização e cópia. Os alunos aprendiam geometria e desenho partindo do reconhecimento das formas dos diferentes objetos que os rodeavam.

O ensino de geografia, nas primeiras classes preparatórias, fundamentava-se em exercícios baseados em duas únicas temáticas, a cidade de Barcelona e seus arredores e descrição/relatos geográficos ao alcance das crianças. Em um segundo momento, as lições se estruturavam a partir da observação dos elementos naturais (água, ar, fogo, terra), que por fim convergiam para uma apresentação mais pormenorizada dos temas da geografia, tratando desde uma descrição física do território da cidade, como dos meios de produção (agricultura, indústria, etc.) e dos costumes culturais e meios de comunicação de sua população (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°5, 31 de março de 1902).

A especialização de um espaço para o ensino, que culminou na elaboração do programa arquitetônico da escola, foi também uma preocupação do movimento de renovação pedagógica sobre o programa de *educação racional* de Francisco Ferrer. A defesa do empirismo científico como processo intrínseco ao aprendizado ativo, com a utilização de instrumentos que propiciassem a experimentação, apoiou-se na proposta de ambientes do tipo salas-laboratórios, biblioteca e museu escolar. Condição material que provavelmente pode ser alcançada pela Escola Moderna de Barcelona devido, essencialmente, ao aporte financeiro deixado como herança pela francesa Ernestina Meunier.

Uma constante metodológica foi o uso das *lições de coisas* (FERRER i GUÀRDIA, 1976, p.9) em que os alunos das classes preparatórias se iniciavam em exercícios de reflexão, conversando sobre *uma infinidade de conhecimentos sobre tudo quanto fosse necessário saber na vida, numa atividade considerada a melhor ginástica para a inteligência* (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901). O método foi apresentado por Clémence Jacquinet como a forma ideal e mais difícil de conduzir a formação infantil, pois exigia do professor elevado *domínio da pedagogia*, por não se tratar da fala sobre temas previamente determinados, mas de fazer com que os alunos refletissem sobre o que se pretendia ensinar deixando que descobrissem e conquistassem o conhecimento pela própria observação e experiência. Um procedimento didático baseado na tríade observação, reflexão e aprendizado, que se anunciava pela intenção de dissipar os erros da educação tradicional e aproximar o pensamento humano do seguro procedimento científico, capacitando o

20. Sobre o empenho em encontrar o edifício ideal para instalar a Escola, Jacquinet escreveu uma curiosa carta a Ferrer, em 17 de janeiro de 1901, dizendo-lhe que: "[...] los jesuitas y otras pestes han acostumbrado á las familias á muchas exigencias desde el punto de vista de espacio, aire y luz, y esto nos impone la obligación de no conformarnos con una cosas mediocre [...]" (JACQUINET, 1901 apud CANNALS, 1911, p. 71).

indivíduo a formular critérios reais acerca dos elementos sociais e das leis que os regulam (FERRER i GUÀRDIA, 1976, p.10).

> "¡Cuántos descubrimientos interesantes se les puede sugerir que hagan sobre las diversas partes del cuerpo, la casa, la ciudad, los animales que viven cerca de nosotros y las plantas que se cogen en los campos!"
> (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901).

As Conferências Dominicais consistiam em aulas abertas a quaisquer interessados e se opunham às missas religiosas que ocorriam costumeiramente às manhãs de domingo, impondo à igreja uma competição pelo público que lhes rendeu o apelido *missa da ciência*, atribuído pela imprensa liberal de Barcelona da época (FERRER i GUÀRDIA, 1976, p.42). Elas eram proferidas por distintos colaboradores que propunham a informação e o debate de temáticas científicas consideradas de interesse público, tais como as questões político-educativas, de higiene e saúde, de biologia, geografia, entre outros temas mais específicos[21].

A consolidação dessas conferências como atividade central do projeto escolar levado a cabo no edifício da Rua Bailén estava associada aos nomes dos doutores Odón de Buen e Andrés Martínez Vargas[22] que passaram, já no segundo ano escolar, a encarregar-se de organizar a programação dominical sempre em duas sessões. Na primeira, Martínez Vargas tratava de questões de ordem da saúde pública, falando sobre cuidados com a alimentação, com a prevenção de doenças e orientando os participantes para aquisição de condutas de higiene preventiva. Dessas palestras resultou a publicação *Botequín Escolar*[23] que reuniu em um breve folheto uma série de conselhos práticos sobre procedimentos básicos em circunstâncias emergenciais de saúde (diarreia, desmaio, convulsões, fraturas, etc.) acompanhadas de informações sobre vacinas e uma lista de itens necessários para primeiros socorros (VICENTE, 2008, p.23). A segunda sessão dos encontros dominicais, a cargo de Odón de Buen, versava sobre questões de cunho mais conceitual acerca de conhecimentos sobre ciências biológicas, geologia e geografia, com projeção de imagens de paisagens

21. A primeira Conferência foi inaugurada em 16 de novembro de 1901. Na ocasião, Salas Antón fez uma exposição sobre Voltaire. Uma segunda Conferência, celebrada em 24 de novembro de 1901, trechos de obras de Emilie Zola, *La alegria de vivir* e *El trabajo* foram lidos e comentado (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°2, 30 de novembro de 1901). As temáticas dessas conferências iniciais deflagram, em alguma medida, os interlocutores com os quais o programa inicial da Escola Moderna Barcelona dialogava.

22. Ambos os professores catedráticos da Universidade de Barcelona que tiveram participação expressiva nas atividades tanto da Escola como do Editorial. O texto de apresentação do segundo ano escolar (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°1, 31 de outubro de 1902) assim os apresenta: "Sabiendo lo conveniente que es, en nuestro país, sobre todo, la difusión de los conocimientos de Ciencias Naturales y Higiene, em particular la de los niños, la Escuela Moderna se propone coadyuvar á la realización de este fin. Para ello cuenta com el concurso de dos peritíssimos catedráticos. El Sr. De Buen, catedrático de Ciências Naturales, y el Sr. Martínez Vargas, catedrático de Enfermedades de los Niños, quienes darán conferencias alternativamente, acerca de sus respectivas materias científicas, en lo local de este centro de enseñanza."

23. MARTÍNEZ VARGAS, Andrés. *Botiquín escolar.* Barcelona: Editorial de la Escuela Moderna, 1905.

diversas. O conhecimento dos fatores físico da natureza, bem como o resultado de suas ações sobre as paisagens humanas, era considerado imprescindível no intento de apresentar e aproximar a população ao pensamento científico. De Buen contribuiu para o *Editorial de la Escuela Moderna* com diversas publicações, entre as quais uma série sobre as ciências naturais (DE BUEN, 1905a; 1905b). Ademais dos impressos produzidos pelo Editorial, as temáticas das Conferências eram relatadas mensalmente em informes constantes veiculados ao final de cada uma das edições do *Boletín de la Escuela Moderna.*

No que tange ao uso dos espaços, e constituindo uma chave analítica para o entendimento da apropriação urbana proposta pelos libertários em suas práticas educativas, as orientações médico-higienistas presentes nas palestras de Martínez Vargas contribuem para o debate desta dissertação, sobretudo como referencial para o entendimento da matriz político-pedagógica que influenciou o programa das Escolas.

A circulação do ideário médico-higienista, característico da transição entre os séculos XIX e XX, invadiu a escola de prerrogativas ideais para o saneamento das instalações citadinas e dos hábitos cotidianos de higienização dos alunos e permeou o discurso da Escola Moderna, como pode ser apreendido nas constantes *visitas de limpeza* que aconteciam fora da sala de aula, *no pátio de recreio sempre que o tempo possibilitasse, permitindo o acesso à sala somente dos alunos considerados como dignos de nela entrar* (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901). A assimilação da tônica médico-higienista pode ser percebida também no informe sobre a Conferência Dominical realizada por Martínez Vargas no primeiro domingo de outubro de 1903.

> "[...] trata extensamente de las condiciones que debe requerir la habitación del hombre para ajustarse á las más rudimentarias reglas de higiene, cuales son, por ejemplo, que sus cimientos descansen sobre un terreno sano y que no contenga ni pueda tener facilidad para la absorción de gérmenes patógenos, los cuales, al ponerse en contacto directo con el hombre, le contagian con ciertas afecciones de carácter infectivo. Sentó reglas para la orientación de las casas, lamentándose de que no sean generalmente atendidas, por proponerse el beneficio del propietario sobre la higiene pública. Recomendó que se corrija la pésima costumbre que tiene muchos niños de rascar las pinturas y papeles que adornan las paredes de la habitaciones, porque, además de irrogar perjuicios, provoca frecuentemente envenenamientos, por altamente tóxicas algunas de sus sustancias químicas que utilizan los pintores y fabricantes de papel, y haber también posibilidad de que se introduzca en la boca del niño algunas partículas de dichos productos, que pueden hallarse entre los repliegues de la piel de los dedos, en las uñas, etc. Terminó el acto proyectándose en una pantalla algunos dibujos, que resultaron del agrado de todos los presentes. Al concluir la conferencia revisó minuciosamente á todos los alumnos presentes, hallándolos en perfecto estado de salud." (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano III, n°2, 31 de outubro de 1903)

Outras abordagens sobre boas condições ambientais aparecem em outros relatos dessa série de Conferências. No dia 18 desse mesmo mês, tratou-se sobre as causas que promoviam a impureza do ar e sobre a importância de purificá-lo desde distintos sistemas de ventilação. O tema da iluminação nas habitações foi tratado a partir da reflexão sobre o dizer "sol, luz, calor, significam vida e consciência da vida", seguido de fala sobre a conquista da iluminação artificial como um

grande fator de progresso (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano III, n°2, 31 de outubro de 1903). Importante notar que as menções são sobre conforto ambiental, higiene e relações sociais presentes nos lugares, nunca sobre suas características estéticas ou sobre qualquer temática formal.

Os relatos, ainda desta edição do *Boletín*, deixam transparecer preocupações com as condições de habitabilidade da população, mencionando questões de saneamento que eram então objeto de discursos e políticas de disciplinarização colocadas em prática pelo Estado, em face da postura comum entre empresários imobiliários de reduzir a construção, venda e/ou aluguel de habitações a puro negócio especulativo – em detrimento da saúde e bem estar de seus ocupantes. Exprimem, portanto, certa atitude vigilante em relação à tendência recorrente de privilegiar-se, *o benefício do proprietário sobre a higiene pública.* O intento de assinalar tais questões e esclarecer aos participantes dessas Conferências sobre a importância de suas práticas cotidianas permaneceu como desafio do projeto educativo da Escola, local prioritário para a emancipação intelectual.

A Escola Moderna parece assim lançar-se ao desafio de refletir junto com seus simpatizantes sobre as novas condições de vida presentes na cidade, no meio urbano, deixando de fundamentar-se prioritariamente no contato com a natureza. Por essa atitude, parece haver dissonância entre o projeto de Ferrer i Guàrdia e a proposta de *educação integral* praticada por outros libertários, sem dúvida derivadas da iniciativa programática de Paul Robin para o orfanato Prevost, que foi implantado em área rural afastada de um centro urbano. Em outras palavras, o partido tomado por Ferrer de situar a Escola Moderna no centro urbano de Barcelona e não em suas redondezas rurais, parece apontar uma inflexão ideológica, pois não foi priorizado o convívio dos alunos com o meio natural, mas assumido decididamente a realidade urbana como lugar do aprendizado. Seria tal atitude decorrente de uma suposta crença em que a formação das crianças deveria experimentar a disputa social presente nos centro urbanos? Em algumas passagens registradas pelas fontes documentais consultadas, há vestígios de um reconhecimento da importância de se promover o contato com os embates constitutivos do novo imaginário urbano em construção.

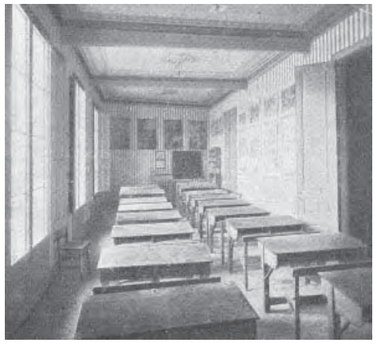
Sobre essa questão, Delgado faz uma aproximação entre as ações de Ferrer e o pensamento político-pedagógico de Paul Robin como diretor de Prévost. Ao finalizar a comparação, o autor aponta que o partido tomado por Ferrer, apostando na inserção urbana do ambiente escolar, determinava a *transmissão de uma educação tão ruim como a tradicional.* O autor aponta para uma bifurcação entre o pressuposto naturalista de alguns pensadores da educação, no qual se incluiu o projeto do Orfanato Prevost, e a proposta pedagógica da Escola Moderna de Barcelona. Ao invés de situá-la em área periférica da cidade ou mesmo em ambiente predominante rural, como aconselhavam os educadores de vertente mais naturalista, certos de que o contato com a natureza contribuiria com o desenvolvimento das faculdades intelectuais, Ferrer preferiu estabelecer o edifício escolar em um local sem espaço ao ar livre, sem oficinas e com poucas salas de aula (DELGADO, 1973, p. 52). Independente do evidente ranço demonstrado por esse autor em relação a Escola Moderna, qual seria a razão de Ferrer ter optado por um pequeno edifício no centro de Barcelona,

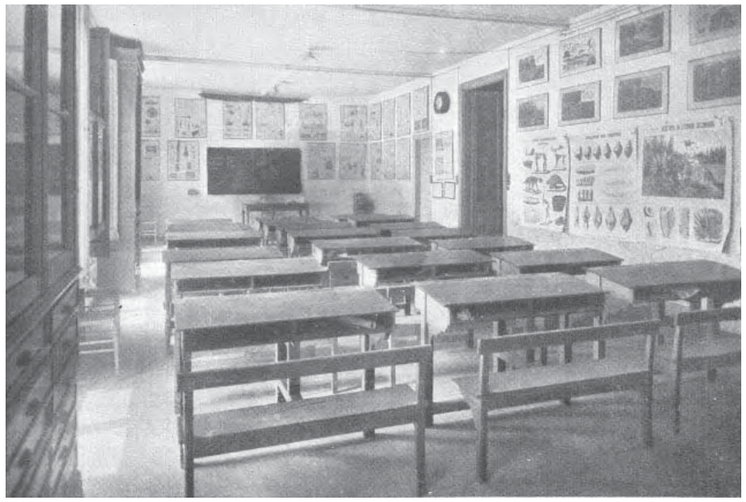
local de efervescentes conflitos de classes, mesmo tendo como modelo programático o Orfanato Prevost, de Cempuis, instalado segundo a mais pura ortodoxia do *naturalismo pedagógico*? Essa questão parece marcar uma dissidência programática que incide diretamente na aproximação do currículo escolar aos processos de formação cultural do novo imaginário urbano que se consolidava com o crescimento das cidades. Não é possível afirmar que tenha havido uma atitude objetivamente intencional nesse sentido por parte de Ferrer, mas outras práticas parecem emergir deste contexto como consequência das mudanças que aconteciam na organização física dos assentamentos humanos que se consolidavam em grandes cidades no início do século XX.

A cidade era o palco de uma disputa. Ferrer parecia propor que a formação propiciada pela *educação racional e científica* fosse o caminho fundamental para a revolução social, ou seja, ele defendia a escola como mobilizadora social e diretora da obra revolucionária. A ligação com o movimento operário parece ter acontecido a partir de um tipo de laço distinto do que vinha sendo construído até então pelo movimento anarquista, que tendia a colocar em momentos distintos as discussões sobre o processo de escolarização, tanto da simples alfabetização quanto da emancipação intelectual, e as implicações da luta de classes que caracterizavam a então sociedade industrial. Desde o protagonismo da Escola Moderna, Ferrer construía a movimentação revolucionária centralizada na formação como eixo central do combate libertário contra a dominação do Estado e da Igreja. Entretanto, ao mesmo tempo em que parecia querer marcar o território urbano, mantinha como pressuposto a orientação do aprendizado fundamentado na observação do meio. A respeito de tal caráter político existente na tomada do meio urbano como protagonista das atividades da Escola Moderna, Romero Maura comenta sobre as *merendas escolares* nas quais as escolas racionalistas da Catalunha se reuniam em manifestação pelas ruas, organizando num primeiro momento um percurso dos alunos pela região central de Barcelona, e encerravam a atividade com uma merenda coletiva (1974, p.444).

Como apontado anteriormente, a formulação metodológica da Escola Moderna decorreu da negação do ensino dogmático que deveria ser substituído pelos fundamentos da *educação racional e científica*. O salto que levou o ensino a sair da sala de aula para explorar lugares externos aos limites do edifício escolar, ainda que este tenha se qualificado como um espaço especializado para o aprendizado, não parece decorrer de nenhuma outra razão. Não se pretendia conhecer e informar os alunos sobre um repertório de lugares, mas levá-los ao aprendizado com a *experiência* do próprio meio social. Por isso, o proveito de outros espaços para o aprendizado tinha um direcionamento claramente metodológico no programa desta proposta educativa. Tal prerrogativa foi exposta por Leopoldina Bonnard[24] de maneira explícita em artigo no qual comentou sobre iniciativa em que *autoridades de Berlim* de instalar uma escola em pleno bosque, nas imediações da capital alemã. Neste

24. Francesa, foi aluna de Ferrer em Paris. Casaram-se em 1899. Colaborou como professora da Escola Moderna de Barcelona além de deixar contribuições textuais para o projeto de seu Editorial, entre as quais, destaca-se o libro **Nociones del idioma francês**, publicado em 1903.





Instalações da Escola Moderna de Barcelona, Calle de Bailén
(In **Nuevo Mundo,** ano XIV, nº701, 13 de junio 1907)

Rua de Bailén, 56. Fachada do edifício sede da Escola Moderna de Barceona
(SOLÀ, 1990, p.51)

texto, a autora critica as falas que tratavam de inovações, liberdade e solidariedade, mas que não interrompiam, por fim, o processo que levava às crianças seguirem aprendendo a serem *escravas dóceis, a seguir os impulsos do egoísmo, a afundar-se nos interesses pessoais, a julgar superficialmente*. Somente a renovação metodológica, segundo Bonnard, não seria suficiente para libertar a humanidade.

> "[...] que en el bosque lo mismo que en la ciudad, al aire libre como entre cuatro paredes, recibirán la antigua enseñanza, imbuida de las mismas preocupaciones, impregnada de los mismos errores, reducida á las mismas trasnochadas fórmulas, y si aquellos niños pueden contemplar libremente las transformaciones de la naturaleza que les rodea, quedarán tan incapacitados como antes para compreenderlas y para adaptarlas á un objeto social y humanitario; no suscitará en sus corazones los sentimientos de generosidad y abnegación que han de ser el germen de la futura renovación." (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano V, n°1, 30 de setembro de 1905)

A dualidade provocada pelo uso da paisagem, natural e urbana, no programa escolar de Barcelona pode ser ainda observada por outro exemplo, verificado em artigo publicado pelo *Boletín,* sobre a clausura do terceiro ano escolar. Nele são transcritos alguns discursos proferidos na ocasião, bem como as intervenções de cada um dos alunos. Em trecho do texto que aparentemente transcreve uma fala de Anselmo Lorenzo[25] sobre a ficção *Nono, no país da Autonomia*", a apologia ao ambiente natural é evidenciada com a aproximação qualitativa entre a educação de Nono e a vida em pleno ambiente natural, em contato com toda classe de animais e em meio a esplêndidas paisagens, imerso por luz natural, ar puro e frondosa vegetação, vistosas e aromáticas flores, animado pelos ruídos melódicos e harmônicos que forma o sussurro da brisa, o zumbido dos insetos e o canto das aves (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano IV, n°1, 30 de setembro de 1904).

Por este conjunto de argumentações, o programa da Escola Moderna parece realmente situar-se entre as proposições diversas de seu tempo, ora tencionando o contato com o meio urbano em desenvolvimento, ora exaltando o meio natural como o lugar ideal do aprendizado pela pluralidade de sensações que poderia provocar ao longo do crescimento infantil e, inclusive, devido ao afastamento das perversidades morais e físicas existentes em ambiências urbanas.

Da mesma maneira que abordagens estéticas não pertenceram ao conjunto das preocupações escolares, é também importante lembrar que o espaço do aprendizado parece ter sido dividido entre o tempo formal da escola e a *experiência* de outros lugares. Essas observações são relevantes para que a configuração do espaço do aprendizado libertário possa ser formulada, pois parece que seus paradigmas se distanciaram dos padrões educativos que construíram programas de ensino centrados em edifícios especificamente desenhados para a educação, em que o cotidiano se estruturou essencialmente dentro de suas salas e as saídas escolares foram eventos esporádicos pertencentes a atividades específicas.

De qualquer modo, a hipótese de que tenha havido uma dupla abordagem do meio

25. O texto não menciona o nome do orador, entretanto o apresenta como o *tradutor da Escola*. Anselmo Lorenzo, entre outras obras, traduziu para o espanhol *As aventuras de Nono,* obra escrita por Jean Grave e publicado pelo *Editorial de la Escuela Moderna.*

Escola Moderna, Rua Bailén

Parc de la Ciutatella / Parque da cidade (Los miércoles de la Escuela Moderna In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano IV, nº8, 31 de maio de 1904, p.1-3)

Arenas de Barcelona / Novo circo taurino (Nuestros Paseos In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, nº9, 30 de junho de 1903)

na pedagogia libertária se desdobra de maneira bastante específica em Barcelona e São Paulo, onde a associação entre as Escolas Modernas e o movimento social parecia erigir-se desde chaves associativas distintas. Isso porque, num primeiro momento, as atividades didáticas se manifestaram segundo formas distintas, como pode ser visto na sequência do texto a partir da retomada das experiências escolares fundadas pelo contato sócio espacial, nas Escolas Modernas dali e daqui. Os lastros conceituais e ideológicos pareciam voltar-se para os mesmos valores, entretanto suas realizações pedagógicas construíram de maneira autônoma seus projetos de formação cultural. Autonomia, que vale a pena frisar, foi coerente com o próprio programa libertário.

Em um segundo momento, a especificidade se revelou na interação entre os projetos escolares e as ações da militância libertária como um todo, que demonstrava levar a educação popular como um projeto em si, sem restringi-la ao âmbito da escolarização ou dos ditos aprendizados formais. Em Barcelona, a força de Ferrer parece ter feito da Escola Moderna um eixo articulador dessa estratégia. Em São Paulo, a formação popular parece ter sido um projeto mais descentralizado e implantado por diversos agentes, sobretudo pela imprensa libertária.

§

Sobre a dicotomia entre o uso da observação direta frente o elevado peso atribuído à publicação e uso de livros[26], parece importante pontuar algumas questões. Em texto assinado por C. Laisant e publicado na segunda fase do *Boletín de la Escuela Moderna*, o uso dos livros é defendido apesar de tomar como prudentes as críticas sobre a educação tradicional, caracterizando-a como *demasiado livresca* por não *colocar a criança em contato mais direto com a natureza e a vida*[27]. Argumenta que um trabalho de *educação racional* não pode prescindir de livros, importantes para a formação

26. A esse respeito, a passagem que segue reflete sobre a importância do equilíbrio entre as metodologias de ensino, desde que respeitado o princípio norteador da *educação racional e científica*, ou seja, o cultivo da observação como passo elementar do aprendizado: "Mesmo fora da natureza propriamente dita, nos edifícios fechados, é sempre pela observação precisa que procederá o estudante, em particular aquele que tem especialmente o homem por objeto de pesquisa. São os seres vivos que ele ensinará a conhecer em suas origens e em sua vida atual, com as mil alternativas da saúde, da enfermidade, da decrepitude e da morte. Excetuando todos os livros que o tempo envelhece, não são esses os livros por excelência, os livros sempre vivos nos quais, para o leitor atento, novas páginas, cada vez mais belas, somam-se incessantemente às precedentes? Não é tudo: o leitor transforma-se em autor. Graças ao poder de magia que lhe dá a experiência, ele pode suscitar mudanças a seu bel-prazer no meio ambiente, evocar fenômenos, renovar a vida profunda das coisas pelas operações do laboratório, tornar-se criador, por assim dizer, transfigurar-se em um Prometeu portador de fogo!" (RECLUS, 2010b, p.38)

27. *Los libros y la educación* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°3, 1 de julho 1908. Charles Ange Laisant (1841-1920), matemático anarquista francês, foi um especialista sobre o ensino de matemática, com livros publicados nos anos finais do XIX, na França.

intelectual do aluno, devendo escolhê-los de maneira crítica e utilizá-los em tarefas específicas sem deixar que se tornem protagonistas do aprendizado. Ele entende ainda os livros como recursos que devem ser especificamente direcionados ao aluno e ao educador, cumprindo papéis de formação distintos, e reflete sobre a estrutura que cada um destes tipos de material deve ter para que os livros possam ser considerados parceiros do aprendizado *racional e científico*. Inserido nessa linha de argumentação, o texto deixa margens para que o projeto do *Editorial de la Escuela Moderna* possa ser melhor situado entre os objetivos do projeto educativo de Ferrer i Guàrdia, bem como subsidiar reflexões sobre como este programa chegou ao Brasil. O autor expõe que os livros destinados à educação preocupavam a Liga Internacional para a Educação Racional da Infância porque, por meio da organização de suas coleções, seriam um importante instrumento para a emancipação intelectual, assim como foram consideradas as publicações impressas em geral, por sua ampla capacidade de veicular mensagens.

Ainda que todo o material textual publicado pelo *Editorial de la Escuela Moderna* tenha servido de base para suas atividades escolares, a constante presença dos informes sobre os passeios e excursões demonstram a operacionalização de um programa muito mais pautado pela experiência de campo que pelo uso destes livros. Mas, realmente, foi por meio desses documentos impressos que as práticas libertárias de educação puderam ser lidas fora de seus territórios, alcançando militantes de outras regiões.

Paul Robin, a respeito da imbricação entre o aprendizado dos conhecimentos herdados da experiência social coletiva e o desenvolvimento da inteligência das crianças, concluiu que o estudo teórico, pelos livros, deveria seguir a excitação dada por práticas reais de maneira a completar e coordenar os elementos que estavam sendo proporcionados às crianças em experiências reais.

> "[...] La historia, forzosamente truncada por muchos puntos, queda particularmente unida sobre las causas económicas y sexuales de los acontecimientos. La historia real es ininteligible à los cerebros jóvenes, y la arreglada para ellos, por la obsesión de nociones falsas, los mutila y puede hacerlos incapaces de juicios sanos.
>
> Por el contrario, el estudio de la naturaleza, de la industria en la práctica de los talleres, de las ciencias en los laboratorios y los observatorios, da al cerebro un desarrollo harmónico, bien equilibrado, y una gran rectitud de juicio." (*La Educación Integral* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°3, 31 de dezembro de 1901).

Nesse sentido que Robin proclamava que se deixasse viver as crianças ao ar livre tanto quanto fosse possível, de maneira que estudassem a natureza sem pedantismos, que a estudassem pela observação de seus próprios eventos e não prioritariamente por meio de livros, mesmo considerando-os instrumentos aliados à educação. Afirmava que de tal *conhecimento espontâneo da natureza* resultaria a admiração tanto de suas belezas quanto de suas insuficiências e de suas crueldades e assim, consequentemente, o entendimento crítico da força social que criou a indústria e as ciências como bases do desenvolvimento (ROBIN, 1901b, p.2).

4. O PROTAGONISMO DO ESPAÇO NAS PUBLICAÇÕES ESCOLARES

A relação com a cidade no programa libertário de educação parece desdobrar-se em dois planos. Ambos revelam alguns aspectos do pensamento anarquista sobre a urbanidade e o meio urbano como lugar político de estabelecimento social: nas apostas paralelas entre *progresso* e *retorno à natureza* como direções educativas. O que pode aparentar contradição, na verdade compõe de maneira bastante singular a defesa pedagógica por um tipo de educação fundado não somente na experiência do próprio aluno, como no aproveitamento de ambiências não projetadas. Construção educativa que culminou em um procedimento de aprendizado racional e pretendeu, inclusive, estar inserido no desenrolar dos processos sociais que determinavam a estruturação da vida urbana a partir de espasmos evolutivos que resultavam no *progresso* das condições materiais da organização social (RECLUS, 2002). Para o anarquismo do início do século, apropriar-se dessa condição evolutiva, assim como do progresso material propiciado pela ciência, compunha um pressuposto do ideal revolucionário. A cidade, e o desenvolvimento que representava, deveria ser tomada por novas relações sociais e não abandonada à direção dos interesses das classes dominantes.

Por um lado, lutar pelo *progresso* parecia permear a própria ideologia do anarquismo, levando as ações diretas a enxergarem a apropriação da cidade como uma conquista da qual não se poderia abrir mão (RECLUS, 2010d, p.37). Dado que suas inquietudes giravam em torno da vida e das organizações populares, o espaço urbano, configurado pelos locais de trabalho, moradia e lazer, surgia na literatura anarquista como lugar de combate à exploração da sociedade industrial e, por isso, sua tomada se constituiu como pauta político-pedagógica mais geral entre os anarquistas, isto é, para além do âmbito propriamente escolar. Esta outra plataforma educativa, intrínseca às manifestações operárias, foi estampada nos periódicos por meio de notícias e manifestos que discutiam a vida social operária, sua luta e, consequentemente, a ocupação dos lugares que promoviam.

Por outro, a perspectiva de um *retorno à natureza* que creditou sobre importância ao ambiente educativo, na mesma medida que o fez as apostas pertencentes ao movimento para renovação do ensino tradicional. Em primeiro momento, exaltou o meio natural como o lugar não corrompido e, portanto ideal para o crescimento orgânico da criança. Em momento posterior, construiu edifícios com usos específicos para o exercício de funções pedagógicas e, da mesma maneira, centralizou a experiência infantil como eixo de um processo educativo igualmente afastado da vida social real[28]. Nesse sentido que a ênfase dos libertários no aprendizado científico concedeu à experiência infantil o papel de eixo elementar do aprendizado, alinhavando os objetivos do movimento anarquista voltados à emancipação do sujeito às prerrogativas pedagógicas dissipadas pelas discussões internacionais que questionavam a manutenção da educação tradicional.

28. Essa discussão, aliás, emergiu com expressividade na Catalunha no princípio do século, desenvolvendo-se ao longo das três primeiras décadas e configurando um movimento que influenciou o conjunto de *escolas racionalistas* que se situaram *claramente na vanguarda dos esforços de renovação que cresciam então em toda a Europa e Estados Unidos* (MORIYÓN, 1989, p.17).

Nesse movimento[29], um repertório de práticas escolares foi experimentado pelos libertários com o intuito de desvelar outro caminho metodológico a partir do qual o ideário revolucionário sustentaria a formação popular em prol da *evolução e revolução* da sociedade (RECLUS, 2002). Assim, eles se inseriram no universo de questões que marcaram os debates acerca da renovação pedagógica, revendo o conjunto de soluções do processo educativo tradicional e compartilhando espaço no coletivo de vozes que ressoou desde diversas regiões do mundo[30]. Com efeito, a corrente pedagógica das *escolas ativas*, cujos antecedentes remontam a Rousseau e Pestalozzi, entre outros, buscou alternativas ao ensino hierarquizado fundamentado na figura do professor e de livros, tentando substituir as práticas da educação tradicional pela experiência direta da criança e suas possibilidades de criação. As primeiras realizações concretas desta corrente apareceram em finais do século XIX, entre as quais, a Escola Elemental, fundada por John Dewey na Universidade de Chicago, em 1896; a transformação das escolas primárias de Munique, realizada por Kerschenteiner, em 1897; a Casa dei Bambini, em Roma, de Maria Montessori, e a École de l'Ermitage, em Bruxelas, fundada por Jean-Ovide Decroly, entre outras experiências (CAPELLETTI, 1980, p.45).

Tal contexto de renovação metodológica se sobrepôs às intenções revolucionárias das propostas libertárias contidas nos programas de *educação integral* e, posteriormente, na formulação de Ferrer para os parâmetros da *educação racional e científica*. Entre eles, a renovação dos processos de aprendizado deveria alcançar as intenções revolucionárias, promovendo, entre outras mudanças, a integração entre o trabalho intelectual e o braçal (KROPOTKIN, 1898), aniquilando as diferenças que separavam os trabalhadores e alavancando um processo de união entre a teoria e prática, entre inteligência e tarefa física. A criança deveria estudar a partir de seus interesses individuais e desde fatos reais, não por meras representações, para que a independência de seu pensamento fosse incentivada e mantida ao longo de seu crescimento (KROPOTKIN, 1898, p.102).

29. "[...] Toda essa renovação começara com a obra de Rousseau e os anarquistas retomaram as ideias fundamentais do genebrês, especialmente as que colocavam a criança como centro do processo pedagógico, tentando desenvolver ao máximo suas possibilidades e fazer dela uma criança livre. Retomaram também a s grandes instituições de Fourier, que insistira na necessidade de educar a criança mais pelo jogo do que pela disciplina, propondo uma educação antiautoritária, e que teria enfatizado a importância da educação e da união do trabalho intelectual e manual nas escolas. Mas estavam também próximos a outros grandes educadores como Dewey, que haviam descoberto a importância de se propor uma educação ativa em que as crianças não fossem obrigadas a receber passivamente tudo o que os professores quisessem impor. E os anarquistas não só se dedicaram a receber e aplicar essas novas correntes que pouco a pouco iam abrindo caminho nas escolas europeias, como também estavam na linha de frente, contribuindo com inovações, praticando métodos autenticamente revolucionários, que posteriormente seriam aceitos, ou então criando movimentos e ligas de pedagogos para difundir as novas propostas educativas." (MORIYÓN, 1989, p.17)

30. O texto de apresentação da Escola Moderna de Barcelona publicado na primeira edição de seu *Boletín* diz a esse respeito: "[...] Su propósito es coadyuvar rectamente, sin complacencias con los procedimentos tradicionales, á la enseñanza pedagógica basada en las ciencias naturales. Este método nuevo, pero el únicamente real y positivo, ha cuajado por todos los ámbitos del mundo civilizado, y cuenta con innúmeros obreros, superiores de inteligencia y abnegados de voluntad." (*La Escuela Moderna* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901).

De fato, na literatura libertária da época há consenso sobre a importância de praticar o ensino libertário a partir de métodos ativos. Entre estas novas aspirações para as práticas de educação, o deslocamento dos lugares cotidianos do aprendizado escolar para além de suas salas de aulas – que por sua vez também se especializavam – caracterizou-se como uma das maneiras pelas quais a Escola Moderna interpretou a renovação pedagógica desde os pressupostos políticos do anarquismo, imprimindo o empirismo científico na educação que propôs desenvolver. Parece ter sido de tal interpretação que a observação, experiência e reflexão sobre lugares sociais passaram a constituir parâmetros fundadores para as saídas escolares, instituídas como atividades cotidianas e não somente como práticas eventuais. E, mais além, como oportunidades de levarem a educação para a *experiência* de espaços sociais reais.

Como apontado, o relacionamento entre o aprendizado e o meio urbano no programa da Escola Moderna, num primeiro momento, debateu-se com a dicotomia de ao mesmo tempo insistir em situar-se no ensanche barcelonês, impulsionando que seus alunos convivessem com as disputas pela cidade, e em voltar-se teoricamente à defesa do meio natural como ambiente ideal para o aprendizado. E, em segundo momento, com a leitura das situações e lugares que experimentavam quando saiam em excursão, ora voltando-se à valorização da natureza, mas sempre com os pés fincados na interpretação dos espaços sociais urbanos.

Élisée Reclus circunscreveu o aprendizado do conjunto das disciplinas escolares, conferindo prioridade à prática de excursões como mecanismo central do processo educativo. Ele apontou as excursões como o mecanismo mais adequado para o aprendizado da geografia, priorizando-as ao invés de entregar as crianças ao uso de livros e mapas, e declarando que como professor *talvez nem sequer pronunciasse entre seus alunos a palavra geografia*.

> "Si tuviese la dicha de ser profesor de geografía para niños, sin verme encerrado en un establecimiento oficial o particular, me guardaría bien de comenzar por poner libros y mapas en manos de mis infantiles compañeros; quizá ni pronunciaría ante ellos la palabra geografía, pero si le invitaría a largos paseos comunes, feliz de aprender en su compañía. Siendo profesor, pero profesor sin título, cuidaría mucho de proceder con método en esos paseos y en las conversaciones suscitadas por la vista de los objetos y de los paisajes [...] Por monótono y pobre que fuese nuestra punto de residencia, no faltaría la posibilidad de ver, si no montañas o colinas, al menos algunas rocas que rasgaran la vestidura de tierras más recientemente depositadas; por todas partes observaríamos cierta diversidad de terrenos, arenas, arcillas, pantanos y turbas [...] A estos paseos alrededor de nuestra residencia habitual, las circunstancias de la vida podrían añadir largas excursiones, verdaderos viajes, dirigidos con método, porque no se trata de correr al azar como aquellos americanos que Dan su 'vuelta al Mundo Antiguo', y que suelen hacerse más ignorantes a fuerza de amontonar desordenadamente lugares y personas en sus cerebros, confundiéndose todo en sus recuerdos ... es importante proceder a las excursiones y a los viajes con el mismo cuidado de método que en el estudio ordinario para la enseñanza..."
> (*La Enseñanza de la Geografia* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°6, 31 de março de 1903)

O texto de Reclus menciona as saídas escolares, fossem elas passeios ao redor ou excursões mais

longas, associadas à vivência do meio como concepção metodológica essencial do aprendizado, sem mencionar nenhum contexto espacial ideal em que o aprendizado devesse ocorrer. Ao contrário, ele enfatizou nesta descrição metodológica que mesmo sendo um espaço monótono ou pobre, não faltaria às crianças a possibilidade de observar fenômenos reais, seja lá de qual natureza fossem eles. Proposição que também aparece enfatizada em um artigo dedicado aos professores, escrito por Clémence Jacquinet. Nesse texto, ela tratou de orientar os professores a se dedicarem ao preparo antecipado da programação escolar e para que não deixassem as aulas por conta dos livros, insuficientes para o ensino. A própria experiência dos fatos deveria articular o processo de aprendizado porque o ideal de uma aula, segundo ela, consistia em fazer com que os alunos fossem convidados a observar, tanto direto quanto possível, um fato ou fenômeno, estando o professor presente para provocar as observações, afastar obstáculos e não para conduzir autoritariamente o aluno pelos critérios de seu próprio pensamento. Por fim, reflete que a boa aula não se construiria enquanto as crianças tivessem livros entre as mãos (*Al profesorado* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°7, 1902).

Na sessão inaugural da Escola Moderna de Barcelona, o discurso de Salas Antón[31] apontou de alguma maneira para a existência de intenção originária de extrapolar o lugar da sala de aula já no curso escolar que estava começando. Seu discurso apresentava o programa da Escola Moderna como continuador *daqueles grandes pedagogos naturalistas, que faziam com que o ensino se efetivasse pelo contato direto do educando com a natureza e com o afastamento necessário do professor, para evitar-se interpretações ideológicas falsas como as contidas no vejo e desacreditado sistema de educação*. Para ele, a boa educação não se faria em um espaço limitado por quatro paredes, mas em campo aberto, alternado por bosques, jardins, hortas, plantações de cereais e largos passeios (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901)..

Emblematicamente, um dos textos de Paul Robin[32] sobre a *educação integral*, expôs a diferença entre a nova e a velha maneira de ensinar, apontando que a *nova educação* deveria diminuir toda a carga de abordagens de opiniões, variáveis, de antagonismos e rivalidades, para priorizar o tempo educativo com questões reais, retiradas da observação direta de experiências e soluções igualitárias entre todos os homens (*La Educación Integral* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°3, 31 de dezembro de 1901). O afastamento de todo instrumental didático dogmático[33], principalmente os vinculados às crenças religiosas,

31. Membro da Junta Consultiva liberada por Francisco Ferrer para dirigir a Escola.

32. As contribuições textuais de Paul Robin para com as publicações do *Boletín de la Escuela Moderna* foram expressivas em sua primeira fase de publicação, entre 1901 e 1906, até o fechamento da Escola.

33. Em outro texto, Paul Robin aponta que o ensino dogmático deveria restringir-se aos temas *convencionais*, isto é, aos instrumentos de aprendizado da escuta, da fala, da compreensão gestual. Signos que considerava indispensáveis para uma educação inicial desde a qual a criança pudesse partir para fazer seus próprios aprendizados. E acrescenta: "Ya es demasiado imponerle verdades prematuras como la rotación de la tierra y su revolución alrededor del sol. Dejadle observar á él mismo la salida y postura de los astros en un dia dado; los cambios de esos fenómenos en diversas épocas, y más tarde, el día menos pensado, la simple lectura del capítulo de un buen tratado le demostrará la reducción de esos numerosos hechos tan complejos á uno ó dos completamente sencillos." (*Hacia la Educación Integral* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901).

foi combatido com a proposição de uma educação de base empírica, que levasse em conta as potencialidades individuais de raciocínio como fator para o desenvolvimento de exercícios que induzissem o aluno a descobertas próprias. Se a observação e a experiência foram centrais neste discurso, o papel do meio ganhou destaque metodológico ao colocar em questão tanto o conteúdo do ensino tradicional quanto sua fórmula didática. Avaliação que desencadeou na apropriação do meio, enquanto lugar de acontecimento, como uma das estratégias do ensino ativo, fazendo com que lugares de aprendizado fossem constituídos além do uso laboratórios, mapas, globos terrestres ou outros instrumentos que também visavam conferir ao aprendizado certa concretude empírica. Uma transgressão metodológica que propôs não somente a adoção de outras técnicas para o ensino, mas inclusive outro olhar sobre a importância das significações sociais num aprendizado conduzido por meio da observação dos lugares.

> "Francisco Ferrer es acusado de enseñar a los niños las más estrafalarias ideas, de odiar a Dios, por ejemplo. ¡Qué horror! Ferrer no creía en la existencia de Dios. ¿Para qué enseñar a odiar al niño algo que no existe? ¿No es más creíble que llevara a los niños al aire libre, que les mostrara el esplendor del crepúsculo, la esplendidez del cielo tachonado de estrellas, la impresionante maravilla de las montañas y los mares; que les explicara de modo sencillo y directo la ley del crecimiento, del desarrollo, de la mutua relación de todas las cosas en la vida? Obrando así, hizo imposible para siempre que la semilla ponzoñoza de la Iglesia Católica se practicara un camino en la mente del infame."
> (GOLDMAN, 1910, p.10)

A intenção de isentar o aprendizado de todo dogmatismo fez com que Ferrer assimilasse a proposta de um ensino compartilhado com vivências realizadas fora dos limites do espaço escolar. Não somente com a finalidade de enriquecer o repertório das crianças, mas com o objetivo de incentivá-las a experiências reais. As saídas escolares buscavam promover certa apropriação do conjunto dos fenômenos que se podiam observar nas situações por meio da materialidade dos elementos que compunham os lugares. Não se propunham como visitas de difusão de valores culturais, ou seja, como ocasiões para informar os alunos sobre um determinado repertório artístico, da ornamentação de fachadas de edifícios ou sobre a importância da diversidade de espécies em reservas naturais protegidas. Muito embora apostassem claramente em um universo de questões voltado à pauta revolucionária pela qual militavam. Como pode ser percebido na leitura dos registros de algumas dessas práticas, não mencionavam uma programação específica vinculada a conteúdos curriculares coordenados.

A *educação pelo ambiente* pressupunha incentivar nas crianças o interesse por si mesmas e também pelo que as rodeassem, sem que seus entusiasmos e descobertas decorrentes da interação social direta fossem reprimidos ou condicionados às relações didáticas pré-estabelecidas da *escola-prisão*. Partia-se do entendimento de que os alunos, antes crianças, desejavam *viver a vida, seguir borboletas e relacionar-se com a vizinhança* enquanto que, encerados em escolas, não lhes caberia muito mais que *cruzar os braços, mumificados, sem movimentos ou falas* (PRATELLE, A. *La educación por el Ambiente* In **Boletín de la Escuela Moderna**, 2ª Época, ano I, n°5, 1 de setembro de 1908). A distinção que faziam entre ser uma escola racional e

utilizar de métodos científicos para o ensino aparece com sutileza, mas é determinante para o entendimento do modo como o projeto de educação libertária se diferenciou de outras tendências pedagógicas modernas, inclusive daquelas rotuladas como democráticas.

Talvez não seja possível afirmar os reais motivos da consolidação dessas relações físicas, tanto da localização do edifício escolar no centro urbano de Barcelona, como no investimento nas atividades cotidianas extraclasse como lugares de celebração social. Entretanto, a leitura desses fatores permite a construção de reflexões sobre o lugar da cidade no projeto de educação libertária. No contexto dessa dissertação, o objetivo de tal leitura metodológica é entender como as discussões sobre a renovação do ensino marcaram a dimensão física dos espaços educativos da Escola Moderna, posicionando as atividades de seu programa racional e científico, no que concerne seu relacionamento com a ambiência dos lugares urbanos, tanto no universo da discussão internacional sobre modernização pedagógica, quanto no marco ideológico da educação como instrumento de ação direta do anarquismo.

4.1 O outro espaço do aprendizado

As informações relatadas sobre as saídas escolares empreendidas pela Escola Moderna, em Barcelona, revelam traços de seu projeto político-pedagógico. Elas mencionam menos objetivos e métodos formais que descrições pormenorizadas dos percursos, lugares e situações observados. Consistem em apresentações que documentam a intenção empírica do aprendizado e, sobretudo, a preocupação em aproximar as crianças do universo de questões presentes na pauta libertária. Intenção que se refletia, entre outros fatores, na seleção dos lugares visitados (fábricas, laboratórios etc.); na problematização dos lugares como ferramenta de reflexão sobre a realidade social; na insistente abordagem dos fenômenos socioculturais, em marco histórico e também contemporâneo, que contextualizavam a temática central da visita.

As estruturas dessas atividades eram bastante similares entre si: incentivo constante da observação e da interação com o objeto, com as pessoas que trabalhavam nos locais visitados e que, no dia seguinte à saída, em aula, eram objetos de reflexões que enfatizavam o cientificismo e se concluíam em abordagens construídas a partir de caracterizações sociais, tais como, os sentimentos de igualdade e solidariedade entre os homens. Ou seja, baseavam-se no tripé observação, experiência e reflexão.

O relato, por exemplo, da excursão a um conjunto fabril localizado na cidade de Sabadell, nos arredores de Barcelona[34], em que foram observadas as várias etapas do processo de produção de tecidos, da extração da lã de animais à sua coloração, evidenciando o desenvolvimento histórico da técnica de tecelagem e do papel social da fiandeira nesse

34. Distante cerca de 30 km da capital, é uma cidade industrial pertencente à província de Barcelona com atividade econômica concentrada sobre a produção têxtil desde a consolidação de sua vocação fabril em meados do século XIX.

percurso histórico, ilustra tais considerações. Este relato faz uma apologia ao progresso, argumentando-o desde de uma postura evolucionista e destacando o modo como o homem primitivo desenvolveu meio e técnicas para aprimorar o suprimento de suas necessidades: de lanças que facilitassem a caça, a técnicas de tear que melhorassem as condições de suas vestimentas. O trabalho, neste relato, como veículo de tal progresso foi exaltado por meio da figura da fiandeira, usada como alegoria da organização social do homem sedentário em oposição ao nomadismo do homem primitivo. O trabalho foi definido, neste relato, como centro da organização social.

> "Surgió la hilandera, que supone un inmenso adelanto social; porque con Ella tenemos convertida en sedentaria la tribu nómada que salía de un territorio agotado en busca de otro virgen y abundante [...] La hilandera, pues, supone la familia, el hogar, el campo cultivado, el rebaño, el vestido, el alimento regular de pan, legumbres, hortalizas, frutas, leche, queso y carne; supone además el hierro, la fragua, la herramienta, el trabajo, la moralidad y la paz."
> (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano III, n°1, 30 de setembro1903)

Essa representação parece ser usada pelo texto como base comparativa para a exaltação das *maravilhas mecânicas*, as máquinas industriais, capazes de fazer em um minuto a mesma quantidade de trabalho que uma fiandeira, manualmente, levaria meses. Ou seja, há no relato uma exaltação explícita do feito industrial, que se conclui com a ponderação crítica acerca da distribuição social dos benefícios da industrialização entre os donos legais do maquinário e os operários.

> "Cierto es y admirable que la ciencia y la industria unidas, han realizado maravillas como las que se efectúan por medio de esas máquinas; mas desgraciadamente ha de oponérseles un pero terrible: sus beneficios no se distribuyen equitativamente [...]" (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano III, n°1, 30 de setembro de 1903)

Durante a *expedição científico-recreativa* à fábrica de produtos químicos de D. Amadeo Cros, em Badalona[35], a mesma rendição ao desenvolvimento industrial como fator de evolução da humanidade foi impressa no relato da atividade.

> "La fábrica objeto de nuestra expedición apareció grande y magnífica a nuestra vista al cruzar un paso a nivel de la vía del litoral. Dentro de una cerca muy extensa se veían muchos cuerpos de edificios dispuestos con simetría, descollando varias elevadas chimeneas. El negro aspecto del conjunto, que se destacaba armónicamente entre el brillo dorado de la playa y el hermoso azul del mar, denotaba que el fuego era allí el agente principal. Prometeo tiene allí un palacio, y la naturaleza rinde homenaje a su vencedor." (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano IV, n°1, 30 de setembro de 1904)

O texto não se detém sobre a paisagem edificada e suas características físicas ou urbanísticas.

35. Cidade situada no litoral mediterrâneo, localizada a cerca de 10 km de Barcelona. Junto com outros municípios forma parte, atualmente, da Região Metropolitana de Barcelona.

As observações físicas parecem sempre estar relacionadas a alguma interação com os elementos físicos naturais, sem apresentar também qualquer associação direta a uma suposta imagem de cidade. Entretanto, desses fragmentos se pode dizer que há centralidade do trabalho na organização física da sociedade regida pela associação entre homens e máquinas no fazer produtivo, mais uma vez, demonstrando certa adesão ao universo industrial e seu impacto sobre o labor humano, bem como certa admiração pelo progresso técnico e científico. Desenvolvimentos estes que se vinculam ao estabelecimento do homem em cidades e, à decorrente possibilidade de acumulação e disseminação de conhecimentos[36] como fatores importantes para o incremento da vida social em condições de apoio mútuo. Postura condizente com a argumentação que Élisée Reclus apresenta sobre a dualidade entre *evolução e revolução*, que caminhando juntas, alavancariam o real estado de desenvolvimento social (RECLUS, 2002, p.25)[37].

O progresso, as máquinas e todo o desenvolvimento científico foram os temas privilegiados nas saídas escolares da Escola Moderna de Barcelona que, tal como na excursão ao conjunto fabril de Sabadell, tentavam levar as crianças à apreensão do incipiente universo industrial por suas características positivas do ponto de vista das possíveis melhorias nas condições da vida social. Mais além do compromisso com o aprendizado científico e com a experimentação como principal via do aprendizado, a *lição prática* realizada no depósito de máquinas da Companhia Ferroviária apontava para a reincidência da temática da criação industrial no cotidiano escolar.

> "[...] Sr. Arias, mostro á los alumnos cuanto sintetizo en su conferencia de Enero, y desde la formación del vapor hasta el encendido de una máquina fría para que todos los alumnos pudieran hacerse cargo de las operaciones preliminares para que la andarina máquina de acero se ponga en marcha á la sola voluntad de su creador y señor: 'el hombre' [...] que es así como se enseña la ciencia."
> (In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°8, 30 de junho de 1902)

Dois outros registros[38], presentes em edições diferentes dos boletins, deixam margem para o entendimento de que, periodicamente, às quartas-feiras, celebravam-se *giros* pela cidade de Barcelona. Percursos sempre com destinos estabelecidos e encerrados numa conversa entre alunos e professores. A observação do *novo circo taurino*[39], que resultou de longa caminhada

36. A exaltação da imprensa como importante recurso com o qual a sociedade pode contar para sua evolução pode ser lida no relato de visita à gráfica onde se imprimiam os boletin. O trabalho do tipógrafo foi explicado por suas etapas produtivas e apresentado como um labor essencialmente comunista por possibilitar a disseminação de conhecimentos (*Nuestros Paseos* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°9, 30 de junho de 1903).

37. Talvez não seja coincidência que a publicação de O *Homem e a Terra*, além de outros tantos textos de Reclus, tenha tido tanta visibilidade nas páginas dos periódicos libertários, em Barcelona e em São Paulo.

38. *Nuestros Paseos* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°9, 30 de junho de 1903; *A los padres de nuestros alumnos. Los miércoles en la Escuela Moderna* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano III, n°9, 31 de maio de 1904.

39. O termo deve referir-se à Praça de Touros, situada na Plaza Espanya, ao final da Avenida Gran Vía de les Corts Catalanes.

pela *Gran-Vía*, fez com que os alunos expusessem suas impressões sobre o edifício. *Um dos professores os perguntou se eles gostavam do que viam*. Alguns contestaram que o edifício possuía um *aspecto agradável*, entretanto todos recusavam o *objetivo ao qual estava dedicado*.

> "[...] O profesor satisfecho al contemplar la unanimidad de parecer en reprobar espectáculos de barbarie que están reñidos con la verdadera civilización, les expuso la historia de lo que con mengua del progreso se ha dado en llamar pomposamente *fiesta nacional*; haciéndoles observar que la Iglesia y el Estado, que tanto obstaculizan las obras que tienen por objeto el progreso de las inteligencias, se asocian para favorecer ó cuando menos tolerar el fomenta de esta clase de espectáculos [...]"(*Nuestros Paseos* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°9, 30 de junho de 1903)

O relato é indiferente às características tectônicas do edifício, logo levando a conversa para o que o programa considera o centro do trabalho educativo. Essa exposição deixa claro como as saídas eram usadas como metodologia para o aprendizado e não como instrumento para reflexão acerca da materialidade urbana em si: mais uma vez, as aproximações feitas ao espaço edificado não incorriam em abordagens estéticas. As características formais dos edifícios parecem irrelevantes em face ao debate sobre o programa que gerou a arquitetura dos lugares, ou seja, aos usos e às implicações sociais contidas na materialização dos espaços urbanos. A atitude educativa presente nessa maneira de conduzir a observação dos lugares parece determinar a formação de valores bastante específicos sobre a tectônica da cidade uma vez que deixa em segundo plano sua apreciação como obra de arte. O entendimento das arquiteturas, assim, voltava-se à compreensão dos aspectos sociais e imateriais que participaram de sua construção reorientando a leitura a partir de outros parâmetros de maneira similar à leitura que Kropotkin faz sobre as catedrais, no âmbito da estrutura de ajuda mutua que identifica na organização social das cidades medievais (2009, p.234)[40].

As estruturas dessas atividades eram sempre muito similares, ao menos no que

40. Rago, ao discorrer sobre o tema da habitação popular no curso das reivindicações operárias no Brasil, atenta para artigo publicado em A Terra Livre onde é explicitado que os anarquistas não traziam um plano para a sociedade do fututo, ou uma proposta para orgnização do espaço urbano, com modelos acabados e definidos, porque acreditavam antes de mais nada na autogestão da sociedade (RAGO, 1985, p.201). É por esse caminho que se pode compreender que talvez os valores estéticos anarquistas decorressem muito mais do modo pelo qual a cidade era construída que pela genialidade artística de um único indivíduo. Circunstância que remete à saudação de Kropotkin às catedrais como símbolos urbanos das cidades medievais, transcendendo a imposição de seu caráter religioso (obviamente a Igreja foi duramente combatida por qualquer anarquista) para perceber nesse edifício o resultado do trabalho colaborativo de muitos homens para erigi-la (2009, p.235). No capítulo "Educação", de O *homem e a terra*, Élisée Reclus faz referência à educação estética: "A parcela da educação que deve resultar nas grandes transformações estéticas é ainda bem mais delicada do que a educação científica, pois ela é menos direta, e a elaboração, completamente pessoal, é infinitamente mais nuançada" (2010b, p.68). Sobre a estética anarquista, segundo o pensamento teórico do movimento, ver o trabalho de André Reszler (2000) que compila uma série de textos que abordam diversos aspectos dessa questão, ainda que não apareçam menções sobre qualquer forma de educação estética na apreciação do autor sobre o pensamento anarquista.

Año III — Barcelona 31 Mayo 1904 — Núm. 9

Enseñanza científica — **Boletín** de la — Enseñanza racional

Escuela Moderna

PRECIOS DE SUSCRIPCIÓN

España. . . . . 2 pesetas por año. • Exterior, (Unión postal).. . . . 2'50 pesetas.

Toda correspondencia y valores dirijanse al Administrador, Bailén, 56

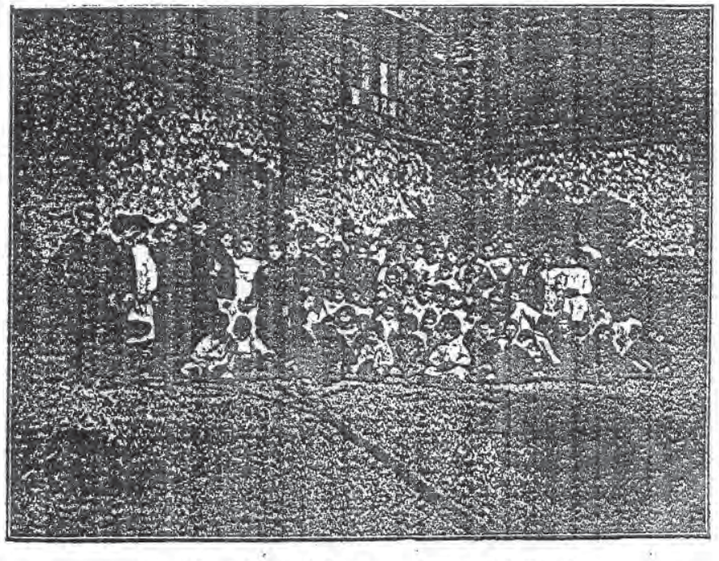
A los Padres de nuestros Alumnos

Se nos han acercado algunas personas encareciéndonos la conveniencia de que no suspendiéramos las clases durante el verano.

Atendiendo la indicación y las razones en su apoyo, hemos acordado dar clases de vacaciones, si el número de alumnos asistentes justifica la pretensión, cuyas clases serán dos por la mañana de nueve á once, y dos por la tarde de quince á diecisiete, distribuidas de la siguiente manera: una hora dedicada á lectura, otra á escritura, otra á aritmética y la última alternada con geografía, geometría, lección de cosas, ciencias y narraciones.

Para la realización de este acuerdo y combinar debidamente la conveniencia de las familias de nuestros alumnos con el descanso que necesitan nuestros profesores, se ruega á las personas que lo acepten nos lo notifiquen antes del 15 de junio.

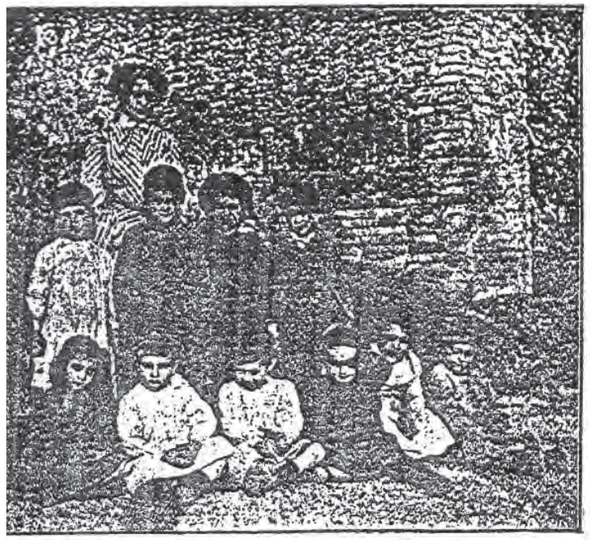
Los Miércoles de la Escuela Moderna



Grupo de 72 alumnos de los 113 que concurren á la Escuela

Informativo sobre a programação das tardes de quarta-feira na Escola Moderna
(In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano IV, nº8, 31 de maio de 1904, p.1-3)

Grupo de 1



de 11 alumnos de los 18 de que consta la clase de párvulos, 1.ª sección

En la parte post
Señorita con sombri
y alegría, que sorpr
ledad.

Allí, los alumnos
profesores, en aquel
la vegetación y la b
dan, estudian y equi
de sus familias y de
sociedad un renuevo
despojado en lo posi
porvenir.

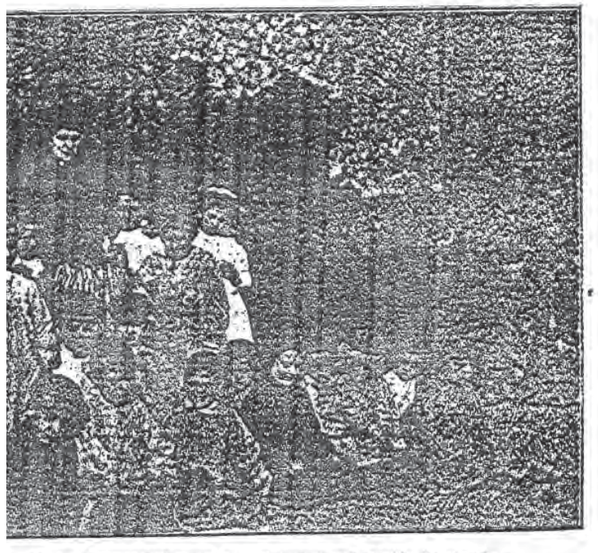
El misántropo, e
con la humanidad. ¡

posterior del Parque de Barcelona, alrededor de la Fuente de la
mbrilla, se desarrollan semanalmente encantadoras escenas de vida
sorprenden al misántropo que se dirige á aquel sitio en busca de so-

mnos de la Escuela Moderna, mediante la atenta observación de sus
aquel amplio espacio, lleno de luz, saturado de aire embalsamado por
la brisa del mar, niñas y niños corren, juegan, conversan, merien-
equilibran física y moralmente su organismo á satisfacción propia,
y de sus maestros, constituyendo como un plantel que promete á la
uevo de vida fuerte, enérgico é inteligente; libre de supersticiones,
posible de retrógrados atavismos, con animosa disposición para lo

po, el pesimista, á la vista de aquella ingenua alegría, se reconcilia
ad. ¡Ah! ¡Si todos los hombres y todas las mujeres hubieran tenido

Grupo de



po de 17 alumnos de los 30 de que consta la 2.ª sección de párvulos

Grupo de 26 alumnos de los 44 de que consta la clase elem

una infancia libre, dirigida y aun impulsada por la higiene y
existiera la coerción, la homicida coerción, especie de Santo
mundo es familiar, padres, maestros y cuantos imbuídos en l
corrientes tienen que ver con la infancia!...

Invéntanse mil juegos de vivo movimiento para satisfacer
brota la chispa del ingenio en frases admirables de profundida
generosidad y todos se aman, todos enseñan y aprenden mutu
aquel conjunto una nota simpática y alegre que anima y consue
lo contempla cerca del ocaso de su existencia, y vivifica y con
niendo aún larga vida por delante se siente con una misión ó
realizar.

Como recuerdo de tan plácidos momentos estampamos esta
das en general y por grupos de sección el día 4 de mayo de 19

Grupo de 18 alumnos de los 30 de que consta la clase sup

se pode perceber dos relatos feitos sobre elas. As saídas escolares eram baseadas em um incentivo constante da observação e da interação com o objeto, com as pessoas e, no dia seguinte, em aula eram objetos de reflexões que enfatizavam o cientificismo e se concluíam com o incentivo a reflexões sobre valores sociais, tais como igualdade, solidariedade etc.

> "[...] y nos retiramos, dejando para el día siguiente la recapitulación del examen realizado [...]" (*La Esperanza, fábrica de harinas* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano III, n°7, 31 de março de 1904)

A conversa que recapitulou a visita feita à fábrica *La Esperanza* tratou de retomar a evolução do processo de produção da farinha, abordando inclusive os aspectos do cultivo do trigo, de modo a refletir sobre o papel da incipiente indústria na produção de alimentos e destacando a importância da aplicação do progresso científico na satisfação das necessidades da vida. Entretanto, o relato apontou para uma reflexão acerca do infeliz proveito que a sociedade até então havia feito de tal progresso, pois mesmo possuindo condições de cultivar uma planta como o trigo, que a suas excelentes potencialidades alimentícias se une sua extraordinária capacidade de semeadura, ainda havia quem morresse de fome.

O relato de viagem de professores e alunos da Escola Moderna a Sabadell, cidade onde se visitou *a fábrica de D. Martin Morral, a oficina de teares do Sr. Cucurella e la* fábrica de tecidos da Sra. Casablanca, deixa num mesmo trecho traços da interação do programa escolar com os espaços. Por um lado, celebra a natureza e, por outro, corporifica certa euforia com a aproximação aos lugares dos acontecimentos sociais.

> "La explicación de D. Mateo Morral y la de los obreros de las diferentes secciones visitadas, junto con la perfección de aquellas máquinas que son como seres animadas pela inteligencia humana, ilustraron convenientemente á los alumnos.
>
> Trasladados después los excursionistas cerca de una fuente, en la proximidad de un bosque, teniendo á la vista una hermosa llanura rodeada de montañas y hallándose sumergidos en un océano de luz y de aire puro se verificó una comida campestre." (*Nuestros Paseos* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°9, 30 de junho de 1903)

Independentemente de assimilações e aparentes contradições, a aposta em um tipo de aprendizado desenvolvido pela experiência do meio parece ter sido de fato um instrumento de educação da Escola Moderna. Longe de tentar operar uma proposta analítica do currículo integral deste projeto, a intenção aqui reside em dialogar com os pressupostos libertários de educação que lançaram mão da cidade, da observação de suas situações e lugares, como instrumento e conteúdo da formação intelectual do indivíduo.

4.2 Progresso e retorno à natureza como chaves interpretativas

Como apontado anteriormente, a influência do naturalismo pedagógico sobre as atividades da Escola de Barcelona parece ter se reorganizado frente a outras demandas oriundas de

um projeto de educação que se propôs como meta inserir-se no processo revolucionário orientando a presença da formação infantil entre as ações diretas, no seio das disputas urbanas. Entretanto, deixou este programa de ensino impregnado pela herança do meio natural como o lugar propício para o desenvolvimento intelectual, como pôde ser observado reiteradas vezes entre os discursos e relatos guardados como memórias da concepção metodológica da Escola Moderna. As poucas fotos deixadas como registro dessas atividades, bem como a ilustração de capa do *Boletín de la Escuela Moderna*, de igual maneira, parecem demonstrar em imagens tal incidência. Porém o acúmulo dos valores libertários sobre essa prerrogativa metodológica inicial pode ser percebido no incentivo à equidade entre a observação da natureza, de seus fenômenos e seres, e a observação do trabalhador, ser social que em igual proporção deveria ser elemento de apreensão durante o aprendizado.

A aproximação aos espaços sociais, predominantemente urbano-industriais, marcada pela inserção do edifício da Escola Moderna, bem como pelas manifestações chamadas por Ferrer para que alunos e simpatizantes das escolas racionalistas celebrassem suas reivindicações por meio das merendas coletivas, demonstra outra tônica da educação infantil sobre o uso da cidade. Por estes fatos parece que sua proposta de educação se permitia cultivar a mesma imagem de um espaço de aprendizado móvel, ou seja, que se deslocava para enriquecer as experiências, da qual discorre Reclus, reiterando a importância da observação de acontecimentos urbanos. Muito embora, a atitude dessas atividades deva ser considerada também por seu caráter de propaganda política.

De modo que categorizar ou construir afirmações exatas sobre esta aparente dicotomia entre sua aproximação ora ao meio urbano, ora ao meio natural, seria impor ao trabalho conclusões prematuras frente ao amadurecimento de suas leituras. Mas cabe expor o aparente diálogo entre este programa escolar e as ideias de *progresso* e *retorno à natureza* observada nos textos de Élisée Reclus, uma vez que estas se estruturam por ideais revolucionários bastante aproximados com os norteamentos pedagógicos do projeto de Francisco Ferrer.

No trecho que segue, retirado da obra *O Homem e a Terra*, fica transparente que, não por coincidência, Reclus *pode ser considerado como um dos criadores da geografia social* (PHILIPPE PELLETIER In RECLUS, 2010d, p.13). O geógrafo, recorrentemente lembrado entre as publicações da Escola Moderna, demonstrou que as conexões entre organização urbana, educação e revolução, não seriam fortuitas quando vistas como fatores de um mesmo organismo social em evolução infinita.

> "A escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que em nossos dias é considerado nas escolas como festas excepcionais, passeios, cavalgadas pelos campos, landas e florestas, nas margens dos rios e nas praias, deveria ser a regra, pois é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior."
> (RECLUS, 2010b, p.25 | grifos meus).

O retorno ao meio natural, em Reclus, parece fundamentar-se no reconhecimento das relações educativas entre os animais e homens primitivos em um processo no qual

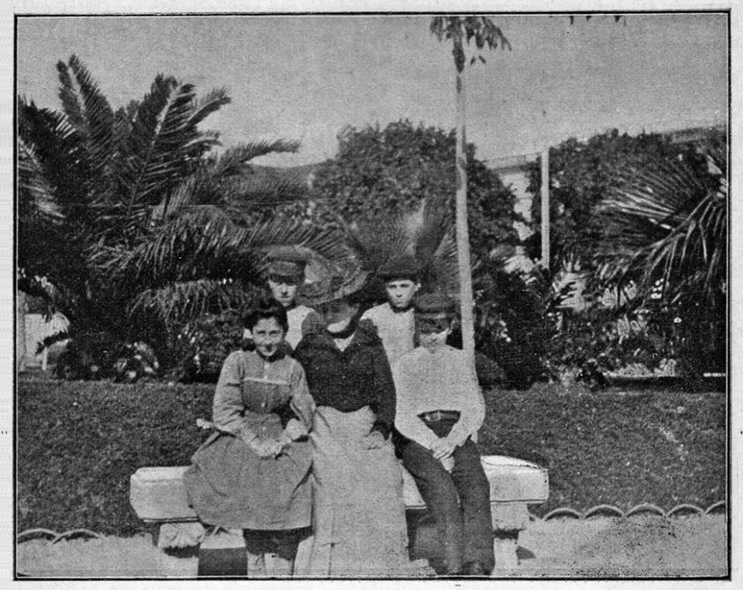
as crianças em relação imediata com os pais aprendiam imitando seus discursos, seus comportamentos e suas ações. Nestas sociedades, o modelo da vida adulta, sobretudo desde a figura materna e a paterna, desempenhava influência direta sobre o crescimento infantil. Protagonismo dos pais que a sociedade moderna deslocou para a figura de *educadores especiais* – mestres, professores, tutores, a "tia" do jardim da infância – que passaram a assumir a responsabilidade pelo direcionamento da educação infantil, uma vez que houve uma ruptura na *unidade primitiva das famílias, em grande medida* proporcionada pelas exigências da vida laboral (2010b, p.13). Entre outros fatores, houve o inevitável surgimento da escola que, segundo Reclus, não deveria ter modificado o desenvolvimento natural do aprendizado, criando ambiências artificiais para a educação infantil, impregnando o processo de formação do cidadão por valores de competitividade e atribuindo-lhe a noção de carreirismo como eixo estruturador de todo aprendizado escolar (2010b, p.36). Da exposição dessa perspectiva que atribui falta de organicidade à educação tradicional praticada ao longo do século XIX, o geógrafo anarquista fundamentou sua concepção de aprendizado em critérios que extrapolavam os contidos pelos limites do edifício escolar, retomando uma concepção educativa que imaginava o processo de formação de maneira mais orgânica e espontânea. Em seu ideário, mesmo tendo sido reconhecido como um importante lugar da educação, a escola não deveria ser enfatizada como o único, tão pouco como o mais importante.

> "Atualmente, com a posse do ouro tendo se tornado, pelo próprio funcionamento da sociedade, o objetivo quase fatal da juventude, é difícil imaginar-se quão belos poderiam ser os locais de estudo, onde o amor pelo conhecimento e pela ciência da vida seriam as únicas ambições, pois o bem estar teria sido assegurado de antemão. É certo, em primeiro lugar, que os grupos de estudantes tornar-se-ão cada vez mais móveis e que, por consequência, eles serão cada vez menos ligados à sede universitária que, por seus laboratórios, suas coleções e bibliotecas, constituem o centro necessário de suas pesquisas. Assim como certas escolas de crianças, ainda bem raras, deslocam-se do final da primavera ao começo do outono, indo à descoberta de sítios curiosos ou cidades interessantes, do mesmo modo alguns grupos de estudantes, centenas, às vezes, reúnem-se para autênticas viagens de estudos, nas regiões mineiras oferecendo um grande interesse geológico, ou, então, nos países curiosos por suas plantas, seus animais, suas artes e seus costumes. Vimos estudantes americanos fretar um navio para ir durante meses estudar a natureza da costa africana."
> (RECLUS, 2010b, p.36-37)

Por outro lado, o ideal de *progresso* entendido como um movimento infinito de evolução da humanidade sobre si mesma, alavancando melhoria geral das condições de vida do homem, contemplava a cidade como um de seus lugares de realização e, por isso, previa a ocupação e tomada de seus espaços como um dos eixos estruturais da revolução (RECLUS, 2011, p.26). Diferente do que costuma dizer o senso comum, o pensamento anarquista, em geral, não disseminava a negação das máquinas, da industrialização ou

Capa do último *Boletín* publicado. A mesma ilustração foi mantida em todas as edições. (In **Boletín de la Escuela Moderna,** 2ªÉpoca, ano I, nº12, abril de 1909)

PRIMER AÑO NORMAL PREPARATORIO



Esperanza Zurdo, Carlos Turrez, Luis Auber y *Vicente Bonacasa* han estudiado con interés.

SEGUNDA CLASE PREPARATORIA

PRIMERA DIVISIÓN

Han tenido buen comportamiento: *A. Solana, Ida Montoro, Juan Cebamanos, Yaroslawa Turka, José Goytía, F. Alfageme, E. Lasausa, Andrés García, Jaime Creus, E. Tormo, José Berché, Ismael Petit.*
Dejan que desear: *D. Soulé, A. Abad, F. Badía, J. Tormo, A. Amador, María Ruiz, T. Closa, J. Garriga, G. Sainz, Carmen Pons, José Valls, Micaela Pons, C. Reales.*

Fotos dos passeios escolares
(In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano II, nº9, 30 de junho de 1903)

SEGUNDA DIVISIÓN Y CLASE INFANTIL

Han adelantado en sus estudios: *Aurora Fontecha, María Molinas, A. Amorós, F. Abad, Marina Montoliu, Miguel Pons, J. Sainz, Ramón Gironés, Abrahán Petit.*
Se aplican: *Virgilio García, Joaquina Torres, Daniel García, Carmen Arenys, Mariano García, María Goytia, Aurea Canibell.*
No se aplican tanto: *Vicente García, Mercedes Pons, Juan Armengol, Enedina Petit.*

CURSO MEDIO

Los alumnos *Mario García, Enriqueta Ortega, Pedro Ortega, María Ruizcapilla, Enrique Reales, Manuel Moles, José Boyer* y *Juan Carmany* cumplen satisfactoriamente con sus lecciones.
Trabajan también, pero no tanto como los condiscípulos indicados: *Marina Canibell, Genoveva Padrós; Dolores Valls, Daniel Compte, Manri Montoro* y *Pedro de José.*
A *Dolores Pons, Rosa Pons, Antonio Capdevila, Francisco Costa* y *Dolores Alfageme* les recomendamos un poco más de aplicación.
Reiteramos á los alumnos más capaces y de superior energía que se interesen por los compañeritos

mesmo da vida urbana[41]. Ao contrário, via com otimismo a possibilidade da reorganização social e a descentralização dos poderes acontecerem por meio da apropriação desses mesmos lugares que conformavam a cidade industrial. O problema da forma urbana, para Reclus, estava na desigualdade que separava em dois um corpo social que deveria estar unido. *Tudo bem considerado, toda questão da edilidade confunde-se com a própria questão social* (2010d, p.73). A passagem que segue, fala a respeito da *sociabilidade* como a *primeira lei da natureza humana* como causa da inviabilidade do retorno à vida no campo, ainda que o contato com o meio natural, com o *farfalhar das árvores e o som dos riachos*, fosse imprescindível.

> "Por um movimento de reação bem natural contra o pavoroso consumo dos homens [...] reformadores pedem a destruição das cidades, o retorno voluntário de toda a população ao campo. Sem dúvida, numa sociedade consciente, desejando resolutamente o renascimento da humanidade pela vida no campo, essa revolução tal como nunca aconteceu seria estritamente possível, porquanto, avaliando em cem milhões de quilômetros quadrados apenas a superfície das terras nas quais se pode viver de maneira agradável e salutar, duas casas por quilômetro quadrado, contendo cada uma sete e oito habitantes, bastariam para alojar a humanidade; mas a natureza humana, cuja primeira lei é a sociabilidade, não se adaptaria com essa dispersão." (RECLUS, 2010d, p.77)

A junção entre as necessidades de sociabilidade e vida salutar, em proximidade à natureza, trazem rapidamente à lembrança o projeto inglês de cidade-jardim onde *industriais inteligentes e arquitetos inovadores* criaram condições saudáveis para pobres e ricos. Entretanto, Reclus ponderou que os habitantes dessas cidades eram privilegiados e que a boa intenção de filantropos não era suficiente para conjurar as consequências do *antagonismo existente entre o Capital e o Trabalho* (2010d, p.74). Reclus aponta ainda que, apesar do valor desta iniciativa projetual, ela não se faz uma referência indispensável, pois outras experiências – como, por exemplo, as comunas dos polabos, na bacia do rio Jeetze, na Alemanha – experimentaram formas urbanas alternativas que foram tão quanto valorizáveis (2010d, p.75).

O geógrafo, discorrendo sobre mapas demográficos de diversas cidades, reitera que existe uma tendência da população ao adensamento porque *o grande privilégio de poder discutir os interesses públicos, por tradição, transformou todo mundo em citadinos* e por isso é

> "Assim que na Provença, o pequeno proprietário, em vez de habitar em seus campos, permanece, contudo, um 'urbano' inveterado. Embora possua pequena ou grande casa de campo, não se instala absolutamente nessa propriedade rural, mas reside na cidade de onde pode ir, passeando, visitar suas árvores frutíferas nesse caminho de ligação, e fazer sua colheita." (RECLUS, 2010d, p.76)

41. Sobre o caráter destrutivo das revoluções, Reclus salienta: "[...] é errôneo ver nas revoluções simplesmente o efeito de um instinto de destruição que excitaria as massas populares e as levaria a destruir. Sem dúvida, esse instinto existe, todos os educadores observam o quanto ele é imperioso nas crianças, amantes natos da renovação. Não se deve esquecer que 'viver é agir', e que a 'destruição é a forma mais fácil da ação' (Anatole France): mas não há apenas o instinto; é preciso levar em conta, sobretudo, a vontade coletiva proveniente das condições gerais da sociedade" (RECLUS, 2010c, p.35).

Assim, por questões que certamente vão além desta breve retomada, é possível imaginar que na iminência dos primeiros anos do século XX talvez não coubesse mais às ações libertárias promover instituições de educação voltadas ao meio rural, priorizando o crescimento dos alunos em pleno contato com a natureza. Apesar de todas as contradições apontadas na construção programática da Escola Moderna de Barcelona, e apesar de todos os problemas das novas cidades, parece que as prerrogativas de seu programa educativo contavam com perspectivas revolucionárias que viam a organização física da sociedade por um viés muito pouco utópico quando se lançaram ao desafio de também disputar as cidades que se constituíam como grandes centros urbano-industriais.

> "[...] Sem sombra de dúvida, o novo funcionamento dará origem a novos organismos, e as cidades, já tantas vezes renovadas, terão de renascer sempre sob novos aspectos em concordância com o conjunto da evolução econômica e social." (RECLUS, 2010d, p.80)

CIDADE,
lugar de formação e disputa

5. emancipação | disciplinarização. PALAVRAS DE ORDEM E DES-ORDEM

> "Mas, para Bakunin, o problema educativo, exatamente porque é muito dependente do ambiente social, não pode ser colocado de modo correto do ponto de vista revolucionário, senão estreitamente ligado à mudança necessária da sociedade."
> (CODELLO, 2007, p.114)

O ideal revolucionário anarquista, estabelecido como pedra angular para a educação libertária, parece ter se adaptado a algumas das condições sócio espaciais existentes para sobreviver. A adaptação da idealidade à realidade resultou nas ações em si, e no caso das práticas pedagógicas libertárias, na adequação às necessidades e possibilidades do contexto social em que se desenvolveram[1]. As supostas contradições, e mesmo os êxitos e as derrotas conformaram o conjunto de resultados da interação entre o universo dos ideais e o possível. Todavia, para que a interação entre a educação libertária e a cidade de São Paulo possa ser situada para além dos limites das atividades escolares e percebida pelo conjunto de suas ações, as características resultantes dessa interação devem ser observadas ao lado de outras próprias da filosofia libertária.

Ao imaginar que para cada momento histórico existe *uma concepção particular de educação, conforme os interesses da classe dominante* (RECLUS, 2010b, p.15), e com base no pressuposto de que não há *neutralidade* ideológica em educação, as distinções observadas entre o discurso libertário e o progressista, que se estruturavam no início do século em São Paulo, partiam respectivamente do binômio *combate à consolidação do Estado* e *constituição do sentimento de nacionalidade e identidade nacional imprescindíveis para a consolidação do Estado* (GALLO, 2007, p.25). Posições políticas que por si criariam distintas consequências para a conformação do espaço social, pois os princípios geradores de suas concepções teóricas e metodológicas, bem como suas aplicações sobre as práticas cotidianas, determinariam a construção de distintos ideais sociais e urbanos. Os parâmetros ideológicos que constituíram cada uma dessas matrizes discursivas partiam de diferentes percepções de cidadania e, por suposto, de divergentes concepções de sociedade no sentido em que se apropriaram e deram significados próprios para palavras como *emancipação*, *democracia* e *progresso*, como objetivos da instituição escolar.

Os esforços anarquistas incidentes sobre a cultura escolar emergiram incialmente de uma crítica à educação tradicional, oferecida pelas instituições capitalistas, tanto em seu aparelho estatal de ensino quanto em iniciativas privadas – normalmente mantidas e geridas por ordens religiosas. A principal acusação libertária se dirigiu ao caráter ideológico da educação: as escolas tradicionais se dedicavam a reproduzir uma estrutura de exploração e dominação das classes trabalhadoras, ensinando crianças a ocupar posições sociais pré-determinadas, invariavelmente marcadas pela submissão. Dessa maneira, a educação

1. .Exemplo dessa adaptação pode ser observado na aproximação da formação libertária às demandas laborais, que se impunham aos trabalhadores urbanos, no momento em que a Escola Moderna oferecia *curso de datilografia*, em horário noturno (**Boletim da Escola Moderna**, n°1, 13 de outubro de 1918, p.4). Característica que nos permite suspeitar que seu programa escolar não esteve encerrado unicamente aos pressupostos ideológicos e políticos do anarquismo, bem como exclusivamente dedicado às práticas da *educação racional e científica*, senão também empenhado a amparar o grupo social operário em seus desafios cotidianos de instrumentação e capacitação para a vida urbana. As conferências promovidas pelos grupos editoriais podem ser apontadas como outro exemplo desse tipo de atuação educacional na vida comunitária. Práticas que demonstram a maneira peculiar pela qual esse programa de ensino pode ser relacionado com a concepção de *revolução*, conforme defendida por Élisée Reclus (2002).

assumia expressiva conotação política, embora se encontrasse devidamente mascarada sob a propalada *neutralidade* do discurso da alfabetização e cultivo da inteligência como tarefa de um suposto estado democrático. Os libertários também assumiram o caráter político da educação, colocando-a não a serviço da manutenção de uma ordem social, mas de sua transformação, denunciando as injustiças e desmascarando os sistemas de dominação, buscando despertar nos indivíduos a consciência da necessidade de uma revolução social (GALLO, 2007, p. 23). Tratava-se de educar um cidadão comprometido na construção de uma nova sociedade e crítico perante a manutenção da sociedade capitalista, formando individualidades desajustadas aos padrões sociais promovidos pelo Estado republicano. Atividade ideológica que afastava do programa escolar as determinações de um comando central da sociedade, pois pressupunha o condicionamento da educação pública, generalizada e uniforme entre toda a população, à manutenção das hierarquias sociais.

> "Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual hoje existe; se os operários julgassem como certa a parabola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com difundir conhecimentos sobre a hygiene, sobre as sciencias naturaes e preparasse somente bons aprendizes, bons dependentes, bons empregados e bons trabalhadores de todos os ofícios, poderíamos muito bem viver entre atheus mais ou menos sãos e robustos segundo o escasso alimento que podem permittir os minguados salarios, mas não deixaríamos de nos encontrar sempre entre escravos do capital."
> (In **A Lanterna**, ano X, n°53, 13 de outubro de 1910).

5.1 A escolarização oficial em São Paulo

As aspirações do movimento de renovação pedagógica, no Brasil, chegaram também a influenciar a determinação de parâmetros para o estabelecimento da educação republicana que, ao longo da primeira metade do século XX, entrelaçou-se às políticas públicas de ensino a partir das vozes de *homens de ciência* (SCHWARCZ, 2008). Especialistas que se voltaram à construção de um ideário pedagógico brasileiro e à consolidação da rede de escolas públicas. Do conjunto de ações voltadas à educação popular nesse período, da reforma de Caetano de Campos em São Paulo às ações de Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro, o contexto político pedagógico dos anos contemporâneos às Escolas Modernas revela referenciais relevantes para o entendimento do lugar do aprendizado no projeto libertário de educação.

A ligação entre escolarização e planos para mudança social contida no projeto republicano foi preeminente no cenário de disputa política da primeira metade do século XX ao alavancar a formação da cidadania por meio de projetos e práticas voltados à educação, ou seja, à alfabetização e higienização dos costumes da população. Ações que encabeçaram as pautas republicanas em nome do progresso: arcabouço de medidas que visou à instituição e consolidação do governo republicano como força hegemônica no controle das políticas nacionais.

Entre herdeiros das oligarquias pré-republicanas, representantes da Igreja e membros da nova burguesia industrial, a disputa pelo controle ideológico do desenvolvimento nacional percebeu na educação popular um potencial instrumento de direcionamento do cidadão em direção às condições pretendidas para o soerguimento de uma sociedade modernizada. Um processo de formação social considerado modular para a modernização do espaço social

brasileiro com promessas de instauração de um Estado democrático voltado à evolução e ao desenvolvimento nacional com paradigmas influenciados por diversas raízes filosóficas, de europeias a norte-americanas, que alimentaram com suas ideologias os fundamentos para o crescimento urbano industrial das cidades nas primeiras décadas daquele século. Nesse caminho, a educação dos comportamentos e o disciplinamento das condutas sociais se respaldaram por intentos voltados tanto à consagração da instituição escolar e quanto à remodelação urbana das cidades[2]. As reformas urbanas se aceleravam e os projetos para planificação da escola pública se multiplicavam pelas regiões brasileiras em nome da modernização que se impulsionava, entre outros meios, pela construção de monumentais edifícios escolares (BUFFA & PINTO, 2002) voltados à alfabetização e a formação de hábitos higiênicos (ROCHA, 2003). Momento este que se caracterizou pela configuração do modelo de escola primária que foi persistente até os anos de 1970, marcando os inícios do investimento público na construção escolar (VIDAL, 2005, p.44).

Projeto para escolas que, em finais do XIX, representava simbolicamente o progresso paulista nas discussões sobre como deveria ser a institucionalização da formação do cidadão e da erradicação do analfabetismo a partir de objetivos, programas e métodos inovadores[3]. A hegemonia de tais políticas públicas se consolidou com medidas de urbanização higienistas, monumentais e segregacionistas para a organização das cidades que fazia imprescindível a existência de escolas e planos educacionais de índole tanto quanto moderna para completar o ciclo da pretendida modernização republicana. Promessa que alinhavou a seu ideal de progresso os paradigmas da "escola democrática" e da "cidade moderna", elementos pouco a pouco transformados em chaves dos discursos de uma política assistencial. O Estado brasileiro, buscando construir condições de governabilidade e mecanismos de controle sobre a população, vinha construindo a instituição escolar desde a lei de 15 de outubro de 1827[4], adotando-a como uma das principais estratégias civilizatórias da população (FARIA FILHO In LOPES & al, 2000, p.137). A iinstauração republicana intensificou as discussões em torno da educação popular, fazendo imprescindível a construção de espaços

2. "[...] Fim da era da disciplina militar na fábrica, fim das punições coercitivas na escola, fim da era das vacinações obrigatórias, de pontos diferenciados do social, um outro regime define os códigos de conduta, aponta novos sinais de investimento do poder, segundo uma lógica que se pretende 'científica', moderna e constituída acima dos interesses particulares das classes sociais" (RAGO, 1985,p.44). A *pedagogia paternalista dos patrões* é apontada por Rago como outra face da disciplinarização das condutas sociais que agiu desde estratégias assistencialistas ("concessões" de benefícios diversos) para incentivar a absorção de práticas moralizadas, ordenadas e subservientes à produtividade industrial (1985, p.34-35). Processo que, além de lançar paradigmas para a ambiência de escolas, vilas operárias e fábricas, centrou-se no fortalecimento da representação da família nuclear, contida na habitação confortável como célula de estruturação sócio-espacial. Questões que devem ser lembradas, ainda que o foco da dissertação não permita abordá-las por suas complexidades.

3. Vidal aponta para a adesão, em São Paulo, do método das *lições de coisas* que teve papel central nas transformações ocorridas em escolas particulares norte-americanas associadas ao laicismo ou ao protestantismo; bem como para a absorção, no Distrito Federal, do *método intuitivo* referenciado nas escolas particulares francesas. Influências significativas na *construção dos sistemas educativos de fins do século XX nessas duas províncias* (2005, p.145).

4. Primeira lei brasileira sobre a educação primária.

e programas específicos aos objetivos governamentais[5]. Como produto dessa empreita, os Grupos Escolares apareceram em finais do século XIX, em São Paulo[6], em uma tentativa de demonstrar o projeto de educação exemplar que a República tinha a oferecer à nação, promovendo um modelo educativo de escolas seriadas, projetadas em programas e espaços, segundo os preceitos médico-higienistas tão caros aos pressupostos da cidade que era então modernizada.

A primeira reforma da Instrução Pública em São Paulo, realizada por Caetano Campos em 1892 defendendo a generalização da escola graduada, importou os paradigmas do ensino intuitivo com a inauguração da Escola Modelo, anexa à Escola Normal, a contratação de professores estrangeiros, a importação de materiais escolares e a construção de edifícios apropriados. O ensino primário foi, nesse momento, dividido em dois cursos: o curso preliminar, obrigatório, para crianças de 7a 12 anos e o curso complementar, com igualdade no oferecimento de vagas para ambos os sexos num mesmo edifício que deveria centralizar em um único lugar um número maior de alunos. Nas cidades, onde a escolarização em massa deveria ser estabelecida com maior facilidade, as vantagens econômicas e pedagógicas de reunir em um único edifício grande número de alunos originaram o agrupamento das escolas isoladas. Daí o surgimento dos Grupos Escolares que, em princípio, eram a reunião das escolas de uma localidade em um só prédio (SOUZA, 1996, p.35), implantando uma nova organização administrativo-pedagógica para um programa de escolas urbanas, modernas e, supostamente, de melhor qualidade. A intenção consistia em planificar um modelo de educação acessível a toda a população, alcançando também as massas populares.

Os novos procedimentos seguiriam os princípios de racionalização e padronização do ensino, com programas amplos e enciclopédicos que contariam com o suporte material, do edifício e dos modernos instrumentos pedagógicos[7], para criar uma nova cultura escolar. Novidade programática que, ao conceder à escola o caráter de lugar específico para o aprendizado, projetou-se em duas interfaces na construção das cidades e da cultura do período, orientando dimensões simbólicas e pedagógicas como consequências da função

5. As novas articulações na vida urbana das cidades que levaram ao crescimento do processo de letramento da população, também deram impulso à fundação de *prestigiosas* escolas empreendidas por ordens religiosas diversas que também pontuaram a sociabilidade das cidades nesse período (CRUZ, 2000, p.67). Escolas que também participaram da disputa ideológica pela educação. Para o conhecimento de suas concepções de ensino, Heloisa Cruz indica as leituras de MANUEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina: os colégios das irmãs de São José de Chamberry – 1859/1919.** Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 1988; bem como as passagens sobre a educação no registro das memórias de ANDRADE, Oswald. **Um homem sem profissão.** São Paulo: Globo, 1990.

6. "Implantados na capital em 1894, os Grupos Escolares atravessaram as fronteiras do estado de São Paulo e emergiram no Rio de Janeiro e Paraná, em 1903; em Minas Gerais, em 1906; no Rio Grande do Norte e Espírito Santo, em 1908; no Mato Grosso, em 1910; e em Santa Catarina e na Paraíba, em 1911, para citar alguns exemplos." (VIDAL, 2005, p.146).

7. A escola tradicional sintetizada pela figura da tríade quadro-negro/cartilha/professor foi questionada pelo movimento de renovação que incorporou a importância da observação e da intuição infantil ao procedimento educativo e, assim, disponibilizando toda a sorte de materiais didáticos: compassos, caixa de formas geométricas, coleções de abecedários e cartões parietais para leitura, cadernos de caligrafia, globo terrestre, quadros de história, tabuleiros de areis, microscópios, peças anatômicas, mapas de física, esquadros, coleções para desenho, máquinas de costura! (SOUZA, 1996, p.159).

educativa presente na arquitetura escolar. Em um primeiro momento, pela projeção do lugar de ensino segundo as necessidades disciplinares que caracterizaram a sala de aula como um local próprio para a imersão nas disciplinas escolares, com mobiliário inclusive adequado ao direcionamento da concentração do aluno. A afirmação de um programa arquitetônico voltado à moralização e à civilização da criança com salas fragmentadas por tipos de atividades, faixas etárias e sexo; bem como com "condições ideais" de luminosidade, ventilação, ergonomia etc. (BUFFA & PINTO, 2002; ROCHA, 2003; SOUZA, 1996; WOLF, 1992).

Outra interface foi decorrente das dimensões do edifício como elemento urbano que *recorreu a uma linguagem retórica própria composta por alegorias que divulgam uma mensagem de ação pública e civil* (WOLF, 1992, p.52). No direcionamento de uma educação propagandística houve a preferência pela instalação dessas escolas nos centros urbanos, apesar de ser o Brasil um país ainda predominantemente agrícola, vistos como *espaços onde deveriam ser tomadas medidas urgentes de disciplinarização e regeneração social*, dado terem sido as cidades que se tornaram *depositárias da perspectiva de modernização social* (SOUZA, 1996, p.79-80).
Nesse sentido, há que considerar o impacto da instalação do Grupo Escolar do Brás, na Avenida Rangel Pestana, em 1898, com dezesseis salas de aula e arquitetura ao "estilo Ramos de Azevedo", no eixo de ligação do segundo mais populoso bairro ao centro da cidade[8]. Uma grande escola localizada estrategicamente de maneira a atender os filhos de uma população imigrantes e proletarizada, ainda por ser aculturada e nacionalizada[9].

Cynthia Veiga, ao discorrer sobre as práticas pedagógicas voltadas à formação de uma cultura estética no contexto da Primeira República, atenta para o duplo protagonismo que a cidade e a escola tiveram no projeto educacional do Estado republicano e analisa, citando Carlos Monarcha, o papel de *centro de comunhão cívica* (VEIGA In LOPES & al, 2000, p. 410) que teve o conjunto da Praça da República, associado à implantação da Escola Normal, em 1894. Para ela, no período inicial do século XX, a escala urbana dos edifícios escolares, bem como as reformas dos espaços, na implementação de avenidas mais largas e arborizadas, calçamentos e edifícios monumentais predominantemente ecléticos ou neoclássicos, sob a hegemonia do desenho de Ramos de Azevedo[10], esteve carregada de pressupostos pedagógicos.

Página seguinte.
Localização e data de inauguração dos Grupos Escolares do Brás, Belenzinho e Mooca, e das Escolas Modernas n°1 e n°2.

8. Ver imagens das fachadas dos Grupos Escolares do Brás e da Mooca nos Anexos.

9. O número de alunos filhos de estrangeiros matriculados nos grupos escolares era predominante: 73,7% no 1º Grupo Escolar do Brás; 86,2% no Grupo Escolar da Mooca; 67% no Grupo do Belenzinho (Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1911-1912 apud SOUZA, 1996, p.98).

10. Na observação do americano Richard Morse, em trabalho biográfico sobre a cidade de São Paulo, a arquitetura de Ramos de Azevedo, caracterizada pelo autor como de um *ecletismo promíscuo, estabeleceu sobre o gosto dos paulistanos uma ditadura que só começou a declinar depois de 1920* (1954, p.204). Maria Stella Bresciani aponta ainda a implantação preponderante dessa estética neoclássica como uma *imagem identificatória* de São Paulo, curiosamente marcada pela *descaracterização* de sua identidade original. A autora conclui que apesar disso, essa foi a imagem fusionada à ideia da *dinâmica do progresso amalgamado à do trabalho* (1999, p.31-32).

Escola Livre, em 1913 | Rua Cotegipe, nº26
"Iniciou seus cursos numa casa do Coronel Goulart, na Rua Dr. Clementino, esquina da Rua Conselheiro Cotegipe, fundados com o auxílio dos Sindicatos do Vidreiros e dos Barqueiros"
(PENTEADO, Jacob, 2003, p.263)

Escola Moderna no 1, em 1913 | Rua Saldanha Marinho, nº66
"[...] antigo palacete do capitalista Guedes, que mandou construí-lo sob modelo de um que vira na Europa"
(PENTEADO, Jacob, 2003, p.263)

Escola Moderna no 1, em 1916 | Avenida Celso Garcia, nº260
Local onde funcionou o antigo Grupo Escolar do Belenzinho, transferido para o Largo do Belém em 1907.
(In **A Lanterna**, ano XV, nº284, p.3)

Escola Moderna no 2, em 1913 | Rua Muller, nº74

Escola Moderna no 2, em 1915 | Rua Oriente, nº139

Escola Moderna no 2, em 1919 | Rua Maria Joaquina, nº13

Grupo Escolar do Brás, em 1898 | Avenida Rangel Pestana, nº1482
(Atual EE Romão Puiggaril) **BR**

Grupo Escolar do Belenzinho, em 1907 | Largo Sâo José do Belen, nº66
(Atual EE Amadeu Amaral) **BL**

Grupo Escolar da Mooca, em 1911| Rua da Mooca, nº2183
(Atual EE Oswaldo Cruz) **MC**

Escola Nova, dirigida por Florentino de Carvalhoa, em 1915 | Rua da Mooca, nº293 (numeração antiga)
(In **A Lanterna**, ano XV, nº281)

A escola, já ocupando um lugar central na agenda pública, incorporou o discurso da higienização. Primeiro por ser local de encontro e, portanto, foco da irradiação de epidemias que encontravam na escola, pela reunião de populações diversas num único local, espaço de disseminação ameaçador, inclusive, da interdependência social *na medida em que a doença poderia atingir qualquer um, independentemente da sua condição de classe* (NUNES In LOPES & al, 2000, p.388). Segundo por sua característica política essencialmente formadora de costumes. Os hábitos condenáveis disseminados pela vida na *cidade viciosa*, periférica e insalubre, tiveram na escola modelar, nas aulas dos Grupos Escolares, uma interface de combate ao dar visibilidade e disseminar certa consciência sanitária entre a população por meio da *encenação de rituais de saúde* que *procuravam intervir sobre o aluno, esquadrinhando o seu corpo, revelando seus costumes* (ROCHA, 2003, p. 166)[11]. O espaço escolar promovido pelo Estado, regido pelos ideais da ciência e do "inovador" método intuitivo, desenhado segundo paradigmas escolares modernos, pretendeu-se ordenado e asséptico, tornando-se rígido e disciplinador. Por esse caminho, o modelo paulista, símbolo de progresso, fortaleceu-se hegemonicamente como um exemplo nacional durante as duas primeiras décadas do século XX[12], momento em que também o movimento anarquista trabalhava por suas Escolas.

E se é verdade que a crença na ciência, no progresso e na evolução da vida material do homem foi igualmente compartilhada pelos libertários, a leitura moral e política que os setores libertários fizeram da classe operária pressuponha diferenças fundamentais.

Com efeito, da mesma maneira que o Dr. Antonio de Almeida Junior, em sua tese O *saneamento pela educação* (1922)[13], recorreu ao discurso científico de Herbert Spencer, os libertários inclusive o fizeram. Um programa voltado às questões de higiene e conscientização sobre a importância da mudança de certos hábitos viciosos, prejudiciais ao bem-estar físico dos cidadãos, foi também pauta da educação libertária que empreendeu em suas ações diretas a tarefa de conscientizar e emancipar o operário dos males que debilitavam a saúde de seus corpos[14].

11. Ao analisar um conjunto de fotografias do Centro de Memória Iconográfica da Faculdade de Saúde Público de São Paulo, Heloísa Helena Rocha observa que *as operações de moldagem do corpo infantil, representadas por meio da fotografia, deixam claro que não bastava intervir sobre a cidade, promovendo o remodelamento do espaço urbano, era necessário ir além, moldando o corpo e a alma das crianças* (ROCHA, 2003, p.167).

12. Sobre a instauração e crise do modelo paulista de instrução pública ver, entre outros: Souza, 1996; Carvalho In LOPES & al, 2000, p.225-251; Carvalho, 1989; REIS FILHO, Casemiro. *A educação e a ilusão liberal.* São Paulo: Cortez, 1981; RODRIGUES, *João Lourenço. Um retrospecto. Alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo.* São Paulo: Instituto D. Ana Rosa, 1930.

13. A referência do trabalho de Almeida Junior em H. Spencer, entre outros, está apontada por ROCHA (2003, p.181). Na literatura libertária, por exemplo, Spencer é mencionado em *A Lanterna* (janeiro de 1904; fevereiro de 1911), nos textos de Élisée Reclus (1906) e também em Kropotkin (2009).

14. A festa escolar de 9 de agosto de 1916, realizada pela Escola Moderna n°1, contou com conferência sobre o tema higiene a cargo do Dr. Edgar Caldas (In **A Lanterna**, ano XVI, n°292, 25 de outubro de 1916). A publicação *Botiquin Escolar*, do Editorial de la Escuela Moderna de Barcelona, organizada pelo Dr. Martinez Vargas, é outro exemplo de como o tema da higiene foi tratado pela pedagogia libertária. A publicação foi divulgada no Brasil entre as principais publicações da Escola Moderna de Barcelona, conforme pode ser identificado na circulação do folheto "Número especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer". A condenação de vícios, sobretudo, do alcoolismo foi recorrente nos impressos operários que estampavam, inclusive, esse como um hábito tão maléfico aos trabalhadores

Porém, a imagem educadora presente no discurso libertário, apesar de conter pautas semelhantes e direcionar-se, muitas vezes, pelos mesmos paradigmas, da ciência e da educação, não se estendia a uma desmoralização da condição do trabalhador, rebaixando suas vidas à condição de seres sujos e mal educados. Fato é que à questão da higiene, da qual tratavam os médicos-sanitaristas a serviço do Estado, somou-se um programa oficial de disciplinamento moral das camadas operárias (RAGO, 1985). A tônica predominante girava em torno da desqualificação do modo de vida da população pobre orientando-se pela recusa de lugares viciosos e impulsionando outro modelo de cidade que legitimasse as estratégias de intervenção forjadas pelo Estado em seus projetos educacionais e por empreendedores que, pouco a pouco, erguiam-se e conformavam o incipiente mercado imobiliário paulistano (ROLNIK, 1981, p.66).

O movimento libertário, mesmo em condição periférica e de breve sobrevida, por sua vez, lançou projeto para a estruturação da nova sociedade e esboçou premissas sociais, e também espaciais, que se distanciaram do padrão moderno progressista, não por negar a evolução material contida na forma urbano-industrial (RECLUS, 2002), mas por contestar as bases sociais desde as quais tal progresso se levantava. Ainda que os arquétipos da evolução contidos na bandeira que sustentou o modelo urbano-industrial como novo fator para a organização dos assentamos humanos tenham sido assimilados pelo conjunto social, os ideais libertários se mantiveram vinculados a concepções políticas de outra natureza.

> "Todos os progressos são solidários, e desejamos a todos na medida de nossos conhecimentos e de nossa força: progressos sociais e políticos, morais e materiais, científicos e artísticos ou industriais. Evolucionistas em todas as coisas, somos igualmente revolucionários em tudo, saberes de que a própria história outra coisa não é senão a série das realizações, sucedendo a das preparações." (RECLUS, 2002, p. 25)

Nesse sentido que o modelo de escolarização, no curso do ambiente de modernidade que se buscava imprimir em São Paulo, acabou por transformar-se também em um instrumento de disseminação cultural apropriado pelos grupos libertários e, a exemplo de Barcelona, o projeto de *educação integral* caminhou para a organização de instituições escolares.

5.2 Matrizes metodológicas da Escola Moderna n°1

Nesse contexto de constituição de um modelo para a educação primária em São Paulo, militantes organizados em torno da Sociedade Escola Moderna se lançaram ao desafio de mobilizar o círculo

como o da crença religiosa. Em artigo intitulado *As nossas escolas* e assinado por Adrecal, a condenação evocou palavras de Bakunin para descortinar as causas do enfraquecimento do trabalhador: "Já dizia Bakunine: «Para sair da sua situação miserável, o povo só tem três meios. Os dois primeiros são deixar a taberna e a igreja, o terceiro é fazer a Revolução Social». A taberna e a igreja — que terríveis inimigos dos proletários, que focos de emanações mortais para o povo deles se desprendem perenemente!" (In **A Lanterna**, ano XIII, n°214, 25 de outubro de 1913). Apesar de no discurso da ordem dominante aparecer o mesmo conjunto de condenações ao bordel, ao bar, a bebida, ao fumo e ao jogo, é importante pontuar as distinções entre um e outro: *para os libertários, o operário aliena-se, despolitiza-se e degenera-se; para os dominantes, ele se perde como força produtiva e se corrompe porque adquire ideias e hábitos subversivos* (RAGO, 1985, p.113).

dos operários dos bairros industriais na tentativa de fundar escolas que, inspiradas no exemplo de combate da Escola Moderna de Ferrer, deveriam contribuir para o processo de emancipação do proletariado alavancando sua alfabetização, em um trabalho continuo e paralelo às agitações que se estendiam pela cidade por meio de suas publicações periódicas. A criança vinha sendo incluída entre as operações oficiais que marcavam a estruturação da sociedade moderna, em São Paulo, e os libertários anarquistas assumiram o desafio de erigir uma proposta educativa alternativa, condizente com os ideais sociais pelos quais lutavam, porque o que poderiam esperar da educação tradicional *senão que constituissem indivíduos padrozinados, dóceis e profundamento autoritários?* (RAGO, 1985, p.147). De maneira que a emergência da Escola Moderna em São Paulo, como instrumento da ação direta, remontou não somente ao contexto internacional de reorientação do curso das práticas militantes do anarquismo, como ao necessário combate às imposições que vinham sendo determinadas sobre a classe trabalhadora no Brasil. Sem dúvida, muito mais que reprodutoras da concepção de educação inaugurada em Barcelona, estas escolas se fundamentaram pelas dinâmicas da organização operária a que pertenceram, valendo-se de instrumentos de combate condizentes com o contexto sócio-político local.

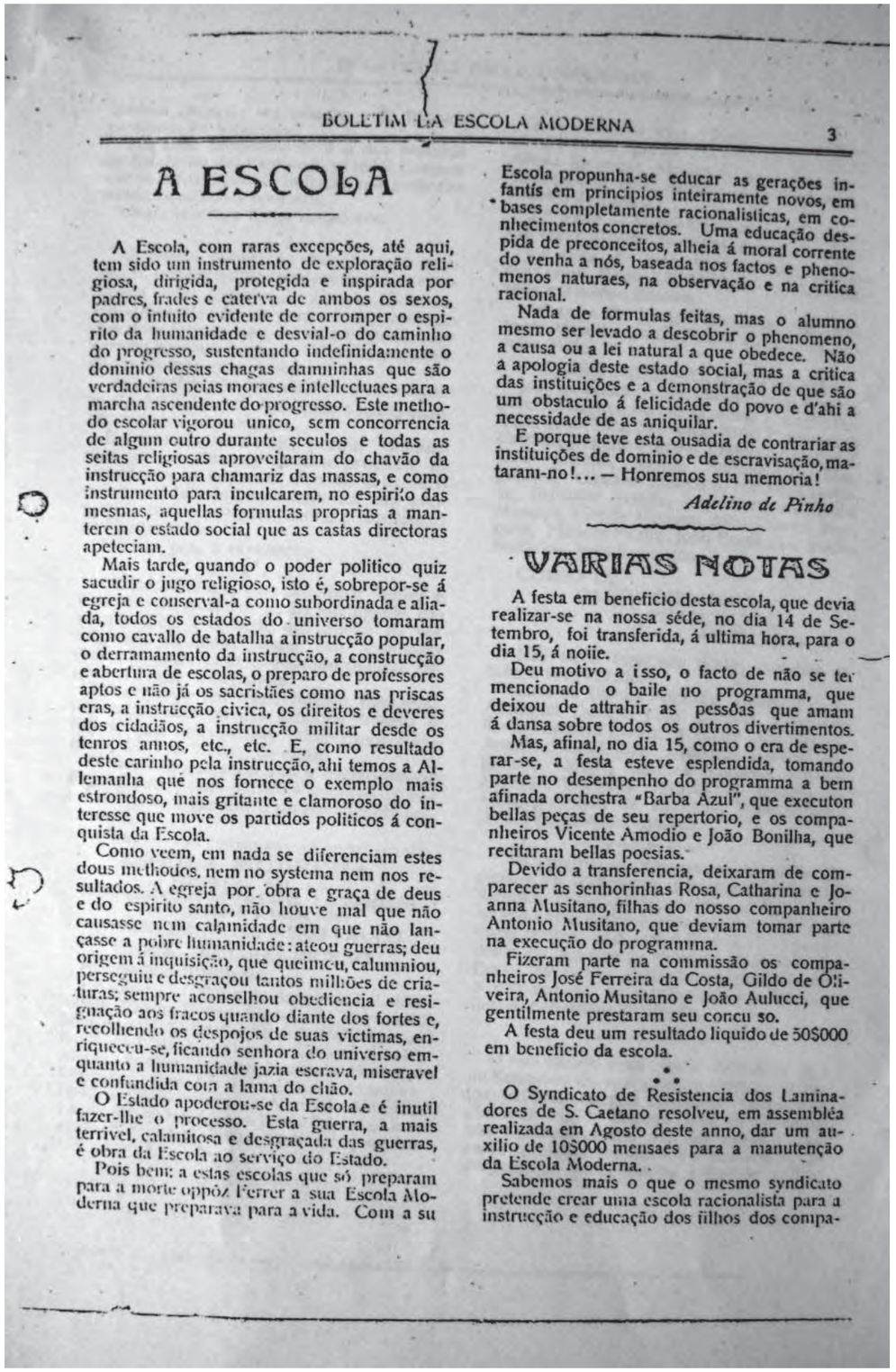
Parece ser prudente considerar que não houve concatenação entre as condições materiais das quais as Escolas, daqui e dali, emergiram, tão pouco entre as condições sócio-políticas no interior das quais elas se desenvolveram. Foram experiências que se ligaram a contextos distintos e, por isso, é preciso observar as suas particularidades antes de se lançar em exercícios comparativos em torno de suas práticas que acabem por minorar o projeto das Escolas Modernas no Brasil, aqui representadas pela Escola Moderna n°1, frente à aparente exuberância do feito catalão.

Pelas distinções entre suas experiências, é preciso ter em mente que a Escola Moderna de Barcelona não funcionou como um modelo propriamente dito, mas como uma inspiração para a realização de outros programas semelhantes. Ou seja, as Escolas fundadas no Brasil não seguiram uma receita educativa, mas sim se inspiraram na obra de Ferrer i Guàrdia, sobretudo pelo ímpeto combativo fortalecido com o seu fuzilamento e, posteriormente, pelo programa ecoado da publicação póstuma do conjunto de textos reunidos em "La Escuela Moderna". No conjunto do referencial teórico aportado pela obra de Ferrer, e por outros autores anarquistas também lidos no Brasil, bem como pelo próprio contexto sócio-político de modernização da cidade, emergiu o programa de São Paulo.

A maneira como o programa da Escola Moderna chegou ao Brasil, em meio à insurgência da militância libertária pelo fuzilamento de Ferrer, foi estabelecida predominantemente por palavras de ordem revolucionária calcadas em textos panfletários contra a dominação dos povos pelas políticas do Estado e da Igreja.

Em artigo intitulado "O professor Ferrer", publicado já na primeira edição da nova fase de *A Lanterna*, o periódico operário se deteve em apresentar uma biografia do catalão com a explicação de como a herança que recebeu da francesa Sra. Meunier propiciou-lhe fundar a Escola Moderna de Barcelona (In **A Lanterna**, ano IV, n°1, 17 de outubro de 1909). E, a partir da edição seguinte, uma onda de denúncias sobre o assassinato de Ferrer i Guàrdia ocupou diversas das primeiras páginas desse jornal. A manifestação de adesão à obra de Ferrer se fez, declaradamente, devido ao teor de combate anticlerical de sua militância por meio da propulsão da *educação racional e científica*. Fundamento ao qual se sobrepuseram outras questões importantes, embora também decorrentes do anticlericalismo, tais como as argumentações em favor do ensino livre de dogmas e da formação do cidadão generoso, valores defendidos como essenciais para a vida social pós-revolução.

As manifestações sobre a obra de Francisco Ferrer, nesse sentido, parecem emergir do



BOLETIM DA ESCOLA MODERNA 3

A ESCOLA

A Escola, com raras excepções, até aqui, tem sido um instrumento de exploração religiosa, dirigida, protegida e inspirada por padres, frades e caterva de ambos os sexos, com o intuito evidente de corromper o espirito da humanidade e desvial-o do caminho do progresso, sustentando indefinidamente o dominio dessas chagas damninhas que são verdadeiras peias moraes e intellectuaes para a marcha ascendente do progresso. Este methodo escolar vigorou unico, sem concorrencia de algum outro durante seculos e todas as seitas religiosas aproveitaram do chavão da instrucção para chamariz das massas, e como instrumento para inculcarem, no espirito das mesmas, aquellas formulas proprias a manterem o estado social que as castas directoras apeteciam.

Mais tarde, quando o poder politico quiz sacudir o jugo religioso, isto é, sobrepor-se á egreja e conserval-a como subordinada e aliada, todos os estados do universo tomaram como cavallo de batalha a instrucção popular, o derramamento da instrucção, a construcção e abertura de escolas, o preparo de professores aptos e não já os sacristães como nas priscas eras, a instrucção civica, os direitos e deveres dos cidadãos, a instrucção militar desde os tenros annos, etc., etc. E, como resultado deste carinho pela instrucção, ahi temos a Allemanha que nos fornece o exemplo mais estrondoso, mais gritante e clamoroso do interesse que move os partidos politicos á conquista da Escola.

Como veem, em nada se diferenciam estes dous methodos, nem no systema nem nos resultados. A egreja por obra e graça de deus e do espirito santo, não houve mal que não causasse nem calamidade em que não lançasse a pobre humanidade: ateou guerras; deu origem á inquisição, que queimou, calumniou, perseguiu e desgraçou tantos milhões de criaturas; sempre aconselhou obediencia e resignação aos fracos quando diante dos fortes e, recolhendo os despojos de suas victimas, enriqueceu-se, ficando senhora do universo emquanto a humanidade jazia escrava, miseravel e confundida com a lama do chão.

O Estado apoderou-se da Escola e é inutil fazer-lhe o processo. Esta guerra, a mais terrivel, calamitosa e desgraçada das guerras, é obra da Escola ao serviço do Estado.

Pois bem: a estas escolas que só preparam para a morte oppôz Ferrer a sua Escola Moderna que preparava para a vida. Com a su Escola propunha-se educar as gerações infantís em principios inteiramente novos, em bases completamente racionalisticas, em conhecimentos concretos. Uma educação despida de preconceitos, alheia á moral corrente do venha a nós, baseada nos factos e phenomenos naturaes, na observação e na critica racional.

Nada de formulas feitas, mas o alumno mesmo ser levado a descobrir o phenomeno, a causa ou a lei natural a que obedece. Não a apologia deste estado social, mas a critica das instituições e a demonstração de que são um obstaculo á felicidade do povo e d'ahi a necessidade de as aniquilar.

E porque teve esta ousadia de contrariar as instituições de dominio e de escravisação, mataram-no!... — Honremos sua memoria!

Adelino de Pinho

VARIAS NOTAS

A festa em beneficio desta escola, que devia realizar-se na nossa séde, no dia 14 de Setembro, foi transferida, á ultima hora, para o dia 15, á noite.

Deu motivo a isso, o facto de não se ter mencionado o baile no programma, que deixou de attrahir as pessôas que amam á dansa sobre todos os outros divertimentos.

Mas, afinal, no dia 15, como o era de esperar-se, a festa esteve esplendida, tomando parte no desempenho do programma a bem afinada orchestra "Barba Azul", que executou bellas peças de seu repertorio, e os companheiros Vicente Amodio e João Bonilha, que recitaram bellas poesias.

Devido a transferencia, deixaram de comparecer as senhorinhas Rosa, Catharina e Joanna Musitano, filhas do nosso companheiro Antonio Musitano, que deviam tomar parte na execução do programma.

Fizeram parte na commissão os companheiros José Ferreira da Costa, Gildo de Oliveira, Antonio Musitano e João Aulucci, que gentilmente prestaram seu concurso.

A festa deu um resultado liquido de 50$000 em beneficio da escola.

* * *

O Syndicato de Resistencia dos Laminadores de S. Caetano resolveu, em assembléa realizada em Agosto deste anno, dar um auxilio de 10$000 mensaes para a manutenção da Escola Moderna.

Sabemos mais o que o mesmo syndicato pretende crear uma escola racionalista para a instrucção e educação dos filhos dos compa-

Texto de Adelino de Pinho, diretor da Escola Moderna n°2, comentando o papel da Escola como instrumento de disseminação de fórmulas sociais. (In **Boletim da Escola Moderna**, ano I, n°1, 13 de outubro de 1918, p.3)

sentimento de revolta pela perseguição política que acarretou em sua morte, de maneira que a leitura e a atribuição de importância ao programa propriamente dito da Escola Moderna de Barcelona parecem ter acontecido somente em um segundo momento. Sua proposta escolar, divulgada entre impressos libertários diversos, foi sempre apresentada sob a rubrica *ensino racionalista*, explicitando que seu *método indutivo, demonstrativo e objetivo*, baseava-se em experimentações e parâmetros científicos, Combatendo todo tipo de dogmatismo entre os conteúdos escolares[15]. Adelino de Pinho, em texto publicado na primeira edição do *Boletim da Escola Moderna*, ratificou esse caráter propagandístico, mais uma vez dando voz a essas "palavras de ordem" e restringindo-se a falar da escola de Ferrer como uma instituição que se propôs a *educar as gerações infantis em princípios inteiramente novos, em bases completamente racionalistas, em conhecimentos concretos.* E prosseguiu seu discurso com características não muito mais circunstanciadas.

> "Uma educação despida de preconceitos, alheia á moral corrente do venha a nós, baseada nos factos e phenomenos naturaes, na observação e na crítica racional."
> (*A Escola* In **Boletim da Escola Moderna,** ano I, nº1, 13 de outubro de 1918, p. 3)

Além dessas aproximações generalistas, sua prática pedagógica propriamente dita foi disseminada por meio de registros consideravelmente vagos. Em *A Lanterna,* os textos que trataram especificamente de procedimentos didáticos foram poucos, além da publicação do texto de Ferrer, "A renovação da Escola" (In **Boletín de la Escuela Moderna**, 2ªÉpoca, ano I, nº1, p.6-11), entre as edições nº4 e nº8, de 1909, e dos constantes anúncios publicitários da revista *L´École Renovée*, órgão da Liga Internacional pela Educação Racional da Infância.

Fato é que nenhum dos boletins escolares editados em Barcelona, enquanto a Escola Moderna esteve aberta, entre 1901 e 1906, foi encontrado na pesquisa realizada nos arquivos brasileiros. As publicações mensais dessa primeira fase, como exposto no capítulo anterior, foram responsáveis pelos únicos registros do cotidiano e das práticas escolares orientadas pelo grupo dirigido por Francisco Ferrer em Barcelona, enquanto a Escola ainda esteve aberta às matrículas de alunos. Elas se aproximavam da rotina escolar de maneira menos teórica, explicitando suas atividades e a maneira como o programa de *educação* racional estava sendo traduzido em procedimentos pedagógicos. Os textos da segunda fase possuíam outro caráter, pois privilegiavam a propaganda da *educação racionalista* pelo mundo. O caráter dos textos publicados pela revista *L'École Renovée*, que de fato circulou entre os círculos libertários brasileiros e que coincidiam com a publicação da 2ª Época do *Boletín de la Escuela de Barcelona,* é bastante distinto daquele registrado

15. São inúmeros os textos que exemplificam esse tipo de abordagem, entre os quais se destacam: artigo de Leão Aymoré, "As torpes infamias dos jesuitas no Brazil" (In **A Lanterna**, ano IV, nº3, 30 de outubro de 1909); "Ainda Ferrer", artigo de José S. Salles (In **A Lanterna**, ano IV, nº6, 20 de novembro de 1909); "Nós e os reaccionários. Ainda a propósito de Ferrer.", texto sem autoria identificada (In **A Lanterna**, ano IV, nº9, 11 de novembro de 1909), entre outros. A coluna "Subsídios para a história de um crime" se dedicou ao assassinato de Ferrer, periodicamente, até a edição nº26, impressa em 9 de abril de 1910. Destaque para a sequência de artigos escritos por João Penteado, intitulados "Os detratores de Ferrer" (In **A Lanterna,** ano XIII, nº222, 20 de dezembro de 1913; nº223, 27 de dezembro de 1913; nº224, 3 de janeiro de 1914; nº226, 17 de janeiro de 1914), e para o texto de Neno Vasco, "Um livre pensador integral" (In **A Lanterna,** ano XII, nº212, 11 de outubro de 1913). Em saudação ao quinto aniversário de morte de Ferrer, Adelino de Pinho redigiu o discurso "Francisco Ferrer e sua obra" (In **A Lanterna,** ano XIV, nº266, 24 de outubro de 1914; nº267, 7 de novembro de 1914).

pelos primeiros anos desta publicação, ainda durante o funcionamento da Escola catalã.
De que outra maneira poderia ter acontecido o contato da militância libertária em São Paulo, organizada em torno da Sociedade Escola Moderna, com esta rotina escolar? Talvez a tiragem limitada das edições dos primeiros anos do *Boletín de la Escuela Moderna* não tenha permitido que os detalhes da organização escolar alcançasse o Brasil, uma vez que não foi possível identificar uma trama comunicativa entre as experiências brasileiras e a unidade catalã. Essa questão deixa margem para interrogar a fonte referencial para a construção do programa escolar das Escolas Modernas paulistas, no que tange às questões da rotina escolar propriamente dita. Em que medida os procedimentos didáticos utilizados para a estruturação das atividades escolares que compuseram seus currículos podem ser referenciados no programa de Barcelona? No âmbito dessas indagações, talvez seja prudente situar o papel de João de Camargo Penteado como diretor da experiência libertária da Escola Moderna nº1. Como autodidata, ele imprimiu à sua militância traços de *compaixão* e *revolta,* determinando, apesar da aparente divergência entre tais estados políticos, a aproximação de metodologias contidas no arcabouço do espiritismo e do anarquismo no curso de sua atuação como educador.

Ao reconstituir sua trajetória como defensor da educação e, simultaneamente, como um anarquista devoto do espiritismo, Fernando Peres situou outras de suas faces menos conhecidas, bem como se dedicou a identificar como elas se formaram ao longo de sua vida na cidade de Jaú e, depois de sua transferência para São Paulo, em 1909. Em um contexto no qual respostas à crescente demanda social pela educação esbarravam na dificuldade de ampliar a institucionalização da educação infantil, entre outras questões pela inexistência de professores "especializados", Peres apontaque João Penteado se tornou professor da rede estadual mesmo sem cumprir *nenhuma etapa de escolarização formal após o ensino elementar* (2009, p.64) [16]. Condição que tangenciou o empenho e o autodidatismo pelo qual Penteado consolidou sua militância e, inevitavelmente, acabou por engajá-lo em apologias à escola republicana, resgatando as ações de Caetano de Campos e de Cesário Mota consubstanciadas com a escola normal e o grupo escolar (2009, p.36)[17].

A própria personalidade de João Penteado, dessa maneira, pode ser apontada como um dos fatores da autonomia presente entre as experiências das Escolas Modernas, daqui e dali. Além do mais, ainda que o ideário da *educação racional e científica* tenha sido absorvido pelos militantes envolvidos na Sociedade Escola Moderna, assim como pelo próprio Penteado, as práticas escolares não se apresentaram a partir dos mesmos moldes desenvolvidos em Barcelona, como pôde ser lido nos registros deixados pelas fontes documentais consultadas.

A leitura do periódico *O Início*, que resultou de um trabalho pedagógico realizado pelos

16. Parece ser significativo para entender a figura de João Penteado apreender algumas circunstâncias de sua formação, praticamente autodidata, em Jaú. Primeiro como aluno do professor Cateano Lourenço de Camargo que, entre outras *redes e lugares de sociabilidade*, permitiu-lhe a aproximação à obra de Allan Kardec. E, por consequência, aos fundamentos da chamada *filosofia racional* que, mesmo concedendo ao espiritismo uma origem divina, partia do uso do *método experimental, à semelhança do que ocorre com as ciências positivas, sem se valer de nenhuma teoria preconcebida, mas a partir da observação dos fatos* (PERES, 2009, p.53). Segundo pela *ambiência* daquela cidade em tempos de transição do regime imperial para o republicano que, com a chegada da ferrovia, colocou sua sociedade em clima de *fermentação e circulação de idéias* (2009, p.43).

17. Ainda que escrito em outro momento histórico da trajetória de Penteado, Peres se refere à postura deflagrada no livro: PENTEADO, João. **Pioneiros do magistério primário**. São Paulo: IGC Sul, 1944.

Anúncios: Da venda do folheto *Número especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer*; venda de assinaturas de alguns periódicos, entre os quais a revista quinzenal *L'École Renovée*, fundada por Francisco Ferrer, e *Les Temps Nouveaux*, dirigida por Jean Grave. (In **A Lanterna**, ano IV, nº10, 18 de dezembro de 1909, p.4)

Manchete sobre o assassinato de Francisco Ferrer i Guàrdia. (In **A Lanterna**, ano IV, nº4, 6 de novembro de 1909, p.1)

Assignaturas para o Brazil

ANNO . . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior

ANNO . . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . . 8$000

PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: **BENJAMIM MOTA**

A Lant

FOLHA ANTI-CLERICAL

O crime horrendo dos jesuitas pat

As infamias dos jesuitas do Brazil desmascaradas pelas noticias vindas toria como victima do maior crime do seculo XX — A' luta

O' jesuitas vós sois de um faro tão astuto.
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrivel até que o filho de Maria
Não seja inda velhaco e não seja corrupto
Andando ha tanto tempo em tão má companhia.

GUERRA JUNQUÉIRO.

Sicarios!!

Francisco Ferrer foi assassinado. Consummou-se, emfim, o nefando attentado.

O governo reaccionario, despota e jesuita da Hespanha acaba de arrojar á face da civilisação esse repellente insulto; sim, esse assassinato, esse crime, producto de uma odiosa perseguição dos elementos retrogrados contra a tolerancia, a liberdade e o progresso, é um escarro atirado ás faces das nações civilisadas.

O governo hespanhol acaba de tornar-se odioso aos olhos de todo o mundo civilisado.

Diante de tamanha infamia, os homens de coração, amantes da liberdade, sentem-se horrorisados. Parece mentira que as paginas da historia do seculo XX ainda possam ser manchadas com a narração de crimes como este.

Mas é desse modo que os cynicos e deshumanos homens do governo hespanhol julgam abafar a corrente, a avalanche das novas idéas que pouco a pouco se vêm infiltrando na consciencia das multidões? Mas suppõem elles que por esses processos farão parar esse caudal que numa época não muito remota ha de tragal-os?

Quanto se illudem! Como laboram em erro!

Mataram Ferrer, mas ficou a sua obra. Emmudeceram o homem, mas ficaram as suas ideias. Aniquilaram o propagandista, mas ficou a semente que elle havia sangue innocente do homem cujo grande crime era o seu muito amor a seus semelhantes?

Que esse sangue da victima innocente caia sobre a horda de cannibaes que infelicita a Hespanha e deshonra a humanidade; que o povo hespanhol saiba tirar exemplar desforra dos verdugos que o opprimem, vingando assim a immolação do grande martyr da liberdade!

JOSE S. SALLES.

A renovação da Escola

Mas, grande erro seria pensar que os dirigentes não souberam prever os perigos que para elles podia trazer o desenvolvimento intellectual dos povos e que deviam mudar de meios de dominação. Os seus methodos adaptaram-se tambem ás condições novas da vida e elles trabalharam para conservar a direcção das ideias em evolução. Esforçando-se por manter as crenças sobre as quaes se baseava outr'ora a disciplina social, procuraram ao mesmo tempo dar ás concepções nascidas do esforço scientifico uma significação que não pudesse causar damno ás instituições estabelecidas.

E foi para isso que se apoderaram da escola. Elles que, outr'ora, deixavam aos padres o cuidado da educação do povo porque estes convinham perfeitamente para esta tarefa, pois o ensino de uns estava ao serviço

Agora, já isso não é possivel: levantam-se escolas em todos os

Loterias da Capital Federal

Hoje, Sabbado, 18 de dezembro

500 CONTOS — **Bilhete inteiro** — ●● 36$000 ●●

Hoje, Sabbado, 18 de dezembro

Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

que seja a consciencia humana, e, portanto, tal especie de obediencia representa a quebra de caracter e independencia.

São uma casta? Uma especie? Como casta são a gleba, o oppobrio.

Como especie, são uma especie de titeres de dança, que dançam conforme se tocam.

Tal é, synthetizando, a vida das milicias, ainda nos paizes mais adeantados!

Pensamento, razões, justiça, não prestam. Uma ordem recebe-se, cumpre-se.

Condemnemos, pois, rei, ministro que mandaram fuzilar o nobre educador Ferrer, mas não esqueçamos de exprobar tambem aos executores do mandato a sua falta de independencia e reflexão. Era mil vezes preferivel ser morto, que obedecer a uma ordem que foi uma injustiça, um resoado de protestos no mundo inteiro.

TOMBORINO.

PEQUENOS ÉCOS

Desenho — Um nosso amigo de Campinas, que assigna Goya, mandou-nos um interessante desenho anticlerical, que opportunamente publicaremos.

Agradecidos.

Grupo Recreativo Carlos Gomes — Este grupo realiza hoje uma *soirée* dansante, ás 9 horas da noite, no salão do Conservatorio Dramatico e Musical.

Agradecemos o convite.

A festa é em beneficio do sr. Francisco Malavoglia.

Pharmacia Freire — Conforme amavel communicação que recebemos, o sr. J. M. de Faro Freire transferiu a propriedade da «Pharmacia Freire», de Santos, aos srs. J. Jambeiro & Comp., a quem auspiciamos todas as prosperidades.

Visita— Tivemos o prazer de receber a visita do nosso amigo e correligionario sr.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Rénovée

Revista quinzenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionaes e praticos.

Redactores: Charles Albert e Maurice Dubois — 61, Rue du Cardinal Lemoine, Paris (V) — Assignatura annual: **5$000.**

NOTA. — Depois do assassinato de Ferrer, que fazia face á maior parte dos gastos desta publicação, *L'Ecole Rénovée* tem a vida menos segura e depende do numero de assignantes. Todos aquelles que querem honrar a memoria de Ferrer, contribuindo para a continuação de suas obras, todos os professores estudiosos e amantes da pedagogia nova e da sua propria missão, concorram com o seu esforço para a vi la desta revista, assignando-a.

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: **3$000.**

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.

Assignatura annual: **5$000.**

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.

Assignatura annual: **2$000.**

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: **1$500.**

Internaca Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.

Assignatura annual: **2$500.**

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. — Cada exemplar: **100 reis.**

Bilhetes e recados

Ribeirão Preto—Simão XIII: A remessa tem sido feita cuidadosamente; se ha

curar. *O Amor livre*, de C. Albert, não conhecemos em portuguez. Procuraremos obter alguns numeros do tal jornal. Saudações.

Jardinopolis—J. Zucchi. Temos mandado pontualmente o jornal a todos; a culpa não é nossa. Tomamos nota dos assignantes. Gratos. Quanto á resposta, é preciso notar que lutamos com a falta de espaço. Saudações.

Santos—J. M. Bittencourt: Agradecemos a sua gentileza; mas por tão pouco não vale a pena incommodar-se. Contamos com a solidariedade dos bons, como o amigo. Saudações. — Um infantil revolucionario: Muito bem! Segue o bom caminho e deve continuar estudando, formando uma consciencia livre. Saudações!

Campinas — A. M. Silveira: O artigo foi-nos entregue fóra de tempo, porque foi endereçado a Benjamim Mota, que só com algum atraso o pôde fazer chegar ás nossas mãos.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — **EDGARD LEUENROTH.**

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

♠

Pedimos aos amigos que desejam acceitar o cargo de representantes d'*A Lanterna* em qualquer localidade do Brazil a fineza de nos escreverem, com urgencia, pelo que ficaremos immensamente gratos.

♠

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

♠

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nas é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

♠

El Pregreso, de Buenos Aires, ns. 216, 217 e 218. E' uma excellente publicação anticlerical.

— *Alerta!* Titulo de um opusculo em prol do casamento civil. O autor, J. Velho, mais uma vez demonstra a má fé e os processos da padralhada contra o casamento civil.

— Da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, diversos folhetos de critica e de propaganda.

— Appellação n. 4.900. Razões do querellado, pelos drs. Raphael Correia e Augusto Barbosa.

— *La Rana*, jornal humoristico com caricaturas a cores, de Bolonha (Italia).

Aviso

Todos os perseguidos, todas as victimas do clero sem entranhas, dos governos sem escrupulos e dos capilalistas gananciosos encontrarão n'*A Lanterna* todo o apoio e defesa

Recommendação vital

Um medico de boa fama no Rio de Janeiro, o dr. J. King, approvado pela Faculdade da Bahia, certifica:

«O abaixo assignado tem prazer em attestar que tem prescripto por algum tempo a Emulsão de Scott para crianças atacadas de molestia mesenterica, tendo obtido sempre excellentes resultados, não só pela cura produzida como pela facilidade com que acceitam o medicamento pelo seu paladar agradavel. Assim continuarei a prescrevel-a sempre que se offereçam os mesmos casos de molestia.

DR. J. KING.»

«Licenciado do Real Collegio dos Medicos da Inglaterra, etc., e approvado pela Faculdade da Bahia.»

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyanthea publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

Professor

Um engenheiro, com longa pratica de ensino, prepara alumnos para as Escolas de Commercio, Normal, Polytechnica e «Mackenzie College» e dá aulas praticas e theoricas de inglez, cobrando apenas 10$000 por materia, mensalmente. — Rua Barão de Iguape, 128.

Horario das aulas nocturnas — das 5 ás 6 hs. da noite. segunda-feira, portuguez; terça-feira, algebra; quarta-feira, portuguez; quinta-feira, algebra; sexta-feira, portuguez; sabbado, algebra; das 6 ás 7: segunda, portuguez; terça, desenho; quarta, portuguez; quinta, desenho; sexta, portuguez; sabbado, desenho; das 7 ás 8: segunda, inglez; terça, geometria; quarta, inglez; quinta, geometria; sexta, inglez: sabbado, geometria; das 8 ás 9: segunda, inglez; terça, arithmetica; quarta, inglez; quinta, arithmetica; sexta, inglez; sabbado, arithmetica; das 9 ás 10: terça, quarta, inglez e sabbado, arithmetica.

NOTA — Ha tambem aulas diurnas das

alunos da Escola Moderna n°1, permite esboçar um panorama acerca de suas atividades didáticas. Em sua primeira edição, apresentou-se como *orgam dos alunos da Escola Moderna n°1*, divulgando seu escopo como sendo o de *cultivar os sentimentos de amor pela paz, pela instrução, pelas letras e pela humanidade, fazendo despertar na infância o desejo de uma vida fraternal, humana, livre dos prejuízos resultantes das convenções sociaes*. Se os objetivos comunicativos do jornalzinho se confundiam com os objetivos educativos da Escola, não seria irrelevante destacar a intenção em *cultivar sentimentos* em igual proporção à de concretizar um programa racional de educação. A crença no poder transformador das crianças, característica marcante na militância de João Penteado, percebe-se na exposição das palavras de um *ideal de paz, amor e justiça sobre a terra* bem como de *confraternização dos povos e das raças* (In **O Início**, ano I, n°1, 5 de setembro de 1914, p.1).

> "[...] cultivar os sentimentos de amor pela paz, pela instrução, pelas letras e pela humanidade, fazendo despertar na infância o desejo de uma vida fraternal, humana, livre dos prejuízos resultantes das convenções sociaes [...] A infancia precisa de estímulos dignificantes que elevem suas faculdades sensitivas e fortaleçam suas aspirações, encaminhando-a de maneira perfeita e racional para a grande e agitada luta pela vida social moderna." (In **O Início**, n°1, 5 de setembro de 1914, p.1)

O jornal foi anunciado, em seu primeiro número como uma publicação mensal, mas teve a segunda edição publicada somente um ano depois[18]. Nessa segunda edição toda a terceira página foi dedicada à publicação dos *exercícios epistolares* que se faziam nas aulas a partir da escrita de "breves telegramas" que retratavam questões do cotidiano, tais como a elaboração escrita de "correspondências entre companheiros" e "pedidos de compras". Outros, nomeados como *exercícios vários*, foram os *preliminares de descrição*, diante de objetos que lhes eram expostos em sala, ou mesmo da observação de objetos de suas próprias casas, os quais depois eram *criticados pelo professor* (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.3).

> "Na sala de aula:
> Estou vendo sobre uma caixa, uma tesoura, uma navalha, um livro chamado História do Brasil, um livro chamado Dicionário do Brasil, uma pedra, uma aritmética, uma faca, uma pedra mármore, uma tampa de tinteiro, uma garrafa, uma caixinha de pênas, um apagador, uma Geografia da Infancia, um saco-rôlha, o jornal "A Voz do Trabalhador", duas folhinhas, um quadro-negro, cinco mapas, um globo terrestre, um quadro com o retrato de Francisco Ferrer, um armário, uma mala, dois papelões e uma lata vasía. Edmundo Scala"
> "Estou vendo no interior de minha casa uma janela, um quadro, três folhinhas, um cabide, quatro malas, duas portas, um pacote de fósforos Canta-Galo, uma lamparina, quatro sacos de palha de milho, seis cadeiras, um armário, três relógios, uma garrafa de azeite para lamparina, uma caixa de crochês, quatro pombos, um garrafão, uma vela, um saco de farinha de trigo, um jornal intitulado "O Estado de S. Paulo" e duas botinas. Antonio Tavares". (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.3)

Na última página dessa mesma segunda edição, um informe sobre os alunos matriculados foi publicado, dividindo-os em anos e demonstrando que havia graduação entre os

18. *A demora teve uma causa. E sabem qual? A crise, a maldita crise que tanto perturba a humanidade neste momento* (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.1).

Página final da segunda edição de *O Início*. (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.4)

O INICIO

EXPEDIENTE:

"O INICIO"

Órgão dos alunos da Escola Moderna N. 1

Saé quando póde, por subscrição voluntaria.

Redacção: Rua Saldanha Marinho, 66. São Paulo—Brasil

Escola Moderna n. 1

Acham-se nêla matriculados os alunos, que frequentam as seguintes classes:

AULA DIURNA

1.º ano a — Francisco Morelli, Victor Minieri, Lourenço Minieri, Vicente Bari, Joaquim de Carvalho, Ildefonso Dantas, Isabel Gregorio, Laura Borges, Gumercinda Gonçalves, Amélia de Jesus, Maria da Cruz, João de Sarrea, Raíaela, Maria e Nanina.

1.º ano b — Manoel Tavares, Lucilia Haas, Francisco Tognoli, Marcelina Bari, Elisa Santiago, João Olivio, João Crociatti, Domingos Passos e Otávio Leme.

2.º ano — Abel Tozzato, Antonio Tavares, Edmundo Scala, Catarina Bari, Manoel Rodrigues, Eugenio Ramos e João Bianchini

3.º ano. — Edmundo Mazzone, Antonieta Morais, Bruno Bertolaccine, João Monteiro e Pedro Passos.

AULA NOTURNA

Secção masculina. — Acham-se matriculados nas diversas classes os alunos: Joaquim Moreira Jasteiro, Jacomo Rômolo, Pasqualino Rômolo, Vicente Cuono, Orlando Caravieri, João Casadei, José Marques da Silva, José Pinheiro Dias, José Romero de Castilhos, Martim Schiavetti, Luiz Cardoso, Luiz Arais, Agdão Maria Rodrigues e Manoel Fonseca Junior.

Secção feminina. — Nesta secção, que foi iniciada êste mês, acham-se matriculadas as meninas Palmira Lopes, Palmira Vieira, Adelina Toffoli e Rosa Favaron.

"O Inicio"

Concorreram para a publicação do presente orgão as seguintes pessoas: Prof. José Jubert, que dirige a Escola Moderna de Baurú, 6$000; Abilio Bento, $200; Edmundo Mazzone, $600; Pedro Passos, $600; Antonieta Galiano, $300; Antonieta Morais, $200; Domingos Passos, $100; Bruno Bertolaccine, $200; Virginia Cesare, $400; Sargento Albano, 1$500; — Total 9$900.

Ensino racionalista em S. Paulo

De certo tempo a esta parte se tem notado que o ensino racionalista se está desenvolvendo em S. Paulo, tanto na capital como no interior.

Assim é que a despeito da crise, cujas consequencias se têm manifestado desastrosamente, há iniciativas que vingam e permanecem, produzindo frutos relativos á possibilidade do momento. Tais são, por exemplo, as que se referem á instrução da infancia proletária.

Duas escsolas há mantidas pela "Sociedade Escola Moderna de S. Paulo" e uma sustentada por uma coluna de propagandistas do racionalismo, os quais têm desenvolvido louvavel actividade.

Nas sédes dessas escolas se realizam periodicamente, todos os mêses, sessões instrutivas e de propaganda, cujo programa consta de palestras pelos respetivos professores, cantos de hinos e recitações de poesias pelos alunos.

E' esta uma importante obra realizada pelas nossas escolas.

No interior, também, ja se vai fazendo algum trabalho nesse sentido.

Não, porem, em muitas partes. Mas, para prova de que é possivel de desenvolver essa obra, basta dizer-se que Baurú possue uma Escola Moderna, que funciona regularmente, contando mais de um ano de vida e que em Candido Rodrigues existe outra, que é a mais antiga, todas, relativamente, bastante aproveitaveis.

A' frente da primeira déstas se acha o prof. José Jubert e da segunda Elvio Nervi, que tanto se esforçam no desempenho de sua ardua tarefa.

Oxalá os propagandistas dessa grandiosa obra de regeneração social tenham imitadores!

BALANCETE

O rendimento liquido da festa, como se póde ver pela leitura do balancete abaixo publicado, foi o seguinte:

Receita:

Rendimento da quermesse	113$000
Idem do leilão	20$000
Bilhetes pagos	117$000
Total	250$000

Despeza:

Aluguel do Salão Oberdank	70$000
Orquestra	47$000
Impressos	20$000
Diversas despezas	19$000
Total	146$000

Resumo:

Entrada	250$000
Despeza	146$000
Saldo	104$000

Escola Moderna N. 2

Rua Oriente, 139 — Proximo á rua Miler (Braz)

Ensino primario intuitivo e racional para crianças de ambos os sexos de 6 a 12 annos

Aulas diurnas das 11 ás 4 da tarde para crianças de ambos os sexos. Mensalidade: 3$000 para os principiantes, e 4$000 para os adiantados. Aulas nocturnas para os adultos, das 7 ás 9 da noute, mediante mensalidade, que se combinará.

Escola Nova

INSTITUTO DE INSTRUCÇÃO E EDUCAÇÃO PARA MENORES E ADULTOS DE AMBOS OS SEXOS

Scientificamos ás familias residentes nos bairros da Moóca, Braz e Cambuey que se acham abertas as matriculas para os CURSOS PRELIMINARES Constituidos pelos 1.o, 2.o, 3.o e 4.o annos

AULAS DIURNAS—Horario das 11 e 30 da manhã ás 4 da tarde. Mensalidades: 1.o anno 3$000; seguintes, 4$000.

AULAS NOCTURNAS—Horario das 7 ás 9. Mensalidades: adultos 5$000; menores, 4$000.

As aulas acham-se funcionando regularmente. RUA DA MOÓCA, 292-A sob.

J. AUGUSTO FERREIRA Encaderna Livros Impressos de qualquer tamanho.

PREÇOS MODICOS — RUA REDEMPÇÃO, 6 (4.a Parada)—SÃO PAULO

grupos[19]. Há também apresentação dos alunos matriculados nas aulas noturnas, em duas secções, uma masculina e outra feminina (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.4). Na coluna ao lado, intitulada *Ensino racionalista em S. Paulo,* comunicava-se aos leitores sobre a prosperidade na manutenção das duas escolas mantidas pela *Sociedade Escola Moderna de S. Paulo* além de outras iniciativas educativas sustentadas por outros grupos, comentando que nas sedes das duas escolas se realizavam *periodicamente, todos os meses, sessões instrutivas e de propaganda, cujo programa consta de palestra pelos respectivos professores, cantos de hinos e recitações de poesias pelos alunos* (In **O Início**, n°1, 4 de setembro de 1915, p.4). Ao que parece, houve um significativo distanciamento do projeto educativo praticado no cotidiano escolar de Barcelona. Em primeiro lugar, pela ênfase educativa atribuída ao cultivo sentimental; segundo, pelo próprio caráter dessas atividades epistolares**.**

Fica evidente, que a propaganda pela educação racionalista não se ateve à formação dos militantes libertários para a rotina das práticas pedagógicas em si, pois seus textos de propaganda pedagógica atentavam principalmente para a consolidação de um ideal de aprendizado, atendo-se superficialmente sobre o universo da organização e estruturação dos programas escolares. Desde as fontes documentais não é possível afirmar se tal operacionalização da propaganda libertária pela educação foi intencional no sentido de não restringir as práticas pedagógicas a receituários programáticos, ou se essa não foi uma problematização de destaque para os integrantes da Liga Internacional para Educação Racional da Infância – irradiador principal da *educação racional e científica* após o fechamento da Escola Moderna de Barcelona em 1906. Francisco Ferrer relata em sua publicação póstuma a própria dificuldade que teve com as questões referentes à institucionalização de seu programa de ensino em rotina escolar, antes da fundação da Escola Moderna. A tal ponto que organizou um grupo de pessoas, entre as quais a pedagoga Clémence Jacquinet, para compartilhar com ele a construção da escola. Mas será que não previu que outros libertários pelo mundo, adeptos à educação como instrumento da ação direta revolucionária e que viessem a dedicar-se às instituições escolares, enfrentariam os mesmos desafios institucionais enfrentados por ele? Talvez sim, talvez não. Mas é uma constatação que não houve na proposta editorial da Escola Moderna de Barcelona uma publicação que tenha atentado objetivamente para os procedimentos didáticos, em termos de operacionalizações cotidianas, de maneira instrumentalmente pormenorizada. Independentemente das razões, tal postura deixou margem para que as experiências locais se desenvolvessem com liberdade programática de modo a se adequarem às condições próprias de seus contextos sócio-políticos. A experiência brasileira, dessa maneira, parece ter acontecido por seus próprios meios e a partir do referencial que lhe esteve ao alcance das mãos.

19. Conforme exposto anteriormente, a criação das Escolas Modernas resultou de um esforço coletivo entre libertários, livres-pensadores e também entre trabalhadores em geral, promovendo atividades, divulgando listas de arrecadação e, principalmente, confiando a educação de seus filhos à instituição; construindo, conforme as possibilidades, o cotidiano de suas práticas escolares. O artigo intitulado "A nossa obra" informa que o número de alunos da Escola Moderna nº1 era de 70 *e tantos, inclusive os de datilografia* (In **Boletim da Escola Moderna,** ano I, nº2, 18 de março de 1919, p.2). Em outro relato sobre o movimento escolar informa que a Escola tinha, naquele momento, 43 alunos matriculados, sendo 29 do sexo masculino e 14 do feminino – a frequência média diária era de 32 alunos (In **A Lanterna,** ano XIII, nº230, 14 de fevereiro de 1914).

5.3. As saídas escolares

Um dos outros lugares do aprendizado, conforme discussão pontuada no capítulo anterior, aparece nos percursos programáticos da Escola Moderna nº1, em alguns relatos sobre saídas escolares que registraram a maneira pela qual João Penteado orientou o formato da educação, levando em conta o crescimento orgânico da criança em pleno contato com a ambiência local do bairro operário, bem como com seu meio natural, imprimindo um espírito mais coincidente com a concepção do *naturalismo pedagógico* às atividades didáticas. A aposta parece ter sido por um desenvolvimento intelectual dos alunos, em fase de escolarização primária, aproximado aos elementos da natureza e preocupado com o cultivo de sentimentos fraternais. Escritos por seus alunos, esses relatos aparecem nos três números de *O Início.* A primeira edição relatou um *passeio ao campo.*

> "Sábado, dia 9, fomos ao campo. Brincámos, pulámos, corremos e jogámos peteca. Eu fiquei com medo da vaca e disse que montava nela. Nos pulámos corda e vimos o macaquinho. O passeio esteve belo e nós estivemos alegres. São Paulo, 14 de maio de 1914. Antonieta Moraes."
> (In **O Início**, n°1, 5 de setembro de 1914, p.3)

Já a segunda edição apresentou a coluna "Exercícios escolares da Escola Moderna n°1". Nela, há um informe sobre o programa de atividades de *composição e descrição que são dados aos alunos, gradualmente, todas as semanas, afim de que eles aprendam de modo prático, a escrever os seus pensamentos, a redigir cartas e a fazer descrições de objetos com observância da devida ordem classificativa e emprego de pontuação precisa* (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.2). Entre os exercícios mencionados, foram feitas três tipos de saídas escolares, a saber: passeios, visita à Escola Moderna nº2 e piquenique. Os breves relatos publicados foram escritos por alunos que participaram das atividades e descrevem genericamente o percurso das saídas.

> "[...] Saimos daqui a uma hora, descemos à rua Saldanha Marinho e pegámos a Avenida Celso Garcia. Nela vimos dous carriteis grandes de canos para encanamento de gaz e mais dous pequenos, de arame grosso, para a rêde elétrica. Eu vi também uma preta tocando viola na mesma avenida. Depois chegámos ao jardim da Concordia e vimos o teatro Colombo. A frente dêle vimos belos anúncios de fitas cinematográficas. Dali nos dirigimos á Escola Moderna n°2 [...]"
> (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.2)[20]

Contam sobre recitais, cantos e brincadeiras.

> "[...] Vimos as barcas no meio do Tieté e também uns meninos caçarem peixes. Depois brincamos de Caracol e Seranda-Serandinha. O João Bento, o Bruno, o Ernesto, o Carlos Chiesa e o Abilio Bento recitaram [...]"
> (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.2)[21]

20. Trecho do relato escrito pelo aluno Pedro G. Passos, intitulado *Nossa visita á Escola* n°2.
21. Trecho do relato escrito pelo aluno Edmundo Mazzone, intitulado *Um passeio á margem do Tieté.*

E quase não mencionam interferências do professor que os acompanhava.

> "[...] Lá o nosso professor nos explicou que os troncos da taquara se chama rizôma e que esses troncos caminham debaixo da terra. Ao chegarmos ao rio Tieté vimos barcas dentro e fóra do rio. Um menino estava nadando vestido de calças no meio do rio [...] Na ida vimos um cavalo morto e o Miniere botou flores em cima dele. O professor disse que o Miniere fez bem de botar flores em cima do cavalo morto [...]"
> (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.2)[22]

Outro, bastante breve e intitulado "Um passeio ao jardim da Luz", foi escrito por Antonieta Morais e descreve que os alunos se detiveram vendo *os peixinhos, os macaquinhos, a águia, os passarinhos e as araras* e que se realizou em conjunto com os amigos da Escola Moderna nº2.

Por fim, um último relato dessa segunda edição, "Nosso pique-nique", escrito por Virginia Cesare[23], ratifica a presença do *naturalismo* na condução do processo de aprendizado de seus alunos.

> "[...] Lá nós brincámos de balanço, em cima de uma arvore que estava pendida para o chão, comemos nosso lanche em baixo, na sombra e nos divertimos muito. Brincámos de pegador, cantámos e recitámos. A festa também foram alguns dos alunos da Escola n°2."
> (In **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.2)

A terceira edição do jornal, também com brevidade, contou sobre um *passeio à caixa d'água* a partir do relato escrito pelo aluno Edmundo Mazzone. O texto, a maneira dos demais, descreveu a saída escolar sem mencionar qualquer intervenção direta do professor que os acompanhava ou pela *menina* que os guiava, ou seja, não parece que tenha havido um momento de pausa com explicações teóricas em que o professor se fizesse o centro do aprendizado. Ao contrário, esse último relato ratifica a pressuposição de que a espontaneidade e a livre observação dos alunos eram o fator metodológico privilegiado do aprendizado nesses outros lugares da educação infantil, assim como pôde ser averiguado na predominância da observação também no contexto da sala de aula.

> "[...] fomos pela rua Saldanha Marinho até a rua Visconde Parnaiba e depois subimos a rua João Bueno. Quando estávamos mais acima vimos gafanhotos grandes e pequenos. Pegámos também flores bonitas, botões de rosas e umas flores rôxas. Na ida e na volta vimos vacas e cavalos. Quando chegámos á caixa d´agua demoramos um pouco a achar seixinhos e enquanto isso o professor foi procurar o guarda que nos abriu o portão [...] Na volta vimos um besouro morto e os corvos todos perto dele."
> (In **O Início**, n°3, 19 de agosto de 1916, p.1)

Os relatos não trazem muita coisa. Consistem em anotações soltas, sem grandes conotações sociais, psicológicas, pedagógicas, nem muito menos políticas. Mas é interessante perceber o apelo permanente ao que se vê (vimos isso, vimos aquilo) e à experiência coletiva (o predomínio da primeira pessoa do plural, diferentemente dos relatos de objetos que se vê na mesa ou em casa, individualmente), assim como o recurso à descrição de experiências lúdicas, brincadeiras, sentimentos e excitações estéticas e emocionais, sempre em breves exercícios de redação escritos pelos alunos que tinham entre 9 e 16 anos. As saídas escolares descritas por esses relatos parecem ter orientação bastante descontraída, dentro do que demonstram os discursos que as contam.

De modo distinto das diversas narrativas sobre as saídas escolares da Escola Moderna de Barcelona – que apesar de não apresentarem suas autorias explícitas, demonstram pela linguagem utilizada terem sido escritas por professores ou mesmo pelos membros do editorial do Boletín. Há que considerar, portanto, que os relatos presentes em cada um dos periódicos representam a perspectiva de personagens que interagiram com o fato escolar desde papéis distintos. É preciso também considerar que esses depoimentos dos alunos da Escola Moderna nº1 foram publicados bem depois da realização das saídas escolares, além de terem sido selecionados por um editor adulto que as páginas de *O Início* não explicitam quem foi.

As saídas se estruturavam como passeios ao redor dos bairros do Brás e do Belenzinho e contavam com caminhadas e observação atenta dos elementos da paisagem (animais, vegetação e pessoas), com frequente entonação de cantos e hinos, além de liberdade para as brincadeiras. Não há nas descrições a mesma persistência em um conteúdo programático apoiado no meio social como instrumento de ensino das pautas revolucionárias, tão pouco abordagens sociais inseridas no contexto dos passeios, como puderam ser observadas nos relatos das saídas didáticas da Escola de Barcelona nas quais reincidiam as visitas e excursões a indústrias e ambientes fabris. Na rotina da Escola Moderna nº1, parece ter havido um programa muito menos dogmático, centrado ainda mais na experiência dos alunos e levado também com mais proximidade à natureza infantil.

Página seguinte. Percursos das saídas escolares pelo bairro e seu ao redor
(Interpretação feita a partir dos relatos de *O Início* sobre Planta da Cidade de 1916)

22. Trecho do relato escrito pelo aluno Edmundo Mazzone, intitulado *Um passeio á margem do Tieté*.
23. Essa aluna foi apresentada na primeira edição do jornal como integrante de sua comissão de redação. O mesmo relato foi publicado In **A Lanterna,** ano XIV, n°270, 19 de dezembro de 1914.

Percursos descritos pelos relatos

Escola Moderna no 1

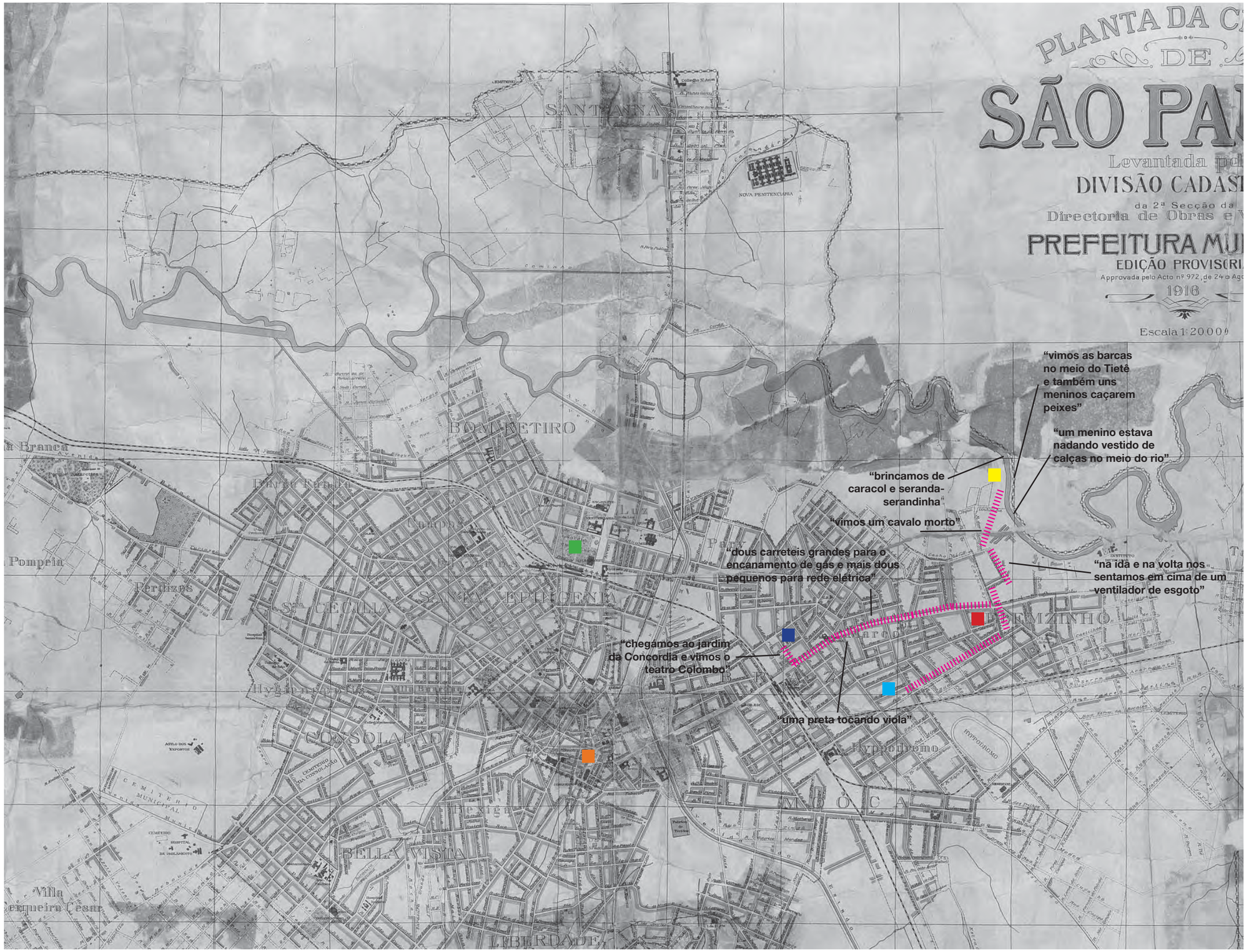
Escola Moderna no 2

Sede *A Lanterna* / Sociedade Escola Moderna

Margem do rio Tietê

Jardim da Luz

Caixa d´água do Belenzinho



"vimos as barcas no meio do Tietê e também uns meninos caçarem peixes"

"um menino estava nadando vestido de calças no meio do rio"

"brincamos de caracol e seranda-serandinha"

"vimos um cavalo morto"

"dous carreteis grandes para o encanamento de gás e mais dous pequenos para rede elétrica"

"na ida e na volta nos sentamos em cima de um ventilador de esgoto"

"chegamos ao jardim da Concordia e vimos o teatro Colombo"

"uma preta tocando viola"

A história do personagem Antídio, entendido por Peres como uma ficção que em muitos fatos parece ser uma obra autobiográfica escrita por João Penteado (2009, p. 84), constrói-se por meio da imagem literária de sua chegada ao Rio de Janeiro, expondo sua observação do ambiente urbano com um diálogo marcado por tom de admiração quase infantil pela descoberta do lugar. Ainda que esse texto não tenha sido publicado em meio direcionado à educação libertária, a conotação da experiência do viajante, recém-chegado à cidade grande, pode ser lida como um espelho da imagem que Penteado projetava sobre o aprendizado pela observação. Ademais da identificação de um mecanismo de aprendizado calcado na apreensão espontânea do entorno, essa narrativa demonstra um pouco das opiniões pessoais do autor sobre certas questões inerentes à urbanidade. Seu processo de aproximação aos acontecimentos do meio urbano está exposto pela linha do pensamento racional, de base empírica, que parte do contato direto por meio da observação, desenvolve-se em questionamentos,

> "Palacios e palacios se sucediam uns após outros suas maravilhosas architecturas! Automoveis e bondes em disparada passavam pelas ruas e avenidas carregados de gente [...] Em um delírio [...] febril incomprehensivel para o qual não podia achar uma explicação satisfctoria!... *- Que significa tudo isto?!... – dizia elle de si para comsigo mesmo.*"

para concluir-se em reflexões, entre outros temas, sobre a existência de arquiteturas destinadas a quartéis, hospícios, casas de misericórdia... *Uma casa de lenocinio ou quarteirões inteiramente povoados por messalinas.*

> "A miséria e a ignorancia eram a causa dos delictos e das loucuras, dando lugar ao apparecimento de hospícios, cadeias e casas de misericórdia. Esta sociedade vive de mentiras! – murmurava Antidio [...]"
> (PENTEADO, 1911a, p.163)

Parece certo que o educador não negava a importância do reconhecimento da realidade urbana, entretanto sua evidente desaprovação dos valores que, desde seu ponto de vista, regiam a vida na *cidade grande* talvez possa ser associada a certa orientação naturalista do aprendizado infantil, testemunhada por essa recorrência do meio natural – mais que do social – nos roteiros aparentemente privilegiados pela Escola Moderna de São Paulo. Lugares, talvez, em que a formação inicial de seus alunos pudesse escapar de tramas capazes de corromper suas personalidades já no período da primeira idade. Os *passeios campestres*, por exemplo, eram atividades semanais que aconteciam aos sábados pela manhã, quando a aula terminava por volta de uma ou duas da tarde (In **A Lanterna**, ano XIII, n°224, 3 de janeiro de 1914).

Outro indício sobre a valorização do meio predominantemente natural foi impresso na divulgação de um festival escolar – intitulada "Uma interessante festa campestre" – que se realizou em um parque, situado à Rua Prudente de Moraes, na Penha, para onde se previa a chegada pelo uso do bonde. Um local privado, cedido pelo Dr. Bento do Amaral, proprietário da Confeitaria Edú Chaves. Nesta atividade

> "[...] diferentemente das que se teem realizado nas sedes das escolas n°1 e n°2, a festa anunciada para o dia 13, decerto, terá um atrativo especial, um realce atraente, dadas ás favoráveis condições em que as crianças se vão achar no local destinado, que é um parque belo e espaçoso, cheio de sombras e de encantos, onde a natureza faz vibrar uma nota de saudável alegria"
> (In **A Lanterna,** ano XIV, nº269, 5 de dezembro de 1914, p.2).

Nas edições seguintes de *A Lanterna* foi informado sobre a realização de passeio campestre no parque da Penha. O relato reitera que o *lugar foi bem escolhido, a criançada e as familias* passaram lá *um dia da franca alegria*, mas que o passeio não foi *devidamente organizado* (In **A Lanterna,** ano XIV, nº270, 19 de dezembro de 1914, p.2). O convite para esta atividade escolar foi feito pelo Comitê da Sociedade Escola Moderna às famílias de seus alunos e foi estendido a todo círculo operário. Como o próprio texto informa, a atividade possuía um caráter distinto das que eram costumeiramente realizadas na sede das Escolas. Distinção marcada pelo deslocamento do lugar do encontro, para as aforas dos bairros operários centrais, pela ausência de intenção quanto à arrecadação de donativos, pela inexistência de uma programação pontuada por conferência política ou científica – características comuns entre as festas e reuniões organizadas pelo Comitê. A atividade parece ter tido a intenção clara de deslocar-se para um outro ambiente[24].

Em circular sobre a "origem da Escola Moderna em São Paulo" foi *informado sobre a intenção de criar outras duas instituições: um grande internato para crianças de ambos os sexos nos arredores da capital; uma escola noturna de ensino integral para adultos, tão perto quanto possível do centro da cidade* (In **A Lanterna,** ano XIII, nº228, 31 de janeiro de 1914). Importante ressaltar nesse informe o deslocamento de crianças para fora da cidade ao passo que se pretendia situar a escola dedicada a adultos nas adjacências de seu centro urbano. O texto termina ainda com um convite – *quereis ajudar-nos nessa obra grandiosa?* – deixado aos leitores para que contribuições fossem feitas à Sociedade Escola Moderna com o intuito de realizar o projeto, reiterando o caráter coletivo de financiamento e organização escolar – *entrai para nossa associação e vinde ser dela uma unidade ativa* –, bem como uma postura educativa que preservava o crescimento infantil do contato social, à mesma medida que impulsionava a presença dos trabalhadores à vivência da cidade.

Francisco Ferrer instalou sua Escola Moderna em localização central no plano urbano de Barcelona. A sede da Sociedade Escola Moderna, no mesmo edifício do jornal operário *A Lanterna*, estava localizada no centro histórico de São Paulo[25], mas as Escolas Modernas nº1 e nº2 propriamente ditas foram abertas em seus arredores imediatos, nos bairros industriais do Brás e do Belenzinho, que então concentravam grande massa de operários como seus principais habitantes. Áreas bastante próximas ao centro da cidade, que já não eram meios rurais, embora guardassem ambiência distinta da existente na colina central da cidade. O que eram esses bairros neste início de século? Independente da materialidade de suas paisagens, sem dúvida eram pólos da moradia e da resistência operária, bem como coração da mobilização anarquista na cidade de São Pauo. Por essa ambiência, certamente, as Escolas foram alí instaladas.

Mesmo com o referencial naturalista deixado nas entrelinhas das atividades escolares, as Escolas Modernas foram localizadas junto aos lugares da vida operária e, nesse sentido,

24. A mesma intenção foi demonstrada em outro informe do Comitê, também publicado em *A Lanterna*. Neste foi apresentada a intenção de realizar *uma grande festa ao ar livre no Bosque do Jabaquara* (In **A Lanterna,** ano XIV, nº280, 15 de maio de 1915, p.2)

25. A secretaria da Sociedade Escola Moderna localizava-se no Largo da Sé, nº5, em andar do mesmo edifício da sede do periódico, conforme informado em comunicados publicados no jornal (In **A Lanterna**, ano XIII, nº217, 15 de novembro de 1913)

vamente, demonstrando grande interesse em servil-o:

— Pois não, meu amigo!

— Obrigado! — diz o professor.

Nisto, batem á porta.

— Entre!...

E Antidio, apparecendo na sala, cumprimenta-os respeitosamente.

E' este o momento decisivo. E, feita a apresentação, tudo fica combinado.

Antidio, recebe a promessa de um emprego no Rio de Janeiro e se prepara para a partida, dando a esse trabalho a devida pressa.

* * *

Após muitas peripecias da viagem, que lhe durou alguns dias, chegára ao Rio de Janeiro, á bella capital do Brasil.

O bulicio da cidade era tão enorme como o seu desejo de vel-a.

Tratou logo de dar a mala a um portador e se dirigiu para um hotel.

A realização de seu sonho o deslumbrava, mas o cansaço da viagem o impedia de sair no mesmo dia.

O corpo necessitado de repouso lhe dominava o espirito sedento de curiosidades, forçando-o a recolher-se ao seu aposento.

A noite, entretanto, lhe fôra longa demais, porque não poude conciliar o somno. Passou-a em claro, pensando em suas aventuras.

No dia seguinte saiu a passeio pela cidade, em companhia de um rapaz que na vespera lhe fôra apresentado pelo amigo de seu ex-professor.

—Que belleza! exclamou, logo ao deixar os portaes do hotel.

Palacios e palacios se succediam uns após outros com suas maravilhosas architecturas! Automoveis e bondes, em disparada, passavam pelas ruas e avenidas, carregados de gente em demanda de pontos diversos. Era um delirio, uma [illegible] febril incomprehensivel, para o qual não podia achar uma explicação satisfactoria!...

—Que significa tudo isto?!... — dizia elle de si para comsigo mesmo.

A's vezes, porem, dirigia perguntas como estas ao seu companheiro:

— Quem são aquelles? Têm umas

roupas exquisitas!... Serão mulheres?...

— São padres! Então não os conhecias?!...

— Parecem viuvas!...

— São elles os ministros de Deus.

— Sim... Já lhes conhecia a historia; mas agora é que os vejo!...

— E são elles que dizem missas pelas almas do purgatorio e nos ensinam o caminho do ceu!...

Depois, passados alguns minutos, sáem numa praça e vêm uma parada militar:

— Que é aquillo?!...

— São soldados. Estão em exercicio. Não os tinhas visto ainda?...

— Conhecia-os por ouvir dizer...

— E são elles os defensores da patria, a garantia de nosso bem estar, os mantenedores da ordem...

— Mas são tantos!

— Que!... Ainda são poucos!...

— Porque motivo?

— Não imaginas! Aqui é um perigo!... Ha desordeiros perigosos! Depois... as greves dos operarios, os comicios, os anarchistas!...

— Que são os anarchistas?

— Os que attentam contra a vida dos reis e presidentes das republicas! Elles não querem governo e negam obediencia ás leis estatuidas pelos homens.

— Ora!... diz Antidio, abysmado ao ouvir tão medonha descripção.

Mais adiante se destaca á sua vista um hospicio e tal casualidade lhe dá motivo a outra pergunta:

— E aquella casa?...

— Adivinha!...

— Pudera!...

— E' um hospicio...

— E tão grande!...

— Que!... Devia ser maior!...

— Porque?...

— Ha muitos loucos no Brasil.

— E razão disso?...

— Não sabes?!...

— Como saber, si no sertão a gente só perde o juizo quando se embriaga?!...

— E aqui, como em todas as cidades do Brasil, é por causa do espiritismo.

— Mas... desejo uma explicação.

— Estou ás tuas ordens.

— Que é espiritismo?!

— E' uma religião, ou melhor, uma heresia detestavel!...

— Porque?...

— E' contra a autoridade suprema do papa e a de todos os ministros religiosos do mundo!...

— E o espiritismo tem Deus?

— Não sei... Mas ouvir dizer que não acredita no ceu, no inferno nem no purgatorio, nem no valor das missas, da confissão e das communhões...

— Deveras?!...

— E ainda mais: prega o transformismo, a reencarnação, a pluralidade dos mundos e a communicação dos espiritos com a gente deste planeta.

— E isso poderá ser?!

— Qual!... Apenas pode leval-os á desorientação.

— E ha muitos que seguem o espiritismo?

— Se ha!... E' a razão porque os hospicios augmentam aqui no Brasil!

— Eu não sabia disso!...

— Depois... queres saber uma cousa?...

— Que é?...

— Tem cuidado! Os espiritas, como os anarchistas, são perigosos!... — E a cada resposta, batia-lhe no hombro, dizendo: — Tu o verás.

As calumnias de tal mentor, porem, não deixavam de ser contra-producentes, porque Antidio, intrigado com semelhantes instrucções, punha nellas suas duvidas; mas, dissimulando, perguntava sempre, quer avistasse uma casa de misericordia, uma egreja, um convento ou um estabelecimento publico, quer deparasse com um quartel de soldados, uma casa de lenocinio ou quarteirões inteiramente povoados por messalinas que através das rotulas de seus antros annunciam a grande miseria moral da sociedade contemporanea.

Assim, contemplando uma fita extraordinaria numa sessão de cinema, passeiando pelas praias de Bota-fogo e Realengo ou ouvindo uma peça de opera num café cantante, sentia-se de tal maneira impressionado que precisava de uma explicação qualquer afim de satisfazer a immensa curiosidade de seu espirito.

Descoberta da cidade por Antídio
(In **Natalicio de Jesus**, ano III, nº44, dezembro de 1911, p.161-162)

Crianças em um parque público, 1910. Foto de Vincenzo Pastore
(In FRANCESCHI, p.109)

pela próxima convivência, parece ter sido relevante a importância concedida as possíveis influências das realizações escolares sobre a ambiência dos bairros operário, e vice-versa. As Escolas se abriam ao convívio social, reiterando o convite à participação das famílias operárias em seus cotidianos por meio da organização de encontros, festas e conferências, ampliando o foco da educação, mais uma vez, para além dos limites da sala de aula.

> "E este facto, pois, vem justificar a aspiração das pessoas que se interessam pela propaganda das ideias modernas em nosso ambiente, por que, com quanto modestas, tais escolas estão prestando bom serviço á causa da emancipação das consciencias proletarias.
>
> E a razão disto se explica: as duas escolas, tanto a n.1 como a n.2 se acham situadas em bairros operários, onde, além de atrair os filhos dos trabalhadores, nas aulas, para a verdade das coisas existentes, ainda, para completar seu papel, são nelas realizadas, quasi todos os mezes, festas escolares, nas quais tomam parte os professores e respectivos alunos." (In **A Lanterna,** ano XIII, nº253, 25 de julho de 1914, p.2 – grifos meus).

§

A casa onde João Penteado instalou a Escola Moderna n°1, a Rua Saldanha Marinho, é descrita como o *antigo palacete do capitalista Guedes, que mandou construí-lo sob o modelo de um que vira na Europa, numa de suas viagens ao velho continente* (PENTEADO, Jacob. 2003, p.263). As Escolas Modernas não foram abertas em edifícios destinados à finalidade escolar, mas estavam *ambas fornecidas de excelente mobiliário e de muitos dos petrechos necessários,* ainda que não tenham sido inauguradas como supostos *institutos modelos,* tendo em vista *os fracos recursos* (In **A Lanterna**, ano XII, nº213, 18 de outubro de 1913). A atitude que conduziu a tentativa de institucionalizar as Escolas Modernas[26]parece ir ao encontro de alguns dos mesmos parâmetros espaciais que orientaram o projeto de escolarização levado a cabo com a implantação das escolas públicas paulistas[27]: edifício apropriado, munido de modernos materiais didáticos, de biblioteca e laboratório, com ensino orientado pelo método intuitivo. Mas, como discutido no capítulo anterior, esse impulso dado à cultura material escolar, no contexto da renovação pedagógica desde o qual novos valores didáticos foram assimilados por muitos discursos educativos, não significou uma homogeneização nas intenções dos discursos pedagógicos. Ao contrário, cada discurso seguiu com suas defesas educativas para formação do cidadão moderno e apropriando-

26. Haja vista as convicções de João Penteado que, após o fechamento das Escolas Modernas, reabriu sua escola desenvolvendo seu projeto primeiro sob o nome de Escola Nova e, logo, como a Academia de Comércio Saldanha Marinho. Detalhes sobre a continuação do trabalho pedagógico de João Penteado podem ser observados em: CASALVARA, 2004; LUIZETTO, 1984; MARTINS, 2010; PERES, 2010; SANTOS, 2009.

27. Sobre elas não foi encontrado, em *A Lanterna,* nenhuma menção. De certo em razão do caráter essencialmente anticlerical do periódico que sim divulgou, aos brados da crítica, notícias sobre pontuais fundações de escolas religiosas.

se, muitas vezes, das mesmas técnicas de ensino para alcançar objetivos educativos, em muitos casos, opostos. Por isso que, arranjar o ambiente escolar a partir do uso dos mais modernos aparatos e procedimentos pedagógicos, pode ser prática, inclusive, da mais tradicional ideologia de educação. Assim como valorizar infra-estruturas escolares no formato de salas de aula não significa promover uma educação tradicionalista. Esta breve digressão é feita aqui porque, ao que parece, a intenção dos discursos educativos não deve ser medida somente pela régua dos instrumentos pedagógicos, modernos ou tradicionais: é preciso verificar o teor da intenção de suas palavras.

Fato é que no conjunto das invenções da modernidade, a tradição escolar sistematizada a partir do ideário iluminista e instaurada como mecanismo de condução da sociabilidade pela República[28] contaminou da mesma maneira o discurso anarquista. Indicação de contaminação porque seus fundamentos iniciais pareciam falar sobre a importância de um determinado processo educativo generalizado às massas (MORIYÓN, 1986) e não sobre a criação de um sistema escolar. Foi no caminho entre o desenvolvimento da proposta de *educação integral* às práticas escolares da *educação racional e científica* que a defesa da instrução popular como caminho revolucionário se materializou em um espaço específico para o aprendizado: a escola e seus modernos instrumentos didáticos. Até então, a aproximação ao meio natural, ao meio da vida, como lugares do aprendizado parecia ser mais condizente com as expectativas educativas de Proudhon, Kropotkin e inclusive à prática de Paul Robin no orfanato de Prevost. Mas o *processo de ideologização da pedagogia* (CODELLO, 2007, p.71) ao longo de século XIX incidiu na imbricação entre educação e evolução social, concedendo ao edifício escolar uma funcionalidade política que o transformou em elemento articulador da cidade moderna ideal, configurando-o como um espaço real para a realização de um ideal.

Ideal marcado por uma ação revolucionária fundada na dicotomia entre o presente e o futuro, entre o combate à dominação e a constituição de bases solidárias para o fundamento da sociedade do amanhã. Dicomotia temporal que foi uma marca do pensamento libertário e que se expressa no discurso de Paul Robin, por exemplo, quando ele fala sobre a possibilidade de construção de um programa de *educação integral* desde a tecitura de um trabalho de transformação social com ações focadas, simultaneamente, no presente e no porvir.

> "A nossa geração tem sido sacrificada em grande parte, pois que trabalha activamente em preparar outra melhor, primeiramente procurando condições de salubridade e de bem-estar fisico e moral para os seus filhos, depois vigiando carinhosamente o seu desenvolvimento harmonico, recordando sempre que é preciso dirigir pouco, ajudar muito e não dificultar jámais."
> (In **A Lanterna**, ano XI, n°160, 12 de outubro de 1912).

Por essa e outras causas, ao assumirem a educação como um instrumento da ação revolucionária,

28. A invenção da tradição escolar pela burguesia republicana é apontada por Hobsbawn como uma ferramenta política da segunda metade do XIX, na França (HOBSBAWN, 2008, p.279). A educação primária é considerada pelo autor como *um equivalente secular da igreja, imbuída de princípios e conteúdo revolucionário e republicano.* O uso da educação como ferramenta republicana é apontado, na mesma medida, pela historiografia da educação brasileira. A esse respeito, consultar: Carvalho, 1989; Lopes, 2000; Nagle, 2001; Rocha, 2003.

os libertários assimilaram a escola como um lugar-edifício especializado e equipado. Muitas das preocupações, dessa maneira, assemelhavam-se aos discursos progressistas em voga na época: formação dos professores[29], boas instalações prediais e aquisição de materiais didáticos especializados. Entretanto, as práticas pedagógicas libertárias, dentro do programa escolar, também se voltaram para o meio natural como lugar apropriado do aprendizado empírico, centrado na observação dos fatos reais. Lugar onde as faculdades do raciocínio crítico poderiam desenvolver-se sem a influência dos mecanismos de dominação presentes no meio corrompido da cidade que, por sua vez, era afirmada como o lugar do combate, da revolução. A leitura dos relatos sobre as atividades realizadas fora da escola demonstra que não havia a exaltação ou direcionamento dos olhares infantis para a valorização do espetáculo estético da modernidade. Mas sim a tentativa de orientá-los ao aprendizado pela observação da natureza, de orientá-los para que pudessem ser *capazes de evoluir incessantemente, capazes de destruir, de renovar continuamente os ambientes e a si próprios* (FERRER i GUÀRDIA In **A Lanterna**, ano IV, n°.8, 04 de dezembro de 1909).

Nesse sentido, que a materialização do espaço educativo em escola, no contexto das práticas educativas analisadas, pode ser contraposta à busca por *heterotopias* (FOUCAULT, 1967, p. 415; 2000, p.X) que propiciassem certa vivência, ao mesmo tempo utópica e real, necessária à realização do projeto de educação libertária. A formação cultural alavancada pelo movimento libertário trouxe consigo um conjunto de idealidades, dentro das quais a educação se afirmou como um dos instrumentos da ação revolucionária. Seu acontecimento em edifícios escolares parece ter resultado da interação possível entre o ideário libertário e a vida social que lhe foi contemporânea. E por isso, a assimilação da escola – como um lugar-edifício especializado e impregnado por pensamento científico e atitudes positivistas – pode significar não uma contradição, mas um desdobramento direto da adesão libertária às discussões modernas sobre a educação. A escola, como espaço especializado, foi organizada como um instrumento condizente com um determinado procedimento de educação que se adequava às condições dos centros urbanos e ao atendimento às massas. Ao passo que o lugar das saídas escolares, heterotópico pela natureza efêmera de seu espaço-tempo, pontuava a *experiência* como procedimento inerente da prática libertária voltada ao aprendizado infantil.

A valorização de outras bases materiais para este aprendizado aparece de maneira mais nítida no trabalho de João Penteado, seja por meio da leitura de seus textos ou pela observação do procedimento didático que fundamentou como orientação conceitual e metodológica para as atividades da Escola Moderna nº1. Nesta experiência paulista, como apresentado anteriormente, parece ter havido um expressivo retorno aos parâmetros pedagógicos que antecederam a experiência de Barcelona. Ou somente o entendimento da *educação racional e científica* por outros valores. De toda maneira, não seria um absurdo

29. Tal dificuldade incidia, inclusive, sobre as condições dos "educadores": famílias e mestres, ainda imbuídos de toda sorte de preconceitos que não os faziam aptos para praticar o ensino libertário que se pretendia consolidar. O texto de James Guillaume, traduzido e publicado por *A Lanterna*, fala sobre a condição dos educadores e explicita o desafio da tarefa revolucionária, pois, *com demasiada frequência, a escola laica não estava à altura do seu papel; havia ainda muitos mestres e, sobretudo mestras, que estavam imbuídos dos preconceitos do passado* (In **A Lanterna**, ano XIII, n°225, 10 de janeiro de 1914).

imaginar que o espaço ideal da educação, nesse discurso educativo, pudesse realizar-se em outro lugar alheio aos muros da escola: um procedimento educativo circunstanciado pela vivência de *heterotopias*. Como o próprio Penteado escrevera:

> "O mundo é um livro aberto, em cujas páginas aprendemos sempre que temos boa vontade e inteligente applicação ao estado das cousas.
> Assim, as ruas, as avenidas e as praças públicas são escolas onde os homens se instruem nas lições do exemplo e se educam na experimentação continuada de todos os seus esforços para a consecução da liberdade de pensar e sentir, que primeiro nasce dos comícios para depois triunfar por meio da revolução.
> É nas ruas que se realizam todas as barricadas revolucionárias, assim como, igualmente, as paradas militares e as procissões religiosas e carnavalescas que insultam a civilização do século com remanescenças de cenas tão ridículas como bárbaras.
> [...]
> A analyse das cousas nos habilita a dar a cada uma o seu devido valor e a conhecer melhor as leis de amor que devem reger os nossos actos. Estudando e observando tudo que se passa ao redor de nós, jamais olvidaremos que as ruas e os logradouros públicos nos fornecem lições de sociologia mais admiráveis que as dos compendios, porque, além de simples, são ilustradas com o exemplo." (PENTEADO, 1911b, p. 151)

O desenvolvimento das faculdades intelectuais parece ter estado, dessa maneira, bastante empenhado em propiciar condições absolvidas de ranços ideológicos. Entretanto, o ímpeto revolucionário estendia o aprendizado para a tomada das ruas, onde *as lições de sociologia seriam mais admiráveis que as dos compêndios*. Não se tratava de propor que as crianças crescessem numa estufa de condições ideais, afastando-as dos males da sociedade como previsto sobre o processo educativo de Emílio (ROUSSEAU, 1968). Ao contrário, as fontes não calam quanto às inquietudes revolucionárias contidas no projeto de educação libertária, inclusive demonstrando que para além da escola outra etapa da formação aguardava os alunos com questões reais e círculos sociais dentro dos quais a cidade ideal estava para ser construída coletivamente.

É nesse sentido que, além de atentar sobre o lugar da escolarização, impõe-se uma reflexão sobre o próprio estatuto da imprensa anarquista no processo da formação cultural da população operária: ao retratar as manifestações e tomadas urbanas, ela se materializou também como um dos outros lugares da educação libertária, marcando posições e encerrando a organização dos proletários dentro de parâmetros de propaganda voltados diretamente à formação e estruturação da opinião popular. Para o desfecho dessa dissertação e dada a importância do papel dessa outra face pedagógica do projeto revolucionário, perceber como a formação cultural acerca da cidade se construía nessa ambiência é, assim, imprescindível para encaminhar a discussão sobre a presença dos lugares dos acontecimentos sociais na educação libertária.

cano tinha tantos serviços de mesa em metais preciosos que chegariam para vinte mil pessoas.

Seria estragar, acrescentou.

— Diz-me, que desejas tu? — perguntou lhe o rico ofertante

— Firma me um cheque de cem mil liras, respondeu-lhe evangelicamente o pretendido Benedito XV.

O genovez não esperava assim uma extorsão á queima roupa, mas não hesitou.

Ser lhe á tido em conta. Alcançará as condecorações papais — quinquilharias que se não podem assoalhar senão nas cerimonias eclesiasticas e nos salões da beataria.

A mania pelo dinheiro dos outros, possuia-a tambem Leão XIII O papa intelectual espoliava os conhecidos, os adoradores, os ricaços que chegavam até ele com a bolsa cheia para o "prisioneiro" de estado, com um distico latino ou com uma benevolencia. Ele tinha os gostos do tio Grandet. experimentava imensa alegria ao ter ouro em suas mãos. Não podendo gasta-lo, escondia o, punha-o um pouco por toda a parte sem conhecimento dos seus tesoureiros. Assim, quando faleceu, encontraram-se saquinhos de ouro atraz dos livros da sua biblioteca, macinhos de notas nos volumes, entre uma e outra folha, detraz dos quadros, nas gavetas da sua roupa branca, dos seus moveis, etc.

Disseram-me confidencialmente, que muitos daqueles que o rodeavam e conheciam o seu vicio de avaro se enriqueceram. Se é verdade, fizeram bem. Roubando á grande, aos glutões, alcança-se o paraizo. E' uma verdade evangelica. O velho papa esquecia os esconderijos e os rolos, as bolsinhas, os estojos, o ouro e as notas desapareciam.

Perguntei aos padres bolonhezes se o intitulado Benedito XV, quando era cardeal, trataria bem o seu clero. Ficaram perplexos. Nenhum deles fez mais do que fazermo compreender com *mas*, com *ser*, etc., e só ouvi monosilabos negativos, acompanhados de anedotas. Ele, por exemplo, era arrogante. E os seus periodos eram cheios de ameaças. Desgraçado do que não obedecesse! Desprezava os inferiores. Ao bisonho do campo fazia lhe sentir que estava na presença de um descendente duma familia da mais alta aristocracia. Intolerante, mais feroz do que Leão X.

Verá que ele é mais temporalista

GUERRA Á GUERRA!

A grande manifestação de 1 de Maio

Comicios e sessões de propaganda foram realizados em muitas cidades do Brasil

A comemoração do 1º de Maio serviu este ano para dar mais uma prova de que os trabalhadores do Brasil vão tomando lugar nas fileiras imensas e agitadas do proletariado internacional na luta pela conquista dos seus direitos.

Não é mais sómente em S. Paulo, no Rio, em Porto Alegre e em algumas poucas cidades de mais importancia do nosso paiz que o movimento operario se manifesta orientando se na tatica do sindicalismo na sua verdadeira feição de luta de classes.

Ao contrario do que sucedia até não ha muito tempo, não foram sómente os trabalhadores dos poucos centros industriais mais importantes já citados que deram á data proletaria o seu verdadeiro caracter de proclamação de direitos cospucados e de afirmação de principios.

Este ano foram já muito os estados e numerosas as localidades onde se comemorou o 1º de Maio como uma data genuinamente revolucionaria.

E' o que os leitores verão pelas notas abaixo.

Em S. Paulo

Os comicios do centro e dos arrabaldes — A reunião da Escola Modeana n. 1

Correram regularmente animados os comicios promovidos pela Comissão Internacionalista Contra a Guerra, como fim de acompanhar o movimento pacifista que se está operando em muitos paizes da Europa e da America.

De acordo com o que anunciámos, realizaram-se dois comicios preparatorios, pelas 9 horas da manhã, no Braz, onde falaram os companheiros Francisco Calvo e Antonio Nalepinski, e no Piques, no largo do Riachuelo, falando Fosco Fardini e José Romero, de onde os trabalhadores

vidas humanas, procurando deter o progresso crescente do socialismo internacional em suas varias escolas, — que já fazia periclitar o seu dominio nefasto para substitui-lo pela sociedade de igualdade economica e social, — arrastou para os campos da morte, em defesa dos seus interesses egoisticos, o povo trabalhador, obrigando-o a sacrificar-se numa luta odiosa, por uma causa que não é sua;

Dirigindo o seu fraterno amplexo a todos quantos, só tendo razões para se amarem, se encontram neste momento nos campos de batalha massacrando-se mutuamente, para satisfazer os caprichos criminosamente infames dos embusteiros das diplomacias e a sua saudação ás mães, esposas e filhos daqueles que ucumbem na guerra, quando deviam fazer produzir os campos e as fabricas, proporcionando a abastança para todos;

Fazem votos para que as massas proletarias internacionais, reunindo as suas forças, consigam, com uma acção energica e decisiva, pôr termo á horrivel matança humana, vigiando atentamente os conluios diplomaticos para que não impeçam mais uma vez o desarmamento geral dos exercitos, como base segura da paz universal e do progresso que deve estabelecer o regimen racional do internacionalismo e da equidade social:

E, animado por esses sãos principios, declara-se disposto a prestar todo o seu franco apoio á obra que está desenvolvendo a C. I. C. a Guerra.»

NA ESCOLA MODERNA N. 1

Esteve regularmente concorrida a sessão de propaganda realizada nesta escola.

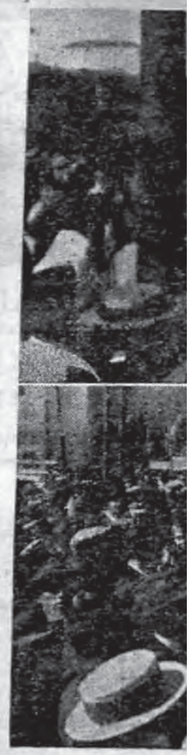
Falaram sobre a comemoração do dia os companheiros João Penteado e José Romero.

As crianças agradaram bastante com os seus cantos e recitativos.

Em Ribeirão Preto

Boletins da Liga Operaria e do Centro Libertario — Uma esplendida velada de propaganda

A comemoração do 1.º de Maio levada a efeito em Ribeirão



Aspecto do con

to de protesto propri
nifestação do dia, ve
outro contra uma tor
ficação que se preten
a efeito naquela cidad
Julgando todos pel
do seu caracter deboch
jectaram os tipos que
vida relaxada dos clu
go e de prostituição,
bem um simbolo da
ciedade, realizar uma
carnavalesca no dia
pretendendo arrastar
glorificação da infami
trabalhadoras, que
substituir nos seus p
desgraçadas prostitut
Tal não se fará, d
trabalhadores pela vo
da de suas associaçõ
não permitiremos que
ta essa ignominia, a
tenhamos de lançar
força em sua manifesta
efectiva.
Diante desta decisão
fe de policia participou

Aspecto do comicio do largo da Sé, em S. Paulo

to de protesto proprio da manifestação do dia, venceu um outro contra uma torpe mistificação que se pretendia levar a efeito naquela cidade.

Julgando todos pelo estalão do seu caracter debochado, projectaram os tipos que vivem a vida relaxada dos clubs de jogo e de prostituição, e que são bem um simbolo da actual sociedade, realizar uma passeata carnavalesca no dia proletario, pretendendo arrastar para essa glorificação da infamia algumas trabalhadoras, que deveriam substituir nos seus prestitos as desgraçadas prostitutas.

Tal não se fará, disseram os trabalhadores pela voz revoltada de suas associações: Não, não permitiremos que se cometa essa ignominia, ainda que tenhamos de lançar mão da força em sua manifestação mais efectiva.

Diante desta decisão, o chefe de policia participou ao club

Terminou no meio maior entusiasmo o comicio, sendo lida antes, como ficou dito, a seguinte:

MOÇÃO

Considerando:

que a conflagração europeia, preparada, desde muito, pelos governos europeus, e uma consequencia logica e desejada da nefasta politica da «paz armada»;

que a «paz armada», conceito e facto contraditorios de si mesmos, nada mais significa que uma formula enganosa e velhaca, por traz da qual se desenvolveu e se concilidou o mais brutal e o mais pesado militarismo de terra e mar;

que o militarismo, constituido á custa do suor do povo, tem por fim exclusivo manter, internamente, os privilegios das classes capitalistas e governamentais, e, externamente, garantir e dar forças á politica de «expansão economica»;

que a «expanção economica», origin da pela ambição dos poderosos e fruto da má organização do trabalho e da iniqua distribuição das riquezas sociais, do que resulta o monopolio, nas mãos de poucos, de todas as industrias e de todo o co-

beligerantes levados a terminar, no mais breve espaço de tempo, a imensa, ruinosa e detestavel matança que assola as terras da Europa.

A PASSEATA

Terminado o grande comicio, formou-se um longo cortejo, que percorreu as ruas centrais ao canto da «Internacional» e aos gritos de: Abaixo a guerra!, Viva a Internacional dos trabalhadores!, Viva a Paz!, Abaixo o militarismo! e Viva a Anarquia!, carregavam as bandeiras vermelhas das agrupações e varios cartazes e estandartes com os dizeres: «Abaixo a guerra!» — «Viva a Internacional!» — «Queremos a paz!» — «Viver para ser livre ou morrer para deixar de ser escravo!» — «Paz entre nós, guerra aos senhores!» — «Bem estar e liberdade para todos!» e outros.

O cortejo terminou á frente da Federação Operaria do Rio de Janeiro onde ainda falaram varios companheiros.

SESSÕES DE PROPAGANDA

Nas séde da Federação Operaria, União dos Estivadores, S. de R. dos T. em Trapiches e Café e Associação dos Marinheiros e Remadores, realizaram-se, á noite, proveitosas sessões de propaganda, com a presença de representantes de muitas associações, que falaram sobre a data e a questão social.

Na casa de espectaculos Maison Moderne, realizou-se uma sessão diurna, onde os nossos companheiros tiveram ocasião de fazer boa propaganda.

Os seus organizadores, politiqueiros que não contavam com essa atitude consciente dos representantes das sociedades sindicalistas, noticiaram á sua maneira o que lá se passou, contra o que protestaram imediatamente os delegados da Federação Operaria.

MANIFESTO E BOLETINS

As agremiações que compõem a C. P. de A. C. a G. distribuiram um longo e bem elaborado manifesto, que procuraremos publicar em numeros proximos.

Convidando o operariado a comparecer ao comicio do largo de S. Francisco, a Federação

Esta coluna de *A Lanterna* representa, ao mesmo tempo, o lugar do trabalhador adulto em ações combativas no contexto de manifestações pelo centro da cidade e o momento reservado, onde figuravam as crianças com seus cantos recitativos, na Escola Moderna, nos *arrabaldes* da cidade.
(In **A Lanterna,** ano XIV, nº280, 15 de maio de 1915, p.2)

6. ASSIMILAÇÃO, CONTRADIÇÃO?

O ecoar da autonomia como força motriz do ideal social libertário parece desestruturar leituras analíticas que concatenem práticas e concepções teóricas em correspondências diretas, orientando relações fixas de interdependência, muitas vezes hierarquizadas, entre concepções teóricas e ações em si. O corpo teórico do anarquismo não poderia, dessa maneira, ter seu ideário transferido diretamente à militância por meio da imposição de linearidade entre seus pólos teórico e prático. Tal aplicação direta achataria a autonomia dos pensamentos formulados em torno de cada uma das ações, pois mesmo que os anarquistas tenham percorrido uma mesma matriz ideológica, não se impuseram o seguimento de uma doutrina geral de ordem mais abrangente, como frequentemente entre os marxistas (CODELLO, 2007, p.76). Postura que, inclusive, reflete diretamente no pluralismo de correntes existentes no interior da ideologia erigida pelos libertários. Por isso parece ser preciso observar os diversos âmbitos dessa militância como instituições críticas e autônomas, ainda que pertencentes a um mesmo organismo político em constante transformação, pois se avaliava e revalidava constantemente seus ideais e concepções. Cada ação à sua medida, contribuía com pensamento, reflexão e prática para os intentos revolucionários.

Inseridas nessa mesma dinâmica de autonomia e pluralidade, as práticas libertárias de educação se construíram como experirências autônomas que expuseram claramente seus ídolos e referenciais políticos, reafirmando-se na nuvem ideológica configurada pelo movimento libertário, muito embora não se fundamentassem em receituários didáticos, tão pouco na criação de instituições educativas organizadas desde uma sede irradiadora de modelos enrijecidos. Assimilaram as particularidades regionais assim como as discussões que aconteciam em nível internacional sobre os processos educativos, incrementando seus discursos com incessantes transformações.

Em palavras concretas. A Escola Moderna que funcionou em São Paulo não foi jamais uma reencarnação da Escola de Barcelona, assim como a Escola Moderna de Barcelona não foi uma aplicação literal do programa anarquista para a *educação integral*. Entretanto, em ambas, existem fundamentos decorrentes de suas declaradas filiações à pauta político-revolucionária do anarquismo. Mas além de suas similitudes, ao que parece, a experiência deste programa escolar no Brasil esteve associada de maneira mais orgânica às ações dos diversos círculos militantes, fazendo parte de uma rede educativa ampla em que os diversos agentes, e suas diversas práticas, compuseram uma estrutura educativa equilibrada que não atribuiu às Escolas Modernas um papel de centralidade. Para compreender a articulação da Escola de Ferrer com as ações do movimento anarquista de Barcelona, seria necessária uma leitura mais aprofundada sobre o contexto sócio-político da militância libertária espanhola, de maneira que as relações entre a Escola Moderna e outras ações revolucionáras pudessem ser tratadas com mais precisão. Porém, é evidente que a Escola Moderna de Barcelona teve uma força institucional – tanto pela figura militante do próprio Ferrer quanto pela consolidação de seu braço editorial – que lhe conferiu certa centralidade política que as Escolas de São Paulo não desempenharam no conjunto das ações diretas do movimento no Brasil.

§

Ao longo da Primeira República, o que a historiografia aponta como debilidade política da militância libertária – decorrente da falta de domínio do contexto histórico-social brasileiro e, por consequência, do *não reconhecimento de uma questão nacional* (FAUSTO, 1983, p.247; NAGLE, 2001, p.63) – mostra-se apenas como uma de diversas incidências do fato de a classe operária urbana paulistana ter sido constituída majoritariamente por imigrantes. Fato que parece também ter determinado a constituição de uma classe operária *sem vínculos diretos com uma 'cultura nacional', pelo contrário, uma combinação internacional de tradições culturais européias* (HARDMAN, 1983, p.68).

> "[...] convém lembrar que as espécies ideológicas dos países dependentes, qualquer que seja a sua classificação germinaram sempre com o auxílio das sementes importadas. No caso do anarquismo, o papel da importação foi considerável: através dos imigrantes, chegaram ao país não só os intelectuais portadores da ideologia como massas de trabalhadores pelo menos em algum grau tocados por ela." (FAUSTO, 1983, p.63)

Mas em meio ao surto desordenado de industrialização e urbanização de São Paulo, no contexto de uma economia ainda predominantemente agrícola e aristocrática, tão pouco as elites pareciam ter clareza ou concordarem acerca do que seria essa tal *cultura nacional.* As primeiras décadas do século parecem ter conformado um período em que os corpos sociais se formavam e se caracterizavam *pari passu* à disputa pelo espaço político da cidade, assim como a constituição desses diversos discursos captou elementos de um repertório de modernidade coletivo e comum (CESAROLI, 2004; MALTA NETO, 1999) para orientar e consolidar suas práticas.

Tratar dos interesses e da formação cultural da elite que comandou o desenvolvimento da cidade de São Paulo foge dos objetivos desse trabalho. Entretanto, situar como os paradigmas presentes nas reivindicações e projetos da classe operária partilharam do repertório da modernidade contribui para o entendimento dos pressupostos que levaram a educação libertária, no contexto da escola, a orientar-se por certa fuga do contexto das disputas urbanas em nome da livre formação intelectual das crianças em âmbito escolar e social. Isso ao mesmo tempo em que, no dia a dia desta mesma disputa, esteve induzindo a classe operária a militar e a ocupar os lugares da cidade, reafirmando suas reivindicações sociais e lançando luz a seus ideais em atitude não somente combativa, mas de igual modo educativa. Se por um lado os percursos escolares se centraram na vida local, dos bairros do Brás e do Belenzinho, por outro lado, os percursos das manifestações e reivindicações operárias deixavam suas pegadas pelas ruas da colina central da cidade[30]. O ímpeto propagandístico do programa libertário impregnava de finalidades pedagógicas todo o conjunto de ações diretas que, entre suas diversas relações, teve na tomada da cidade e nos projetos escolares dois espaços para apropriação e ressignificação dos lugares de formação cultural e política dos indivíduos.

Por isso, pensar nos lugares da educação no ideário do pensamento libertário impõe um alargamento de mirada que contemple todos os lugares da vida e tente compreender não somente

30. Ver mapas elaborados por Rolnik, 1981.

de que maneira a educação formal se inseria nessa operação, mas inclusive como outros agentes incidiram nesse mesmo processo. A leitura da educação libertária apenas por seus programas escolares (no plural, pois houve outros além das Escolas Modernas) afastaria a percepção do que foi esboçado como um processo integral de formação que sempre problematizou as possibilidades de qualquer transformação feita somente a partir da escolarização, sem considerar o campo social como condição decisiva na formação da classe trabalhadora.

Com efeito, no Brasil, o crescimento das cidades passava, no início do século, pela criação de infraestruturas consideradas elementares para o desenvolvimento nacional, como as redes de transporte, ferrovias e portos, de saneamento e salubridade pública, a construção de tipologias urbanas mais adequadas às aglomerações, incluindo os edifícios escolares que passaram a ser considerados equipamentos essenciais de uma cidade moderna[31]. Independente das características do conjnto de tais ações modernizantes, elas devem ser consideradas como fatores do amplo processo de evolução gradual de ideias que desencaderam, segundo Élisée Reclus (2010b, p.23), *uma educação bastarda, de efeitos entremesclados e contraditórios*.

Mesmo processo que, em outro contexto, Silva (2009) aponta como parte de uma política de educação feita por meio da imposição das transformações urbanas. Relação de causa e consequência que considera a sobreposição desses novos condionamentos urbanos decorrentes da evolução social (entre os quais, a escolarização) na formação do imaginário popular. E aqui, retomando Bakunin, volta a aparecer a relação de interdependência entre a educação e o ambiente social: a mencionada transformação da cidade de São Paulo constituiu novos parâmetros que passaram a incidir diretamente nas práticas revolucionárias e, consequentemente, no discurso de suas instituições educativas.

> "Em meio ao universo fragmentário e diverso da paisagem urbano-industrial em formação, sob o signo do modo de produção de mercadorias, haveria lugar para uma 'comunidade cultural' homogênea e distinta? A nova *raça* de homens que eram obrigados a acorrer ao mercado para colocar à venda sua força de trabalho, em troca de sua mera reprodução – os proletários – teria condições de forjar, no interior da sociedade de classes, um universo coeso e autônomo que já superasse, de início, a representação fragmentária, dispersiva e alienada das relações sociais?"
> (HARDMAN, 1983, p.82)

Ao refletir sobre a reação cultural da classe operária frente aos impasses do cotidiano dos lugares da cidade, bem como na rotina popular marcada pelo inevitável consumo da vida moderna, a ponderação lançada por Hardman reitera a questão sobre o necessário cuidado com a criação de dicotomias na formulação de representações sobre a vida operária. Ou seja, cuidado com o enrijecimento dos discursos, lançando-os a lados opostos e tornando-os inertes, fragmentando os objetivos do organismo social em partes combatentes sem ponderar que as inevitáveis

31. Sobre a questão do ideário de cidade moderna e o desenvolvimento urbano de São Paulo, é interessante o cruzamento de olhares permitido pela leitura paralela das teses de doutoramento de Campos Filho (1999) e Cesaroli (2004). Enquanto a primeira discorre sobre o concatenamento dos diversos planos urbanos, no contexto das políticas públicas oficiais para o reordenamento da cidade até alcançar o Plano de Avenidas de Prestes Maia, a segunda se volta ao expressivo número de reclamações e requerimentos feitos pela população no mesmo período, buscando ecoar a voz de outros atores de um mesmo cenário de modernização urbana.

assimilações não resultam, necessariamente, em contradições, mas de uma existência dialógica da militância libertária com a sociedade em evolução. Implicação de seu inevitável (e imprescindível!) envolvimento nas disputas cotidianas no presente em que aconteceram. Se para alguns pensadores essa interação era negativa, para Reclus (2000, 2011) ela fazia parte do círculo infinito do progresso social e deveria ser considerada no cotidiano das ações revolucionárias.

Por esse caminho, a assimilação da escola também como um dos lugares da educação libertária pode ser lida inclusive como a apropriação de um instrumento de combate, ou seja, como uma das estratégias do combate militante sobre a demarcação de um território na disputa política e social presente na modernização da cidade. Como a tomada de um lugar simbólico do adversário, fosse ele a Igreja ou o Estado. A hipótese da assimilação da escola como uma das instituições da modernidade não afasta as propostas libertárias de educação de seus ideais anarquistas, tampouco as condena ao beco sem saída das contradições. Se o progresso for imaginado como um movimento infinito da sociedade (RECLUS, 2011), pode ser necessário abarcar o desenvolvimento de todas as suas interfaces evolutivas para concretizar a ação revolucionária.

E nesse sentido, dialogar com Élisée Reclus a respeito da importância que ele concede ao encadeamento de pequenas evoluções e revoluções para o progresso social é não somente animador, como inspirador. Para ele, a revolução, assim como a evolução, deveria abraçar o conjunto dos aspectos humanos, pois imaginava todas as formas de progresso social solidárias entre si e, por essa imbricação, deveriam ser consideradas também como parâmetros revolucionários. O programa da arquitetura escolar burguesa como meio de formação cultural das massas populares, nesse sentido, assim como seu programa de arquitetura habitacional (CARPINTERO, 1997), foi assimilado pela classe operária, inclusive pela militância engajada em sua organização política, como fatores do progresso que decorreram da disseminação do sentimento de modernidade entre as sociedades ocidentais, da indiscutível importância sobre o alargamento da salubridade e da higiene espacial para todos os âmbitos da vida pública e privada; e inclusive pelo gosto à qualificação estética do meio urbano. Ao mesmo tempo que foi combativo por promover políticas de exclusão e acentuar hierarquias urbanas (RAGO, 1985).

Se couber qualquer destacamento entre a reflexão e a realidade, talvez não fosse absurdo imaginar que o lugar da educação na sociedade libertária, idealizada no futuro pós-revolucionário, não se realizasse nesse tipo de instituição escolar, pois a defesa da educação como instrumento de ação direta não parecia passar necessariamente pela adoção da escolarização curricular, simbolizada pelos edifícios escolares tal qual foram disseminados ao longo do século XX. O reiterado uso de outros lugares como espaços educativos, bem como o recorrente retorno à natureza como ambiente ideal para o desenvolvimento das inteligências infantis, em contexto sempre determinado pela valorização da observação direta como pedra angular do aprendizado, são algumas das características da pedagogia libertária que deixam brechas para que novas hipóteses venham a ser construídas acerca desse possível deslocamento. Levando-nos à interpretação do lugar primordial da educação libertária como um espaço heterotópico, efêmero e transitório entre o lugar ideal e o lugar-edifício marcado pela escola, instituição criada pela modernidade.

A educação como instrumento da ação direta libertária esteve inserida em âmbito maior que o escolar, usando de espaços coletivos, públicos e privados, para a propaganda dos ideais libertários e visando, além da erupção de um novo ideário entre a população, a sua própria formação cultural. A imprensa libertária funcionou também como um desses espaços. Assim como os salões de reuniões, os clubes, sindicatos, teatros, bibliotecas e as próprias ruas configuravam

também outros lugares dessa formação (HARDMAN, 1983). Não obstante, as páginas periódicas, configuradas também como lugar da educação, estamparam as tomadas de posições libertárias frente ao crescimento, urbanização e modernização de São Paulo. De palavras de saudação a ferozes críticas, colocaram-se como autofalantes entre os operários e livres-pensadores, disparando cotidianamente claras posições políticas acerca da construção da cidade. A observação de como essa imprensa libertária engajada na criação de programas escolares – servindo inclusive como plataforma para o lançamento das Escolas Modernas – abordou as questões urbanas amplificando-as entre seus leitores, tem o objetivo de avançar na compreensão de como, ao fim e ao cabo, as ações da militância libertária, empenhadas na educação popular, trataram o tema da organização dos assentamentos humanos no meio urbano. Encerrar a leitura proposta por essa dissertação com o estudo focado nos programas escolares, sem passar pelo papel desempenhado pela imprensa, seria, a nosso entender, apartar da discussão uma das pernas de sustentação da educação como instrumento de ação direta, uma vez que o uso da imprensa, nesse processo, fez-se essencial. Por isso uma breve aproximação parece ser relevante.

Dentro dessa ambiência educativa, que ultrapassou os portões das Escolas, é possível identificar algumas chaves discursivas principais acerca da tentativa de mobilização social para as questões da organização física da cidade: o higienismo, a especulação imobiliária e o embelezamento da cidade.

6.1 A cidade em A Lanterna

A ascensão da cidade letrada no ambiente urbano paulista de princípios do século XX se manifestou na aquisição de novos modos de viver que, arregimentando outros lugares para o convívio, explicitou o uso da imprensa periódica como instrumentos da propaganda libertária, bem como configurou um dos espaços de confronto entre a elite e os setores populares[32]. Fato é que, em Sâo Paulo, *a leitura dos jornais passou a integrar o cotidiano da cidade* (CRUZ, 2000, p.70), compondo uma faceta cultural de seu processo de formação/tranformação.

Os trabalhos de Rago (1985) e Rolnik (1981), abordam especialmente a questão das transformações urbanas desde a mirada dos círculos operários, tecendo considerações a partir da leitura de suas principais folhas periódicas – *A Terra Livre, A Plebe, La Bataglia, entre outras.* Reconhecem as estratégias de controle científico-político do meio social que, lançando mão da tarefa de desodorização da cidade, ratificaram a construção de um território hierarquizado, dividido. Identificam, na mesma medida, como muitas das edições destes jornais posicionaram suas críticas frente as transformações urbanas, bem como sobre a organização da cidade, denunciando o fracasso das políticas sanitárias e a consolidação de uma geografia do poder. Com a intenção de dialogar com esses trabalhos, e apenas apresentar um esboço sobre esta questão, as edições do periódico *A Lanterna* foram utilizadas como fonte documental para uma leitura sobre

32. . "A imprensa burguesa exerce, sem dúvida, uma grande influência sobre o povo. Ela poderia ser um importante fator na cultura e na formação de sua mentalidade. Mas como está mercantilizada, como o seu fim é exclusivamente o lucro, a sua influência não pode ser mais prejudicial e execrável (A Voz do Trabalhador, 15-7-1908 apud CRUZ, 2000, p.166).

os valores espaciais e urbanos contidos no discurso da imprensa operária, entre 1900 e 1920, com o intuito de contribuir para o entendimento de como se posicionou acerca da modernização da cidade paralelamente ao impulso que dava à educação escolar. O mesmo período de emergência, instituição e fim das Escolas Modernas; as mesmas vozes pelas quais as práticas escolares foram lidas.

> "Anima-nos a idéa de que ainda falta um anno para se findar o mandato da actual camara e que durante esse anno não sómente o dr. Antonio Prado continuará a prestar os seus serviços á cidade de S. Paulo, como tambem muita coisa póde se passar e a camarilha de hoje ser affastada dos negocios publicos e estes entregues pelo povo tão sómente aos competentes e aos honestos e assim o municipio de S. Paulo confiado mais uma vez e por um triennio ao administrador que trabalha actualmente para transformar S. Paulo o que já tem conseguido em parte, numa cidade verdadeiramente civilisada, nivelando-a ás mais adiantadas da Europa."
> (In **A Lanterna**, ano II, n°33, 28 de dezembro de 1903).

O elogio à administração Antonio Prado[33] e as menções de *A Lanterna* – ainda em fase dirigida por Benjamin Mota – às cidades européias como um paradigma citadino e civilizacional indicam parte da herança que a imigração trouxera consigo. Parece aí ecoar um imaginário saudoso. Bem como uma boa acolhida às medidas de saneamento que, como explicitado numa série de artigos assinados por Orion com notícias sobre o Distrito Federal[34], eram defendidas como imprescindíveis para a erradicação de doenças, explicitamente a febre-amarela, fazendo menção favorável ao projeto de higienização da cidade (In **A Lanterna**, ano II, n°24, 16 de novembro de 1903). Contudo, a defesa se apresentava como uma simples aproximação incondicional ao discurso higienista, do higienismo, pois reconhecia que a cidade era endireitada mas restava a rede subterrânea de infecção. Uma triste sina para os operários (In **A Lanterna**, ano III, n°1, 3 de janeiro de 1904): eram recorrentes as denúncias sobre a precariedade dos lugares destinados aos trabalhadores.

Benjamin Mota, em seguidas colunas publicadas ao longo da primeira fase de *A Lanterna* sobre as reformas urbanas promovidas pela administração de Antonio Prado, informava sobre as liberações de verba para obras de infraestruturas públicas da cidade, sobre as concorrências públicas para tais obras, bem como divulgava a autorização de projetos urbanos pela Diretoria de Obras, ratificando sempre a melhoria urbana como algo necessário. Entretanto, essas inserções nunca pressupunham que melhorias urbanas fossem pautadas pelo valor da segregação social, tal como vinham sendo operacionalizadas ao longo da Primeira República, segundo Mota[35].

33. A gestão de Antônio da Silva Prado, como prefeito da São Paulo, aconteceu entre 1899 e 1910. Período em que direcionou um programa de crescimento e embelezamento da cidade, deixando encaminhado um plano de reurbanização desenhado pelo arquiteto Alexandre de Albuquerque. O projeto, não executado, deu origem a uma sequência de outros planos para o centro de São Paulo, entre os quais o de Bouvard. Sobre esse surto inicial de reformas urbanas ver o trabalho de Campos Neto (1999).

34. A primeira fase de *A Lanterna* manteve periodicamente a coluna "A Lanterna no Rio" com notícias sobre o Distrito Federal.

35. Ver: **A Lanterna**, ano II, n°30, 23 de dezembro de 1903; ano II, n32, 26 de dezembro de 1903; ano II, n33, 28 de dezembro de 1903; ano II, n34, 29 de dezembro de 1903; ano III, n°6, 10 janeiro de 1904; ano III, n°14, 22 de janeiro de 1904.

Não obstante leituras feitas sobre outros aspectos, o que concerne aos melhoramentos materiais da cidade talvez não possa ser ratificado somente por uma relação dicotômica entre a decisão de dominantes e a assimilação de dominados. A adoção de parâmetros de higiene, decorrentes de uma abordagem científica sobre a questão da aglomeração social em meios urbanos[36], determinou o desenvolvimento de infraestruturas voltadas à evolução do espaço das cidades em tipologias mais adequadas às novas demandas da sociedade industrial. Na mesma raiz, o desenvolvimento das tipologias habitacionais se voltou também ao atendimento de novas necessidades da vida urbana. Uma vez que o crescimento demográfico e territorial determinava novos paradigmas para o bem-estar, pois é inegável que da urbanização/industrialização de São Paulo decorreram novas condições de trabalho e deslocamento, era inevitável que a assimilação de outros parâmetros para as tipologias de espaços públicos e privados acontecesse devido à real necessidade e emergência de outros fluxos conformadores da cidade. Entretanto, houve também o uso do saber para acentuar a relação de hierarquia social, que na cidade, resultou em uma política de diferenciação e na segregação urbana entre as classes médias e altas e os trabalhadores (BRESCIANI, 1994; RAGO, 1997; ROLNIK, 1983).

Porém na década seguinte, o tom das palavras que celebraram o acontecimento urbano em *A Lanterna* ganhou outro caráter[37]. A espera pela chegada do embelezamento nas áreas proletárias foi frustrada e fez com que a voz da denúncia sobre as condições de habitabilidade nas zonas operárias gritasse ao lado das denúncias trabalhistas.

Uma sequência de artigos, assinados por Araré[] e intitulados "O progresso de S. Paulo", foi publicada ao longo do primeiro semestre de 1912. A sequência de textos foi apresentada desde a crença na união entre *o governo do Estado, a Câmara Municipal de S. Paulo e os grandes argentários paulistas* para a construção de vilas operárias, *cujas casas fossem salubres e relativamente baratas, onde os operários descansassem de seus labores e fadigas cotidianas* (In **A Lanterna**, ano

36. A esse respeito, ver o segundo texto da sequência de artigos, intitulados "A propósito do pensamento científico de Herbert Spencer", sobre a temática da salubridade dos assentamentos humanos (In **O Amigo do Povo,** ano III, nº53, 14 de maio de 1904). Em um informe, este sobre a cidade de Santos, a sujeira da cidade se associava à presença de ratos e ao risco de uma epidemia de peste bubônica (In **A Lanterna**, ano II, n°28, 21 de dezembro de 1903).

37. Dado curioso está no reconhecimento de que a sede da redação do periódico se situava nas imediações do triângulo histórico: Rua da Quitanda, ao longo da primeira fase; Largo da Sé, ao longo da segunda. Em 1914, a sede do periódico (então sede também do Comitê Geral das Escolas Modernas / Sociedade Escola Moderna) se mudou provisoriamente para a Rua 11 de Agosto e, em seguida, mudou-se definitivamente para a Rua 21 de Abril, situada no bairro do Brás (In A Lanterna, ano XIV, n°281, 10 de julho de 1915). Como hipóteses para a mudança, anunciada em razão de reformas por que tem de passar com urgencia o predio onde temos ha anos a nossa redação (In A Lanterna, ano XIV, n°278, 10 de abril de 1915) é possível imaginar duas circunstâncias. Primeiro, a instabilidade econômica determinada pela guerra e que nitidamente se fez sentir no jornal sua periodicidade a quinzenal, e logo depois a mensal, até que A Lanterna viesse a publicar seu último número em novembro de 1916. A sede do periódico *A Lanterna* , em sua segunda fase, mudou-se para o bairro do Brás, entre outras razões, pela especulação imobiliária causada pela obra de construção da Catedral da Sé que, provavelmente, não somente resultou na valorização do imóvel (que de repente precisou passar por *reforma emergencial*), como gerou certo incômodo entre os mandatários da obra por ter a sede de uma *folha anticlerical* instalada nos arredores de um edifício religioso de tal magnitude, haja vista os ataques que *A Lanterna* fazia à Igreja e também à obra em si da Catedral (*Desastre nas obras da Cathedral* In **A Lanterna**, ano XIII, nº254, 02 de agosto de 1914).

XI, n°131, 23 de março de 1912), contra o regime dos *grandes generais* da Igreja que em nada contribuíam para o progresso da cidade, acusando-lhes de somente aproveitarem da condição insalubre da população para fortalecer seu poder. O conjunto do texto faz contraposição entre a reunião de recursos para a construção da Catedral de São Paulo, no Largo da Sé, representando a afirmação simbólica do poder da Igreja em pleno centro da cidade, e o uso do mesmo capital em benefício da população operária. Araré reproduz as palavras do arcebispo de São Paulo ao apresentar aos argentários paulistas o projeto da catedral.

> "Essa planta, disse o illustre arcebispo, teve os applausos do architecto — Bouvard — e mereceu a approvação da — Academia de Bellas Artes — de Berlim, cujas indicações foram aproveitadas com talento e habilidade pelo sr. dr. Max Hehl, autor do projecto e professor de architectura da Escola Polytechnica de S. Paulo."
> (In **A Lanterna**, ano XI, n°133, 5 de abril de 1912)

O texto faz ojeriza de qualquer crença no aparato ideológico da igreja católica e proclama a força do operariado como *único elemento que fará mover todos os interesses sociais, estabelecendo entre toda humanidade a Santa e Humanitária Trindade: – Liberdade, Igualdade, Fraternidade, única base do bem-estar e felicidade de todos os povos que caminham em procura de seu próprio progresso* (In **A Lanterna**, ano XI, n°139, 18 de maio de 1912), demonstrando apreço por uma organização popular que se fizesse representar *por um grande partido político operário.* Nessa sequência de textos, a representação política do operariado junto ao Estado foi defendida como fundamental para que construções como a do *tamanduá bandeira*, apelido atribuído ao Teatro Municipal, não fossem priorizadas pelo orçamento público em detrimento da construção de habitações dignas para os trabalhadores.

> "[...] elegendo seus candidatos e que sejam amigos da classe, escolhendo entres elles os mais aptos legisladores, verdadeiros Lycurgos que conheçam a necessidade da patria, e que se interessem pela felicidade e bem estar de seus concidadãos. Quando a classe operaria chegar a tal estado de relativa autonomia, então haverá leis protectoras da classe que obrigue os grandes industriais a edificar villas operarias, construindo casas modestas, mas salubres, banhadas internamente de ar e luz, onde o operário possa rehaver suas forças gastas durante o dia, e criar sua prole, sadia, forte e robusta, o que não se dá presentemente, por falta de habitações em condições apropriadas para esse fim. O que vemos actualmente são uns casebres — pois que não merecem o nome de casas — sem salubridade, sem ar sem luz, onde se vê a prole dos operários que as habitam, enfezada, anêmica, rachitica, atrophiada, depondo contra a salubridade de uma cidade que se acha collocada em um ponto maravilhoso, quer encarado pelo lado topographico, como pela sua posição geographica [...] não havendo motivo para que a capital seja uma cidade insalubre. O que ha é falta de casas hygienicas para habitação das familias dos operários; dando-se ainda o facto de habitar em pequenos casebres elevado numero de pessoas que não pode comportar seu ambiente [...]
> (In **A Lanterna**, ano XI, n°144, 22 de junho de 1912)

Outro conjunto de denúncias sobre as condições de habitabilidade dos bairros operários foi publicado nas colunas dedicadas à campanha *Contra a carestia da vida*, para a qual uma Liga Popular foi fundada em reunião pública de maio de 1912, a partir de moção proposta por Edgar Leuenroth e Paulo Cruz, com a finalidade de organizar uma agitação por toda a cidade para combater o aumento dos aluguéis, bem como dos gêneros de primeira necessidade.

A adesão à agitação foi crescente e a repressão não tardou a aparecer. O grande comício

que seria realizado no Largo de São Francisco, em 20 de abril de 1913, foi proibido e a *cidade foi transformada em uma praça militar*, não deixando espaço para que qualquer manifestação acontecesse no centro, ainda que comícios permanecessem permitidos *pelos arrabaldes*. A ocupação da área central por manifestações esteve focada no histórico Largo de São Francisco, que se tornou ponto rotineiro de comícios, *onde oradores acadêmicos, ao lado de líderes operários, defendiam do direito destes a um tratamento mais humanos e a um pedaço de pão para seus filhos* (PENTEADO, Jacob. 2003, p.138).

> "Dos fundos dos arrabaldes onde vive o povo encurralado pelas ruas, faltas de limpeza e de qualquer higiene, tendia o movimento a ganhar o centro luxuoso e bem tratado [...] Como? Neste centro de riquezas, onde grandes palacetes dominam a cidade do alto das ricas avenidas, onde as fortunas já vão atingindo proporções fabulosas, onde se constroem teatros e catedrais de milhares de contos o povo se atreve a pretender apregoar miserias em pleno centro, por onde perambulam os touristas encarregados de ir espalhar as nossas grandezas lá por fora?!"
> (In **A Lanterna**, ano XII, nº188, 26 de abril de 1913, p.2)

A intersecção entre os discursos deflagra, dessa maneira, a comunhão de certos valores ambientais nas falas sobre a importância do desenvolvimento e modernização da cidade que, perante as justas reivindicações operárias, deveria ser um processo deveras democrático e respeitoso à vida do trabalhador. O que esteve em jogo foi o questionamento sobre a priorização de políticas voltadas para o bem-estar urbano da população mais rica da cidade e não um questionamento sobre os valores estéticos e espaciais desde os quais a cidade se reconstruía.

Com o foco sobre a cidade, como o entrelaçamento entre essas plataformas educativas pode deflagrar uma proposta de formação cultural acerca dos valores, das práticas e dos assentamentos urbanos, no presente e no futuro da cidade libertária que os anarquistas se propuseram a construir? Em plano conceitual e também metodológico, dentro e fora do âmbito escolar, a apreciação de como as atividades destes militantes se agenciavam em torno de uma formação para o entendimento e construção, mútuos, das cidades conclama a encontrar paradigmas desde as quais possam ser interpretadas. E que paradigmas seriam esses? Com base nessa brevíssima leitura feita sobre as edições de *A Lanterna*, a formação cultural pontuada cotidianamente pelos periódicos, destinados à formação cultural da classe trabalhadora, demonstra uma preocupação com os espaços urbanos no sentido de democratizá-los. Em nenhum momento, foi observado qualquer chamamento aos trabalhadores para a fundação de uma cidade utópica, alheia ao sistema e às dificuldades existentes e latentes na cidade industrial real. Ao revés, fica evidente que a conquista da cidade, de seus elementos propiciadores de bem-estar social, de suas infraestruturas representativas de progresso, era o objetivo das disputas encaminhadas pelos grupos libertários. Porque dentro do conjunto das fontes documentais utilizadas, a forma da cidade utópica que costumeiramente se associa à sociedade comunista, pós-revolucionária, simplesmente não foi mencionada nem sequer em notas de rodapé.

Mas apesar de haver aceitação dos padrões de embelezamento oficiais, visto como uma das faces do complexo conjunto de melhorias urbanas, não há sinal de ratificação desses lugares como espaços ideais, ao contrário, as ruas do triângulo histórico de São Paulo foram tomadas por constantes manifestações. Era o espaço embelezado o lugar do combate político, cultural e educativo, não o lugar da educação escolar. E contradição seria se as saídas escolares tivessem se imbuído com objetivos de ampliar o repertório pitoresco de seus alunos levando-os a passeios que

se detivessem na fruição das obras de embelezamento ou na admiração da arquitetura do Teatro Municipal, construído entre aqueles anos, de maneira a incutir em seus imaginários valores estéticos e de sociabilidade.

> "Ainda que as escolas, propriamente ditas, tenham, elas também, realizado sua evolução no sentido do verdadeiro ensinamento, elas possuem uma importância relativa, bem inferior à da vida social ambiente. É certo, o ideal dos anarquistas não é suprimir a escola, ao contrário, fazê-la crescer, fazer da própria sociedade um imenso organismo de ensinamento mútuo, onde todos seriam simultaneamente alunos e professores, onde cada criança, depois de ter recebido 'noções de tudo' nos primeiros estudos, aprenderia a desenvolver-se integralmente, segundo suas forças intelectuais, na existência por ela livremente escolhida." (RECLUS, 2002, p.108).

A vivência de sociabilidades, seja no cotidiano laboral dos bairros operários ou do espírito combativo presente na tomada das ruas por manifestações, associou-se a uma constante busca por lugares de aproximação a certa ambiência natural para criar, a partir da veiculação ideológica proposta pelos jornais e escolas, o conjunto de lugares da formação cultural, da educação libertária da classe trabalhadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa que previa apenas retomar os lugares da educação libertária acabou por derivar-se por um emanharado de questões. Primeiro, pelo próprio debate da educação no curso histórico do anarquismo. Seus pensadores não viram a educação como uma prioridade de modo unânime, tampouco formularam um projeto coeso, dados os diferentes desenvolvimentos que surgiram e as diversas iniciativas militantes que houve pelo mundo. Depois, outras questões decorreram do questionamento logo inicial do caráter anarquista da proposta pedagógica da Escola Moderna de Barcelona (MORIYÓN, 1986), desde a qual a Escola Moderna, em São Paulo, projetou suas linhas educativas sob a direção de um militante seguidor de Alan Kardec – o jauense João Penteado (PERES, 2010). Este, outro fator que, por fim, fez com que as leituras dos lugares da educação nas Escolas Modernas ganhasse outras perspectivas, deixando pouco espaço para interpretações objetivas e lineares sobre as práticas educativas em foco.

Independentemente de como cada militante tenha se encaixado ou desencaixado, fato é que as Escolas Modernas anarquistas se constituiram como uma ação revolucionária com o intuito de emancipar a formação infantil, dissipando todo e qualquer traço de dogmatismo religioso ou cívico-republicano. E também se constitui como um fato, a proposta de educação libertária destas Escolas ter derivado do projeto de educação integral, formulado pela linha teórica do anarquismo clássico. Mas em que lugar o aprendizado aconteceria nesta educação? Pelo que se pôde observar, nem Proudhon, nem Bakunin, nem Paul Robin, nem Kropotkin, nem Reclus, dedicaram-se a especificar esse lugar. Eles apenas teceram ideias sobre suas funções sem dedicar tempo em caracterizações expressivas sobre o que deveria ser um ambiente educativo especializado. Ou seja, a ideia de educação não parecia estar associada à imagem de um lugar-edifício, mas sim dedicada a formular o que deveria ser o desenvolvimento intelectual, físico e moral das crianças.

Foi com a prática educativa, primeiro no orfanato Prevost, dirigido por Paul Robin, e anos depois com a Escola Moderna de Barcelona, entre outras experiências pontuais, que a educação se tornou, inevitavelmente, um programa espacial entre os anarquistas. Robin, como diretor do orfanato público na França, destacou a importância do meio natural, enfatizando os fatos e o ambiente da natureza como contexto propício para o aprendizado e alcance dos objetivos da educação integral: desenvolvimento intelectual, físico e moral. Nesta experiência educativa, a observação já se destacava como um mecanismo central do aprendizado (GIROU, 1900), ou seja, as dinâmicas pedagógicas afastavam-se da figura do educador, bem como do confinamento en sala de aula, para buscar possibilidades educativas em que os alunos fossem mais ativos e conscientes no direcionamento do próprio aprendizado.

Mas ora, observação de quê? Em uma proposta educativa fundamentada pelo afastamento de todo tipo de dogmatismo que pudesse induzir o aprendizado, aprender observando incidiria necessariamente em vivenciar "fatos reais". Por isso o contato com as dinâmicas próprias da vida e dos fenômenos naturais era enfatizado por sua capacidade de provocar o raciocínio infantil sem condicioná-lo a valores sócio-culturais – necessariamente desprovidos de neutralidade moral – que, segundo acusação anarquistas, impregnavam os conteúdos escolares determinados pelo Estado e pela Igreja. Entretanto, há que considerar a inexistência de neutralidade em qualquer discurso educativo e, neste caso, a educação libertária como instrumento revolucionário de uma ideologia política internacional, com bases conceituais claramente estabelecidas, que nunca se

pretendeu neutra porque sempre esteve a serviço de uma transformação social específica e distante dos preceitos sociais do progresso positivista.

A ênfase na observação como procedimento central do aprendizado, da mesma maneira, marcou os discursos pelo "ensino ativo", contrários aos métodos da educação tradicional em que o aluno aprendia passivamente, sobretudo, por meio da palavra do professor. Nos anos finais do século XIX e início do XX, diversos pensadoradores da educação questionaram o tradicionalismo da sala de aula, lançando críticas e propostas que contribuiram para formular o que deveria ser uma medotologia moderna e ativa.

Mas esse movimento de renovação, que abarcou pensadores de diversas matrizes ideológicas, não previa necessariamente a mesma observação de "fatos reais" – como possivelmente previram os libertários – mas um processo em que observar se constituía uma primeira etapa da experiência própria do aluno, ativo em seu aprendizado. Entre as correntes educativas progressistas, os conteúdos morais não estavam em questão, tampouco a veracidade do ambiente, mas o processo de aprendizado em si (Leopoldina Bonnard In Boletín de la Escuela Moderna, ano V, n°1, 30 de setembro de 1905). De modo que da adesão ao método das lições de coisas, da disseminação do método intuitivo, à difusão de edifícios escolares com seus programas especializados para o aprendizado, os avanços das discussões sobre a renovação pedagógica transformou o lugar da educação em um lugar institucionalizado, em um projeto onde fatos pudessem ser emulados com o objetivo de propiciar experiências ao longo de toda a educação infantil. Condição que criou, inclusive na mais periférica das práticas, a necessidade de salas de aula do tipo laboratório, equipadas com globos terrestres, mapas, microscópios, e todo um conjunto de instrumentos pedagógicos, como jogos e, inclusive, livros, voltados especificamente para o ensino. Um conjunto de metodologias no qual as saídas escolares eram previstar como mecanismos capazes de levar alunos a observar e vivenciar determinadas realidades sócio-espaciais além das margens do lugar-escola.

De maneira geral, a verificação da presença da matriz ativa das novas pedagogias entre as metodologias libertárias, que também se configuravam na passagem do século XIX para o XX, aponta inicialmente para um suposto paradoxo, uma vez que realmente causa estranhamento qualquer tipo de aproximação entre progressistas e libertários. Contudo, não se trata de uma aproximação. O que houve foi o compartilhamento de um mesmo momento histórico que, por suas características político-culturais, centrou seus esforços na formulação de uma certa modernidade pedagógica. Libertários, progressitas e outros grupos, por compartilharem o mesmo clima de renovação pedagógica, fizeram uso dos mesmos instrumentos de ensino[1] e, em certos casos, inclusive de uma mesma linguagem educativa. A questão central, fundamental para entender um e outro discurso, é o reconhecimento dos objetivos para os quais cada qual lançou suas propostas de educação. E aí, a história é outra.

Apesar deste aparente paradoxo, a recusa pelo aprendizado tradicional fundamentou a

1. Assim como igualmente defenderam a evolução industrial e o uso das máquinas para incrementar os fazeres humanos. Um processo de apropriação da modernidade que o anarquista Elisée Reclus, vale a pena enfatizar, defendeu como um dos fatores da noção sobre o progresso social que formulara (RECLUS, 2011).

organização das atividades didáticas da Escola Moderna, tanto em Barcelona como em São Paulo. E é preciso, mais uma vez, reiterar a autonomia com a qual a brasileira Escola Moderna nº1 conduziu a organização dos fundamentos do pensamento libertário, ora atribuindo mais peso a certas variáveis, ora a outras.

Em Barcelona, a Escola parece ter assumido uma função revolucionária muito mais autogerida, concatenando ações diretas da militância espanhola de forma centralizadora e constituindo-se, por fim, como um ponto nodal do movimento anarquista na Catalunha (MARÍN SILVESTRE, 2009; ROMERO MOURA, 1974). Abraçou o discurso sobre as renovações metodológicas sem deixar de importar-se com os lugares da natureza, conforme relatado ao longo do segundo capítulo. Contudo, posicionou-se claramente no epicentro das lutas dos trabalhadores, marcando seu lugar no centro urbano da cidade e não em zona rural, periférica.

Por sua vez, como apontado no capítulo final, em São Paulo, a articulação entre as Escolas Modernas e outras organizações libertárias caracterizou de outro modo o programa da educação como ação direta nas práticas anarquistas. Enquanto os jornais libertários assumiram o papel de veículo da formação político-cultural, em âmbito essencialmente citadino, a Escola Moderna n°1 enfatizou seu programa escolar como um processo essencialmente fundamentado no crescimento orgânico da criança, em meio à sociabilidade dos bairros operários. Bairros que, simultaneamente, eram residenciais e industriais, que igualmente se urbanizavam, mas se mantinham além dos limites da colina histórica, lugar onde o poder das elites se manifestava em sociabilidade, infra-estruturas e disponibilidade de serviços. Aqui a Escola Moderna não se impôs a tarefa de ocupar o centro da cidade, mas sim de promover atividades de educação e sociabilidade – haja vista as festas e outros encontros que promovia – entre os círculos propriamente operários.

Entre essas e outras diferenças, as Escolas, respectivamente conduzidas por Francisco Ferrer e João Penteado, delinearam com autonomia suas práticas educativas, fazendo uso de variáveis pedagógicas bastante semelhantes, mas construindo experiências únicas dentro dos contextos nos quais aconteceram. E, independente das inevitáveis diferenças, circunstanciadas pelas condições materiais com as quais as Escolas colocaram em marcha seus propósitos, é interessante notar como em ambos os casos as saídas escolares revelam traços significativos de como a pedagogia libertária se apropriou do espaço dos lugares em cada um de seus cotidianos educativos: partiam do pressuposto que o aprendizado se daria essencialmente pela observação da realidade, e não de cenários educativos. Porém, não uma realidade fortuita, porque, na maioria das vezes, configuravam-se como saídas a lugares previamente estabelecidos, ou seja, partiam inevitavelmente de uma intenção inicial de observar algo determinado. A Escola Moderna de Ferrer insistiu em certos temas e espaços institucionalizados, levando o aprendizado para o interior de fábricas e outros espaços, sempre marcados pela rotina do trabalho operário contraposta ao uso de máquinas que delineavam a importância da ciência e do progresso para a vida social.

Em São Paulo, a pedagogia libertária foi descentralizada e estruturada para além das ações escolares, contando com o círculo libertário como um todo para promover o processo de formação popular. Tenha sido por questões econômicas, ou por decisões políticas, fato é que a Escola Moderna de São Paulo, dirigida por João Penteado, compartilhou sua função educativa com outros instrumentos da ação direta: a imprensa operária, os círculos e ateneus, as próprias

manifestações. E nesse contexto, bastante distinto da posição de centralidade da Escola Moderna de Barcelona, João Penteado parece ter apostado muito mais na vivência de heterotopias como lugares do aprendizado – buscadas nas derivas pelos bairros operários, nos lugares demarcados pelas falas impressas em periódicos, na tomada das ruas por sucessivas manifestações – que direcionado suas atividades escolares para a apreensão de um discurso eminentemente ideológico. Muito embora deixasse clara a busca por lugares presentes entre uma certa idealidade e a vida real do cotidiano da classe operária .

Em razão da mencionada associação entre as Escolas de Sâo Paulo e outros grupos libertários, representada pela própria constituição da Sociedade Escola Moderna, que esta pesquisa aproximou o papel da formação escolar à função dos periódicos libertários também como instrumentos da educação popular. Porque apenas a leitura isolada das atividades da Escola Moderna nº1 – sobretudo das saídas escolares – acabaria por construir uma ideia excessivamente parcial sobre a intenção educativa deste projeto libertário, dado o caráter acentuadamente organicista que João Penteado imprimiu em suas atividades escolares que, inclusive, em primeiro momento, impôs à investigação certo estranhamento por sua postura educativa tão afastada de conteúdos políticos, quando contraposta à enfática ideologia combativa que orientou as saídas escolares da Escola de Barcelona. Situar o papel dos periódicos libertários em tal processo de formação foi, assim, imprescindível para perceber que estes desempenharam uma tarefa educativa, talvez, mais importante que as escolas anarquistas de São Paulo. Dessa maneira, o entendimento da imprensa como parte inerente da educação libertária concedeu outra complexidade ao projeto brasileiro de formação popular como ação direta revolucionária, uma vez que permitiu situar seu teor político no equilíbrio entre elementos de um projeto educativo estabelecido muito além dos limites escolares.

O que pareceu, a princípio, ser uma proteção excessiva do desenvolvimento da criança, transformou-se pela perspectiva de perceber que o processo de formação, como um contínuo, que seguiria entre reinvidicações, manifestações e textos panfletários, no espaço de uma cidade que deveria ser conquistada. Esse aparente parodoxo entre os procedimentos educativos de cada um dos casos analisados revela, na verdade, uma face importante da autonomia com a qual o projeto libertário de educação dirigiu seus esforços no Brasil.

Fosse pelo retorno à natureza, pela escolha da ambiência dos bairros operários, ou pela tomada das áreas centrais por meio de manifestações, o imaginário da educação como instrumento da ação direta libertária não parecia considerar imprescindível que o aprendizado necessitasse de em um lugar idealmente construído, desde um programa estritamente estabelecido[2] , para materializar-se. Não obstante o uso das escolas como lugares-edifícios especializados, que mais pareceram ser uma assimilação da modernidade que propriamente um fundamento da educação libertária. E, nesse sentido, a observação e a experimentação de "fatos reais" sim parecem ter sido chaves que perpassaram o cotidiano das atividades educativas como um todo. Além de todas

2. Como o panótiptico de Bentham se destinava a vigiar, classes se centralizavam na figura do professor e do quadro-negro; como centros comerciais se destinam ao incentivo ao consumo e como quartos de motel se destinam a "lua de mel" (FOUCAULT, 2002; 2004; 2008).

as menções teóricas sobre a importância das crianças experienciarem ambientes reais, o caráter das saídas escolares – que se mantiveram como atividades escolares permanentes – permite uma aproximação do lugar da educação libertária ao que Michel Foucault caracterizou como heterotopia: um espaço-tempo efêmero situado entre a idealidade utópica e a realidade.
Este, por fim, pode ser outro dos paradoxos encontrados no emaranhado das questões com as quais a pesquisa se debateu uma vez que o objetivo de institucionalizar a educação em um lugar-escola conviveu com o princípio libertário que acreditava na tomada dos lugares dos acontecimentos sociais como cerne de seus parâmetros educativos.

Toda essa discussão se refere exclusivamente à leitura dessas experiências educativas por seus parâmetros metodológicos, ou seja, pela forma com a qual os programas de educação libertária se apropriaram de diversos lugares para desenvolver suas atividades de formação[3] . Há, finalmente, o que poderíamos chamar de "conteúdos" referentes ao espaço e organização da cidade no interior destas propostas de educação.

Antes que um ideal citadino, com expressões utópicas acerca de formas urbanas, o que se lê entre os escritos libertários se inscreve em ideais sociais voltados à organização de uma sociedade igualitária e solidária. E parece não caber ideias que falem em construir uma cidade, antes que se construísse tal sociedade. Como então a educação libertária tratou os temas concernentes à cidade? Dos conteúdos das atividades escolares em geral, bem como das conferências diversas, daqui e dali, das reinvidicações estampadas em artigos de jornais, e entre algumas das preocupações expressas em textos teóricos, parece ter havido algumas manifestações bastante específicas sobre um pensamento de cidade. A primeira delas, volta-se a reflexões sobre a importância de disseminar, de maneira tanto científiica quanto possível, conhecimentos acerca da salubridade urbana, com abordagens sobre iluminação, ventilação, limpeza, entre outras tantas questões consideradas, inclusive pelos libertários, como fatores de evolução propiciados pelo acúmulo de saberes ao longo da história social. Em outras manifestações sobre a cidade, a função do trabalho desde o equilíbrio entre atividades intelectuais e manuais, bem como de relações de ajuda mútua entre os homens, foram considerados parâmetros de civilidade inerentes às formas urbanas ideais. Por fim, manifestações de combate à discriminação urbana, à imposição de regras rígidas para organização dos lugares dos trabalhadores, lutando por condições de igualdade no acesso a infra-estruturas e ocupando os lugares das elites, seja com manifestações ou pelo uso de seus espaços públicos.

Dessa maneira, como demonstraram suas atividades educativas, ensinar sobre a construção de cidades libertárias não significaria expor crianças a um repertório estético-historicista de aulas arquitetônicas, mas nelas despertar a percepção de que a sociedade é um organismo que se vive e se ergue coletivamente e que, da mesma maneira, a construção de sua cultura material se daria por relações não hierárquicas, de respeito e solidariedade.

3. A identificação desses parâmetros foi subsidiada pelas três perspectivas interpretativas apresentadas, no início da introdução, como elos de observação entre os campos da educação, da arquitetura e do urbanismo: a concepção do edifício escolar, o uso do espaço escolar como instrumento de ensino, o aprendizado pela experiência do meio.

REFERÊNCIAS

ANTICH, José. **La pedagogía de Francisco Ferrer.** Barcelona: Casa Editorial Publicaciones de La Escuela Moderna, 1915.

ARVRON, Herni. **El anarquismo en el siglo XX.** Madrid: Taurus Ediciones S.A, 1979.

ASSAD, Carlos Martínez (org.) **En el país de autonomia.** México D.F.: Ediciones El Caballito, 1985.

BAKUNIN, Miguel A. **La instrucción integral.** Barcelona: Carlarnus, 1979.

BECHERINI, Aurélio. **Aurélio Becherini.** São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

BENCOSTA, Marcus Levy Alvino (org). **História da educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

BERTUCCI, Liane Maria. "A ameaça iminente – As epidemias. Um Momento: Varíola – 1908" In BRESCIANI, Stella (org.) **Imagens da cidade. Séculos XIX e XX.** São Paulo: ANPUH/FAPESP/Marco Zero, 1994 (p. 77-91).

BRESCIANI, Stella. **Imagens da cidade: século XIX e XX.** São Paulo: ANPUH/FAPESP/Marco Zero, 1994.

_____ *Imagens de São Paulo: estética e cidadania.* In: FERREIRA et al. (org.) **Encontros com a história: percursos historiográficos e históricos de São Paulo.** São Paulo: Editora Unesp, 1999 (p. 11-45)

BUFFA, Ester & PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas.** São Carlos: Edufscar, 2002.

CALPE, Enrique Belenguer. **El naturalismo pedagógico**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

CAMPOS NETO, Cândido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo.** Tese de doutoramento. São Paulo: FAU-USP, 1999.

CANNALS, Salvador. **Los sucesos de España en 1909.** Madrid: Imprenta Alemana, 1911 (Tomo II).

CAPPELLETTI, Angel J. **Francisco Ferrer y la pedagogía libertaria.** Madrid: Editores Mexicanos Unidos, 1980.

CARPENTERO, Marisa Varanda T. **A construção de um sonho. Os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil.** Campinas: Editora Unicamp, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CALDEIRA, Mario Henrique de Castro. **Arquitetura para a educação: escolas públicas na cidade de São Paulo (1934-1962).** Tese de doutoramento. FAU-USP. São Paulo, 2005.

CALSAVARA, Tatiana. **Práticas de educação libertária no Brasil: a experiência da Escola Moderna em São Paulo.** Dissertação de mestrado. São Paulo, FE-USP, 2004.

CEDAC. **Livro do diretor: espaços e pessoas.** São Paulo: Cedac, 2002.

CODELLO, Francesco. **A boa educação. Experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil.** São Paulo: Imaginário/Ícone, 2007 (Volume 1: A teoria).

CONDORCET; PARAF-JAVAL; VOGT. **Elementos de Artimética.** Barcelona: Editorial de la Escuela Moderna, 1905.

CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão (org). **Arquitetura escolar paulista: 1890-1920.** São Paulo: FDE, 1991.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. *A educação escolar no antigo distrito federal nos anos 30: a formação de hábitos cívicos, belos e sadios.* In: XXVIII Reunião Anual da ANPED. Caxambu. p. 1-17. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT02/GT02-144~Int.rtf> Acesso em: 07/11.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915.* São Paulo: EDUC, FAPESP, Arquivo do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial SP, 2000.

DE BUEN, Odón. **Nociones de Geografía física**. Barcelona: Editorial de la Escuela Moderna, 1905a.

_____ **Las Ciencias Naturales en la Escuela Moderna. Pequeña Historia Natural**. Barcelona: Editorial de la Escuela Moderna, vols. I y II, 1905b.

DELGADO, Buenaventura. **La Escuela Moderna de Ferrer y Guardia.** Barcelona: Ediciones CEAC, 1979.

_____ Ferrer y Guardia y la pedagogía anarquista en Barcelona. In **Revista História y Vida**, ano VI, número 68. Gaceta Ilustrada S.A, Barcelona-Madrid: novembro, 1973.

DELON, Carlos. *Educação infantil.* In **A Lanterna**, ano X, n°68, 1911.

_____ *Methodo de ensino* In **A Lanterna**, ano X, n°69, 1911.

DOMMANGET, Maurice. **Los grandes socialistas y la educación: de Platón a Lenin.** Madrid: Editorial Fragua, 1972.

DUBOIS, Patrick. *O Dictionnaire de pédagogie et d´instruction primaire de F. Buisson (1878-1887 e 1911), Bíblia da escola republicana.* In **Revista de História da Educação.** ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (9):59-76, abril de 2001.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social.** São Paulo: Difel, 1983.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil. 1880-1920.** Petrópolis: Vozes, 1978.

FERREIRA, Avani & MELLO, Mirela (org). **Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960.** São Paulo: FDE, 2006.

FERRER, Sol. **La vie et l´ouvre de Francesc Ferrer. Un martyr au XXeme siècle.** Paris: Librarie Fischbacher, 1962.

_____ **Le veritable Frances Ferrer d´aprés des documents inédits, par sa fille.** Paris: L´Ecran du Monde, 1948.

FERRER i GUÀRDIA, Francesc. **La Escuela Moderna: póstuma explicación y alcance de la enseñanza racionalista.** Barcelona: Tusquet, 1976.

_____ *A renovação da escola* In **A Lanterna**, São Paulo, ano IV, *n°3-8*, 1909. [Orignalmente publicado em *L'École Rénovée*, órgão da Liga Internacional para Educação Racional da Infância]

_____ *Racionalismo humanitário* In **A Lanterna**, São Paulo, ano X, n°53, 1910.

FRANCESCHI, Anntonio Fernando (org.). **Cadernos de fotografia brasileira. São Paulo 450 anos.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

FREYBERGER, Adriana. **A construção do ambiente educativo: uma pesquisa-ação colaborativa em um Centro de Educação Infantil**. Tese de doutoramento. São Paulo: FE-USP, 2005.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Prefácio. São Paulo: Martin Fontes, 2000.

_____ Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 2008.

_____ **Vigiar e punir.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____ *Outros espaços.* In **Ditos e escritos.** Volume III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p-411-422.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira (coord.) et al. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia. (org.) **Cidade Educadora. Princípios e experiências.** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

GALLO, Silvio. **Pedagogia libertária. Anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Editora Imaginário, 2007.

_____ *Educação e liberdade: a experiência da Escola Moderna de Barcelona.* In **Pro-posições**, Vol. 3, nº 3 [9], dezembro 1992.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez, 1987.

GIROU, Gabriel. **Cempuis: education intégrale**. Paris: Scheleider Frères Editeurs, 1900.

GOLDMAN, Emma. **Francisco Ferrer y la Escuela Moderna**. Marxist Internet Archive, 2010. Disponível em: <www.marxists.org/espanhol/Goldman/1910/003.htm> Acesso em: 11/12.

GOSSI, Inez dos Santos. **Experiência artístico-estética como experiência educativa: a necessidade de superar antagonismos.** Tese de doutoramento. São Paulo: FE-USP, 2009.

GRANELL, Carmen Gómez; VILA, Ignacio. **A cidade como projeto educativo.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

HALL, Edward. **A dimensão oculta.** Lisboa, Relógio D'água: 1986.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade. Contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais anarquistas na República Velha.** Dissertação de mestrado. FE-UNICAMP, Campinas, 1989.

KROPOTKIN, Piotr. **A anarquía. Sua filosofía, seu ideal.** São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

KROPOTKIN, Piotr. **Campos, fábricas y talleres.** Tradução Fermín Salvochea, 1898 (mimeo)

_____ **Folletos revolucionário II: ley y autoridad.** Tradução José Manuel Alvarez Flores; Angela Pérez. Barcelona: Tusquets, 1977.

_____ **La ayuda mutua.** Colección Biblioteca Básica del Pensamiento Revolucionário. Tradução Eduardo Gasca. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamerica, 2009.

_____ *Os meios de ação*. In **O Amigo do Povo,** ano II, nº37-38, 1903.

_____ **Palabras de um rebelde.** Barcelona: Edhasa, 2001.

LAISANT, Charles Ange. *Los libros y la educación* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°3, 1 de julho 1908, p.9-12.

LIMA, Mayumi W. De Souza. **Arquitetura e educação.** São Paulo, Nobel: 1995.

_____ **A cidade e a criança**. São Paulo, Nobel: 1989.

LIRA, José Tavares Correia. **Mocambo e cidade. Regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado.** Tese de doutoramento. São Paulo: FAU-USP, 1996.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA-FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (org). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOUREIRO, Claudia. **Classe, controle, encontro: o espaço escolar.** Tese de doutoramento. São Paulo: FAU-USP, 2000.

LUIZETTO, Flavio Venâncio. **Pensamento anarquista no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920.** Tese doutoramento. São Carlos: FFLCH-USP, 1984.

MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. **O movimento anarquista em São** Paulo *(1906-1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARÍN SILVESTRE, Dolors. **La semana trágica. Barcelona en llamas, la revuelta popular y la Escuela Moderna.** Madrid: La esfera de los libros, 2009.

MARTINS, Ana Paula. **A educação para o trabalho no contexto libertário.** Dissertação de mestrado. FE-USP. São Paulo, 2010.

MAYOL, Alberto (org) **Boletín de la "Escuela Moderna".** Barcelona: Tusquets Editor, 1977.

MORIYÓN, Félix García (org) **Los pedagogos anarquistas.** Madrid: Grupo Cultural Zero, 1986.

MORSE, Richard M. **De comunidade a metrópole. Biografia de São Paulo.** São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.

MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer, o clero romano e a educação laica.** São Paulo, 1934.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República.** São Paulo: DP&A Editora, 2001.

NETTLEAU, Max. **Historia da anarquia: das origens ao anarco-comunismo.** São Paulo: Editora Hedra, 2008.

_____ **Anarquía a través de los tiempos.** Barcelona: Júcar, 1977.

NUNES, Clarice. *A Escola reinventa a Cidade.* In: HERSCHMANN, Michael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.) **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994 (p. 180-201).

OLIVEIRA, Claudia Maria Arnhold Simões de. **O ambiente urbano e a formação da criança.** São Paulo: Aleph, 2004.

PENTEADO, Jacob. **Belènzinho, 1910: retrato de uma época.** São Paulo: Carrenho Editorial / Narrativa Um, 2003.

PENTEADO, João. *A ignorância* In **A Guerra Social**, Rio de Janeiro, n°32, 26 de outubro de 1912.

_____ *Antidio* In **Natalício de Jesus,** São Paulo, ano III, nº44, 11 de dezembro de 1911a (p.160-164)

_____ *Cenas da rua* In **Natalício de Jesus,** São Paulo, ano III, nº43, 11 de novembro de 1911b (p.150-151)

PERES, Fernando Antonio. **Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites. São Paulo, 1890-1940.** Tese de doutoramento. FE-USP, São Paulo, 2010.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil (1890-1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RECLUS, Eliseè. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista.** Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

_____ **O homem e a terra.** Tradução Anselmo Lorenzo. Volumes 1-6. Barcelona: Mauci, 1906.

_____ **O homem e a terra. A cultura e a propriedade.** Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão e Arte, 2010a.

_____ **O homem e a terra. Educação.** Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão e Arte, 2010b.

_____ **O homem e a terra. O Estado Moderno.** Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão e Arte, 2010c.

_____ **Renovação de uma cidade / Repartição dos homens.** Organização e tradução Plínio Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão e Arte, 2010d.

_____ **O homem e a terra. Progresso.** Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário/Expressão e Arte, 2011.

RESZLER, André. **A estética anarquista.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

ROBIN, Paul. **Manifiesto a los partidarios de la educación integral. Un antecedente de la Escuela Moderna.** Barcelona: José de Olañeta Editor, 1981.

_____ *É possível a redacção de um programa racional?* In **A Lanterna**, São Paulo, ano XI, n.160, 1912.

_____ *Primeiro de tudo não estorvar* In **O AMIGO DO POVO**, São Paulo, ano II, n°42, 17 de janeiro de 1904.

_____ *Hacia la Educación Integral* In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°1, 30 de outubro de 1901a.

_____ *Educação Integral* In In **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°3, 31 de dezembro de 1901b.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes. Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925).** Campinas: Mercados das Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

RODRIGUES, Edgar. **Nacionalismo e cultura social. 1913-1922.** Rio de Janeiro: Laemmert, 1972.

_____ **Socialismo e sindicalismo no Brasil, 1675-1913.** Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

RODRIGUES, Sul Brasil. **Espaço escolar e cidadania excluída.** Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ROLNIK, Raquel. **Cada um no seu lugar! São Paulo, início da industrialização: geografia do poder**. Dissertação de mestrado, FAU USP, São Paulo,1981.

ROMERO MAURA, Joaquín. **La rosa de fuego. El obrerismo barcelonês de 1899 a 1909.** Barcelona: Ariel-Grijalbo, 1974.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio. Ou da Educação.** São Paulo: Difel, 1968.

SANTOS, Luciana. **A trajetória anarquista do educador João Penteado: leituras sobre educação, cultura e sociedade.** Dissertação mestrado, FE-USP, São Paulo, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra.** Rio de Janeiro: Best Bolso, 2010.

SILVA, Claudio Sooma. **Teatros da Modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920**. Tese de doutorado. FE UFRJ. Rio de Janeiro. 2009.

SILVA, Ilíada Peres. *Educadores paulistas: regeneração social, República e nação.* In: FERREIRA et al (org.) **Encontros com a história: percursos historiográficos e históricos de São Paulo.** São Paulo: Editora Unesp, 1999 (p. 125-140)

SOLÁ, Pere. **Francesc Ferrer i Guardia I l'escola moderna.** Catálogo de exposição. Barcelona: Ateneu Enciclopèdic Popular, 1990.

_____ **Las escuelas racionalistas en Cataluña (1909-1939).** Barcelona: Tusquets Editor, 1976.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola graduada no estado de São Paulo.** Tese de doutorado. FE-USP. São Paulo. 1996.

VALVERDE, Antonio José Romera. **Pedagogia libertária e autodidatismo.** Tese de doutoramento. FE-UNICAMP, Campinas, 1996.

VICENTE, Pácual. **La Escuela Moderna: una editorial y sus libros de texto (1901-1920).** Tese de doutorado. Departamento de História e Teoria da Educação da Universidade de Murcia. Espanha. 2008.

VIDAL, Diana. *Escola pública e método intuitivo. Aspectos de uma história conectada.* In LOMBARDI; SAVIANI; NASCIMENTO (org.) **A escola pública no Brasil: história e historiografia.** Campinas: Editora Autores Associados, 2005.

VIEIRA, Analúcia de Morais. **Currículo e arquitetura escolar: olhares cruzados na educação infantil**. São Paulo: FE-USP, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio & ESCOLANO, Augustín. **Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura como programa.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TRACTENBERG, Maurício. *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária.* In **Educação e Sociedade**, Ano I, nº1, Unicamp/Cortez & Moraes, setembro 1978.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas.** Volume1: A ideia. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

_____ **História das ideias e movimentos anarquistas.** Volume2: O movimento. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

_____ (org.) **Os grandes escritos anarquistas.** São Paulo: L&PM Editores, 1998.

WOLLF, Silvia. **Espaço e educação: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas.** Dissertação de mestrado. FAU USP. São Paulo. 1992.

FILMES

LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS. Direção Jose Luis Cuerda, 1999 [Espanha, 96min.]

L'ÉCOLE BUISSONNIÈRE. Direção Jean-Paul Le Chanois, 1949 [França, 99min.]

FOLHETOS

COMISSÃO CONTRA A REACÇÃO HESPANHOLA. Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer. Rio de Janeiro: Estab. Graphico Canton & Beyer, 1909.

PERIÓDICOS

O AMIGO DO POVO. São Paulo, 1901-1904.

BOLETIM DA ESCOLA MODERNA. São Paulo, 1918-1919.

BOLETÍN DE LA ESCUELA MODERNA. Barcelona: 1901-1906. Mensal.

BOLETÍN DE LA ESCUELA MODERNA. 2ºÉpoca. Barcelona: 1908-1909. Mensal

O INÍCIO. São Paulo: 1914-1916.

A LANTERNA. São Paulo: 1901-1904. Quinzenal.

A LANTERNA. 2ºFase. São Paulo: 1909-1916. Quinzenal.

A PLEBE. São Paulo: 1917-1921.

A TERRA LIVRE. São Paulo: 1905-1910

ACERVOS CONSULTADOS

Arquivo Geral da Guerra Civil Espanhola, Salamanca

Arquivo Histórico de São Paulo

Arquivo Municipal de Barcelona

Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) – Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca Nacional da Catalunha, Barcelona

Casa da Imagem - Acervo Fotográfico | Prefeitura Municipal de São Paulo

Centro de Documentação Histórico-Social Ateneu Enciclopèdic Popular, Barcelona

Centro de Informação e Memória (UEIM-CECH) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos

Centro de Memória da Educação (CME-FEUSP) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Fundació Ferrer i Guàrdia, Barcelona

*Agradecimento especial a todos os funcionários desses acervos que, gentilmente, contribuíram para o fazer dessa pesquisa.

LISTA DE IMAGENS

Capítulo 1

p.38 "Preparação necessária" | "A insurreição armada". Textos sobre os métodos da ação revolucionária.
Recorte jornal **Amigo do Povo**, ano II, nº27, 30 de maio de 1903 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.39 "Manifestação". Convocação de manifestação para o 1º de maio de 1903 | "A ignorância é a escravidão". Artigo sobre a importância da propaganda libertária.
Recorte jornal **Amigo do Povo**, ano I, nº24, 11 de abril de 1903 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.41 Divulgação das atividades promovidas pela Centro de Estudos Sociais organizado pelo grupo editorial de *O Amigo do Povo*
Recortes jornal **Amigo do Povo**, ano II, nº41, 27 de dezembro de 1903; nº43, 30 de janeiro de 1904 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.42 "Escola Moderna" | "A venda nesta redação" | "Retratos de Ferrer". Informe sobre a reunião de livres-pensadores em que se decide pela fundação de uma Escola Moderna em acordo com o programa da escola fundada em Barcelona
Recorte jornal **A Lanterna**, ano IV, nº6, 20 de novembro de 1909 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.45 "A Escola Moderna em S. Paulo". Informe sobre o início das atividades de arrecadação de benefícios em pró da fundação da Escola Moderna.
Recorte jornal **A Lanterna,** ano IV, nº10, 18 de dezembro de 1909 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.47 "Grande comício". Divulgação de ato em razão do aniversário de morte de Francisco Ferrer. Recorte jornal **A Lanterna**, ano IV, nº52, 9 de outubro de 1910 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.48 "A Escola Moderna em São Paulo". Nota a respeito da circular que informou aos leitores sobre a fundação do Comitê Pró-Escola Moderna | "Biblioteca d´A Lanterna.
Recorte jornal **A Lanterna,** ano IV, nº14, 15 de janeiro de 1910 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.52 "Escola Livre". Anúncios sobre a abertura da primeira escola inaugurada por João Penteado.
Recortes jornal **A Lanterna**, ano XII, nº193, 31 de maio de 1913; nº200, 19 de julho de 1913. [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.53 "A festa de inauguração das escolas". Informe sobre a festa de inauguração das Escolas Modernas nº1 e nº2
Recorte jornal **A Lanterna**, ano IV, nº14, 15 de janeiro de 1910 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.54 "Escola Moderna nº1". Anúncio de divulgação da Escola Moderna nº1.
Recorte jornal **A Plebe**, ano I, nº1, 9 de junho de 1917 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.60 "Tudo Muda", texto de Élisée Reclus | "Um justo apello". Apelo à colaboração dos leitores para a manutenção da regularidade da publicação.
Recorte jornal **O Início**, ano I, nº3-4, 1 de maio de 1919 [Fonte: Acervo Centro Memória da Educação]

p.62 "A Escola Moderna em S. Paulo. Conferencias em beneficio desta importante iniciativa". Divulgação de ciclo de palestras com o objetivo de arrecadar fundos para abertura da Escola Moderna em São Paulo.
Recorte jornal **A Lanterna**, ano IV, nº14, 15 de janeiro de 1910 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.63 "Escola Moderna de S. Paulo. A festa do dia 14. O passeio ao jardim. A sessão escolar. Uma festa ao ar livre. Reunião na E. Moderna nº2". A coluna demonstra o espírito educativo, bem como a ambiência cultural, que os responsáveis pelas atividades buscavam construir em torno do programa escolar.
Recorte jornal **A Lanterna**, ano XIII, nº253, 25 de julho de 1914 [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.64 "Escola Moderna nº1" | "Escola Moderna de S. Paulo. O festival da Escola Moderna nº2 será realizado hoje. A festa da Escola Moderna nº2. Palestras de propaganda na E. M. nº2. Sessão escolar na Escola nº1." Divulgação dos programas escolares.
Recortes jornal **A Lanterna,** ano XII, nº212, 11 de outubro de 1913; ano XIII, nº224, 3 de janeiro de 1914. [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.65 "Escola Moderna nº2". Divulgação do programa escolar com breve enunciado sobre seu método de ensino.
Recorte jornal **A Lanterna**, ano XIII, nº205, 23 de agosto de 1913. [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.78 Recorte jornal **A Lanterna**, ano XI, no152, 17 de agosto de 1912, p.4, com anúncio da venda de *Evolução, revolução e o ideal anarquista*, de Élisée Reclus [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.79 Recorte jornal **A Lanterna,** ano XI, no146, 6 de julho de 1912, p.2, com anúncio sobre a reabertura do Editorial de la Escuela Moderna e a consequente disponibilização da sequência de fascículos da obra O *Homem e a Terra*, de Élisée Reclus.

p.86 Capa do **Boletín de la Escuela Moderna**, 2ªÉpoca, ano I, nº5, 1 de setembro de 1908. [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

p.87 Contracapa **Boletín de la Escuela Moderna**, 2ªÉpoca, ano I, nº2, 1 de junho de 1908. Divulgação do periódico L´École Rénovée | Divulgação La Scuola Laica [Fonte: Acervo Arquivo Edgar Leuenroth]

Capítulo 2

p.102 Capa e contracapa com lista de publicações do *Editorial de la Escuela Moderna* na contracapa do

Boletín de la Escuela Moderna, 2ªÉpoca, ano I, n°3, junho de 1908 [Fonte: Biblioteca Nacional Catalunha]

p.103 Divulgação de publicações do *Editorial de la Escuela Moderna.* Páginas do **Boletín de la Escuela Moderna**, ano I, n°7, 31 de maio de 1902, contracapa [Fonte: Biblioteca Nacional Catalunha]

p.110 Instalações da Escola Moderna de Barcelona, Calle de Bailén. Fotos publicadas na Revista Nuevo Mundo, ano XIV, nº701, 13 de junio 1907 [Fonte: Fundació Ferrer i Guàrdia]
Fachada do edíficio sede da Escola Moderna de barcelona. Foto reproduzida por Pere SOLÀ (1990, p.51) a partir da publicação do livro de B. Días, **Francisco Ferrer e a Semana Trágica,** Lisboa, 1914 [Fonte: Ateneu Enciclopèdic Popular]

p.112 Mapa de Barcelona, em 1901, com localização da Escola Moderna. [Fonte: Arquivo Municipal de Barcelona]

p.128 Programação das tardes de quarta-feira na Escola Moderna de Barcelona. Páginas do **Boletín de la Escuela Moderna**, ano IV, n°8, 31 de maio de 1904, p.1-3 [Fonte: Biblioteca Nacional Catalunha]

p.133 Capa da última edição do **Boletín de la Escuela Moderna**, 2ªÉpoca, ano I, n°12, abril de 1909). A mesma ilustração foi mantida em todas as edições. [Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth]

p.134 Fotos dos passeios escolares publicadas no B**oletín de la Escuela Moderna**, ano II, n°9, 30 de junho de 1903 [Fonte: Fundació Ferrer i Guàrdia]

Capítulo 3

p.146 Mapa com localização e data de inauguração dos Grupos Escolares do Brás, Belenzinho e Mooca e das Escolas Modernas n°1 e n°2 (Interpretação feita a partir dos relatos de O *Início* sobre Planta da Cidade de 1916)

p.151 "A Escola", de Adelino de Pinho. Texto publicado no **Boletim da Escola Moderna**, ano I, no1, 13 de outubro de 1918, p.3 [Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth]

p.154 Manchete sobre o assassinato de Francisco Ferrer i Guàrdia publicada em **A Lanterna**, ano IV, no4, 6 de novembro de 1909, p.1 [Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth]

p.155 Anúncio da venda do folheto *Número especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer*. Anúncio sobre a venda dos periódicos *L'École Renovée* e *Les Temps Nouveaux*, em **A Lanterna**, ano IV, no10, 18 de dezembro de 1909, p.4 [Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth]

p.157 Página final da segunda edição de **O Início**, n°2, 4 de setembro de 1915, p.4 [Fonte: Centro de Memória da Educação]

p.162 Mapa com indicação dos percursos das saídas escolares pelo bairro e seu ao redor (Interpretação feita a partir dos relatos de O *Início* sobre Planta da Cidade de 1916)

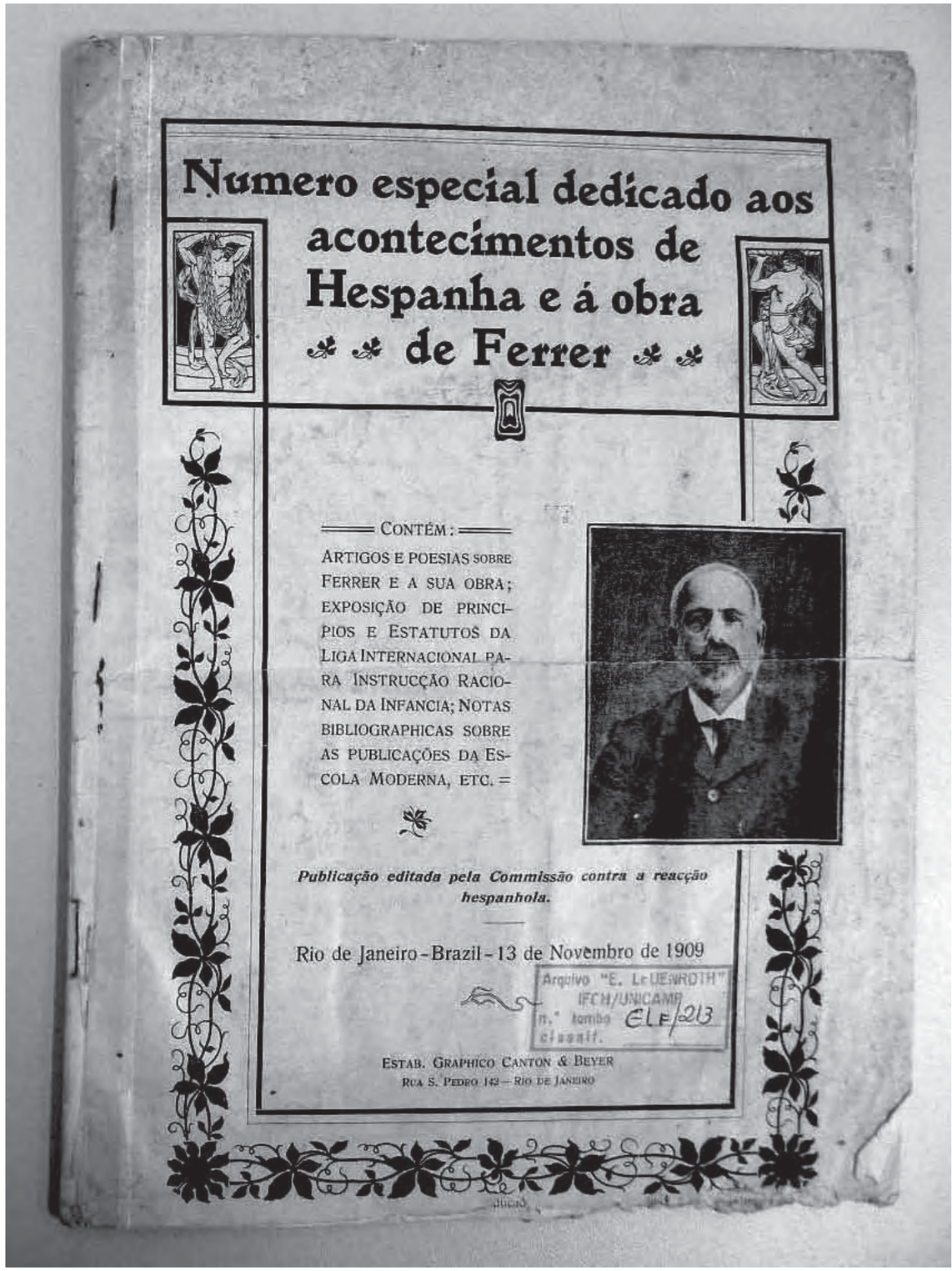
p.166 "Antídio", de João Penteado. Texto publicado na revista **Natalicio de Jesus**, ano III, nº44, dezembro de 1911, p.161-162 [Fonte: Centro de Memória da Educação]

p.167 Crianças em um parque público, 1910. Foto de Vincenzo Pastore. Publicado em Cadernos de Fotografia. São Paulo 450 anos, p.109.

p.172 Recorte de **A Lanterna**, ano XIV, nº280, 15 de maio de 1915, p.2 [Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth]

ANEXOS

CAPA FOLHETO DE DIVULGAÇÃO
"Número especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha"
[Fonte: Arquivo Edgar Leuenroth]



Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer

CONTÉM:

ARTIGOS E POESIAS SOBRE FERRER E A SUA OBRA; EXPOSIÇÃO DE PRINCIPIOS E ESTATUTOS DA LIGA INTERNACIONAL PARA INSTRUCÇÃO RACIONAL DA INFANCIA; NOTAS BIBLIOGRAPHICAS SOBRE AS PUBLICAÇÕES DA ESCOLA MODERNA, ETC. =

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola.

Rio de Janeiro - Brazil - 13 de Novembro de 1909

Arquivo "E. LEUENROTH"
IFCH/UNICAMP
n.º tombo ELE/213
classif.

ESTAB. GRAPHICO CANTON & BEYER
RUA S. PEDRO 142 — RIO DE JANEIRO

FOLHETO DE DIVULGAÇÃO
Programa escolar - Escola Moderna, Barcelona
[Fonte: Fundació Ferrer i Guàrdia]

ESCUELA MODERNA
CALLE DE BELEN 20 PP.
BARCELONA

ENSEÑANZA CIENTÍFICA Y RACIONAL

PROGRAMA

La misión de la **Escuela Moderna** consiste en hacer que los niños y niñas que se le confien lleguen á ser personas instruídas, verídicas, justas y libres de todo prejuicio.

Para ello, sustituirá el estudio dogmático por el razonado de las ciencias naturales.

Excitará, desarrollará y dirigirá las aptitudes propias de cada alumno, á fin de que con la totalidad del propio valer individual, no sólo sea un miembro útil á la sociedad, sino que, como consecuencia, eleve proporcionalmente el valor de la colectividad.

Enseñará los verdaderos deberes sociales, de conformidad con la justa máxima: *No hay deberes sin derechos, no hay derechos sin deberes.*

En vista del buen éxito que la enseñanza mixta obtiene en el extranjero, y, principalmente, para realizar el propósito de la **Escuela Moderna**, encaminado á preparar una humanidad verdaderamente fraternal, sin categoría de sexos ni clases, se aceptarán niños de ambos sexos desde la edad de cinco años.

Para completar su obra, la **Escuela Moderna** se abrirá las mañanas de los domingos, consagrando la clase al estudio de los sutrimientos humanos durante el curso general de la historia y al recuerdo de los hombres eminentes en las ciencias, en las artes ó en las luchas por el progreso.

A estas clases podrán concurrir las familias de los alumnos.

Deseando que la labor intelectual de la **Escuela Moderna** sea fructífera en lo porvenir, además de las condiciones higiénicas que hemos procurado dar al local y sus dependencias, se establece una inspección médica á la entrada del alumno, de cuyas observaciones, si se cree necesario, se dará conocimiento á la familia para los efectos oportunos, y luego otra periódica, al objeto de evitar la propagación de enfermedades contagiosas durante las horas de vida escolar.

DESARROLLO DEL PROGRAMA

CLASE PREPARATORIA

Primera sección: *Niños y niñas desde la edad de 5 años*

Ejercicios de observación y de reflexión sobre los sucesos diarios de la vida de las niñas y niños y acerca del conocimiento de los objetos usuales.

1.° El cuerpo humano, la limpieza, los vestidos, el alimento.
2.° La habitación, el mueblaje.
3.° La escuela, la clase, los juegos, los diferentes actos de la vida escolar.
4.° La ciudad, principales calles, plazas y paseos, monumentos.
5.° Los animales, las plantas, los minerales.
6.° Biografías y escenas históricas, relatos de viajes.
Recitado de poesías.
Vocabulario castellano. Conjugación oral.

EJERCICIOS MANUALES

Dibujo sobre la pizarra, recortes, tejido, construcción.
Canto.—Gimnasia sin aparatos.—Costura y tapicería sencillas

Segunda sección

Lectura y escritura.
Estudio etimológico de las lenguas castellana y francesa. Conjugación.
Geografía de España: Viajes.
Ciencias naturales: Estudio elemental del cuerpo humano. Principales fenómenos de la geología actual.
Aritmética: Cálculos de números enteros en ejercicios adecuados.
Geometría sencilla y dibujo de aplicación á las lecciones.
Canto, recitado, gimnasia sin aparatos.—Labores de aguja.

CURSO MEDIO

Tercera sección

Lectura expresiva.
Estudio de la gramática y de la composición en las lenguas castellana y francesa.
Aritmética: Fracciones, números decimales, sistema de pesos y medidas.
Geometría: Estudio elemental de los sólidos, dibujo geométrico y á pulso.
Ciencias naturales: Clasificación de los animales, de las plantas y de los minerales.
Ciencias físicas: Principales fenómenos y sus aplicaciones más conocidas.
Geografía: Estudio de la geografía general. Etnografía.
Historia: Idea general de la historia de los pueblos desde el punto de vista del desarrollo de la civilización.
Gimnasia sencilla con aparatos.
Canto, solfeo.—Labores de aguja, corte, economía doméstica.

SECCIÓN NORMAL

Trabajo personal de los alumnos bajo la dirección de los profesores.—Supresión de los cursos en el sentido generalmente aceptado de esta palabra.

División preparatoria

Revisión y extensión del programa del Curso Medio, de manera que los alumnos manifiesten sus aptitudes especiales y positivas.

Sección de alumnos divididos en grupos, según sus facultades

GRUPOS COMUNES Á JOVENES DE AMBOS SEXOS	GRUPOS PARA SEÑORITAS
I.—Estudios pedagógicos	**I.—Corte y costura.**
II.—Idiomas y literatura	**II.—Flores artificiales.**
III.—Estudios históricos	**III.—Bordado artístico.**
IV.—Ciencias naturales	**IV.—Economía doméstica.**
V.— » físicas	
VI.—Estudios matemáticos	
VII.— » artísticos	
VIII.— » sociológicos	

Para comodidad de las familias, **La Escuela Moderna** estará abierta antes y después de las clases (de ocho de la mañana á las 7 de la tarde), con objeto de que los alumnos, que, por ocupaciones de sus padres, no pudieren permanecer en sus casas en dichas horas hallen en la Escuela un techo protector.

Con el mismo fin, la Dirección pactará con los padres de los alumnos á quienes convenga comer en la Escuela, ofreciendo asistencia gratuita á los que lleven la comida de sus casas.

Podrá visitarse la Escuela é inscribirse todos los días laborables de 17 á 19 y los festivos de 10 á 13.

Las clases empezarán el 9 de Septiembre.

JUNTA CONSULTIVA

D. Jaime Peiró, *Profesor*
" E. Canibell, *de la Biblioteca Arús*
" J. Salas Antón, *Abogado*
" J. Peiró, *Médico*
" Jaime Brossa, *Publicista*

La Directora — *C. Jacquinet*
El Fundador — *F. Ferrer Guardia*

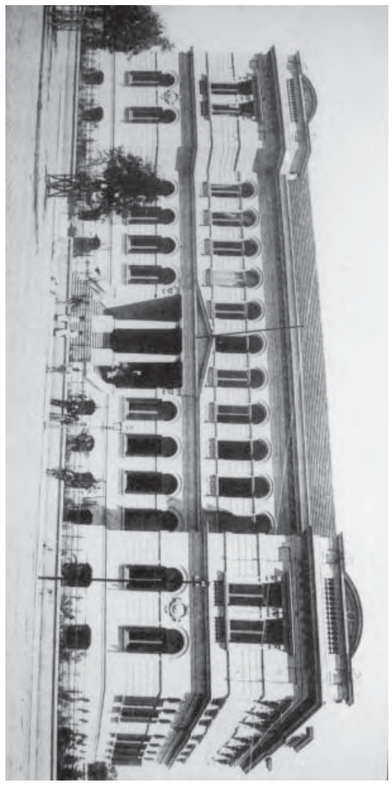
Tip. Lit. de Fortuny, Batlló y Vives, Provenza, 87 y 89.—BARCELONA

FOTOS
cidade operária

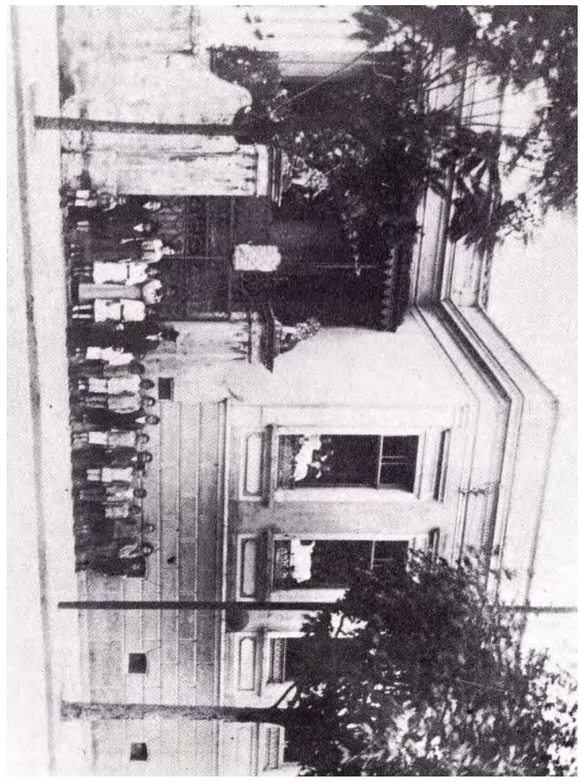
Várzea do Carmo, em direção ao Brás, 1916. Foto de Aurélio Becherini
(In BECHERINI, 2009, p.192-193)

Grupo Escola Mooca, s/d.
(In CORRÊA, 1991, p.95)

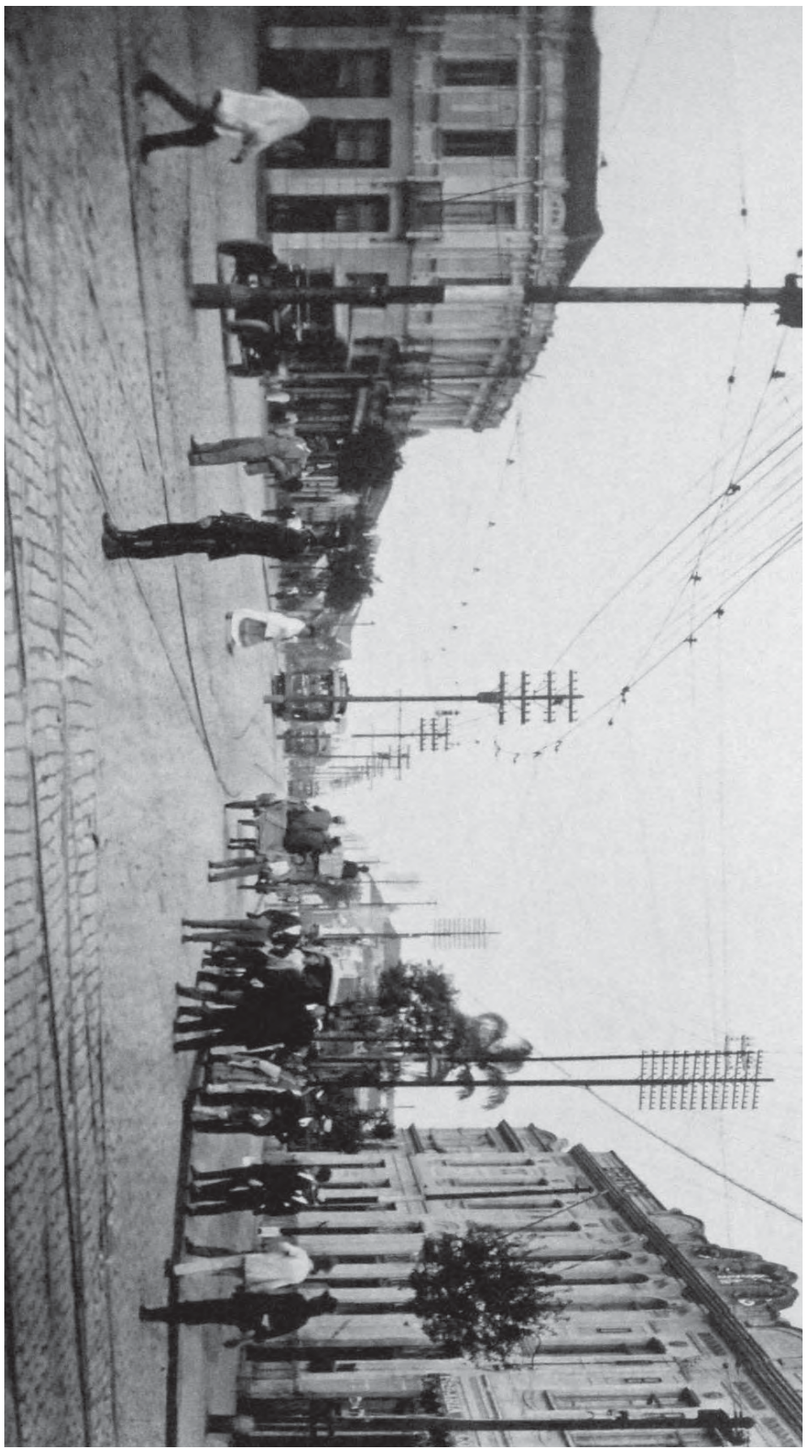
Grupo Escola Brás, s/d.
(In CORRÊA, 1991, p.26)



Escola Moderna do Brás, 1918.
(In FERREIRA, 1978, p.167)



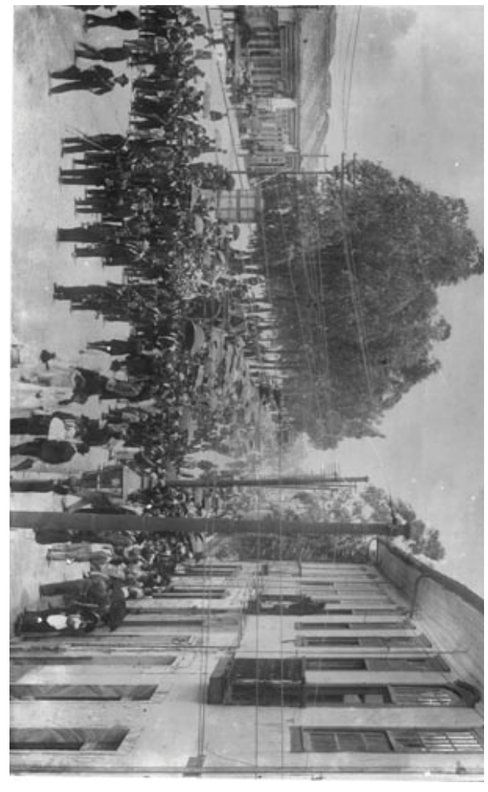
Avenida Rangel Pestana, vista do Largo do Brás, 1920.
Foto de Aurélio Becherini (In BECHERINI, 2009, p.199)



Avenida Rangel Pestana, Estação do Norte - Estrada de Ferro
Central do Brasil, 1912. Foto de Aurélio Becherini.
(In BECHERINI, 2009, p.199)

Vila Operária, 1913.
(In FRANCESCHI, 2004, p.100)

Desfile cívico no bairro do Brás, 1913.
Foto de Aurélio Becherini - Acervo Casa da Imagem - PMSP



Largo do Brás, 1914. Foto de Aurélio Becherini.
Acervo Casa da Imagem - PMSP